

A Pastoral Juvenil Salesiana

Quadro
Referencial

A Pastoral Juvenil Salesiana

Quadro
Referencial

Dicastério para
a Pastoral
Juvenil Salesiana



A Pastoral Juvenil Salesiana



Quadro Referencial

Dicastério para
a Pastoral
Juvenil Salesiana

Colaboraram no trabalho preparatório:

com o P. Fabio Attard, SDB

Consigliere per la Pastorale Giovanile

Andrea Bozzolo - Antonino Romano - Antonio Jiménez - Centro Nacional Salesiano de Pastoral Juvenil (Espanha) - Centro Salesiano Pastorale Giovanile (Itália) - Chris Ford - David O'Malley - Dominic Sequeira - Equipe do Teologado Dom Bosco (Guatemala) - Gianantonio Bonato - Istituto per la pastorale giovanile Don Bosco (Alemanha) - Joe Arimpoor - José Antonio Vega - José Miguel Núñez - Joseph Gevaert - Marek Chrzan - Don Bosco Center (Filipinas) - Osvaldo Gorzegno - Pier Fausto Frisoli - Riccardo Tonelli - Ronaldo Zacharias - Rossano Sala - Savio Hon Tai Fai - Thomas Menamparambil.

Colaboraram na redação do documento:

Alberto Martelli - Carlo Loots - Charles Maria Antonysamy - Chiara Bambozzi – Erino Leoni - Fernando García - Francesca Ciolfi - Francisco Santos – Francesco Cereda - Gianni Filippin – Giovanni Doff Sotta - Gregoire Kifuayi Nzilimpiem - Javier Valiente - José Francisco M. Zazo - José Luis Aguirre - Jose Luis Plascencia - Koldo Gutiérrez - Marcello Baek - Mario Olmos - Marta Cesteros - Miguel Angel Alvarez - Miguel Angel Garcia - Pier Fausto Frisoli - Rafael Borges - Robert Simon David - Samuel Segura - Santiago Domínguez - Santiago G. Mourelo - Sergio Castellini - Tarcizio Moráis.

Apresentação gráfica: Artia Comunicación

Ilustrações: Javier Carabaño

Tradução: José Antenor Velho

Propriedade reservada ao Dicastério para a Pastoral Juvenil, SDB
Terceira edição 2014

Editora S.D.B.

Edição extracomercial

Direzione Generale Opere Don Bosco

Via della Pisana, 1111

Casella Postale 18333

00163 Roma Aurelio

Tipografia Gráfica São Judas - Brasília - DF

Apresentação

O Concílio Vaticano II foi um evento de grande importância na vida da Igreja. Ele deu início, no interior da Igreja, a um longo processo de reflexão que se reavivou nas fontes das grandes Constituições Conciliares: a Igreja, como comunidade de crentes, encontra na Palavra e na vida sacramental-litúrgica, especialmente na Eucaristia, a força para ser sinal de esperança e alegria para o mundo. O processo foi nutrido e sustentado pelo **caminho sinodal, com suas Exortações Apostólicas**. As Exortações Apostólicas *Evangelii Nuntiandi* e *Catechesi Tradendae*, com a Encíclica *Redemptoris Missio* e o *Diretório Geral para a Catequese*, deram novo vigor à missão evangelizadora da Igreja.

Desde o imediato pós-Concílio, a Congregação empenhou-se profundamente em ler os sinais dos tempos e responder com generosidade e criatividade pastoral às novas urgências. Repensando a própria missão, **a Congregação ofereceu nestes decênios uma reflexão atualizada sobre o Sistema Preventivo de Dom Bosco**. Desenvolveu também uma reflexão sobre a Comunidade salesiana, objeto e sujeito da evangelização. Atenção especial foi dada à Comunidade Educativo-Pastoral, com clara visão de seu Projeto Educativo-Pastoral Salesiano, que define a identidade evangelizadora e educativa de todo tipo de presença salesiana.

A Congregação também se empenhou em dar respostas à questão de sentido e à busca espiritual através da proposta da Espiritualidade Juvenil Salesiana, vivida por um vasto movimento de pessoas.

Nestes decênios, o **Dicastério para a Pastoral Juvenil** acompanhou as Inspetorias com animação sistemática e contínua. Ação que tinha por objetivo reforçar o conhecimento e a aplicação do modelo pastoral da Congregação que tem suas raízes em nossas Constituições (31-39).

Neste itinerário de animação, o Dicastério encontrou um apoio sólido e claro no **Magistério dos Reitores-Mores** que ofereceram a própria reflexão de modo contínuo e sistemático e orientaram com sabedoria o processo de evangelização e educação.

Na fronteira pastoral, é preciso reforçar este esforço de assimilação, esclarecimento e realização, para que cresça ainda mais. Nota-se um profundo desejo de todos os sujeitos pastorais de responder com suas melhores forças aos questionamentos da juventude.

Deve-se reconhecer que esta edição do «*Quadro Referencial*» está em continuidade com as edições anteriores. Procurou-se enriquecê-lo com a reflexão amadurecida pela Igreja nos últimos anos. Esta edição é fruto de um caminho iniciado pelas comunidades e amadurecido no interior de cada Inspetoria.

Temos aqui uma rica visão de conjunto do patrimônio pastoral salesiano, iluminado pelo magistério da Igreja em resposta aos desafios atuais. É uma síntese orgânica que tem sempre presente a leitura empática da história dos jovens, que encontra em Cristo a sua fonte, **síntese que se torna sempre mais ciente do seu patrimônio carismático e da sua identidade pastoral**. Um manual que a CEP assume como dom e responsabilidade. Por isso o traduz no PEPS, que oferece a todos os ambientes e a todas as obras uma proposta clara de evangelização e educação seguindo linhas de projetos comuns para a proposta salesiana hoje.

O «*Quadro Referencial*» é um instrumento oferecido pelo Dicastério para a Pastoral Juvenil para iluminar e orientar o itinerário pastoral da CEP inspetorial e local; para orientar a ação pastoral do delegado inspetorial e local de Pastoral Juvenil e de suas equipes; para contribuir na formação de todos os que – salesianos, educadores e educadoras – são corresponsáveis da missão salesiana.

Fabio Attard

Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil
Roma, 8 de dezembro de 2013



Premissa à terceira edição

O Capítulo Geral 26 dos Salesianos (2008) deliberou que o Reitor-Mor «cuide, por meio dos Dicastérios competentes, do aprofundamento da relação entre evangelização e educação, a fim de atualizar o Sistema Preventivo e adequar o quadro referencial da pastoral juvenil às alteradas condições culturais» (CG26, n. 45).

Imediatamente após o CG26, o Dicastério para a Pastoral Juvenil iniciou um processo de consulta para chegar a essa meta. Inicialmente, foram interpelados todos os Centros de Estudo da Congregação, os Centros Nacionais de Pastoral Juvenil, os Centros de Formação Permanente, além de Salesianos especialistas na matéria. Sua contribuição serviu de base para elaborar um instrumento com a finalidade de solicitar a reflexão de todas as comunidades da Congregação. Após essa ampla fase de participação, o Dicastério recebeu de todas as inspetorias um relatório sobre o processo realizado. A diversidade dos temas e das nuances dos relatórios vindos de todas as partes da Congregação foi objeto de estudo da equipe que elaborou esta edição procurando facilitar a unidade orgânica dos diversos elementos constitutivos da Pastoral Juvenil Salesiana.

O texto, que pelas suas finalidades de guia e instrumento de formação, coloca-se em continuidade com o que foi afirmado nas edições anteriores, procura, ao mesmo tempo, colher as novas exigências educativo-pastorais e os atuais desafios culturais e eclesiais.

A publicação de uma nova edição é ocasião para insistir na centralidade dos jovens, particularmente os mais carentes, no coração da Pastoral Juvenil Salesiana. O texto, de fato, lembra nas primeiras páginas (**capítulo I**) essa opção carismática: a ótica que aqui escolhemos é aquela de ver como a Congregação Salesiana compreende ou, melhor, como sente o seu trabalho em relação aos jovens, dos tempos de Dom Bosco até hoje.

A estrutura e os conteúdos fundamentais da 2ª edição (2000) foram enriquecidos e desenvolvidos por uma reflexão teológica, espiritual e carismática mais ampla (**capítulos II e III**). Além disso, foi dada

atenção especial à diversidade dos contextos que há tempo se tornaram pluriculturais e plurirreligiosos, onde a Congregação está presente.

No **capítulo III** é dada especial atenção a dois aspectos particulares: de um lado, a compreensão da relação evangelização-educação e, de outro, viu-se o Sistema Preventivo como projeto formativo, espiritualidade e metodologia educativa.

A nova edição é enriquecida da apresentação atualizada da Espiritualidade Juvenil Salesiana e dos itinerários de educação à fé, procurando uma maior aderência à situação juvenil de hoje (**capítulo IV**).

O **capítulo V** apresenta de modo detalhado a Comunidade Educativo-Pastoral (CEP) e, com ela, oferece também uma nova seção que descreve “o coração do educador salesiano”.

O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano (PEPS) é apresentado em suas dimensões constitutivas no **capítulo VI**. Relacionado estritamente ao PEPS, esta edição sublinha algumas orientações para uma maior atenção à cultura vocacional, à animação missionária e voluntariado, e ao mundo da comunicação social.

O **capítulo VII** oferece as linhas operativas no interior da atividade e da obra de Pastoral Juvenil Salesiana: serviços e obras nos diversos ambientes salesianos que têm forte incidência educativo-pastoral. É um capítulo notavelmente reestruturado, à luz das novas realidades sociais, culturais e salesianas.

O **capítulo VIII** apresenta uma leitura dos vários instrumentos pastorais e como eles são entendidos e aplicados no interior da Pastoral Juvenil Salesiana orgânica. Explica-se também a programação pastoral local, inspetorial e interinspetorial para ser mais bem atuada.

A apresentação gráfica quer facilitar a leitura, o estudo e a reflexão em comum dos agentes pastorais. Ainda, a centralidade da Palavra de Deus

foi privilegiada, juntamente com a referência às fontes salesianas; estas constituem o fio condutor do texto e são apresentadas nos 'quadros de textos' que enriquecem cada capítulo. As citações do texto são tiradas da documentação que segue esta premissa. Atenção particular foi dada à linguagem própria das *Constituições e Regulamentos*, ao patrimônio do Magistério da Igreja e dos Reitores-Mores.

Para uma leitura mais clara e lógica, o texto se divide em três partes, salvaguardando a estrutura de cada parte. Em vista de itinerários formativos, cada capítulo pode ser lido separadamente ou em ordem diversa da proposta.

Um vivo agradecimento a todos aqueles que, nos últimos anos, nos acompanharam com a oração, a reflexão e as sugestões. Gostaria de agradecer de maneira especial a Miguel Angel Morcuende, que acompanhou de perto o itinerário e a formação do texto, e a Rafael Borges, Mario Olmos e Robert Simon que participaram com generosidade da revisão do texto.

Sentimos o dever de exprimir o mais vivo agradecimento a todos os que, com o seu precioso e oculto trabalho de tradução, garantiram que a reflexão pastoral da Congregação chegasse a todos os lugares do mundo. O seu generoso serviço é um autêntico e cada vez mais apreciado ministério.

Documentação



Documentos da Igreja

- ***Lumen Gentium***. Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja (21 de novembro de 1965).
- ***Gravissimum Educationis***. Declaração do Concílio Vaticano II sobre a educação cristã (28 de outubro de 1966).
- ***Gaudium et Spes***. Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo contemporâneo (7 de dezembro de 1966).
- ***Evangelii Nuntiandi***. Exortação apostólica de Paulo VI sobre a missão de anunciar o Evangelho (8 de dezembro 1975).
- ***A escola católica***. Documento da Sagrada Congregação para a Educação Católica (19 de março de 1977).
- ***Conferência de Puebla***. Documento da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (28 de janeiro de 1979).
- ***Familiaris Consortio***. Exortação apostólica de João Paulo II sobre a missão da família cristã no mundo de hoje (22 de novembro de 1981).
- ***Código de Direito Canônico***. Promulgado por João Paulo II (25 de janeiro de 1983).
- ***Christifideles Laici***. Exortação apostólica de João Paulo II sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo (30 de dezembro de 1988).

- **Juvenum Patris.** Carta de João Paulo II no centenário da morte de Dom Bosco (31 de janeiro de 1988).
- **Ex Corde Ecclesiae.** Constituição Apostólica de João Paulo II sobre as Universidades Católicas (15 de agosto de 1990).
- **Redemptoris Missio.** Carta encíclica de João Paulo II (7 de dezembro de 1990).
- **Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária.** Congregação para a educação católica, Pontifício Conselho para os Leigos, Pontifício Conselho para a Cultura (22 de maio 1994).
- **Diretório Geral para a Catequese.** Congregação para o Clero (15 de agosto de 1997).
- **Novo Millennio Ineunte.** Carta apostólica de João Paulo II (6 de janeiro 2001).
- **Deus Caritas Est.** Carta encíclica de Bento XVI sobre o amor cristão (25 de dezembro de 2005).
- **Spe Salvi.** Carta encíclica de Bento XVI sobre a esperança cristã (30 de novembro de 2007).
- **Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização.** Congregação para a Doutrina da Fé (3 de dezembro de 2007).
- **Carta** de Sua Santidade Bento XVI ao Padre Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor S.D.B. por ocasião do Capítulo Geral XXVI (1º de março de 2008).
- **Caritas in Veritate.** Carta encíclica de Bento XVI sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 de junho 2009).
- **Verbum Domini.** Exortação Apostólica de Bento XVI sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (11 de novembro de 2010).
- **Porta Fidei.** Carta apostólica de Bento XVI (11 de outubro de 2011).
- **Mensagem ao Povo de Deus.** XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (7-28 de outubro de 2012).



Fontes salesianas

- ***Cronache dell'Oratorio di San Francesco di Sales*** de Domenico Ruffino (Roma, Arquivo Salesiano Central, caderno 5).
- ***Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855*** de João Bosco. Ensaio introdutório e notas históricas preparadas por Aldo Giraudo (Roma, LAS 2011). Este texto em português seguiu a tradução de Fausto Santa Catarina, Editora Salesiana: São Paulo, 2005.
- ***Vita del giovanetto Santo Domenico allievo dell'Oratorio di san Francesco di Sales*** di Giovanni Bosco, in Giovanni Bosco, ***Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco***. Ensaio introdutório e notas históricas cuidadas por Aldo Giraudo (Roma: LAS 2012).
- ***Introduzione al Piano di Regolamento per l'Oratorio maschile di San Francesco di Sales (1854)*** di Giovanni Bosco, in Pietro Braidò (ed.), ***Don Bosco educatore scritti e testimonianze***. Istituto Storico Salesiano, Fonti, Serie prima, n. 9 (Roma: LAS 1997).
- ***Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà*** di Giovanni Bosco (Turim, 1847), in Pietro Braidò (ed.), ***Don Bosco educatore scritti e testimonianze***. Istituto Storico Salesiano, Fonti, Serie prima, n. 9 (Roma: LAS 1997).
- ***Il Sistema Preventivo nella Educazione della Gioventù (1877)*** de Giovanni Bosco, in Braidò P. (ed.), ***Don Bosco educatore scritti e testimonianze***. Istituto Storico Salesiano, Fonti, Serie prima, n. 9 (Roma: LAS 1997).
- ***Lettera da Roma*** di Giovanni Bosco (Roma, 1884), in Pietro Braidò (ed.), ***Don Bosco educatore scritti e testimonianze***. Istituto Storico Salesiano, Fonti, Serie prima, n. 9 (Roma: LAS 1997).
- ***Lettera*** di Giovanni Bosco a Don Giacomo Costamagna (10 agosto 1885), in Braidò P. (ed.), ***Don Bosco educatore scritti e testimonianze***. Istituto Storico Salesiano, Fonti, Serie prima, n. 9 (Roma: LAS 1997).

- ***Lettera Circolare sulla Diffusione di Buoni Libri*** di Giovanni Bosco (19 marzo 1885), in Ceria E., ***Epistolario di san Giovanni Bosco***, volume 4º, lettera 2539.
- ***Memorie biografiche di don [del venerabile servo di Dio / del beato / di San] Giovanni Bosco*** di Giovanni Battista Lemoyne - Angelo Amadei - Eugenio Ceria, 19 vol.



Documentos da Congregação e da Família Salesiana

- ***Atos do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco. Órgão oficial de animação e comunicação para a Congregação Salesiana.*** Direção Geral das Obras de Dom Bosco.
- ***Capítulo Geral Especial da Sociedade Salesiana*** (1971).
- ***Capítulo Geral 21 da Sociedade Salesiana*** (1978).
- ***Capítulo Geral 22 da Sociedade Salesiana*** (1984).
- ***Capítulo Geral 23 dos Salesianos de Dom Bosco. «Educar os jovens à fé»*** (1990).
- ***Capítulo Geral 24 dos Salesianos de Dom Bosco. «Salesianos e leigos: Comunhão e partilha no Espírito e na missão de Dom Bosco»*** (1996).
- ***Capítulo Geral 25 dos Salesianos de Dom Bosco. «A comunidade salesiana hoje»*** (2002).
- ***Capítulo Geral 26 dos Salesianos de Dom Bosco. «Da mihi animas, cetera tolle»*** (2008).

- **Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales** (1984).
- **Sistema Salesiano de Comunicação Social. Linhas de orientação para a Congregação Salesiana.** Dicastério para a Comunicação Social (2011).
- **O voluntário na missão salesiana. Manual de Guia e Orientações.** Dicastério para a Pastoral Juvenil e para as Missões (2008).
- **Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana.** P. Pascual Chávez (2012).
- **Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior.** Direção Geral das Obras de Dom Bosco (2003).
- **Políticas para a presença salesiana na educação superior 2012-2016.** Direção Geral das Obras de Dom Bosco (2012).

Siglas e abreviações

ACG/ACS	<i>Atos do Conselho Geral/Superior da Sociedade Salesiana de São João Bosco.</i>
Const./Reg.	<i>Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales (1984).</i>
CG	<i>Capítulo Geral dos Salesianos de Dom Bosco.</i>
IUS	Instituições Salesianas de Educação Superior
PEPS	Projeto Educativo-Pastoral Salesiano
PEPSI	Projeto Educativo-Pastoral Salesiano Inspetorial
CEP	Comunidade Educativo-Pastoral
CFP	Centro de Formação Profissional
MGS (AJS)	Movimento Juvenil Salesiano (Articulação da Juventude Salesiana)
POI	Projeto Orgânico Inspetorial



EVANGELIZAR E EDUCAR:
A NOSSA IDENTIDADE APOSTÓLICA



DO CRISTO EVANGELIZADOR
À IGREJA EVANGELIZADORA



HABITAR A VIDA E A CULTURA
DOS JOVENS DE HOJE

PARTE

PRIMEIRA

Nesta primeira parte são traçadas as linhas da Pastoral Juvenil Salesiana renovada, a partir de uma abordagem teológica e antropológica. São indicadas algumas chaves interpretativas para a comunicação da Boa Nova para que possa ser recebida pelos jovens, em sintonia com suas expectativas.



HABITAR A VIDA E A CULTURA DOS JOVENS DE HOJE

CAPÍTULO



*«Encheu-se de
compaixão por eles...
e começou a
ensinar-lhes»*

(Mc 6, 34)



O Senhor indicou a Dom Bosco os jovens, especialmente os mais pobres, como primeiros e principais destinatários da sua missão. Chamados à mesma missão, tomamos consciência da sua extrema importância: os jovens vivem uma idade em que fazem opções fundamentais de vida que preparam o futuro da sociedade e da Igreja. Com Dom Bosco reafirmamos a preferência pela “juventude pobre, abandonada, em perigo”, que tem maior necessidade de ser amada e evangelizada, e trabalhamos especialmente nos lugares de mais grave pobreza»

[Const. 26]



Olha, me disse (...). Eis o teu campo, onde deves trabalhar»

[Memórias do Oratório, Introdução]

O primeiro capítulo

tem caráter inspirador. Além de oferecer uma perspectiva positiva da realidade juvenil à pastoral, faz com que esta seja aberta a todas as expectativas mesmo ocultas e inconscientes dos jovens. Somente habitando o seu mundo pode-se apreciar realmente as suas potencialidades. Abandonando uma pastoral dobrada sobre si mesma, abrimos o horizonte com esperança, tendo sempre presente quem é mais frágil e quem está em maior risco. Os novos paradigmas culturais e os desafios dos vários contextos provocam atenções específicas e desafiam o sentido mesmo da pastoral e do ser Igreja. Neste capítulo gostaríamos de esclarecer a motivação que moveu Dom Bosco e a Congregação com ele e depois dele, na sua ação pelos jovens.

1

Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar

João Bosco, em casa, em família e no ambiente dos Becchi onde vivia, falava certamente o dialeto piemontês típico de suas terras de camponeses. Foi utilizando esse dialeto, acreditamos, que Maria, a mulher de aspecto majestoso do sonho dos nove anos, falou em sonho a Joãozinho. Ora, no dialeto do tempo, a frase que Maria disse para indicar a Joãozinho o seu futuro campo de ação, “eis onde deves trabalhar” não é bem traduzida com o verbo “trabalhar”, mas de modo mais verossímil com o verbo lavrar: “eis o campo que deverás lavrar”.

Somos filhos de um lavrador, e isso nos confirma que o carisma salesiano tem em si uma virtude totalmente especial a sustentar a missão juvenil que nos caracteriza: **a virtude da esperança**.

O lavrador não se volta para trás, não mede o cansaço com os frutos que recolhe. Ele, segundo o clima do Piemonte, deve lutar com o terreno pedregoso e inculto, com a terra fria do outono ou ainda compacta no início da primavera. Não tem o horizonte do sementeiro, nem a alegria do ceifeiro; tem somente a esperança, a certeza do futuro que já vê florido, mesmo se naquele momento é feito de suor e esforço.

São estas as virtudes de quem quer evangelizar e educar os jovens: não é possível permitir a perda de tempo, não se pode desviar do caminho e contemplar o

passado, a olhar muito para trás, mas também não se podem ver logo os frutos. Em vez disso, é preciso esperar, olhar adiante e saber cultivar no coração a certeza de que aquilo que se está a fazer produzirá muito fruto, frutos de santidade, *frutos de bons cristãos e honestos cidadãos*.

Nós salesianos olhamos para os jovens como o lavrador contempla



«Nas coisas que redundam em vantagem para a juventude em perigo ou servem para conquistar almas a Deus, eu vou adiante até a temeridade»

(MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS XIV, CAP. XXVIII)

a terra que está a lavrar, com a firme teimosia do agricultor, com a temeridade que caracteriza o nosso fundador quando intui que **os seus projetos vêm de Deus**; com os olhos e a mente fixos no presente como lugar da esperança, porque esse é o tempo dos jovens, porque, mesmo não parecendo, a terra em que se trabalha já é fecunda de santidade, e deve ser apenas cuidada na maneira certa.

2

Simpatia e vontade de contato com os jovens

A chegada de Dom Bosco na Turim de 1841 corresponde, para o jovem padre camponês, à descoberta de um mundo juvenil insuspeitado e novo em relação àquele ao qual estava habituado desde pequeno: de um lado, são muitos os meninos e jovens que convergem para a capital do Estado sabaudo em busca de trabalho e sustento para o futuro; de outro lado, Dom Bosco descobre um aspecto mais perigoso, mais cruel e mais duro da sociedade do que vivera nos Becchi ou mesmo na pequena cidade de Chieri.



«Basta que sejam jovens, para que eu os ame muito»

(O JOVEM INSTRUÍDO, INTRODUÇÃO "À JUVENTUDE")

Dom Bosco se vê lançado num mundo novo, em que não faltam problemas sociais, econômicos, políticos e religiosos, em que vai crescendo o anticlericalismo e onde o sentir normal da gente "nobre", compreendida uma parte da Igreja, é que os jovens não são e jamais serão adequados à vida civil. Muitos deles são analfabetos, ignorantes, religiosamente não praticantes, dados ao furto e aos crimes. Único remédio: «a Generala», a prisão juvenil.

Dom Bosco, graças também à orientação espiritual e pastoral do padre Cafasso, **vê essa situação com outros olhos**, vê nos encarcerados, possíveis futuros honestos cidadãos; nos jovens em situação de rua, bons cristãos; nos limpa-chaminés e nos jovens operários, futuros santos, pilares da sociedade e da Igreja do presente e do futuro.

Essa é a grandeza da esperança, capaz não só de amar (como a caridade), mas de *amar o que será amanhã*, não só crer e saber (como a fé), mas *crer e conhecer o amanhã*.

O olhar de Dom Bosco é marcado, antes de tudo, pela simpatia. Ele se deixa entrar na pele de seus meninos. E amadureceu durante a sua formação vocacional, um modelo de padre caracterizado pela proximidade, pela capacidade de empatia, de contato imediato, de participar do sentimento dos jovens e do povo. O modelo pastoral que Dom Bosco intui, constrói e experimenta, sob a guia de Maria, é o modelo do padre simpático, não do fanfarrão ou do amigão, mas daquele que te faz sentir logo à vontade, porque se faz sentir imediatamente amado por aquilo que és e naquilo que és.

A ação pastoral de Dom Bosco, a opção de partir dos mais jovens, a sua ideia de projeto, não tem por base a simples pesquisa sociológica sobre os vícios da sociedade, ou só a constatação psicológica do potencial inerente à fase juvenil da vida, nem mesmo o puro filantropismo de quem é movido à ação tão somente pela insatisfação que vê nas pessoas ao seu redor.

Dom Bosco é movido pelo mesmo coração do Bom Pastor que, vendo ao seu redor um rebanho desanimado e perambulando, tomado por profunda comoção, põe-se a anunciar-lhes a Palavra e dar-lhes de comer para o sustento do corpo e do espírito, aqui e para a eternidade: «Ao sair do barco, Jesus viu uma grande multidão e encheu-se de compaixão porque eram como ovelhas que não têm pastor. E começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas» (Mc 6, 34).

A ação pastoral da Congregação é, então, marcada por uma profunda capacidade de *encontrar ocasiões de contato, de proximidade*, de comunhão com os jovens. Ele vai à busca dos seus destinatários onde eles se encontram, onde está a sua liberdade e onde, também fisicamente, estão os seus interesses (cfr. Const. 38). Como o Bom Pastor, o salesiano se deixa interpelar pelo desalento dos seus destinatários, dos seus adolescentes, adaptando-se a eles, pedindo ao Espírito Santo o dom da simpatia, modelada na doçura do coração de Cristo (cfr. CG20, n. 100).

Para que isso aconteça, a ação pastoral deve ser realizada de maneira profissionalmente correta, valorizando toda ajuda que provenha das ciências e da sabedoria humana, mas deve ser orientada, principalmente, pela **contemplação da situação juvenil com o mesmo olhar de Deus**, olhar

que Dom Bosco teve em sua vida, do sonho dos nove anos até o fim, com a oração, a entrega a Maria, a obediência à Igreja, a harmonia dos próprios desejos e sentimentos com aqueles de Cristo: «Haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus» (Fl 2, 5).



«Os superiores amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que agrada aos superiores»

(MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS XVII, CAP. III)

3

O discernimento de educadores e de crentes

A contemplação leva-nos a ver a realidade em sua profundidade. São célebres os muitos sonhos nos quais Dom Bosco descreve a própria ação e os acontecimentos do Oratório como uma luta, às vezes cruenta, entre o bem e o mal, ou melhor, entre o diabo e Maria e Jesus.

Essas visões não são apenas pedagogicamente pensadas como metáfora formativa para os meninos que ouviam Dom Bosco nos boas-noites de Valdocco; elas são uma visão da realidade com os olhos de quem contempla a vida com o olhar de Deus. Está efetivamente em curso uma luta entre Jesus e o poder do mal, uma luta já certamente vencida (o que fundamenta o nosso otimismo e a nossa esperança), mas que ainda não terminou.

Nossa pastoral insere-se na luta ainda cruenta em vista da **libertação dos jovens daquilo que é a verdadeira escravidão e o verdadeiro mal: o pecado**. Pecado que se manifesta de muitas maneiras: no pecado pessoal, no pecado da Comunidade eclesial, nas estruturas de pecado da sociedade; pecado que oprime o homem e ofusca o horizonte da salvação em que já progride e que o espera no Paraíso.

É nessa luta que se insere a nossa pastoral, enfrentando todas as consequências espirituais, materiais, estruturais, políticas, sociais, econômicas e jurídicas, para que todo jovem possa obter plenamente a *vida digna de Deus e da felicidade que lhe está reservada*.

O salesiano assume com responsabilidade (cfr. Const. 18) e com alegria e esperança (cfr. Const. 17) o empenho de escutar, observar e discernir a situação de pecado deste mundo e esforça-se, com sua ação cotidiana pessoal e comunitária, para dispor dos instrumentos para atuar a sua missão: uma vida feliz, agora e na eternidade, para todos os jovens, também os mais afastados.

Por esse motivo, a imagem do Bom Pastor que reúne suas ovelhas e as guia para pastagens seguras, **a pastoral salesiana é ao mesmo tempo evangelização e educação**. Ela é obra de transformação de toda a vida do jovem, e se esforça para ouvir e conhecer de modo profundo e competente a realidade em que vivemos a fim de podê-la transformar segundo o desígnio divino (v. capítulo III).

Dessa forma, a missão salesiana, segundo a intuição do Fundador, é coextensiva à pessoa inteira e ao mundo todo. *A ânsia pastoral missionária de Dom Bosco* assume o cuidado do jovem todo, em todos os seus componentes, pessoais e sociais, e de todos os jovens do mundo. Nasce daí, desde o início da Congregação Salesiana, a opção de ir ao encontro dos jovens nas situações e nos lugares em que estão para comunicar-lhes o Evangelho.



4

Comunhão no amor com os outros

Formamos, em nossas obras, a Comunidade Educativo-Pastoral e nela e por meio dela nós salesianos somos **«sinais e portadores do amor de Deus aos jovens»** (Const. 2, 47).

Esse dúplice ponto de referência ilumina e dá sentido à nossa missão.

A nossa missão é realizada, primeiramente, no âmbito da mesma missão de Cristo, que veio para que todos os homens tenham a vida e a tenham em abundância (Jo 10,10); não uma vida qualquer, mas a sua mesma vida, sendo Ele, justamente, a vida em pessoa, a verdade que ilumina e o caminho para alcançá-la (Jo 14, 6).

A vida divina que Cristo encarna e manifesta na terra e testemunha até a morte de cruz é a mesma vida de Deus, a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, movimento único de comunhão e de amor.

Estamos, então, firmemente convencidos de que a finalidade última da nossa missão na Igreja e no mundo é **oferecer aos jovens, sobretudo aos mais pobres, a mesma vida de Cristo**, vida de relação, de amor, de comunhão trinitária com o Pai, fi m último da nossa existência e origem da nossa felicidade no tempo e na eternidade.

Só na plena comunhão com Deus, Trindade de amor, na mesma forma do Filho feito homem, os jovens podem encontrar o sentido da própria vida, ou seja, a realização de si mesmos, no cotidiano concreto, a verdade que Deus reserva para eles: a plenitude de vida e de felicidade.



«A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão»

[CHRISTIFIDELES LAICI 32]

Esta realização pessoal, porém, não é solitária; ela é construída desde o início na comunhão trinitária que nos caracteriza como filhos de Deus e como homens. Criado segundo o modelo do Filho, o homem é criado para a comunhão. A promoção dessa espiritualidade de comunhão é o princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão (cf. *Novo Millennio Ineunte* 43). Por isso, a nossa missão não se exprime primeiramente na organização de obras e de projetos, mas na construção de **Comunidades Educativo-Pastorais que refletem aqui na terra a mesma comunidade trinitária do céu, aonde somos chamados a morar.**

Estamos certos de que o amor de Deus levado por nós aos jovens desenvolve-se em suas vidas com a alegria, a ascese e a vida sacramental que combatem o pecado do individualismo, da solidão e da autossuficiência. Somos chamados à comunhão no amor, uns para com os outros. Realizamos a nossa missão em comunidade e nos esforçamos continuamente para dar vida a comunidades que vivam aqui na terra como Deus nos pensou na eternidade.

5

A Pastoral Juvenil Salesiana exprime a missão salesiana

A missão salesiana, que dá à nossa existência o seu tom concreto, especifica **a missão que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas** (cf. Const. 3) exprime-se, no concreto da sua ação histórica, no conjunto de projeto, obras, ambientes educativos, lugares de formação e atividade de evangelização, com o nome genérico de Pastoral Juvenil Salesiana.

A Pastoral Juvenil Salesiana não esgota a riqueza da missão da Congregação. A missão é, de fato, uma realidade teologal, estritamente relacionada com a mesma vocação da Congregação e de cada irmão individualmente. Ela, contudo, não pode deixar de se exprimir em ações concretas. A pastoral juvenil é a expressão primeira e típica da missão.

Ela é pastoral, em primeiro lugar, por ser *expressão multiforme de uma comunidade eclesial*, em cujo núcleo animador está presente a comunidade dos consagrados salesianos, com os leigos colaboradores (cf. CG25), constituindo juntos a comunidade eclesial no território, marcada pelo carisma salesiano, que exprime a sua missão evangelizadora através das obras educativo-pastorais que põe em ação ao longo do tempo.

Ela é juvenil porque *no centro da sua ação está a pessoa dos jovens, especialmente os mais carentes*. Trata-se de buscar os jovens na sua realidade, com seus recursos e dificuldades, e descobrir os desafios dos contextos culturais, sociais e religiosos nos quais vivem, dialogando com eles para propor, através da pedagogia do acompanhamento, um caminho de encontro vivo e comunitário com Jesus Cristo (cf. CG20, n. 360).

Enfim, ela é salesiana porque tem no carisma de Dom Bosco, *segundo a inspiração da caridade educativa do Bom Pastor*, a sua referência principal, expressão da pedagogia preventiva, amável, pronta ao diálogo e à confiança, o grau da própria verdade e eficácia, a medida do seu planejamento e da sua ação.

Expressão da missão eclesial no estilo de Dom Bosco, **a Pastoral Juvenil Salesiana** entende a evangelização como a principal urgência da sua ação, ciente de que a sua tarefa fundamental é propor a todos os jovens viverem a existência humana como Jesus a viveu para que, aos poucos, se encontrem com Cristo, vivam plenamente a própria humanidade e sejam protagonistas e corresponsáveis na construção do reino de Deus no mundo.

A pastoral salesiana não é diversa da eclesial, que é justamente toda ela evangelizadora. *Caracteriza-se pelo estilo de mediação educativa, mas é também uma pastoral que passa através da própria experiência educativa.*

Os nossos destinatários privilegiados são os jovens, que Dom Bosco define como a parte mais preciosa e delicada de toda a humanidade e delícia do Senhor. A categoria “jovens”, embora designando inevitavelmente uma idade evolutiva específica, não é utilizada nem de forma psicológica nem sociológica.



«Nós devemos ter como finalidade primária o cuidado da juventude, e não é boa qualquer ocupação que nos distraia deste cuidado»

(MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS XIV, CAP. XI)

A idade juvenil deve ser entendida, portanto, não só como idade de passagem em vista de serem «bons cristãos e honestos cidadãos» no futuro, mas em dupla ótica:

- de um lado, ela não pode ser pensada senão como parte do todo da vida da pessoa, incompreensível senão na correlação com as idades que a precedem e a seguem, parte do desenvolvimento de crescimento para a idade adulta;
- de outro lado, é necessário examinar o que é próprio dessa idade para ser assumido necessariamente a fim de passar à idade sucessiva sem lacunas.

Dessa forma, as idades não se sucedem de maneira que a nova idade simplesmente decreta a decadência da precedente, e a idade juvenil representa uma forma fundamental da existência humana, um modo característico da vida do homem, do seu caminho do nascimento à morte, um modo de sentir, de comportar-se diante do mundo.

A idade juvenil, que interessa à pastoral juvenil de modo privilegiado e prioritário, não pode ser compreendida sem pensá-la em correlação com a idade que a precede e a que vem depois dela; e, ao mesmo tempo, é preciso examinar aquilo que é único nela e que será necessário assumir para passar à sucessiva sem lacunas. Descobrimos assim que a idade juvenil, com a adolescência que a precede, é **a parte mais preciosa da**

humanidade porque é justamente a parte da vida em que se experimenta a si mesmo, se reconhece o surgimento da liberdade como missão, missão de querer a própria verdade, marcada pela vocação divina e pela solidariedade para com os outros. É a idade na qual compreender e querer a própria missão na vida, para que, depois de um período de prova, em que o sujeito imita a si mesmo nas várias possíveis identidades futuras, possa dar o salto de iniciação que faz passar do provisório à decisão definitiva de si. É a idade em que a fortaleza se torna



«A juventude dos nossos dias (é) a porção mais delicada e a mais preciosa da Sociedade humana, em que se fundamentam as esperanças do presente e do futuro»

(INTRODUÇÃO AO PLANO DE REGULAMENTO PARA O ORATÓRIO DE SÃO FRANCISCO DE SALES)

«Recordem-se, ó jovens, que vocês são a delícia do Senhor»

(MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS III, CAP. LIII)

a virtude cardeal por excelência; é a fase do ideal, do desafio à realidade em nome da memória dos pais e da força da escola feita em vista da verdade e do bem. É a coragem da missão, de “lançar as redes” segundo a promessa de uma palavra autorizada.



«Nossa missão fundamental é, portanto, propor aos jovens, com alegria e coragem, a vivência da existência humana como foi vivida por Jesus Cristo»

(CG26, N. 36)

A Pastoral Juvenil Salesiana persegue isso tudo não só a favor dos jovens, mas como estilo particular: com os jovens. Dom Bosco é o primeiro santo que funda **uma Congregação não só para os jovens, mas com os próprios jovens**, valorizando de modo inaudito o seu protagonismo típico dessa idade e envolvendo-os pessoalmente na aventura do próprio amadurecimento religioso e humano. Por isso, a pastoral salesiana é juvenil: não só porque vê nos jovens os próprios destinatários e a própria medida, mas porque os assume como protagonistas.

Protagonismo não cego, porém. Superando as divisões geracionais e certo paternalismo pastoral, no estilo de família, ativa a responsabilidade educativa em diálogo franco e aberto, e valoriza a corresponsabilidade do sujeito na comunidade, proporcionada à sua maturidade, mas com a consciência de que quem não se tornar protagonista de si e do próprio diálogo com Deus jamais poderá envolver-se na aventura da santidade.

Enfim, justamente por ser pastoral juvenil, ela é sempre e ao mesmo tempo evangelização e educação ou, talvez pudéssemos dizer, evangelização que, propondo aos jovens viver a própria vida segundo a forma com que Jesus mesmo a viveu, também é sempre formação integral da pessoa e, portanto, educação.

A Pastoral Juvenil Salesiana é, portanto, ação orgânica de uma Comunidade Educativo-Pastoral que, movida por uma missão carismática, quer habilitar os jovens a crescerem até a própria maturidade, até colherem o seu apelo religioso e até a comunhão na Igreja com Jesus Cristo percebido como aquele que dá plenitude à vida, sendo seu fundamento, e, ainda, até serem, graças às intervenções educativas, “cidadãos honestos e bons cristãos”.

6

Multiplicar e qualificar os lugares de encontro com os jovens

A Pastoral Juvenil Salesiana está atenta, por definição, aos sinais dos tempos, porque os jovens nunca são os mesmos e a sua idade e condição são mutáveis e variáveis por natureza. Por isso, a pastoral salesiana não tem receio de *alterar os próprios paradigmas e colocar-se na condição de conversão pastoral*.

Os contextos em que nos movemos são caracterizados por notável complexidade e contradição. É um dado de fato que nunca como atualmente somos chamados a colocar o tema de modo explícito.

A experiência religiosa dos jovens apresenta-se **variada e também com sinais de contradição**; às vezes, uma experiência ao lado de outras, em que a fé não consegue ser eixo de projeção unitária da vida. Para muitos jovens, a proposta cristã, aproximada esporadicamente ou com alguma continuidade na catequese, celebração ou através de qualquer outra iniciativa eclesial, resulta pouco significativa em relação à experiência deles, pouco eloquente, pouco capaz de questionar os problemas concretos da vida. Às vezes, a proposta supõe-se não um interesse explícito pela fé, ao menos certa abertura à dimensão religiosa da vida ou uma interrogação explícita sobre o sentido da vida. Muitos jovens, porém, levados pelas dificuldades do cotidiano e a busca de interesses muito imediatos, encontram-se de fato alhures, não tanto e não só fisicamente, mas, sobretudo, mentalmente. Detecta-se, então, certa indiferença em relação à fé. Note-se, porém, que essa indiferença é demonstrada em relação à proposta da fé e não deve ser entendida como fechamento absoluto diante da fé, da presença de Deus, do bem que dá esperança e sentido à vida.

Essa complexidade não se refere apenas ao mundo dos jovens. A Congregação Salesiana já é estavelmente de dimensões mundiais. Ela vive a fundo, mas inovadora tensão entre a fidelidade à própria identidade e o afastamento dela nas múltiplas e complexas realidades em que vive e das quais vive.

É na polivalência desses processos de globalização e de mudança estrutural, e não só superficial, que somos chamados como Salesianos a redescobrir intensamente as raízes da nossa identidade, contemplar com fé os nossos projetos pastorais e encarnar com maior verdade a nossa missão juvenil, a ponto de se tornar proposta intensa e criativa de novas e atuais formas para o anúncio da “bela notícia” do Evangelho.

7

Dupla fidelidade

A simpatia por Dom Bosco traduz-se hoje no saber que é preciso questionar a nossa ação pastoral para ser sempre guiada por uma dupla fidelidade: **fidelidade ao sentir dos jovens**, aos seus desejos profundos, ao clima cultural vivido por eles do qual gostaríamos que fossem protagonistas e não apenas destinatários ou consumidores; e **fidelidade ao sentir da Igreja**, à sua missão evangelizadora, na capacidade de viver, graças à ação do Espírito Santo, a missão no presente, não só como aplicação protocolar de um passado que ficou para trás, mas como verdade sempre fecunda de história e de novidade, que incessantemente nos renova e nos conduz à união com o Esposo (cf. *Lumen Gentium* 4).

Ou seja, é necessário habitar um terreno comum, em sintonia, e viver profundamente a *assistência e convivência com os jovens*; foi sobre isso que Dom Bosco escreveu na carta de Roma, de 1884: urgência não só de presença física, mas também de proximidade espiritual, cultural, afetiva, propositiva; não paternalista, mas ciente do que é vivido pelo jovem; urgência de uma proximidade que descubra na relação educativa a novidade de Deus e o seu chamado a exprimir e viver de modo sempre novo a vocação da Igreja.



Essa dupla fidelidade histórica, ao mundo juvenil e à missão eclesial, coloca, antes de tudo, a necessidade de multiplicar e qualificar os lugares de encontro com os jovens do nosso tempo, de descobrir, experimentar e propor novas formas de escuta, de partilha e de propostas. É essa a conversão pastoral perdida hoje e nela está a raiz da criatividade pastoral (cf. *Const.* 19) que, como salesianos, cultivamos em nossas obras e nossos projetos. Essa conversão é **uma intervenção de revisão e relançamento da pastoral a partir da fidelidade ao mundo e ao Evangelho**, não estática, mas eminentemente inovadora e missionária.

Aqui está o coração da *Nova Evangelização*, ato de renovada acolhida pela Igreja do mandato missionário do Senhor Jesus Cristo que a quis e enviou ao mundo, para que testemunhe a salvação recebida e anuncie a face de Deus Pai, primeiro artífice da obra de salvação. Ela não é só renovação, mudança de paradigma ou renovação de projetos, mas uma verdadeira e própria conversão porque é caminho de santidade, de luta ao pecado e de conformação sempre mais plena a Cristo Bom Pastor.

Por isso, nós, salesianos e leigos, chamados carismaticamente como Comunidade Educativo-Pastoral a anunciar a Boa Nova, nos sentimos interpelados de modo especial pela urgência da *Nova Evangelização*, como responsabilidade de toda a Igreja. Urgência que nos incentiva a encontrar, na fidelidade renovada ao carisma, um novo estímulo apostólico, um novo estímulo de contato com os jovens e, sobretudo, rever a nossa ação pastoral para que seja sempre mais eficaz no anúncio do Evangelho, na colaboração para o advento do Reino de Deus, na formação de bons cristãos e honestos cidadãos no presente e no futuro.





DO CRISTO EVANGELIZADOR À IGREJA EVANGELIZADORA

CAPÍTULO



*«...Para reunir os
filhos de Deus
que estavam
dispersos...»*

(Jo 11, 52)



Nós, Salesianos de Dom Bosco (SDB), formamos uma comunidade de batizados que, dóceis à voz do Espírito, intentam realizar numa forma específica de vida religiosa o projeto apostólico do fundador: ser na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres. No cumprimento desta missão, encontramos o caminho da nossa santificação»

[Const. 2]



(...) para reunir os filhos de Deus dispersos (Jo 11, 52). As palavra do santo Evangelho que nos fazem conhecer o Divino Salvador ter vindo do céu à terra para reunir todos os filhos de Deus, dispersos nas várias partes da terra, parece-me que se podem aplicar literalmente à juventude dos nossos dias. Esta porção, a mais delicada e a mais preciosa da sociedade humana, na qual se fundam as esperanças de um futuro feliz (...). Esta foi a missão do Filho de Deus; e só isso pode fazer a sua santa religião (...). Quando me dediquei a esta parte do sagrado ministério entendi consagrar todos os meus esforços para a maior glória de Deus e a vantagem das almas; entendi trabalhar para fazer bons cidadãos nesta terra, para que fossem depois um dia dignos habitantes do céu. Deus ajude-me a poder continuar assim até o último alento da minha vida»

[Introdução ao Plano de Regulamento para o Oratório de São Francisco de Sales]

A organização

atualizada da Pastoral Juvenil Salesiana exige uma reflexão não só de tipo carismático, mas também de tipo teológico. A pastoral juvenil como ação da comunidade eclesial leva-nos ao aprofundamento teológico e eclesiológico. Este segundo capítulo expõe três convicções fundamentais: Jesus Cristo, evangelizador e anunciador da comunhão com Deus e da comunhão entre os homens (amor fraterno), que é a revelação plena de Deus Comunidade de Amor; a Igreja, “Mistério de comunhão e de missão”, animada e sustentada pelo Espírito de Deus; a Congregação Salesiana compartilha com a Igreja a missão evangelizadora com a específica opção juvenil.

1

Jesus Cristo, Bom Pastor, manifestação plena do Amor de Deus

O precioso texto do nosso Santo Fundador (na página anterior), além de indicar a integralidade da educação salesiana que, através do Sistema Preventivo forma “honestos cidadãos e bons cristãos”, nos revela claramente **a profundidade teológica da missão que lhe foi confiada por Deus**. Esta, em contextos novos e muito diferentes daqueles nos quais Dom Bosco viveu e trabalhou, continua a ser também a nossa missão. Somos chamados a ser, na Igreja, «sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres» (Const. 2).

O amor de Deus manifestou-se plenamente em Jesus Cristo, como diz a primeira carta de João: «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos, para que estejais em comunhão conosco» (1Jo 1, 1-3a). Neste sentido, **Jesus é o Profeta por excelência**; diversamente dos profetas do Antigo Testamento, através dos quais falou Deus ao seu Povo em muitos modos e tempos (cf. Hb 1), Ele é a Palavra de Deus, na qual Deus se comunica de maneira definitiva com todos os homens e mulheres do mundo.

O amor de Deus manifestado em Jesus Cristo é a Boa Nova por excelência oferecida a todos os homens, o *euanghèlion*. Este amor constitui também a plenitude de toda mulher e homem, em sua realidade integral. Jesus o oferece mediante a comunhão com Deus, principalmente no perdão dos pecados, e através da comunhão entre todos os homens, no “mandamento novo”: «Nisto todos conhecerão que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

Jesus comunica **o Amor de Deus que leva à salvação de todos sem excluir ninguém**, embora com predileção especial por aqueles que, por razões diversas, são marginalizados social e religiosamente: os mais pobres,

os doentes – de modo especial os leprosos e os afligidos pelo espírito maligno –, até mesmo os mais distantes de Deus, os pecadores públicos (publicanos e prostitutas: cf. Lc 7, 36-50; Lc 15, 1-3). Demonstra também uma grande bondade e ternura pelas crianças, das quais até mesmo afirma: “Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele” (Mc 10, 15).

A manifestação do Amor de Deus por todos os homens e mulheres não é apenas uma promessa que se cumprirá no futuro: Jesus revela o Amor de Deus mediante seus sinais salvíficos: “passou fazendo o bem” (At 10, 37-38).

Por outro lado, todos os que fizeram experiência do Amor de Deus mediante a palavra e a ação de Jesus Cristo, os mais “necessitados” nas diversas situações, tornam-se, eles mesmos, evangelizadores: os doentes, os mais pobres, a samaritana desprezada, até mesmo quem estava possuído por uma legião de demônios (cf. Mt 5).

Jesus mesmo quis representar a sua missão com **a imagem do Bom Pastor** (cf. Mt 18, 12-14; Lc 15, 4-7; Jo 10, 1-8), «que conquista com a mansidão e o dom de si» (Const. 11).

Como Bom Pastor, Jesus sempre teve uma preocupação missionária: «Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus também a outras cidades, pois é para isso que fui enviado» (Lc 4, 43-44). «Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste redil; também a essas devo conduzir, e elas escutarão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor» (Jo 10, 16). Amando todas



«A pobreza refere-se diretamente à sua situação socioeconômica. O abandono reporta-se à “qualificação teológica” de privação de sustento por falta de uma mediação adequada do Amor de Deus; o perigo remete a uma fase determinante da vida, a adolescência – juventude, que é o tempo da decisão, depois da qual muito dificilmente se podem mudar os hábitos e as atitudes adotadas»

(P. PASCUAL CHÁVEZ, ACG 384, “CONTEMPLAR CRISTO COM O OLHAR DE DOM BOSCO”)



«Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade»

(CARTA DE ROMA, 1884)

as suas ovelhas, o Bom Pastor tem uma predileção até desconcertante por aquela que se perdeu, manifestando sua *amável preocupação* em procurá-la até que a encontre, e na sua *bondade* «alegre, a põe nos ombros» (Lc 15, 5).

O sentido mais profundo da Encarnação do Filho de Deus, enviado pelo Pai “por obra do Espírito Santo” e que **encontra sua mais plena realização no Mistério Pascal**, morte e ressurreição de Jesus, é justamente este: revelar-nos «até o fim» (Jo 13, 1ss.) o Amor divino, para reunir na unidade desse Amor todos os homens e mulheres do mundo: «Ele é a nossa paz: de dois povos fez um só, derrubando o muro da inimizade que os separava. (...) É por Ele que todos nós temos acesso a Deus, num só Espírito» (Ef 2, 14.18).

2

Jesus revela-nos o Mistério de Deus, Comunidade de Amor

Jesus, porém, revela-nos não só o amor de Deus por nós, mas o rosto do verdadeiro Deus, que é, em si mesmo, **Comunhão de Amor**: o Pai entrega-se a si mesmo ao Filho, gerando-o e, juntos, inspiram o Espírito Santo: esse é o coração da fé cristã.

Essa Comunhão de amor não é só manifestada aos homens pelo Filho, mas é realmente participada através da ação de Jesus e do Espírito Santo. Ela constitui o empenho fundamental do cristão: construir em nosso mundo o Reino de Deus, que é um Reino “de justiça, de amor e de paz”. «Pai, que



3

A Igreja, chamada a continuar a missão de Jesus

Essa é a razão de ser e a missão fundamental da Igreja: continuar a missão de Jesus Cristo, com a luz e a força do Espírito Santo, para manifestar o Deus que é Amor, e construir a comunhão com Ele e entre todos os homens e mulheres, sem qualquer exclusão, mas privilegiando “os últimos”, segundo as diversas situações no espaço e no tempo da história. Essa continuidade é indicada no Novo Testamento, na obra joanina, através de uma constatação citada duas vezes: «Ninguém jamais viu a Deus» (Jo 1, 18; 1Jo 4, 12); mas, se a primeira vez sublinha a missão de Jesus: «O Filho unigênito, que é Deus, e está no seio do Pai, foi Ele que o revelou», a segunda vez transfere essa missão à comunidade dos crentes em Cristo: «Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é perfeito em nós».

A Igreja, em sua essência mais profunda, é **«mistério de comunhão e de missão»** (*Christifideles Laici* 32): continuação da Missão de Jesus Cristo, no anúncio do Amor de Deus para a edificação da comunhão-comunidade dos filhos e filhas de Deus. A experiência de Igreja é experiência de comunhão com Deus e com os homens. É uma comunidade sustentada pelo Espírito onde a fé

é vivida em comunidade (koinonia)

é refletida e torna-se testemunho coerente (martyria)

é celebrada (liturgia)

é transmitida no serviço e na ação pastoral (diakonia)

é traduzida em atitudes de vida (espiritualidade)

A sua *comunitariedade* manifesta-se e realiza-se em diversos níveis. Tem a própria meta na realização escatológica da Comunhão de amor com Deus e dos homens entre si: a plenitude do Reino de Deus. Instrumento privilegiado e lugar de atuação desse amor, ainda aqui na terra, é a Comunidade eclesial, comunhão de amor que se constrói todos os dias e, ao mesmo tempo, indispensável serviço ministerial para a realização do Reino através da obra de evangelização e catequese, a celebração dos

Sacramentos, a experiência do amor fraterno na comunidade, o diálogo ecumênico e inter-religioso, a promoção humana que leva à superação de toda discriminação e marginalização.

Por isso, **a Igreja é essencialmente missionária**, e leva o anúncio de Cristo a todos os povos e culturas como seu dever prioritário. A missão eclesial dá o tom à própria identidade da comunidade cristã: a missão recebida de Cristo de evangelizar os povos não é só “algo a fazer”, mas faz parte da mesma natureza da Igreja e exprime a sua identidade. Assim, um texto litúrgico lindo:

“Fazer de todas as nações um só povo novo, cujo fim é o vosso reino, cuja condição a liberdade dos vossos filhos, cujo estatuto o preceito do amor” (MISSAL ROMANO, PREFÁCIO COMUM VII)



4

A missão salesiana

O carisma salesiano participa da missão universal da Igreja: é uma experiência de Espírito, um Dom de Deus dado à Igreja e à humanidade através de Dom Bosco, com propriedades distintas:

- *Os destinatários específicos: “reunir” os jovens;*
- *A predileção pelos “mais pobres, abandonados, em perigo”: os “afastados”, marginalizados pela comunidade humana, mais carentes da experiência do amor de Deus;*

- *Um estilo típico que privilegia a bondade (amor educativo que faz crescer e cria correspondência) e a comunitariedade (espírito de família), para superar a solidão e a exploração;*
- *A “mediação privilegiada” da educação e a experiência de Comunidade Educativo-Pastoral, «experiência de Igreja, reveladora do plano de Deus» (Const. 47).*

5

Maria, Mãe e Mestra

«Todos perseveravam na oração em comum, junto com algumas mulheres, entre elas, Maria, mãe de Jesus» (At 1, 14). A presença materna de Maria na primeira comunidade, no centro dos “irmãos e irmãs” de Jesus, continua ao longo dos séculos. “Rosto materno do Amor de Deus”, Ela nos leva a Jesus, para que todos, homens e mulheres do mundo, **possam ser filhos e filhas no Filho**. E, como nas bodas de Caná, a sua preocupação e predileção materna é por todos os que «não têm mais vinho» (Jo 2, 3), especialmente pelos muitos jovens que não encontram o sentido da própria vida porque se sentem não amados por Deus, marginalizados por causa de sua condição socioeconômica, familiar, afetiva ou profissional. Fazendo-nos companheiros de estrada, sobretudo para estes jovens, «a Virgem Maria é uma presença materna nesta caminhada. Procuramos torná-la conhecida e amada como Aquela que acreditou, ajuda e infunde esperança» (Const. 34).



EVANGELIZAR E EDUCAR: A NOSSA IDENTIDADE APOSTÓLICA

CAPÍTULO



*«Dá-me dessa água,
para que eu não
tenha mais sede»*

(Jo 4, 15)



Nossa missão participa da missão da Igreja, que realiza o plano salvífico de Deus, o advento do seu Reino, levando aos homens a mensagem do Evangelho, intimamente unida ao desenvolvimento da ordem temporal. Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado para Cristo, homem perfeito. Fiéis às intenções do nosso Fundador, visamos formar “honestos cidadãos e bons cristãos”»

[Const. 31]



O sistema apoia-se todo na razão, na religião e na bondade»

[O Sistema Preventivo na Educação da Juventude]

A vida em plenitude

e a felicidade dos seres humanos é o sentido último do plano de Deus. O Evangelho de Cristo tem grande confiança no humano. É preciso dar atenção à realidade única de cada pessoa e a disponibilidade para acolher a vocação e o destino em Cristo, “homem perfeito”. O Evangelho propõe a bela notícia (a pessoa de Jesus), que a todos convida a participar da filiação em Cristo, fundamento da liberdade e da dignidade de toda pessoa. Dom Bosco educa e evangeliza pondo em ação um projeto de promoção integral: a educação como desenvolvimento da pessoa, como conjunto de mediações necessárias a serviço das pessoas; a evangelização inspira e ilumina a plenitude da vida plena oferecida em Jesus, respeitando a condição evolutiva do sujeito. Enfim, a escolha do campo apostólico: os jovens, sobretudo os mais pobres, e os ambientes populares, pelos quais e nos quais se humaniza e se evangeliza a cultura.

1

A vida em plenitude e a felicidade do ser humano

Construir-se como pessoa é tarefa cotidiana, ligada à alegria e ao empenho de existir. Às vezes, *uma empresa* particularmente empenhativa. Tem-se a sensação de precisar inventar por si (e sozinho) um percurso inédito, que jamais é linear, mas marcado por altos e baixos, por momentos de satisfação e momentos de frustração, de esperanças e decepções: um construir-se que frequentemente permanece como trama de situações e experiências sem grandes referências ideais ou grandes preocupações de coerência e unidade.

Nesse sentido, o contexto atual provoca uma nova insatisfação, não temporária, mas permanente. **À mudança incessante que caracteriza a sociedade e a cultura, une-se a fragilidade das instituições** que acompanham os jovens nesta situação. Tornam-se urgentes e importantes a atitude responsável do educador salesiano e a solidez da sua proposta.

A reflexão de Paulo VI, indicando que a ruptura entre fé e cultura é um drama do nosso tempo, não perde a atualidade (cf. *Evangelii Nuntiandi* 20). A cultura atual, não homogênea, influi sobre os jovens através de sua complexidade e fragmentação; com seus vários estímulos e suas virtualidades leva a uma compreensão consumista também do que é afetivo e deixa os jovens na selva dos desejos, diante da dura realidade de uma crise econômica e existencial.



«Cremos que Deus está a nos esperar nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para dispor-nos a servi-lo neles, reconhecendo-lhes a dignidade e educando-os para a plenitude da vida»

[CG23, N. 95]

Ao lado dessa dura realidade, **estão no coração das pessoas as capacidades e possibilidades incriveismente preciosas** que levam a empreendimentos extraordinariamente grandes; enfim, homens e mulheres, na própria singularidade, refletem sobre si mesmos, interrogam-se a respeito do sentido da vida (de onde venho, para onde vou, como desejo caminhar,

com quem quero caminhar), conscientemente ou nos fatos, estabelecem uma orientação precisa à própria vida. No horizonte último do humano está a *vida em plenitude, no jovem e no educador*, que envolve a ambos.

Na interpretação da vivência das pessoas, observamos a necessidade de serem amadas, o sentido da gratuidade, o prazer de se sentirem valorizadas e importantes pelo que são e não em vista dos objetivos ou resultados alcançados: percebemos que a falsa orientação da vida cotidiana é uma questão de sentido, *uma questão de projeto de vida*. Por isso, é urgente que, como educadores, individuemos aquilo pelo que vale gastar a própria existência e entregar a si mesmo em favor dos outros. É urgente ver nos jovens não recipientes a encher, mas pessoas a acompanhar. Nós os ajudamos a serem eles mesmos, a descobrirem a beleza da própria vocação.

Como cristãos, lemos nesta lógica o projeto de vida sob o sinal da vocação, chamado de Deus que suscita, sustenta e reforça a liberdade do jovem, tornando-a capaz de corresponder com liberdade e alegria à própria identidade e missão.

A vivência do Evangelho em plenitude não só abre à dignidade do humano, mas também liberta e sustenta a sua capacidade de resposta responsável e madura a Deus. **A vida humana coloca-se sob o sinal da vocação**, que requer grande abertura de espírito, responsabilidade na acolhida de um empenho fiel *“responsabilidade” significa literalmente assumir a beleza do “responder”*.

Nessa dinâmica, o jovem é levado a avaliar-se, a sair de si, a deixar-se questionar por experiências novas, em vista de encontros que o levem além, aonde se reapropriará mais profundamente de si. É nesse espaço que se coloca também a proposta da fé e a resposta do projeto de vida. O jovem, objeto do chamado de Deus, é protagonista no escutá-lo e no responder-lhe: é o seu *“responsável”*.

Ter conhecimento da *“vocação”* é o modo de entender verdadeiramente a própria vida e a própria liberdade. Só quando a liberdade assume essa tarefa, ela vai além do eu pessoal, entra na esfera do amor e aceita construir o bem também para os outros. Numa palavra: **vocação é amar**, entregar-se, fazer de si mesmo um dom que testemunhe uma nova cultura com inteligência amorosa. A vocação é uma resposta de amor. Todo projeto de vida que nasça de uma vocação é um dom a oferecer, que transcende o próprio eu.

2

Orientado a Cristo, homem perfeito

2 1

INTEGRAR O AMOR PELA VIDA E O ENCONTRO COM JESUS CRISTO

A fé leva-nos a descobrir que o projeto de vida e a transcendência da pessoa referem-se a Cristo em sua condição histórica de único verdadeiro “Homem novo”. Nós salesianos formamos uma comunidade de batizados e nos apresentamos na Igreja e no mundo com uma missão, uma vocação e uma razão de ser particular: **propor a todos a vivência da existência humana como Jesus a viveu**, e que a sequela de Cristo pode preencher a vida. Perguntemo-nos: como propor o Evangelho de Jesus de modo que ele resulte provocatório para o amadurecimento na vida? Como os desejos do homem podem concorrer com Jesus Cristo?

A pessoa de Jesus, especialista em humanidade, interage com todos os desejos humanos com a sua mensagem; ele demonstra *grande confiança no humano*, no qual encontra os sinais do bem e da presença de Deus. Jesus levou a sério as necessidades do humano, o desejo de viver bem com a própria corporeidade, com a própria mente, no vasto mundo das relações, nas experiências afetivas. Ele conhece o que há no coração do homem, o seu desejo de sentir-se reconciliado com o próprio ser profundo, frequentemente fragmentado, sem que tudo isso seja fruto de merecimento, mas apenas por bondade e ternura. E, no fundo, traz uma simpatia radical, no sentido etimológico do termo, evocado pela *Gaudium et Spes*:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” [GAUDIUM ET SPES 1]

E o pode porque sua proposta libertadora é cheia de humanidade, feita de gestos e palavras de acolhida, de reciprocidade, de escuta. Isso implica,



«Sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem é»

[CARITAS IN VERITATE 78]

no plano da antropologia cristã, a consciência da correlação íntima entre a riqueza da humanidade de cada pessoa e a experiência humana de Jesus. Ela se fundamenta na Encarnação de Cristo: a vida humana, mesmo sob as aparências mais indigentes e mesquinhas, torna-se digna de ser, à imitação de

Cristo, lugar onde Deus se faz presente, e é chamada a desenvolver-se até a comunhão plena com Deus mediante o dom de si. Pela Encarnação **Jesus de Nazaré é o único caminho acessível para conhecer o mistério de Deus e o mistério do homem**. O mundo de Deus e o mundo do homem não são distantes e incomunicáveis. Deus e o homem estão em pleno diálogo a partir de Jesus Cristo, o intérprete mais profundo da verdade do homem.

A missão de Jesus manifestou-se num contexto de encarnação-inculturação. A Encarnação, como expressão máxima de inculturação, não é um fato secundário, mas o caminho escolhido por Deus para se automanifestar: a revelação foi transmitida mediante a Encarnação. A missão da Igreja, guiada e suscitada pela missão do Espírito Santo, foi realizada e se realiza sempre em categorias espaço-temporais, de profunda inculturação na vida dos povos.

A Nova Evangelização realiza-se na inculturação da fé. Isso implica a escolha de três estratégias: uma nova evangelização através da catequese e da liturgia (evangelizar catequizando); uma nova evangelização atenta à promoção integral do povo, a partir dos pobres, pelos pobres, a serviço da vida e da família (evangelizar promovendo); uma nova evangelização empenhada em penetrar os ambientes da cultura urbana e não urbana (evangelizar inculturando). Na época da Nova Evangelização, a nova pastoral (cf. P. Pascual Chávez, ACG 407, “A Pastoral Juvenil Salesiana”) deve ser aquela que ao mesmo tempo catequiza, promove e incultura. Se a Nova Evangelização não se traduzisse em promoção humana e inculturação, não seria autêntica e não faria amadurecer a energia da fé na história.

Sendo o Mistério de Cristo, na sua Encarnação-Morte-Ressurreição, a revelação plena e completa da humanidade e da enorme grandeza de cada pessoa, **a Igreja pode ser intérprete do humano, pode mostrar-se experta em humanidade**, pode lançar-se livremente, sem temor, no terreno do humano: uma antropologia cristã, em que a centralidade da pessoa, não certamente concorrendo com o primado de Deus, é compreendida no horizonte da Sua iniciativa. A ciência de viver imerso no

dom de salvação de Deus e de ser, em Jesus Cristo, «criaturas novas» (Rm 8) é uma experiência que unifica a existência.

A confiança cristã na vida e no homem, na sua razão e na sua capacidade de amar, não é fruto de um otimismo ingênuo, mas provém da «esperança confiável» (*Spen Salvi* 1) que nos é dada com a *filiação em Cristo*; ela dá fundamento à dignidade, à liberdade e à capacidade de amar e de ser amado e permite à pessoa viver de modo autenticamente humano, conforme a sua natureza e o seu chamado. Cristo encontra o espaço mais íntimo da humanidade. Revelando o mistério do Pai e do seu amor, «Cristo revela plenamente o homem ao homem» (*Gaudium et Spes* 22) e torna-lhe conhecida a sua altíssima vocação.

A pastoral juvenil habilita os jovens a descobrirem a profundidade da própria experiência até perceberem o seu apelo religioso, a plena comunhão com Jesus Cristo. Gradualmente, *Jesus Cristo torna-se uma pessoa central em relação à qual se organiza a vida*: atitudes, opções, ações, comportamentos. Hoje também encontramos vários modelos pedagógicos, permeados de valores positivos, mas que prescindem em sua antropologia de qualquer referência a Jesus Cristo e, portanto, da visão integral do homem que encaminha a vida para a meta da salvação, como vida nova, para o pleno amadurecimento da pessoa.

A ação salesiana, em qualquer ambiente que se desenvolva, compreende sempre em seu íntimo o anúncio de Cristo e a solicitude pela salvação dos jovens; a «predileção pelos jovens dá sentido a toda a nossa vida» (*Const.* 14). Em qualquer iniciativa educativo-pastoral, essa solicitude constitui sempre a intenção e o desejo principal. Tudo deve ser explicitado na medida em que os sujeitos se tornam capazes disso. É este o “projeto apostólico” de Dom Bosco: «ser, com estilo salesiano, sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres» (*Const.* 2).

Desejamos que escutem Deus Pai, que conheçam Jesus Cristo. Estamos convencidos de que a proposta do Evangelho traz energias insuspeitadas para a construção da personalidade e o desenvolvimento integral que todo jovem merece. Trata-se de um processo pedagógico que leva em consideração todos os dinamismos humanos, e favorece nos jovens as condições que tornam cada resposta um ato de liberdade. O senso de realismo, a paciência da gradualidade são atitudes que respeitam a situação pessoal de cada jovem, do mais frágil ao mais forte, do mais afastado da fé e da experiência eclesial ao mais próximo delas.

2 2

A ORIGINALIDADE E A AUDÁCIA DA ARTE EDUCATIVA DE DOM BOSCO

A pedagogia de Dom Bosco assume com insistência explícita a autêntica fiabilidade religiosa da vida num processo educativo positivamente orientado para Cristo e iluminado pela sua mensagem: a integração de fé e vida, nutrida pela sua força. É fundamental reconhecer que a preocupação pastoral de Dom Bosco se situa no interior do processo de humanização que promove o crescimento integral da pessoa dos jovens: a descoberta do projeto de vida e o esforço de transformação do mundo segundo o projeto de Deus sobre cada um deles. **A originalidade e audácia da proposta da “santidade juvenil” é intrínseca à arte educativa de Dom Bosco:** santidade que não frustra as profundas aspirações do espírito juvenil (necessidade de vida, de expansão, de alegria, de liberdade, de futuro, etc.); santidade que, gradual e realisticamente, os jovens experimentam como “vida de graça”, de amizade com Cristo, e realização dos próprios ideais mais autênticos: «Nós aqui fazemos consistir a santidade em estar sempre alegres» (São Domingos Sávio).

3

Evangelizar e educar segundo um projeto de promoção integral

3 1

O HORIZONTE DE COMPREENSÃO DA EVANGELIZAÇÃO

A evangelização torna-se veículo e expressão **do anúncio claro e inequívoco do Senhor Jesus**; ela comunica a sua mensagem, a sua proposta de vida e a salvação realizada por Deus, para todos, com o poder do Espírito. A reflexão eclesial sobre a evangelização persuade todo crente para o empenho evangelizador que torna acessível a riqueza, a profundidade, a organicidade e a múltipla articulação da mensagem. Nesta ótica, a evangelização, em sentido mais amplo, é:



«Evangelizar não sé ensinar uma doutrina, mas anunciar Jesus Cristo com palavras e ações, isto é, fazer-se instrumento da sua presença e ação no mundo»

[NOTA DOUTRINAL SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA EVANGELIZAÇÃO 2]

► empenho pela *extensão do Reino e seus valores* entre todos os homens e a *ação a serviço do homem* pela justiça social relativa aos direitos humanos, a reforma das estruturas injustas, a promoção social, a luta contra a pobreza e as estruturas que a provocam;

► *aproximação progressiva dos povos aos ideais e valores evangélicos*: recusa da violência e da guerra,

respeito de cada pessoa, desejo de liberdade, de justiça e de fraternidade, superação do racismo e dos nacionalismos, afirmação da dignidade e do valor da mulher;

► *intervenção operativa nos areópagos do mundo moderno e nas grandes áreas ou setores de sofrimento da humanidade*: os exilados, os refugiados, os migrantes, as novas gerações, os povos emergentes, as minorias, as áreas de opressão, de miséria e de catástrofes, a promoção da mulher e da criança, a salvaguarda da criação, as relações internacionais e o mundo da comunicação social.

Evangelizar implica pluralidade de aspectos: presença, testemunho, pregação (anúncio explícito), apelo à conversão pessoal, formação da Igreja, catequese; mas também, inculturação, diálogo inter-religioso, educação, opção preferencial pelos pobres, transformação da sociedade. Sua complexidade e articulação foram enfatizadas pela *Evangelii Nuntiandi* (n. 17) e muito bem apresentadas na *Redemptoris Missio* (n. 41-60):

“A evangelização, por tudo o que dissemos é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado. Estes elementos, na aparência, podem afigurar-se contrastantes. Na realidade, porém, eles são complementares e reciprocamente enriquecedores uns dos outros” [EVANGELII NUNTIANDI 24]

Essa visão ampla de evangelização convalida a primeira tarefa da missão salesiana: *a promoção integral das pessoas, segundo as urgências das múltiplas situações concretas* (cf. *Const.* 31). Agir neste campo, inspirados pelo amor de Cristo e sob o sinal do seu Reino, é evangelização. A compreensão salesiana da evangelização é animada pela preocupação de integralidade, à qual segue a preocupação educativa pelo crescimento da pessoa na sua totalidade. A educação é o lugar humano em que apresentamos o Evangelho e no qual ele adquire uma fisionomia típica. A abordagem antropológica leva-nos a entender melhor como os espaços de ação do educador salesiano são felizmente marcados pelo humanismo integral e pela sua dimensão transcendente.

3 2

A RELAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA COM A AÇÃO EVANGELIZADORA

A meta proposta pela Pastoral Juvenil Salesiana para todo jovem é a construção da própria personalidade, tendo Cristo como referência fundamental; referência que, tornando-se progressivamente explícita e interiorizada, o ajude a ver a história como Ele, a julgar a vida como Ele, a escolher e a amar como Ele, a esperar como Ele ensina, a viver n'Ele a comunhão com o Pai e o Espírito Santo (cf. CG23, n. 112-115). A verdadeira e real conversão missionária pede à Pastoral Juvenil Salesiana para descobrir e viver **a profunda e inseparável relação da ação educativa com a ação evangelizadora.**

A Os aspectos educativos da antropologia cristã

Partir da educação não significa seguir a deriva antropológica, como numa espécie de 'secularização' da missão evangelizadora; não significa nem mesmo mover-se além dos horizontes e dos fundamentos teológicos. É possível pensar *a mediação educativa no horizonte da história da salvação*. A reflexão teológica pós-conciliar considerou na fé a abordagem da educação, tratando, por exemplo, do primado do Reino de Deus ou do processo de salvação em contexto de Igreja e de suas mediações pastorais; ou reconhecendo como lugares teológicos as situações de vida do homem, e estimulando a lê-las, portanto com o olhar da fé.

A centralidade da pessoa na antropologia cristã possui aspectos educativos. A educação é assumida em sua acepção ampla e completa: *como crescimento da pessoa e como conjunto de mediações* que se colocam a seu serviço para torná-la ciente da sua identidade, ajudá-la a abraçar o que de bom foi colocado nela pelo Criador e abri-la ao sentido e ao mistério. Focalizar a questão educativa é obrigação de todos, não só dos cristãos. A opção de pensar a educação na ação pastoral torna-se sempre mais urgente, como confirmação da **centralidade da educação como mediação privilegiada a serviço das pessoas**.

A educação ativa todas as potencialidades do jovem, das capacidades intelectuais às emotivas, até a vontade livre. Assumindo a responsabilidade pelo jovem, a proposta educativo-pastoral salesiana acompanha e educa em sentido amplo as suas razões para viver e, através delas, todo o seu desenvolvimento.

O ponto de partida imprescindível é o encontro com os jovens na condição em que se encontram, escutando atentamente os seus questionamentos e as suas aspirações, para valorizar o potencial de crescimento que cada um deles traz em si.

Vista assim, a educação dos jovens não é uma manifestação opcional da caridade ou um aspecto setorial da missão; ela é o caminho a percorrer. A **preocupação educativa da ação pastoral** quer deixar-se alcançar pela história da vida do jovem e reconhecer que a ação de Deus passa pela nossa mediação.

Segue-se disso tudo que **são necessárias mediações culturais e pedagógicas a serviço das pessoas**; se a educação põe a pessoa no centro, preocupando-se com a harmonia de suas diversas dimensões, as estruturas ou instituições são suas mediações, em resposta às necessidades dos jovens aos quais somos enviados (cf. *Const.* 26). Reconhece-se, então, a função preciosa de todas as intervenções educativas na educação da fé; elas têm a tarefa de ativar, apoiar e mediar o processo de salvação.

Nem todos os modelos educativos oferecem o precioso serviço da educação aos processos de evangelização. Apostamos de modo especial numa educação que se mede com a práxis do Reino, que é restituir vida em abundância a todos, dentro de uma perspectiva de humanização mais plena. Reconhecemo-nos numa práxis educativa que nunca se torna absoluta nem torna absolutas as estratégias, os conteúdos, os ins-



trumentos; práxis que administra o processo educativo de maneira aberta, a partir do resultado imprevisível, não manipulável, por ter relação com o mistério da liberdade das pessoas e da ação de Deus na vida de cada um e também na das comunidades e instituições.

A educação à maturidade humana e cristã evoca mais prontamente a perspectiva pedagógica: é uma ajuda para propor o Evangelho com *realismo educativo e pedagógico*.

B *O Evangelho, inspiração radical*

A intencionalidade da “ação educativa” distingue-se, em si mesma, da “ação evangelizadora”; cada uma delas tem sua finalidade e seus conteúdos característicos. Devemos saber distingui-las; não para separá-las, mas para uni-las harmoniosamente na práxis. Ambas atuam na unidade da pessoa do jovem; são **dois modos complementares de preocupação em relação aos jovens, confluem na tentativa de “gerar” o homem novo**. São feitas para colaborar plenamente no desenvolvimento unitário, integral do jovem. A pastoral habita o terreno do humano e, ao mesmo tempo, o terreno da fé.



«Seu carisma (dos salesianos) coloca-os na situação privilegiada de poder valorizar a contribuição da educação no campo da evangelização dos jovens. Efetivamente, sem educação não há evangelização duradoura e profunda, não há crescimento nem amadurecimento, não acontece uma mudança de mentalidade e de cultura. Os jovens nutrem desejos profundos de vida plena, de amor autêntico e de liberdade construtiva; contudo, infelizmente, muitas vezes as suas expectativas são atraídas e não chegam a realizar-se. É indispensável ajudar os jovens a valorizarem os recursos que têm em seu interior como dinamismo e desejo positivo; colocá-los em contato com propostas ricas de humanidade e de valores evangélicos; animá-los a inserir-se na sociedade como parte ativa através do trabalho, da participação e do compromisso em favor do bem comum»

(CARTA DE SUA SANTIDADE BENTO XVI AO P. PASCUAL CHÁVEZ VILLANUEVA, REITOR-MOR S.D.B. POR OCASIÃO DO CAPÍTULO GERAL XXVI)

» *A evangelização dialoga com o educativo*

A evangelização é medida no terreno humano que encontra; ela assume e regenera a vida cotidiana dos jovens e a sua exigência de sentido e plenitude do que acontece no seu mundo. A evangelização, liberando todas as potencialidades educativas da mensagem de Cristo, orienta para o amadurecimento em humanidade, ilumina, propõe, questiona a liberdade. A

educação, ajudando as pessoas a chegarem à plenitude da vida, é fundamental para a construção da pessoa; envolve todos aqueles aos quais está a peito o bem do homem. A mensagem cristã coloca-se assim na ótica educativa, oferece-se na lógica de um projeto que favoreça o crescimento verdadeiro e integral. **A evangelização parece entrecruzada pelas instâncias da educação**, onde pode ressoar o Evangelho de Jesus Cristo como condição para que ele seja acolhido na sua verdade.

A atenção educativa exprime-se no esforço de oferecer a proposta evangélica de modo *existencialmente significativo*, isto é, esforço de calibrá-la, fazê-la interagir com as problemáticas da vida do jovem e, mais em geral, da busca de sentido. Como a educação é um processo e apelo para adequar-se continuamente ao futuro seja do sujeito seja da cultura, ela deve fazer perceber o sentido da gradualidade do caminho e ajudar a programar os seus itinerários; deve saber desenvolver também uma função positiva em relação a certas modalidades de evangelização que podem pecar por ingenuidade e por abstração; deve saber estimular, na programação pastoral, uma indispensável consciência pedagógica para nunca prescindir da fundamental positividade dos valores humanos, mesmo quando feridos pelo pecado. A pastoral deixa-se interpelar pela experiência dos jovens. O reconhecimento das questões últimas que estão em seu coração, permite à fé e ao anúncio evangélico dialogar de modo fecundo com eles.

» **O Evangelho como inspiração radical**

Por outro lado, o ponto qualificador, sua função orientadora e sua inspiração radical é o Evangelho: **trata-se de um anúncio que questiona a vida, mais profundamente de qualquer outro**. A evangelização tem uma força que provoca. Não chega “depois”. O Evangelho entra na lógica formativa da unidade estrutural da personalidade. Seus critérios de avaliação e operacionais referem-se a Jesus Cristo. O serviço educativo que, com inteligência, mire à formação integral dos jovens não tem receio de se interrogar continuamente sobre o significado e as razões da evangelização.

A ação educativa enraíza-se na de Jesus; *não só a toma como modelo, mas a prolonga no tempo*. Encontra o seu significado integral e uma razão de força maior na mensagem de Jesus Cristo. Antes, encontra no Evangelho a ajuda para o amadurecimento da liberdade e da responsabilidade. O Evangelho é guia na busca de identidade e de sentido, iluminador para a formação da consciência; apresenta-se como modelo sublime para a autenticidade do amor e oferece o horizonte mais claro e empenhativo para a dimensão

social da pessoa. O Evangelho inspira os critérios de julgamento, guia as escolhas fundamentais da vida, ilumina a conduta ética privada e pública, regula as relações interpessoais e indica a orientação do agir e do viver. A dignidade da pessoa é elevada na interação com a fé. No encontro com a Boa Nova, a pessoa humana chega ao vértice da “imagem de Deus”, que revela à vida o seu destino transcendente, enquanto ilumina, a partir de sua luz nova, todos os direitos.

Eis **a integralidade da proposta**: a educação que se enriquece do ser evangelicamente inspirada desde o início; a evangelização que desde o primeiro momento reconhece a beleza de ser oportunamente adequada à condição evolutiva dos jovens. A mediação educativa é finalmente orientada para favorecer em cada um a experiência pessoal do encontro com Deus; para orientar positivamente o processo educativo na abertura a Deus e na configuração a Cristo, homem perfeito. Essa perspectiva supera o problema, substancialmente metodológico, de *como e quando anunciar o Evangelho* e de como compor todas as dimensões do Projeto Educativo-Pastoral nos ambientes pastorais concretos e nos itinerários educativos.

C *A Boa Nova na variedade das culturas e tradições religiosas*

O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano revelou-se de grande atualidade nos mais diversos contextos. Já demonstrou sua validade mesmo em ambientes de outras tradições religiosas, de outros contextos multiculturais e ambientes secularizados. Hoje, contudo, em sociedades extremamente pluralistas, do ponto de vista cultural e religioso, é evidente que as referências cristãs do Sistema Preventivo nem sempre podem ser exibidas explicitamente. Devem ser interpeladas e adaptadas, acentuando o seu humanismo integral, base de toda educação, aberto à dimensão ética e religiosa que sabe atribuir a devida importância ao conhecimento e à valorização das culturas e dos valores espirituais das várias civilizações.

O que hoje se exige, é conhecer bem o instrumento de que dispomos, aplicando-o nos diversos contextos em sintonia com a sensibilidade moderna. A urgência educativa convida à educação integral, que tenha em vista formar o homem todo e todo homem. A liberdade religiosa favorece o exercício das faculdades humanas criando as premissas necessárias para a realização do desenvolvimento integral, que se refere unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões (cf. *Caritas in Veritate* 11).

As obras salesianas, em força de sua vocação missionária à universalidade, são solicitadas pela presença de religiões e modalidades diversas de fé a um maior diálogo com as demais tradições espirituais e religiosas. Não se trata de renunciar à própria identidade ou ao mandato missionário, menos ainda assumir atitudes fundamentalistas. O pluralismo religioso é ocasião para maior compreensão da identidade cristã. Antes, neste sentido a *consciência da própria identidade é premissa irrenunciável de qualquer diálogo sério*. Devem-se evitar todas as formas de uma leitura puramente secularista, valendo o mesmo para todas as formas de rigidez diante da abertura às outras religiões. Elas são duas atitudes que impedem o verdadeiro testemunho dos crentes na vida civil e política.

4

A opção apostólica de campo

4 1

OS JOVENS, ESPECIALMENTE OS MAIS POBRES, SÃO A NOSSA OPÇÃO DETERMINANTE



Um amor constante e intenso pelos pobres

Dom Bosco orienta a sua obra decididamente para os jovens; escolhe conscientemente viver disponível para acolher os meninos e os jovens “em situação de risco”; opção que se torna **critério de organização da evangelização para sua libertação integral**. A prioridade pelos «*jovens, especialmente os mais pobres*» – as palavras são de Dom Bosco – é também a nossa opção determinante (Const. 6, 26-29, 41; Reg. 1,3,11,14,15, 25,26; CG20, n. 45-57).

Dom Bosco escolhe a condição evangélica de ser pobre com os pobres. Assume para si a pobreza do Filho de Deus, também material, para caminhar na direção dos afastados. Faz da rua, das praças, dos locais de trabalho, do Prado-Pátio os lugares de encontro e primeiro anúncio. Acolhe os jo-



vens sem exclusões e preconceitos, reconhecendo e valorizando o que eles trazem no coração (os seus sonhos, as suas dificuldades, os seus desafios). Caminha ao lado deles, adequando-se ao passo deles. **O encontro com cada menino é, para ele, ocasião de diálogo e de eventual encontro com a fé.**

Aquele é simplesmente o terreno no qual a proposta de fé se revela como recurso de vida, potencial de plenitude de vida. Os jovens mais pobres esperam ser acolhidos, levados a sério em suas aspirações, sentir que os seus desejos maiores encontram uma saída. A atitude de Dom Bosco é a atitude de quem acompanha; ele não substitui, não invade, não tem preconceitos, não finge confiança. Caminha realmente com eles, apoia-os, anima-os.

«Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou»

(MEMÓRIAS DE ORATÓRIO, SEGUNDA DÉCADA 1835-1845, N. 11)

Ele opõe à pobreza negativa dos jovens, instrumento de corrupção e causa de embrutecimento, a pobreza libertadora do Filho de Deus. Entregue à sua missão de cura das almas, está pronto a pagar o seu preço e abandonar tudo (*Da mihi animas cetera tolle*). Abandona a si mesmo e às próprias comodidades para viver totalmente entregue aos seus jovens, próximo dos seus meninos, pobre com os pobres. Por isso, **constrói o seu projeto de modo adequado aos jovens**, sobretudo aos mais frágeis e em perigo, para ajudá-los a acolher a riqueza da vida com seus valores, prepará-los para viver com dignidade neste mundo e torná-los mais conscientes do próprio destino eterno (cf. *Const.* 26).

Dom Bosco, sob a inspiração do Espírito Santo, teve uma consciência aguçada de ser chamado por Deus para uma missão singular em favor dos jovens pobres. *Sem eles, Dom Bosco seria irreconhecível*: «Por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida» (*Const.* 14). Sinais do alto, aptidões naturais, conselhos de pessoas prudentes, discernimento pessoal, circunstâncias que se sucediam providencialmente, convenceram-no de que Deus, ao enriquecê-lo com dons especiais, pedia-lhe uma dedicação total aos jovens.

“Prometi a Deus que até meu último alento seria para meus pobres jovens” (CONST. 1)

Na atual urgência da *Nova Evangelização* deve-se recomendar o mesmo espírito missionário da ação pastoral de Dom Bosco: espírito missionário que leve aonde as necessidades e as demandas dos jovens ainda não são preocupação.

B *A pobreza compromete as reservas educativas e o crescimento dos jovens*

A opção salesiana de campo oferece-nos um modo de olhar a realidade e interpretá-la: o ponto de vista dos jovens. Somos, pois, sensíveis às condições que favorecem a sua educação

e evangelização, como também àquelas que trazem riscos. Estamos atentos aos aspectos positivos, aos novos valores e às possibilidades de retomada. **Todas as formas de pobreza bloqueiam ou chegam a destruir os recursos educativos da pessoa e comprometem o crescimento dos jovens como filhos de Deus.** Todo jovem traz dentro de si os sinais do amor de Deus no desejo de vida, na inteligência e no coração. Aos crentes pede-se que tenha a peito todas essas expressões de pobreza, novas e antigas, e invente novas formas de atenção, solidariedade e partilha para curá-las.

Evangelizar e educar nestes contextos significa *acolher, dar novamente a palavra, ajudar a reencontrar a si mesmo, acompanhar* com paciência ao longo do caminho de recuperação de valores e de confiança. Essa opção determinante é parte essencial da espiritualidade salesiana, que professa a força redentora da caridade pastoral e proclama o desejo e a determinação de “sal-



«Temos uma preocupação particular pelos jovens, porque eles, que são parte relevante do presente da humanidade e da Igreja, são também o seu futuro [...]. Queremos apoiá-los na sua busca e encorajamos as nossas comunidades a entrar sem reservas numa perspectiva de escuta, de diálogo e de proposta corajosa em relação à difícil condição dos jovens. Para resgatar, e não mortificar, o poder dos seus entusiasmos. E para apoiar em seu favor a justa batalha contra os lugares comuns e as especulações finalizadas dos poderes mundanos, interessados em dissipar as energias e em consumir os seus impulsos a seu benefício, privando-os de qualquer memória grata do passado e de qualquer projeto sério de futuro. A nova evangelização tem no mundo dos jovens um campo empenhativo, mas também particularmente promissor [...]. Deve-se reconhecer aos jovens um papel ativo na obra de evangelização, sobretudo em relação ao seu mundo»

[SÍNODO DOS BISPOS (2012), MENSAGEM AO POVO DE DEUS 9]

var” aqueles que vivem abandonados por todos. É um amor que se exprime com respostas ágeis e imediatas diante da inquietação juvenil, amor que se empenha em dar vida e esperança. A missão original da Igreja e da Congregação é o núcleo do anúncio de Cristo (cf. *Evangelii Nuntiandi* 32).



«É hora de uma nova fantasia da caridade»

[NOVO MILLENNIO INEUNTE 50]

O anúncio da salvação aos pobres, sinal por excelência do Reino de Cristo, é o componente mais profundo da nossa missão educativo-pastoral. A relação com Jesus Cristo e o seu Evangelho é um dom a oferecer a todos, uma fonte que satisfaz a sede e a busca de sentido: se Cristo se entrega aos mais pobres e necessitados, não podemos retardar o dom do encontro com Ele.

A opção preferencial pelos jovens, sobretudo pelos mais pobres, leva-nos aos ambientes populares, em que eles vivem (cf. Const. 29). Nos ambientes populares, somos chamados a levar o espírito de família e de compreensão com o contato cotidiano da nossa ação apostólica.

4 2

A HUMANIZAÇÃO E A EVANGELIZAÇÃO DA CULTURA



Fidelidade ao Evangelho e fidelidade à cultura

O fim próprio da educação e da verdadeira atividade cultural é libertar o jovem, torná-lo ciente dos próprios direitos e deveres, participante consciente dos acontecimentos da sua época, capaz de autodeterminação e colaboração por uma sociedade mais humana. Educar dessa forma produz cultura, abre-a e enriquece-a. Esse processo torna-se realidade, não só inserindo na sociedade ideias novas, novos impulsos e nova linfa, mas principalmente preparando **pessoas corajosas, portadoras de reflexão crítica e de sadia conduta de vida.**



«Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação»

[EVANGELII NUNTIANDI 19]

«A palavra “cultura” indica, em geral, todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por dominar, pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social, quer na família quer na comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até à inteira humanidade, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações»

[GAUDIUM ET SPES 53]

A evangelização não é apenas conformidade com os valores do Evangelho, transmitidos pelo Fundador; é também encontro com a cultura. O indispensável empenho cultural comporta o *encontro com as novas questões de vida geradas pela cultura*, questões que põem à prova o realismo da nossa proposta cristã e confirmam a nossa capacidade de diálogo. É preciso, por isso, um conhecimento adequado da complexa realidade cultural e sociopolítica. É necessário um exercício de “discernimento”, reformulando a experiência cristã em relação com as situações históricas concretas em que ela é chamada a se realizar. Na verdade, a evangelização das culturas representa a forma mais profunda e completa de evangelização de uma sociedade.

O mundo juvenil é o “lugar” por excelência no qual se manifestam mais imediatamente os traços culturais típicos da nossa sociedade. Aqui se exigem um discernimento atento e a capacidade de perceber em profundidade os problemas postos pelas mudanças em curso. É urgente entender a sua realidade cultural, com seu conjunto de valores e limites, experiências, linguagens e símbolos. São estes os elementos que formam a sua mentalidade e a sua sensibilidade. Os desafios não são um obstáculo problemático, mas

uma provocação positiva que nos interpela e solicita a uma corajosa intervenção. A ação realizada pela Congregação em relação à cultura, como foi dito, complexa e articulada, já não pode ser compreendida no interior de um univer-

so cultural homogêneo, mas em um horizonte determinado pela pluralidade de situações. Com efeito, numerosos fatores concorrem para desenhar um panorama cultural sempre mais fragmentado e em contínua e velocíssima evolução. Enunciamos alguns deles:

- ▮ as diferentes situações de pobreza e exclusão social: sempre mais frequentemente fragilidade e marginalidade desembocam em fenômenos de dependência das drogas, de desvios, de violência;
- ▮ a situação e a compreensão da família, com as conseqüentes problemáticas humanas e éticas;
- ▮ as questões relativas à vida e à sua capacidade de transmissão de valores;
- ▮ a esfera afetiva e emotiva, o âmbito dos sentimentos, como a corporeidade, são fortemente interessados pela tempéride cultural;
- ▮ os sistemas educativos e a qualidade e integralidade da formação que oferecem;
- ▮ a cultura digital que favorece e, às vezes, provoca contínuas e rápidas mudanças de mentalidade, costume, comportamentos;
- ▮ um dos horizontes mais complexos e fascinantes das sociedades atuais: a identidade multicultural e multirreligiosa dos povos
- ▮ os pressupostos antropológicos que sustentam interpretações sociológicas e educativas;
- ▮ as correntes de pensamento que insistem na negação da transcendência, no desconhecimento da estrutura relacional do homem e da relação fundada em Deus.

B

Os desafios da cultura atravessam todas as experiências pastorais

A atenção prioritária atravessa todas as experiências pastorais que se revelam como desafios para todos: para o crente e o não crente, para quem pertence à Igreja e quem a ela não pertence, para o jovem e o adulto. São os desafios inscritos no interior da própria vida, na sua

pobreza e na sua riqueza, na sua dignidade, nos seus dons e nos seus apelos, que se impõem a todos e são promessa para todos.

O educador salesiano confronta-se seriamente com essa cultura, percebe nela os sinais da presença de Deus e os apelos à renovação da pastoral, da linguagem e das atitudes. Nessa ótica, a evangelização torna-se sensível à instância do diálogo. Torna-se prioritária **a solicitude positiva pelos valores e as instituições culturais, como também pelas ciências antropológicas que têm a própria**

contribuição específica a oferecer. O confronto é

enriquecedor, porque tem a capacidade de levar à unidade a contribuição qualificadora de cada disciplina. Trata-se de um vasto horizonte que se deve conhecer, habitado por valores ricos e, em parte, por desvalores. Em seu conjunto, tudo incide profundamente no modo de pensar e agir, como também nas modalidades de vida das pessoas, famílias e instituições sociais.

Como Dom Bosco, **manifestamos interesse especial pelo mundo do trabalho** (cf. *Const.* 27). Ele

preocupou-se em também dotar as jovens gerações de adequada competência profissional e técnica. Notável a sua preocupação para favorecer uma sempre mais incisiva educação à responsabilidade

social, tendo por base a aumentada dignidade pessoal: uma educação para o social ao qual a fé cristã não só confere legitimidade, como também confere energias de peso incalculável. Mediante o trabalho e o uso correto dos recursos o “honesto cidadão” não só se realiza como pessoa, mas também contribui para o bem comum, dando uma contribuição substancial à utilidade social: um projeto que tem suas raízes na visão evangélica do homem empenhado no bem de todos.



«Recebemos um sinal, isto é, que nas vésperas do novo milênio – nestes novos tempos, nestas novas condições de vida – volta a ser anunciado o Evangelho. Iniciou uma nova evangelização, quase como se se tratasse de um segundo anúncio, embora na realidade seja sempre o mesmo»

[JOÃO PAULO II, HOMILIA DURANTE A MISSA NO SANTUÁRIO DE S. CRUZ, MOGILA (POLÔNIA), 9 DE JUNHO DE 1979]

Através da Igreja, o Senhor Jesus nos chama a realizar uma nova evangelização: “nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões”

[JOÃO PAULO II, DISCURSO À XIX ASSEMBLEIA DO CELAM, 9 DE MARÇO DE 1983]

Nossos ambientes educativos são chamados a ser *centros de irradiação da cultura da vida* para as famílias, os vários grupos, o território e a sociedade. A Nova Evangelização exprimirá sua novidade no renovado ardor do testemunho da caridade, na proposta de novos métodos de um alegre anúncio de Cristo e nas convictas expressões de diálogo inteligente com a cultura, voltado aos jovens e a todos os que, de modos variados, esperam o bom anúncio – *euanghèlion* (cfr. *Const.* 30).



«Na realidade, o apelo à nova evangelização é, antes de tudo, um apelo à conversão. De fato, através do testemunho de uma Igreja sempre mais fiel à sua identidade e mais viva em todas as suas manifestações, os homens e os povos do mundo todo poderão continuar a encontrar Jesus Cristo»

(JOÃO PAULO II, DISCURSO À IV ASSEMBLEIA DO CELAM, 12 DE OUTUBRO DE 1992)





**PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL
SALESIANO: INSTRUMENTO OPERATIVO**



**COMUNIDADE EDUCATIVO-PASTORAL:
FAZER DA CASA UMA FAMÍLIA
PARA OS JOVENS**



**O SISTEMA PREVENTIVO:
UMA EXPERIÊNCIA
ESPIRITUAL E EDUCATIVA**

PARTE

SEGUNDA

Os três capítulos desta segunda parte aprofundam as opções da Pastoral Juvenil Salesiana, ou seja, o modo próprio salesiano de realizar a missão evangelizadora. A fonte carismática é o Sistema Preventivo, que inspira a Comunidade Educativo-Pastoral, enquanto a sua proposta operacional é o Projeto Educativo-Pastoral.



O SISTEMA PREVENTIVO:

UMA EXPERIÊNCIA
ESPIRITUAL E EDUCATIVA

CAPÍTULO

IV

*«Eu vim para
que tenham vida,
e a tenham em
abundância»*

(Jo 10, 10)



Guiado por Maria que lhe foi Mestra, Dom Bosco viveu, no encontro com os jovens do primeiro Oratório, uma experiência espiritual e educativa a que chamou «Sistema Preventivo». Era para ele um amor que se doa gratuitamente, nutrindo-se da caridade de Deus que se antecipa a toda criatura com a sua Providência, segue-a com sua presença e salva-a com a doação da própria vida. Dom Bosco no-lo transmite como modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho e salvar os jovens, com eles e por meio deles. Impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar»

[Const. 20]



A prática deste sistema baseia-se toda nas palavras de São Paulo que diz: A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo»

[O Sistema Preventivo na Educação da Juventude]

O chamado de Dom Bosco, da parte de Deus, para a missão de salvação dos jovens, especialmente dos mais pobres, envolve muitas pessoas e grupos numa convergência espiritual e em coparticipação educativa e pastoral: o Sistema Preventivo. Esta é a fonte e inspiração de uma forma concreta e original de viver e atuar a missão salesiana que chamamos de Pastoral Juvenil Salesiana. Neste quarto capítulo toma gradualmente corpo a proposta educativo-pastoral a partir do seu princípio inspirador: a caridade pastoral. Sua centralidade torna-se uma perspectiva real de renovação para a pastoral dos jovens e, portanto, critério, eixo da programação pastoral em todos os níveis. O Sistema Preventivo, enquanto proposta educativa de educação integral articula-se substancialmente em duas direções: como proposta de vida cristã (Espiritualidade Juvenil Salesiana) e como metodologia pedagógica prática.

1

A missão salesiana é iluminada pela práxis de Dom Bosco

1 1

O ESPÍRITO SALESIANO INSPIRA-SE NO ESTILO DO BOM PASTOR

Dom Bosco entreviu a finalidade original da sua missão: revelar aos jovens pobres o amor de Deus por eles (cf. *Const.* 2, 14). Ele também intuiu **os princípios inspiradores de um estilo pastoral adequado a esta finalidade: o estilo do Bom Pastor**. A evocação bíblica que abria o capítulo I deste texto oferecia um ícone eloquente da experiência de Valdocco: a multidão com fome e dispersa e a comoção de Jesus.

O espírito salesiano, inspirado pelo estilo do Bom Pastor, qualifica a nossa espiritualidade e a nossa ação educativo-pastoral. Esse espírito encarna-se primeiramente em Dom Bosco. *Ele e a missão que dele derivou são o nosso ponto de referência histórico-carismático*.

Dom Bosco ofereceu toda a sua vida pelos jovens em um **projeto de vida intensamente unitário**: sua vida sacerdotal e sua ação educativa, suas múltiplas relações e sua profunda interioridade, tudo era orientado a serviço dos jovens. Um serviço que os ajudou a crescer, tornando-os eles mesmos protagonistas do próprio projeto de vida:

“Não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse à salvação da juventude” (CONST. 21)

Deus não deixa de chamar *muitos outros para continuarem a missão de Dom Bosco em favor dos jovens*. Entre eles, os salesianos religiosos (SDB) são por Ele consagrados, reunidos e enviados para serem na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente os mais pobres. Com eles, compartilham a missão de Dom Bosco outros grupos da Família Salesiana, segundo suas vocações específicas e seu estilo de vida. Trata-se de um vasto movimento de pessoas e grupos, homens e mulheres pertencentes

às mais diversas condições de vida que constituem o Movimento Salesiano. A missão salesiana que, em Dom Bosco e na sua experiência em Valdocco, encontra o critério permanente de discernimento (cf. *Const.* 40), cresceu posteriormente, convocando muitas pessoas e grupos à convergência espiritual e à participação na missão educativa e pastoral para a promoção integral dos jovens especialmente os mais pobres.

1 2

A ENCARNAÇÃO DO “ESPÍRITO SALESIANO” É O SISTEMA PREVENTIVO

A atuação (a atualidade) pastoral-espiritual-pedagógica de Dom Bosco

A missão e o projeto de vida de Dom Bosco exprimem-se num estilo de vida e ação: o espírito salesiano. **A encarnação mais característica e expressiva do “espírito salesiano” é o Sistema Preventivo.**

O Sistema Preventivo relaciona-nos com a alma, as atitudes e as opções evangélicas de Dom Bosco. A práxis salesiana tem como **quadro referencial e medida de autenticidade a atuação do projeto pastoral-espiritual-pedagógico de Dom Bosco**. A “genialidade” do seu espírito está ligada à atuação do Sistema Preventivo: um sistema de sucesso, modelo e inspiração para os que hoje se empenham na educação nos vários continentes, em contextos multiculturais e multirreligiosos, modelo que pede a todos uma reflexão contínua para favorecer sempre mais a centralidade dos jovens como destinatários e protagonistas da



«Depois, eu mesmo gostaria de fazer uma pregação, ou melhor, uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar as nossas ações e todos os nossos discursos. O sistema preventivo seja algo nosso. Jamais castigos físicos; jamais palavras humilhantes, nem censuras severas na presença de outros. Mas ressoe nas salas de aula a palavra doce, caridade e paciência. Jamais palavras mordazes, jamais um tabefe pesado ou leve. Quando necessário, apele-se para repreensões, e sempre de modo que aqueles que são admoestados se tornem nossos amigos mais do que antes, e jamais partam humilhados por nós»

(CARTA DE JOÃO BOSCO AO PADRE TIAGO COSTAMAGNA, 10 DE AGOSTO DE 1885)

missão salesiana (cf. P Pascual Chávez, ACG 407, «A Pastoral Juvenil Salesiana»).

A palavra “Sistema” sugere a ideia de completude, isto é, de uma experiência orgânica, de uma proposta articulada em vista do dinamismo pedagógico. No Sistema Preventivo podem-se distinguir, de fato, algumas articulações profundamente relacionadas entre si: **o princípio inspirador**, que cria uma determinada atitude espiritual na pessoa: a *caridade pastoral*. Uma tríplice realidade dinâmica:

- ▮ a **“ousadia pastoral”**, que *inspira um projeto educativo de promoção integral* (v. neste capítulo IV, n. 2);
- ▮ a **espiritualidade** em vista da proposta de vida cristã – *Espiritualidade Juvenil Salesiana* – (v. neste capítulo IV, n. 3);
- ▮ a **metodologia pedagógica prática** inspirada no “critério oratoriano”, que orienta as modalidades concretas das opções e intervenções operativas que devem ser propostas (v. capítulo V, n. 3).

B *O princípio inspirador é a caridade pastoral*

Educar, para Dom Bosco, comporta uma atitude especial do educador e um conjunto de intervenções fundadas em convicções de amor, de razão e de fé. No centro da sua visão está a “caridade pastoral”. Trata-se de buscar especialmente **o bem espiritual dos jovens, a salvação dos jovens, o seu bem integral** («*Da mihi animas*»).

O Sistema Preventivo encontra sua fonte e seu centro na experiência da caridade de Deus que precede toda criatura com a sua Providência, acompanha-a com sua presença e salva-a dando a vida (cf. *Const.* 20). Dom Bosco tinha uma profunda fé na *benignidade e paternidade misericordiosa de Deus*. A escolha de São Francisco de Sales como exemplo para os seus colaboradores e protetor da sua Congregação é uma confirmação disso.

Essa experiência tem em mira a *acolhida de Deus nos jovens*; neles, Deus nos oferece a graça do encontro com Ele, chama-nos para servi-Lo neles; trata-se de uma experiência que reconhece a dignidade deles, renova a confiança em seus recursos de bem, educa-os para a plenitude da vida (cf. CG23, n. 95). Nessa dinâmica educativa, a atenção aos jovens leva a educá-los para serem protagonistas da evangelização.



A caridade pastoral salesiana tem outra qualificação mais precisa que a define melhor; ela é *caridade pedagógica*. Demonstra paixão educativa, mas também tato, bom senso, medida, afeto e respeito pelo adolescente e o jovem. Essa atitude é fruto da convicção de que cada vida, mesmo a mais pobre, complexa e precária, traz em si, pela presença misteriosa do Espírito, a força da redenção e a semente da felicidade (cf. CG23, n. 92).

A expressão sintética, “**primado da caridade educativa**”, reflete o amor que sabe criar *uma relação educativa*; ela exprime-se na medida do adolescente, do pobre que deve ser ajudado a abrir-se, a descobrir a riqueza da vida, a crescer. Por isso, para o adolescente pobre, às vezes carente de coragem, de educação, de palavras e de pensamento, a caridade pedagógica do educador torna-se comunicação do amor de Deus; uma caridade que chega aos últimos, aos mais humildes, àqueles que têm maiores dificuldades. É expressão da sabedoria paterna que ensina a enfrentar a vida.

C *O Sistema Preventivo envolve o educador e a comunidade da qual participa*

É íntima a unidade da experiência, ao mesmo tempo espiritual e educativa, que se torna ponto de referência e expressão da Família Salesiana na Igreja. Ela pode ser definida como a autêntica espiritualidade da

nossa ação apostólica. Dissociar o método pedagógico de Dom Bosco da sua alma pastoral seria destruir os dois.

*O Sistema Preventivo envolve toda a pessoa do educador e da comunidade da qual participa, junto com os jovens e para eles, com uma modalidade própria de pensamento e sentimento, de vida e atividade, que inspira e caracteriza toda a existência. Na ação operativa do Sistema Preventivo, ao mesmo tempo pedagógica e espiritual, a atividade educativa abre-se com constante e competente inteligência ao Evangelho de Cristo; é o “critério metodológico” da missão salesiana para o acompanhamento dos jovens no delicado processo de crescimento da sua humanidade na fé. Por sua vez, a espiritualidade salesiana respira e age na área educativa como proposta original de vida cristã, organizada ao redor de experiências de fé, de escolhas de valores e estilos evangélicos que constituem a *Espiritualidade Juvenil Salesiana*.*

Os salesianos encontram a própria identidade na fidelidade a esse patrimônio pedagógico (o Sistema Preventivo) e na sua contínua atualização. A meta fundamental do projeto é sintetizada na conhecida fórmula “*honestos cidadãos e bons cristãos*”, segundo a qual Dom Bosco queria “formar construtores da cidade e homens de fé”. Dois termos de um binômio apresentados como unidade inseparável em Dom Bosco: as duas polaridades formam uma unidade indivisível.

2

O Sistema Preventivo como ousadia pastoral

2 1

UM PROJETO EDUCATIVO INTEGRAL

O Sistema Preventivo inspira um projeto educativo de promoção integral presente na proposta de evangelização para os jovens nos diversos contextos. Esclarece, ao mesmo tempo, a riqueza humanista e o coração essencialmente religioso do sistema, no dinamismo da *razão, religião e*

bondade. O Sistema Preventivo torna-se método para a ação caracterizada pela centralidade da razão, razoabilidade das exigências e das normas, flexibilidade e persuasão das propostas; da centralidade da religião, entendida como desenvolvimento do sentido de Deus, conatural a todos, e esforço de levar-lhes a beleza da Boa Nova; da centralidade da bondade, amor educativo, que faz crescer e cria correspondência.

2 1

O DUPLO VALOR DA EDUCAÇÃO PREVENTIVA

A práxis preventiva, embora com diversas nuances, compõe-se de duas atividades inseparáveis: satisfazer *as necessidades primárias dos jovens* (alimentação, vestuário, alojamento, segurança, desenvolvimento físico e psíquico, inserção social, um mínimo de valores) e dar vida a uma *ação educativa mais orgânica à formação social, moral e religiosa da pessoa*. De fato, a intencionalidade do Oratório de Dom Bosco nasce como instituição assistencial e educativa.

A dupla instância é atual, estando em ato uma decisiva exaltação dos **valores assistenciais e sociais do projeto educativo salesiano**, como também a promoção e o crescimento da dimensão **cognitiva, afetiva, ética e espiritual**.

A O Sistema Preventivo nas situações de insatisfação e recuperação

A “preventividade” nas situações de insatisfação e de recuperação levamos novamente a Dom Bosco, que visitava as prisões, andava pelas ruas e ia aos locais de trabalho para encontrar os meninos; Dom Bosco que, mesmo depois da institucionalização do Oratório socorria os jovens empesteados nas casas e nos becos de Turim; Dom Bosco que enviava os salesianos missionários para junto dos jovens que não tinham um “lugar” adequado ao seu desenvolvimento humano e social.

Hoje, numa época de “emergência” educativa, o estilo preventivo pode obter resultados muito satisfatórios. O humanismo pedagógico-cristão, no qual se funda o Sistema Preventivo, constitui uma resposta assistencial e social ao mesmo tempo educativa e pastoral. **A “caridade educativa” não pode deixar de ser “caridade social”**. A evangelização apresenta-



«Precisamos caminhar, portanto, na direção de uma confirmação atualizada da “opção social, política e educativa” de Dom Bosco. Isso não significa promover um ativismo ideológico, ligado a determinadas opções político-partidárias, mas formar para a sensibilidade social e política que sempre leve a investir a própria vida como missão pelo bem da comunidade social, com referência constante aos inalienáveis valores humanos e cristãos»

(PADRE PASCUAL CHÁVEZ, ACG 415, “COMO DOM BOSCO EDUCADOR”)

se sempre estreitamente integrada com a promoção humana e a liberdade da proposta cristã. O mandamento do amor é único, embora com dois polos de referência, Deus e o próximo.

As profundas transformações que se deram na “sociedade complexa” demonstram a *mais articulada fenomenologia da “condição juvenil”* e em particular daquela que Dom Bosco chamava de “pobre, abandonada, vulnerável”. Uma juventude intensamente problemática sob o aspecto da educação e da reeducação, os jovens atingidos pela marginalização e a pobreza econômica, social, cultural, afetiva, moral e espiritual. O panorama

da insatisfação juvenil que invoca urgentemente a intervenção educativa articula-se sobre o acúmulo dessas pobreza, frequentes nos países em vias de desenvolvimento, mas também nas grandes cidades dos países desenvolvidos.

É preciso prevenir o mal com o remédio da educação.

Diante das graves situações de injustiça e das violações perpetradas contra os direitos humanos em nossas sociedades, o carisma de Dom Bosco e o seu sistema educativo exortam-nos à ação, no plano pessoal e no plano coletivo. Com olhar renovado, a preventividade através da educação deve transformar as estruturas de miséria e marginalização, particularmente dos menores de idade. Temos a possibilidade de oferecer uma preventividade que promove o bem: **intervenções educativas que reforçam a integralidade dos direitos fundamentais** civis, culturais, religiosos, econômicos, políticos e sociais.

Há também a necessidade de criar comunidades capazes de repropor os valores fundamentais, talvez ausentes já na primeira idade da vida. A “educação libertadora” do Sistema Preventivo tem em vista acompanhar os adolescentes e os jovens, já marcados por condicionamentos negativos: situações que os tornam pobres do ponto de vista sociocultural, econômico, moral, espiritual e religioso (cf. CG20, n. 61). A preventividade salesiana exprime-se, pois,

em muitíssimas opções práticas; ela responde à urgência indicada em cada contexto. O pluralismo operacional pelos jovens mais necessitados é expressão da riqueza da educação salesiana, em que *a afetividade vivida ou recuperada consegue unir-se de modo fecundo com a razão e a religião*.

A “experiência educativa” de Dom Bosco tende a ser “sistema” de assistência, educação e socialização. Educar significa “prevenir”, em todas as suas possíveis acepções. Educar exprime-se no “acolher”, no “dar novamente a palavra” e no “compreender”. Educar significa ajudar os indivíduos a reencontrarem a si mesmos, acompanhá-los com paciência no caminho da recuperação de valores e da confiança em si; comporta a reconstrução das razões de viver, descobrindo a beleza da vida. Educar fala da renovada capacidade de diálogo, mas também da proposta rica de interesses e solidamente ancorada no que é fundamental; envolver os jovens em experiências que os ajudem a perceber o sentido do esforço cotidiano; oferecer instrumentos fundamentais para ganhar o próprio sustento, tornando-os capazes de agir como sujeitos responsáveis em todas as circunstâncias. Educar exige conhecer as problemáticas sociais juvenis do nosso tempo (v. capítulo I).

B A arte de educar positivamente

A “preventividade” é expressa num projeto formativo de educação positiva:

«A arte de educar de modo positivo, propondo o bem em experiências adequadas e empenhativas, capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens “a partir de dentro”, fazendo apelo à liberdade interior, contrastando os condicionamentos e os formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens, para estimulá-los, com alegria e satisfação, para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro, por meio de uma sólida formação do caráter»

[JUVENUM PATRIS 8]

A fórmula razão, religião, bondade, que sintetiza o sistema de Dom Bosco, é entendida como **a inspiração fundamental do projeto educativo de promoção integral da pessoa**, que entende dar uma resposta plena à demanda de evangelização do mundo juvenil. O amor pedagógico, no

método de Dom Bosco, desenvolve-se em três atitudes: amor-cordialidade, amor-racionalidade, amor-fé. O Sistema Preventivo torna-se projeto formativo e pedagógico, um conjunto de elementos que compõem a totalidade no tríptico valor *afetivo, racional e religioso*:



» A força libertadora do amor educativo

O amor pedagógico é, antes de tudo, **autêntico amor humano**; o princípio do método é a *bondade*, expressa como amor educativo que faz crescer e cria correspondência em relações cordiais. Aqui está a grande intuição de Dom Bosco: a força libertadora do amor educativo. Em contato com educadores que nutrem profunda paixão e bondade educativa, os jovens sentem-se solicitados a exprimir a própria parte melhor e aprendem a fazer sua a experiência cultural e religiosa que os precede. A caridade pastoral, centro e alma do espírito salesiano, evoca algumas atitudes de fundo. Antes de tudo as *relações pessoais*. Para Dom Bosco, o amor pedagógico é, ao mesmo tempo, espiritual e afetivo. É um amor que brota da vontade, que leva o educador a buscar unicamente o bem do educando, esquecendo-se completamente de si mesmo. Em força desse amor, o educador é levado com intensidade à ação e ao espírito de sacrifício. Assim, a realidade mais espiritual do amor educativo é chamada a manifestar-se como cordialidade e afeto. O amor cordial consiste antes de tudo em querer realmente o bem do outro enquanto pessoa. O amor maduro é ao mesmo tempo caracterizado pela vontade e pelo afeto.

O amor-cordialidade-bondade foi ilustrado por Dom Bosco, sobretudo na *Carta de Roma*, de 1884, em relação a uma situação de crise que

se manifestava nos seus institutos. Ele expõe o que lhe parece essencial na relação educativa. Referindo-se à experiência pessoal, procura fazer entender que o amor de vontade com o total empenho do educador, é certamente coisa apreciável e boa, mas insuficiente e sem resultados pedagógicos, se os jovens não “sentem” o amor, ou se este não se torna linguagem e sinal que floresce em comunhão e cordialidade. O educador que se entrega inteiramente aos jovens, mas não consegue fazer “sentir” que aquilo que lhe interessa é o bem do jovem, não terá resultados pedagógicos. A primeira coisa no amor não é a ação, mas a atenção à pessoa como tal. **É a força do encontro gratuito, que tem significado e dá valor a todos os outros valores.**

» *As diversas formas da racionalidade nas propostas*

O amor pedagógico de Dom Bosco é também amor-razional. Dom Bosco concentra-se nele: **o amor pedagógico deve ser acompanhado da racionalidade** manifestada de muitas formas: racionalidade das exigências e das normas, sem pressão emocional e sentimental; flexibilidade e bom-senso nas propostas; cuidado com o espaço de compreensão, diálogo e paciência, partindo do mundo concreto dos jovens; realismo e espírito de iniciativa; naturalidade e espontaneidade; sensibilidade pelo que é concretamente factível; apelo à convicção pessoal.

Trata-se da ação educativa que, de um lado, estimula os jovens a desenvolverem os próprios talentos e serem ativos e empreendedores no trabalho e, de outro, educa-os a não confiarem apenas em si mesmos, a evitarem a ambição e o orgulho intelectual. A racionalidade ajuda o educador a oferecer adequadamente os valores que no presente concreto são bons e permitem ao jovem ser realmente pessoa. Numa sociedade que se transforma rapidamente e na qual a capacidade de julgamento e o senso crítico são indispensáveis, apresenta-se um terreno magnífico



para a educação baseada na racionalidade. Ela ajuda a avaliar as coisas com senso crítico e a descobrir o valor autêntico das realidades terrenas, respeitando a sua autonomia e a dignidade laical.

» *O amor pedagógico baseia-se na fé*

O amor pedagógico é iluminado pela *fé*, no **desenvolvimento do sentido de Deus, conatural a todas as pessoas, e no esforço de evangelização cristã**. Para Dom Bosco, o amor cordial e racional alimenta-se de uma raiz profunda. Os jovens são pessoas chamadas à plenitude real da vida, à comunhão com Deus e com o próximo. Dom Bosco julgava que, fora dessa perspectiva, a proposta educativa perde a sua força e o seu significado. O amor educativo do salesiano é *símbolo do amor de Deus pelos jovens*. Dom Bosco fundador, pai dos órfãos, educador maduro, sonhador e empreendedor arrojado, promotor intuitivo de iniciativas pastorais e educativas é compreendido a partir de dois núcleos dinâmicos da sua vocação: a natural atitude cordial e afetuosa pelos jovens e o dom incondicional de si a Deus como resposta à missão recebida.

No Sistema Preventivo, a religião é a da “Boa Nova”, do Evangelho, das bem-aventuranças, de Jesus que considerou os seus discípulos como amigos e não servos, e chama a todos a buscarem o Reino de Deus e a sua justiça, e vive e age conosco todos os dias até o fim do mundo. A religião do Sistema Preventivo é popular, simples e vai ao essencial: “amor de Deus e amor do próximo”.

Mais concretamente: é a *religião do humanismo devoto de São Francisco de Sales*, que aprendeu de Deus a ser amável, bom, capaz de paciência e de perdão; e na Encarnação do Senhor reconhece que somos todos chamados no Filho a compartilhar a santidade, ou seja, a viver segundo o Evangelho em todas as condições de vida, em todos os momentos, em todas as situações, em todas as idades.

Mais profundamente, é a religião vivida no Espírito que ajuda a discernir no tempo os sinais da *Sua presença e da vontade de Deus*. Ele é a fonte do otimismo, que não nos deixa cair no pessimismo e que nos desanimemos nas dificuldades.

Em *contextos secularizados*, nos quais a cultura parece silenciosa, incapaz de falar do Pai de Jesus Cristo, será preciso educar as invocações de

transcendência e as grandes questões de sentido colocadas pela vida e pela morte, pela dor e pelo amor, sem esconder o raio de luz que nos vem da nossa fé (cf. CG23, n. 76, 77, 83).

Nos contextos das *grandes religiões monoteístas ou tradicionais*, o primeiro diálogo educativo será com os leigos mais próximos para reconhecer com eles a graça presente nessas religiões, encorajar o desejo da oração e valorizar os fragmentos de Evangelho e de sabedoria educativa presentes na cultura, na vida, na experiência dos jovens (cf. CG23, n. 72-74, 86).

3

O Sistema Preventivo como proposta de espiritualidade

O trinômio *razão, religião, bondade*, articulação da caridade pastoral e alma do Sistema Preventivo, não expressa apenas o projeto educativo de formação integral e nem é apenas o método prático que o educador deve utilizar, mas também revela os traços fundamentais de uma **espiritualidade a descobrir, viver e renovar continuamente** (cf. P. Egidio Viganò, ACG 334, “Espiritualidade salesiana para a nova evangelização”). A Pastoral Juvenil Salesiana afunda suas raízes, portanto, numa espiritualidade viva que a nutre e estimula a buscar a Deus no serviço aos jovens.

A espiritualidade é uma releitura do Evangelho, capaz de unificar os gestos e as atitudes que caracterizam a existência cristã. Como fruto disso, **encontramos na raiz da Pastoral Juvenil Salesiana uma espiritualidade para o nosso tempo**, que significa a possibilidade da experiência de Deus no contexto da própria vida, um caminho de santidade, um projeto específico de vida no Espírito.

Há uma espiritualidade cristã fundamental que brota da mensagem do Evangelho, mesmo existindo, depois, diferentes tipos de espiritualidade cristã segundo as tonalidades históricas e, sobretudo, carismáticas de relevo, que descobrimos na experiência do Deus trinitário, em nível pessoal ou

comunitário. Alguns valores evangélicos foram intensamente evidenciados na tradição eclesial por diversos Fundadores, fiéis à Palavra de Deus, iluminados e guiados pelo seu Espírito.



A nossa ação educativa deve «propor de novo a todos, com convicção, esta ‘medida alta’ da vida cristã ordinária».

[NOVO MILLENNIO INEUNTE 31]

Consequentemente, podemos falar de uma espiritualidade salesiana, **espiritualidade carismática** que enriquece toda a Igreja com um modelo de vida cristã, caracterizado por um itinerário concreto de santidade. **Espiritualidade apostólica**, porque, guiados pelo Espírito, somos enviados a colaborar na missão do Pai que dá eficácia salvífica à nossa ação educativa e evangeli-

zadora entre os jovens e, ao mesmo tempo, unifica toda a nossa existência no seu centro inspirador. Espiritualidade, enfim, que faz dos jovens evangelizadores de outros jovens.

Portanto, essa espiritualidade *não se reduz a um conjunto de práticas psicológicas ou terapêuticas* destinadas a garantir o bem-estar da pessoa. Nelas, a “vida espiritual” é como a adesão a um sentimento, a um dado subjetivo sentido interiormente como experiência totalmente intimista. Nessas configurações reconhecem-se os influxos de muitas filosofias e ideologias que negam os conteúdos revelados da fé cristã e colocam-se como sua alternativa; negam a transcendência de Deus e o seu ser pessoal; não se confrontam com a realidade do pecado nem consideram a necessidade da graça e da salvação em Cristo. Acreditam que o bem-estar é obtido pelo homem apenas com suas forças, e Jesus Cristo é uma entre as muitas manifestações do divino que, com nomes diversos, se sucederam na história humana.

A Pastoral Juvenil Salesiana, entretanto, propõe uma espiritualidade que facilita e favorece **a visão unitária da vida**, indicando a ligação estrita e conatural que abraça a gratuidade de Deus, a alegria do encontro com Cristo e a liberdade da vida no Espírito.

3 1

A ESPIRITUALIDADE É, ANTES DE TUDO, VIDA NO ESPÍRITO

A *O primado da gratuidade de Deus*

A espiritualidade é, antes de tudo, *vida no Espírito*. Só a Ele pertence a iniciativa. Ele tem o primado da gratuidade, da iniciativa do amor de Deus e do encontro com Jesus Cristo.

A vida espiritual tem em Deus, Mistério de Amor, a sua fonte, o seu centro e a sua meta. Podemos entender a vida espiritual como experimentar o amor de Deus, viver a experiência de amizade e de intimidade com Ele e reconhecer-nos enviados por Ele à missão pelos jovens. Também neles atua o mesmo dinamismo de descoberta do amor e do chamado a testemunhá-lo.

Deus é o centro unificador da nossa vida, a fonte da nossa comunhão fraterna, o inspirador da nossa ação. Viver “*na presença de Deus*” significa cultivar uma profunda e contínua relação com Deus, inundados do seu Amor e enviados aos jovens. Significa acolher os sinais da Sua misteriosa presença nas demandas e expectativas de homens e mulheres do tempo presente.

B *O encontro com Cristo*

Centro da vida espiritual é a experiência da fé cristã, **o encontro com Jesus Cristo, Evangelho de Deus**. Enraizar-se em Cristo e conformar-se a Ele é um dom e, ao mesmo tempo, o horizonte da Pastoral Juvenil Salesiana. A escuta da Palavra, a liturgia, a vida dos sacramentos e o dom de si no serviço aos irmãos são importantes na vida cristã e na ação pastoral.

C *A vida no Espírito Santo*

A vida espiritual consiste em aceitar que a nossa existência seja plas-



«Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»

(DEUS CARITAS EST 1)

mada pelo Espírito na ação da graça. **Nessa relação de amor podemos afirmar o primado da graça e, ao mesmo tempo, a contribuição livre e consciente do homem.** O ser humano colabora colocando-se à escuta e mantendo-se disponível e dócil. O seu desejo é encontrar-se com o Senhor. Na oração, pede que este encontro aconteça e contribua, na sua vida, para a missão.

A vida espiritual é um dinamismo que se desenvolve num processo temporal que assume todas as dimensões do ser humano, com ritmo próprio e com os próprios momentos de crescimento e de prova.

3 2

UMA PROPOSTA ORIGINAL DE VIDA CRISTÃ: A ESPIRITUALIDADE JUVENIL SALESIANA

A *A espiritualidade salesiana, expressão concreta da caridade pastoral*

A caridade pastoral educativa é o coração do espírito salesiano que vive no encontro e na confissão de Jesus Cristo, o Senhor. O Sistema Preventivo é verdadeiramente uma **proposta de espiritualidade para todos: salesianos, leigos envolvidos no espírito e na missão de Dom Bosco, famílias e jovens.** Dom Bosco indicou na sua experiência pedagógica e pastoral o caminho da santidade juvenil e demonstrou no seu método a validade da sua elevada finalidade, com resultados admiráveis.

O segredo do sucesso de Dom Bosco educador foi a sua intensa caridade pastoral, aquela energia interior que uniu inseparavelmente nele o *amor de Deus* e o *amor do próximo*, tornando-o capaz de compor em síntese a atividade evangelizadora e a atividade educativa. A espiritualidade salesiana, expressão concreta da caridade pastoral, constitui, portanto, um elemento fundamental da ação pastoral: a espiritualidade salesiana, fonte da vitalidade evangélica, alma da caridade pastoral, permanece o seu princípio de inspiração e identidade, o seu critério de orientação. Devemos viver certos disso e sermos promotores atualizados da sua sabedoria pastoral. A espiritualidade vivenciada é a atitude própria dos crentes empenhados. Não se trata de um espiritualismo de fuga, mas de uma espiritualidade de fronteira, de busca, de iniciativa, de coragem, numa palavra, de realismo.

Em Dom Bosco, tudo isso assume o nome de “coração oratoriano”: fervor, zelo apostólico, efusão de todos os recursos pessoais, busca de novas intervenções, capacidade de resistir nas provas, vontade de recomeçar depois dos insucessos, otimismo cultivado e difundido; é a solicitude, cheia de fé e caridade, que encontra em Maria um exemplo luminoso de entrega de si (cf. *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 29).

B *Programa e itinerário da Espiritualidade Juvenil Salesiana*

A espiritualidade salesiana adaptada aos jovens, vivida com e pelos jovens, pensada e realizada no interior da experiência do jovem, tem em mira gerar uma imagem cristã proponível àqueles que, inseridos no nosso tempo, vivem suas condições atuais; dirige-se a todos os jovens adequando-se aos “mais pobres”, capaz ao mesmo tempo de indicar metas aos que fazem mais progressos; pretende tornar o jovem protagonista de propostas para os coetâneos e no ambiente de vida.

A espiritualidade salesiana associa-se ao Sistema Preventivo; é o *desenvolvimento do Projeto Educativo-Pastoral* oferecido a todos os sujeitos da Comunidade Educativo-Pastoral, traduzido em itinerários de maior compromisso. Os elementos a seguir se entrelaçam; cada um deles representa uma ênfase relativa ao que é expresso pelos outros: a vida, Cristo, as bem-aventuranças, a Igreja, Maria, o serviço são pontos de referência para refletir e viver em unidade a totalidade da experiência cristã.

» *A vida cotidiana como lugar do encontro com Deus*

A Espiritualidade Juvenil Salesiana considera a vida cotidiana como lugar de encontro com Deus (cf. *Const.* 18; CG23, n. 162-164; CG24, n. 97-98; *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 27-28, 34). À base da **compreensão do cotidiano e da avaliação positiva da vida** há a fé e a compreensão contínua do evento da Encarnação; espiritualidade que se deixa guiar pelo mistério de Deus que com a Encarnação, Morte e Ressurreição, afirma sua presença de salvação em toda a realidade humana.

O cotidiano do jovem é feito de obrigações, socialidade, diversão, tensão de crescimento, vida de família, desenvolvimento das próprias capacidades, perspectivas de futuro, demandas de intervenção, aspirações. Essa é

realidade a ser assumida, *aprofundada e vivida à luz de Deus*. Segundo Dom Bosco, para ser santo é preciso fazer “bem” aquilo que se deve fazer; ele considera a fidelidade ao dever na sua cotidianidade como critério de comprovação da virtude e sinal de maturidade espiritual. Um realismo prático centrado no cotidiano, o sentido religioso do dever em cada momento da jornada.

Para que a vida cotidiana possa ser vivida como espiritualidade, é necessária a *graça de unidade* que ajuda a harmonizar as diversas dimensões da vida ao redor de um coração habitado pelo Espírito de Amor. A graça de unidade que torna possível a conversão, a purificação e a força do sacramento da Reconciliação, meio privilegiado; que faz com que através “do trabalho e da contemplação” o coração se mantenha livre, aberto a Deus e entregue aos irmãos, especialmente aos jovens e aos jovens pobres.

Dom Bosco inspirou-se em São Francisco de Sales como mestre de uma espiritualidade simples porque essencial, popular porque aberta a todos, simpática porque cheia de valores humanos e, por isso, particularmente disponível à ação educativa.

Entre as **atitudes e as experiências do cotidiano a se viver** em profundidade no Espírito podem estar:

- ▮ a vida de família;
- ▮ o amor ao trabalho/estudo, o crescimento cultural e a experiência escolar;
- ▮ a ligação das “experiências intensas” com os “itinerários ordinários da vida”;
- ▮ a visão positiva e reflexiva diante da própria época;
- ▮ a acolhida responsável da própria vida e do próprio itinerário espiritual de crescimento no esforço de cada dia;
- ▮ a capacidade de orientar a vida segundo um projeto vocacional.

» **Espiritualidade pascal de alegria e de otimismo**

A verdade decisiva da fé cristã é o Senhor ressuscitado. A glória eterna é a nossa meta última, mas também, atual, porque se fez realidade no corpo de Jesus Cristo. *A Espiritualidade Juvenil Salesiana é pascal e escatológica.*

As tendências mais radicais no coração da pessoa são o desejo e a busca da felicidade. A alegria é a expressão mais nobre da felicidade e, com a festa e a esperança, é característica da espiritualidade salesiana. A fé cristã é, por vocação, anúncio de felicidade radical, promessa e oferta de “vida eterna”, sem termos de espaço, de tempo, de limites nas aspirações. A descoberta do Reino e o encontro com Cristo são *bem-aventuranças do homem*. Essas realidades, contudo, não são uma conquista, mas um dom: Deus é a fonte da verdadeira alegria e da esperança. Sem excluir o valor pedagógico da alegria, afirma-se principalmente o seu valor teológico. Dom Bosco vê nela uma manifestação imprescindível da vida da graça.

Dom Bosco entendeu, e fez seus jovens entenderem, que empenho e alegria caminham juntos, que **santidade e alegria são um binômio inseparável**. Dom Bosco é o santo da alegria de viver, e seus jovens aprenderam bem a lição de vida na linguagem tipicamente oratoriana, que a “santidade consiste em estar sempre alegre” (cf. CG23, n. 165). A Pastoral Juvenil Salesiana propõe um itinerário de santidade simples, alegre e serena (cf. *Const.* 17; CG23, n. 165-166; *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 33).

A valorização da alegria como ato do Espírito, fonte de empenho e seu fruto, comporta que se favoreçam nos jovens **algumas atitudes e experiências**:

- ▮ a experiência alegre do afeto às pessoas num ambiente de participação e de relações sinceramente amigáveis e fraternas;
- ▮ a livre expressão nas festas juvenis e nos encontros de grupo;
- ▮ a admiração e o prazer pelas alegrias que o Criador colocou em nosso caminho: a natureza, o silêncio, as atividades feitas em comum no sacrifício e na solidariedade;
- ▮ a graça de poder viver a cruz e o sofrimento sob o signo e a consolação da Cruz de Cristo.

» **Espiritualidade de amizade e de relação pessoal com o Senhor Jesus**

A Espiritualidade Juvenil Salesiana leva o jovem ao encontro com Jesus Cristo e torna factível uma relação de amizade com Ele alimentada na confiança, num vínculo vital e numa adesão fiel. **Muitos jovens nutrem o desejo sincero de conhecer Jesus** e buscam uma resposta às questões

sobre o sentido da própria vida, que só Deus pode dar.

Amigo, Mestre e Salvador são os títulos que descrevem a centralidade da pessoa de Jesus Cristo na vida espiritual dos jovens no método salesiano (cf. *Const.* 11; *CG23*, n. 167-168; *CG24*, n. 61; *Carta de Identidade*

Carismática da Família Salesiana, n. 24, 36). É interessante recordar que Jesus é apresentado por Dom Bosco como *amigo* dos jovens – «Os jovens são a delícia de Jesus», dizia –; como *mestre* de vida e de sabedoria; como *modelo* de todo cristão; como *redentor* que entrega sua vida no amor e na paixão pela salvação até a morte; como *presente* nos pequenos e necessitados. Recorre muitas vezes à citação «Sempre que fizestes estas coisas a um dos mais pequenos destes meus irmãos, o fizestes a mim» (Mt 25, 40).

Eis, como exemplo, algumas **atitudes e experiências a serem favorecidas e desenvolvidas** para um itinerário de conformidade progressiva a Cristo:

- ▮ participação de fé na comunidade, que vive da memória e da presença do Senhor e o celebra nos sacramentos da iniciação cristã;
- ▮ pedagogia da santidade, que Dom Bosco mostrou na reconciliação com Deus e com os irmãos através do sacramento da Penitência;
- ▮ aprendizagem da oração pessoal e comunitária, mediações privilegiadas para crescer no amor e na relação pessoal com Jesus Cristo. A oração salesiana é simples e para todos, afunda suas raízes na vida cotidiana;
- ▮ aprofundamento sistemático da fé iluminada pela leitura e a meditação da Palavra de Deus.



«Devemos ajudar os jovens a ganharem confiança e familiaridade com a Sagrada Escritura, para que seja como uma bússola que indica a estrada a seguir»

[VERBUM DOMINI, 104]

» **Espiritualidade eclesial e mariana**

A experiência e o conhecimento adequado de Igreja são distintivos da espiritualidade cristã. A Igreja é comunhão espiritual e comunidade que se faz visível através de gestos e convergências também

operativas; é serviço aos homens dos quais não se separa como numa “seita” que só considera boas as obras que trazem o sinal da própria pertença; é o lugar escolhido e oferecido por Cristo, no tempo e no espaço da nossa história, para poder encontrá-Lo. Ele entregou à Igreja a Palavra, o Batismo, o seu Corpo e o seu Sangue, a graça do perdão dos pecados e os demais Sacramentos, a experiência de comunhão e a força do Espírito que levam à caridade pelos irmãos. É preciso um sentido sempre mais responsável e corajoso de pertença à Igreja particular e universal. A Família de Dom Bosco tem, de fato, entre os tesouros de casa uma rica tradição de fidelidade filial ao Sucessor de Pedro e de comunhão e colaboração com as Igrejas locais (cf. *Const.* 13; CG21, n. 96, 102; CG23, n. 169-170; CG24, n. 62-64, 91-93; *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 26).

As **atitudes e as experiências** a dar vida são, portanto:

- ▮ o ambiente concreto da casa salesiana como lugar em que se experimenta uma imagem de Igreja agradável, simpática, ativa, capaz de responder às expectativas dos jovens;
- ▮ os grupos e, sobretudo, a Comunidade Educativo-Pastoral, que reúne jovens e educadores num ambiente de família ao redor de um projeto de educação integral dos jovens;
- ▮ a participação na Igreja local que reúne todos os esforços de fidelidade dos cristãos na comunhão visível e no serviço perceptível em um determinado território;
- ▮ a estima e confiança para com a Igreja universal, vivida na relação de amor pelo Papa, na informação sobre as situações em que o povo de Deus vive limitado em seu desejo de viver a fé; no conhecimento dos santos e das personalidades significativas do pensamento e das realizações cristãs nos diversos campos.

A Espiritualidade Juvenil Salesiana é uma espiritualidade mariana. Maria foi chamada por Deus Pai para ser, na graça do Espírito Santo, mãe do Verbo, e entregá-Lo ao mundo. A Igreja olha para Maria como exemplo de fé; Dom Bosco teve esse olhar e nós somos chamados a imitá-lo em comunhão com a Igreja (cf. *Const.* 34, 92; CG23, n. 177; CG24, n. 68, 188; *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 11, 37).

Estamos convencidos de que o Espírito Santo suscitou a obra salesiana com a intervenção materna de Maria (cf. *Const.* 1). Ela indicou a Dom

Bosco o seu campo de ação entre os jovens, guiou-o e sustentou-o constantemente e está presente entre nós e continua a Sua missão de Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos (cf. *Const.* 8). No Oratório de Valdocco, Maria era uma presença viva: inspiradora, guia e mestra. Domingos Sávio, Miguel Magone e muitos outros jovens contemplaram-na não como ideal abstrato ou simples objeto de culto e devoção, mas como uma *pessoa viva e atuante*, que preenche a casa e faz sentir e experimentar a proximidade do amor de Deus. A Espiritualidade Juvenil Salesiana estimula a entrega simples e confiante à assistência materna da Virgem Maria.

Ela também é reconhecida como *Mãe de Deus e nossa*; como a Imaculada, cheia de graça, totalmente disponível a Deus, santidade, vida cristã vivida com coerência e totalidade; como Auxiliadora, auxílio dos cristãos na grande batalha da fé e da construção do Reino de Deus, Aquela que protege e orienta a Igreja; sustento e apoio da fé, considerada por Dom Bosco como “A Senhora dos tempos difíceis”.

Em Maria Auxiliadora, temos um *modelo* e *uma guia* para nossa ação educativa e apostólica. Ela é proposta com amor-admiração ao culto e à imitação, na participação das celebrações e na memória de suas mensagens. Mãe e Mestra da nossa experiência formativa, nós a invocamos de modo especial na oração (cf. *Const.* 84.87.92; *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 37), meditando no Evangelho as suas ações e as suas palavras.

» *Espiritualidade de serviço responsável*

A vida assumida como encontro com Deus, o caminho de identificação com Cristo, o empenho pelo Reino, a Igreja percebida como comunhão-serviço em que cada um tem o próprio lugar e onde há necessidade dos dons de todos, fazem emergir e amadurecer uma convicção: **a vida é conduzida no interior de uma vocação de serviço** (cf. *Const.* 7, 19; CG23, n. 178-180; CG24, n. 94-96; *Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana*, n. 35).

Tudo isso encontra grande correspondência na experiência de Dom Bosco, jovem e apóstolo. Ele, desde o sonho dos nove anos, percebeu e viveu a própria existência como vocação. *Escuta e responde com coração generoso ao convite* de colocar-se entre os jovens para salvá-los. Dom Bosco convidava seus jovens para um «exercício prático de amor ao próximo». A Espiritualidade Juvenil Salesiana é apostólica: tem a convicção de sermos

chamados a colaborar com Deus na Sua missão, com dedicação, fidelidade, confiança e disponibilidade total. Com um empenho concreto a serviço do bem segundo as próprias responsabilidades sociais e as necessidades materiais e espirituais dos outros.

O serviço responsável comporta algumas **atitudes e experiências** a serem favorecidas, que podem ser reunidas ao redor de quatro áreas:

- ▮ abertura à realidade e ao contato humano: Dom Bosco pedia aos seus jovens que fossem “bons cristãos e honestos cidadãos”. Ser honesto cidadão comporta hoje, para o jovem, promover a dignidade da pessoa e os seus direitos, em todos os contextos; viver com generosidade na família e preparar-se para formar a própria na base da entrega recíproca; favorecer a solidariedade, especialmente em relação aos mais pobres; realizar o próprio trabalho com honestidade e competência profissional; promover a justiça, a paz e o bem comum na política; respeitar a criação e favorecer a cultura (cf. CG23, n. 178);
- ▮ empenho sério para individuar o próprio projeto de vida;
- ▮ amadurecimento gradual e opções progressivas e coerentes de serviço à Igreja e aos homens. O serviço responsável cresce no testemunho de vida e concretiza-se em muitos âmbitos: animação educativo-pastoral e cultural, voluntariado e missionariedade;
- ▮ prontidão para enfrentar situações novas e capacidade de renunciar às coisas secundárias para assumir os valores essenciais.

A Espiritualidade Juvenil Salesiana, portanto, pretende ajudar cada jovem no itinerário vocacional, para que ele descubra o sentido da própria vida, na verdade, em diálogo com Deus.

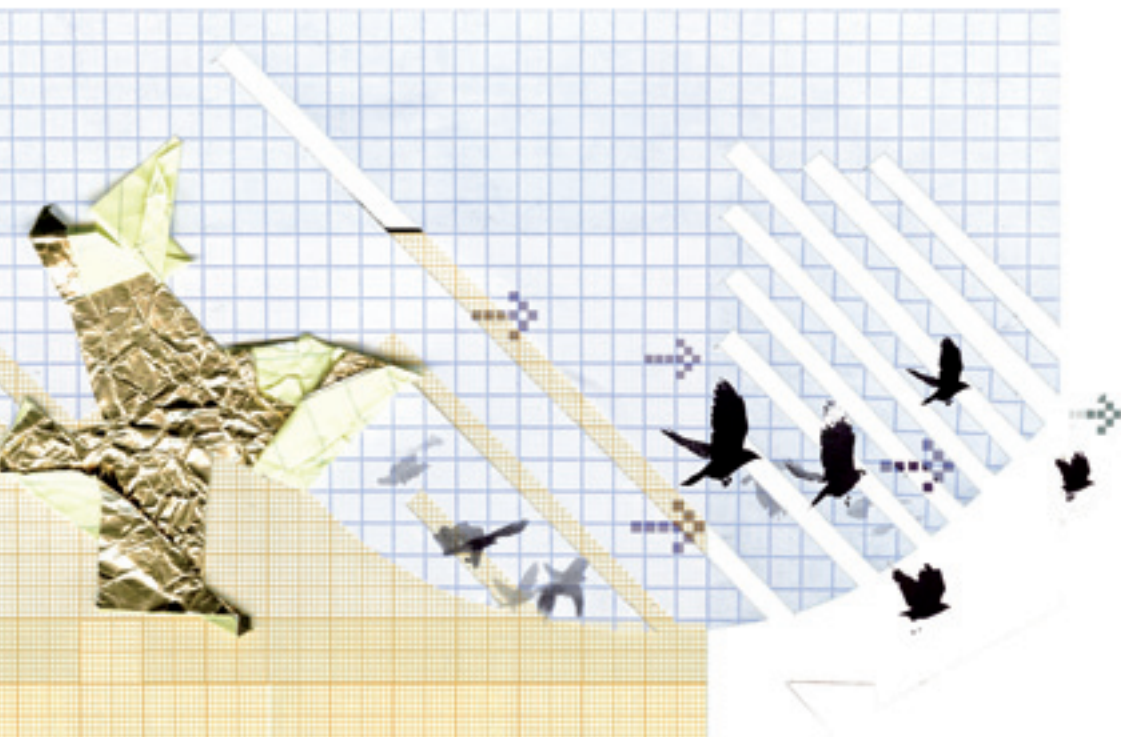
C *Planejar itinerários de educação à fé*

A espiritualidade, antes de ser formulação sistemática, é “experiência” de vida. **É preciso traduzir a síntese teórica em itinerários pedagógicos estruturados em etapas graduais**, segundo a condição dos meninos e dos jovens que os devem atuar (objetivos, atitudes, conhecimentos, empenhos concretos e experiências) com alguns conteúdos claramente definidos. A Congregação Salesiana indicou *quatro áreas de amadurecimento humano e cristão*: identidade humana, encontro com Cristo, empenho pelo Reino e pertença eclesial (cf. CG23, n. 120-157).

Dom Bosco, ao propor seu sistema educativo-pastoral, traçou um caminho “fácil” de santidade para os jovens, criando um ambiente adequado para o seu crescimento como homens e como cristãos, e conseguindo *personalizar os itinerários educativos concebidos na medida deles*. Basta aproximar as três biografias de Domingos Sávio, Francisco Besucco e Miguel Magone para ficar claro que os itinerários eram intensamente unitários nas intenções educativas e sabiamente diferenciados segundo a singularidade do sujeito.

Brevemente, o que significa elaborar itinerários? Eis **alguns critérios operativos** que orientam a dinâmica do itinerário de fé:

- ▮ *flexibilidade*, que supera a rigidez estrutural e o fixismo. O itinerário deve adequar-se aos jovens que vivem situações pessoais e ambientais diferenciadas, embora seja sempre adequado em relação à meta a tender. Trata-se, por isso, de projetar percursos abertos, repondo a integralidade da mensagem no modo e nas formas adequadas às várias idades e condições culturais e espirituais dos jovens concretos;
- ▮ *continuidade*, contrária à periodicidade e improvisação, e *gradualidade*, que supera a lógica do “tudo e já” a favor de uma sábia paciência e espera educativa. O itinerário assume assim a carac-



terística de um percurso iniciático, capaz de estimular e envolver a liberdade do jovem na realização dos passos a dar e assumir as responsabilidades que o itinerário educativo simbolicamente projetou mediante a proposta de conteúdos progressivos e de modalidades de interiorização. É preciso estabelecer uns e outras, apresentando em cada etapa as metas essenciais e fundamentais do crescimento humano e cristão;

- *orientação*, para o ponto de chegada e a consecução de resultados formativos: caminhar para a meta do “bom cristão e do honesto cidadão”, buscando a consolidação dos valores, das atitudes e capacidades fundamentais. Isso significa concretude, ou seja, aderência à realidade para discernir através de resultados comprováveis, a adequação das propostas e das intervenções;
- *organicidade*, em vista da promoção integral da personalidade de cada um, ou seja, harmonizar com critério educativo a expansão da experiência humana, a descoberta do significado cristão, a expressão da fé. O itinerário unifica os três fatores em circularidade, pelo que um deles evoca, provoca e faz crescer os demais, chegando a uma rica unidade pessoal cristã. Educar o “bom cristão e o honesto cidadão” exige, portanto, que a proposta educativa por inteiro e cada etapa do itinerário tenham como horizonte de sentido e de ação todas as dimensões da pessoa do jovem.

É importante a abordagem pedagógica do método, em conexão estrita com a dos conteúdos e da dinâmica. A atenção aos estilos relacionais e de comunicação, aos elementos que se referem à dinâmica e à qualidade do processo é subordinada ao objetivo e aos conteúdos. Devem-se privilegiar as formas mais adequadas à idade juvenil, as mais flexíveis, que deem amplo espaço ao aprofundamento sistemático e à criatividade; alguns “pontos de não retorno”, muito importantes, brotam da realidade. Os educadores salesianos *não podem ignorar os principais aspectos caracterizadores dos jovens contemporâneos* e que incidem profundamente na vivência, também religiosa, caso contrário arriscam a inadequação e a ineficácia das propostas. A pastoral juvenil será autêntica se for caracterizada pela flexibilidade e criatividade.

Nesse sentido, o método também é mensagem. Os jovens pedem um estilo de anúncio cristão propositivo, capaz de estabelecer uma comunicação correta e dar espaço à criatividade e às modulações linguísticas de hoje. Para a realidade dos jovens e a qualidade dos objetivos e dos conteúdos a comunicar, é necessário levar em consideração os seguintes **critérios de método**:

Concretude

Os jovens apreciam e acolhem os passos concretos, as ações iniciadas, a eficácia do que é proposto. Tudo que é feito deve ser revisto, enfatizado, agradecido, avaliado e verificado no cotidiano concreto;

Símbolo

É necessário educar a capacidade simbólica, ou seja, a capacidade de comunicar e entrar em comunhão com o que não é transmitido apenas através do conceito, mas precisa da colaboração da sensibilidade e da criatividade. Iniciar a comunicação de experiências e realidades com gestos e experiências antropológicas de caráter ritual (o cumprimento, a festa, a saudação de paz...). A dimensão simbólica nasce da necessidade de entrar em comunhão com o Mistério de Deus já presente na realidade de cada dia. Nesse sentido, as linguagens litúrgica, catequética e experiencial devem ser utilizadas harmoniosamente;

Narração

Mais do que o discurso de demonstração, justificação ou convencimento, os jovens preferem a narração, a sugestão, o envolvimento nas narrações de histórias de vida. É indispensável e mais crível servir-se dos gêneros evangélicos como a parábola. É preciso ser capaz de narrar a própria história e a fé que ela contém. «O que vimos e ouvimos» é o que devemos transmitir;

Interiorização

Para que o itinerário de fé seja efetivo, a experiência e as atividades devem ser avaliadas na interioridade da pessoa (cabeça, coração e atitude), dando voz à vivência, compartilhando-a, comunicando-a, a fim de se tornar opção, itinerário, transformação;

Experiência

Partir da experiência, suscitar experiência, retornar à experiência, ler a experiência. A experiência de vida é o principal recurso educativo, completado e estimulado ao longo do processo por experiências posteriores. Experiência é também consolidar ou contestar o que se evidencia e se descobre. Ela deve ser acompanhada e lida, para ser parte do tecido pessoal e vital, superando a tendência de simples acúmulo de dados;

Protagonismo e participação

Os jovens precisam ser protagonistas de si mesmos, crendo em suas capacidades de crescimento e transformação. Querem ser considerados e interpelados. É preciso arriscar, confiando-lhes responsabilidades, segundo a sua situação e as suas capacidades. Não há maturidade sem responsabilidade, nem confiança se não percebem confiança. Os jovens não são objetos, mas sujeitos do processo de vida;

Personalização e socialização

Levar em conta a liberdade efetiva alcançada pelo jovem e o legítimo pluralismo educativo que respeite as diversas situações vividas pelos jovens. É preciso ser flexível, pensar em cada um de maneira específica, preocupar-se com o seu processo pessoal. A personalização é atuada em relação aos outros, acontece com os outros (grupo) e através dos outros. Todos se reconhecem em relação com os outros, com a história e o mundo. O crescimento se dá em relação.



COMUNIDADE EDUCATIVO-PASTORAL:

FAZER DA CASA UMA FAMÍLIA
PARA OS JOVENS

CAPÍTULO

V

*«Jesus se
aproximou e
caminhava
com eles»*

(Lc 24, 15)



Dom Bosco queria que em seus ambientes cada qual se sentisse em casa. A casa salesiana torna-se uma família quando o afeto é correspondido e todos, irmãos e jovens, se sentem acolhidos e responsáveis pelo bem comum. Em clima de confiança mútua e perdão quotidiano, experimenta-se a necessidade e a alegria de tudo compartilhar, e as relações se regem não tanto pelo recurso às leis quanto pelo movimento do coração e da fé. Esse testemunho desperta nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana»

[Const. 16]



Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama»

[Carta de Roma, 1884]

A Pastoral

Juvenil Salesiana exige convergência de intenções e convicções de todos os envolvidos na programação e realização da Comunidade Educativo-Pastoral, onde ela acontece. Exporemos, neste capítulo, a sua identidade comunitária, os seus dinamismos, o seu estilo de corresponsabilidade e as modalidades de animação do próprio crescimento. A comunidade é chamada a investir na figura do educador salesiano. Enfrentando o discernimento e a renovação de cada atividade e obra, voltamos o olhar para o estilo salesiano, para o “critério oratoriano” que nos liga às intuições práticas do carisma (modalidades de convivência e de comunhão) que se tornaram patrimônio comum, aplicáveis a todos os contextos onde os salesianos atuam. Dá-se importância ao modo de oferecer os sinais do Evangelho no cotidiano, preocupando-se com as relações e comunicações autênticas.

1

Pastoral Juvenil Salesiana: uma experiência comunitária

1 1

A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA NO ESPÍRITO SALESIANO E NA MISSÃO

A *A comunhão a serviço da única missão*

A evangelização é sempre ação eclesial. Por isso, o primeiro elemento fundamental para realizar a Pastoral Juvenil Salesiana é a comunidade que envolve, em clima de família, jovens e adultos, pais e educadores, até ser experiência de Igreja (cf. *Const.* 44-48; *Reg.* 5); comunhão que vive os diversos dons e serviços como realidades complementares, em reciprocidade, a serviço de uma mesma missão (cf. *CG24*, n. 61-67). A evangelização é fruto do itinerário comum, da missão entre consagrados e leigos que unem suas forças em colaboração no intercâmbio de dons, embora nas diferenças de formação, tarefas, carismas e graus de participação nessa missão. Comunidade em que todos, consagrados e leigos, são sujeitos ativos, protagonistas da evangelização dos indivíduos e das culturas (cf. *Christifideles Laici* 55-56; *CG24*, n. 96).

Essa comunidade, **sujeito e, ao mesmo tempo, objeto e âmbito da ação educativo-pastoral** é a “Comunidade Educativo-Pastoral” (CEP). É o nosso ser Igreja, a nossa pastoral no interior da pastoral eclesial. A educação e a evangelização são fruto da convergência de pessoas, intervenções, qualificações, num projeto compartilhado e atuado corresponsavelmente (cf. *Const.* 34; *CG21*, n. 63, 67; *CG24*, n. 99). A Pastoral Juvenil Salesiana, de ação pessoal de agentes torna-se coordenação de várias intervenções, busca de entendimento e complementaridade entre todos, busca de colaboração, esforço de organicidade e programação.

B *A forma salesiana de estar presente entre os jovens*

Desde os primeiros tempos do Oratório, Dom Bosco criou ao seu redor **uma comunidade-família em que os jovens eram os protagonistas**: um ambiente juvenil impregnado dos valores do Sistema Preventivo, com características espirituais e pastorais bem definidas, objetivos claros e uma convergência de papéis pensados em função dos jovens. Dessa comunidade surgiram a Congregação e a Família Salesiana. Segundo o próprio Dom Bosco, os Salesianos, com a vida em comum, são centro de comunhão e participação para os educadores que trazem a própria contribuição ao projeto e difundem o seu carisma (cf. CG24, n. 71-72, 75).

Na memória dos inícios de Valdocco, encontramos não só o coração pastoral de Dom Bosco, como também a sua capacidade de envolvimento: igreja, dormitórios e pátios tornam-se realidades educativas graças à contribuição de eclesiásticos e leigos. *O Sistema Preventivo está atento à relação pessoal, mas é também comunitário.* A sua proposta é intensamente “comunhonal”. A CEP é a forma salesiana da animação de toda a realidade educativa entendida como realização da missão de Dom Bosco. Não é uma nova estrutura, que se acrescenta aos demais organismos de gestão e participação existentes nas diversas obras ou ambientes pastorais e não é nem sequer uma organização de trabalho, uma técnica de participação.

A presença salesiana é chamada a ser casa acolhedora, habitável, para os jovens. Com a CEP, queremos formar, em cada uma de nossas presenças, **uma comunidade de pessoas, orientada à educação dos jovens**, que possa ser para eles experiência de Igreja e os abra ao encontro pessoal com Jesus Cristo. A CEP (cf. *Const.* 47; CG24, n. 156) é, portanto:



comunidade: porque envolve em clima de família os jovens e os adultos, os pais e os educadores, onde o elemento fundamental de unidade não é o trabalho ou a eficácia, mas um conjunto de valores vitais (educativos, espirituais, salesianos...) que configuram uma identidade compartilhada e cordialmente desejada;

educativa: porque coloca no centro de seus projetos, relações e organizações, a preocupação com a promoção integral dos jovens, isto é, o amadurecimento de suas potencialidades em todos os aspectos: físico, psicológico, cultural, profissional, social, transcedente;

pastoral: porque se abre à evangelização, caminha com os jovens ao encontro de Cristo e faz uma experiência de Igreja, onde, com os jovens, se experimentam os valores da comunhão humana e cristã com Deus e com os outros.

C *A CEP envolve muitas pessoas ao redor do Projeto Educativo-Pastoral Salesiano*

O desafio da CEP é **a reconstrução do sentido maduro de pertença e também da renovação da mentalidade** quanto ao modo de pensar, avaliar e agir, de colocar-se diante dos problemas e do estilo das relações (com os jovens, entre os educadores e os agentes da pastoral). Trata-se de uma *comunidade articulada* em círculos concêntricos, na qual os jovens, ponto fundamental de referência, são o centro (cf. *Const.* 5): a *comunidade salesiana*, garantidora da identidade salesiana, núcleo de comunhão e participação; as *famílias*, primeiras e principais responsáveis da educação dos jovens; os *leigos responsáveis e colaboradores por vários títulos*, entre os quais primeiramente os membros da Família Salesiana, que atuam no âmbito da obra, com a contribuição das características e da riqueza vocacional do próprio grupo de referência.

As iniciativas pastorais mais significativas são articuladas como rede: todos colaboram em diversos níveis na elaboração do PEPS, centro de convergência de todas as atividades, cooperando no próprio processo educativo, enriquecendo-se reciprocamente num itinerário comum de formação (cf. CG24, n. 157). A experiência formativa envolve a comunhão de

critérios (mentalidade), convergência de intenções (objetivos) e organicidade de intervenções (corresponsabilidade, confronto, busca, revisões). O PEPS contribui para unificar em síntese o Evangelho e a cultura, a fé e a vida (cf. CG24, n. 96).

D *A CEP e a Família*

Como foi dito, a CEP é centro de acolhida e convocação do maior número possível de pessoas interessadas nos aspectos humanos e religiosos do território. Desafio pastoral bem importante é realizar uma partilha mais integral com **a família, primeira e indispensável comunidade educadora**. Reconhecemos que a família é a célula da sociedade e da Igreja. Ela, embora com todas as suas dificuldades, é valorizada pelos próprios filhos que dela recebem o afeto indispensável. Para os pais, a educação é um dever essencial, ligado à transmissão da vida, original e primário, em relação à missão educativa de outros sujeitos, insubstituível e inalienável, não delegável nem substituível (cf. *Familiaris Consortio* 36).

É interessante e promissor o surgimento de centros de escuta, geridos por leigos ou consagrados, para apoio da educação e assistência das problemáticas familiares. São também interessantes as tentativas de acompanhamento de grupos de pais que se envolvem na educação à fé de seus filhos. A CEP empenha-se em fazer com que os pais vivam cientes da própria responsabilidade educativa, diante dos novos paradigmas emergentes, e do acompanhamento com atenção especial aos jovens casais, envolvendo-os ativamente na própria CEP. É preciso que SDB e leigos façam um atento discernimento comunitário para reconhecer as problemáticas mais urgentes da família e responder a elas, percebendo os seus múltiplos recursos. É desejável o envolvimento sempre mais participativo da família no PEPS.

E *A CEP como experiência significativa de Igreja no território*

Devido à sua presença capilar no território, a obra salesiana dispõe de um potencial educativo extraordinário. A missão salesiana não se identifica com a comunidade e a obra salesiana, nem a ela se reduz; ela, todavia, é necessária como lugar de convocação e formação do vasto movimento que trabalha pela juventude, dentro e fora das estruturas salesianas, na Igreja e nas instituições da sociedade civil (CG24, n. 4). A CEP, assim articulada, *colabora e abre-se aos que trabalham pela promoção e formação dos jovens* no território, aos ex-alunos e às ex-alunas que se sentem solidários com ela, aos jovens e adultos da região, aos quais oferece

sua proposta educativa. Enquanto sujeito da pastoral, ela vive e age na Igreja e no mundo (cf. *Const.* 47), como presença significativa:

- ▮ **Integra-se na pastoral da Igreja local** inserindo o PEPS no plano pastoral da Diocese ou região; coordenando o próprio trabalho com as demais forças cristãs que trabalham pela educação dos jovens; exprimindo comunitariamente sua pertença à Igreja através de gestos proporcionados no nível de fé alcançado pela CEP.

Intervindo na comunidade eclesial com a sua contribuição específica, a CEP enriquece a Igreja local com o dom da Espiritualidade Juvenil Salesiana, do Sistema Educativo de Dom Bosco, da vitalidade da Família Salesiana e do Movimento Juvenil Salesiano (Articulação da Juventude Salesiana) quer participando ativamente do Conselho pastoral paroquial ou regional, quer oferecendo a própria contribuição profissional de educadores dos jovens ou apresentando propostas e iniciativas a serviço da missão educativo-pastoral da Igreja em favor dos jovens.

- ▮ **Atua como ponto de agregação das forças sociais existentes no território**, e tende a integrar-se na realidade em que vive. Mantém diálogo e confronto enriquecedor com essas forças; participa da formação e promoção humana e cristã dos jovens, colaborando com os organismos que trabalham pelas mesmas finalidades (cf. CG21, n. 17, 132; CG23, n. 229-230; CG24, n. 115).

Sendo *centro de comunhão e participação*, a CEP é construída como espiral cujo núcleo central irradia sensibilidade e corresponsabilidade às periferias, preocupando-se com a significatividade e a comunicação (cf. CG24, n. 49, 114, 135). Torna *significativa a presença salesiana* que, com a própria identidade educativa e pastoral, torna-se centro de acolhida e associação, sinal de comunhão e participação, e proposta de transformação do ambiente (cf. CG23, n. 225-229; CG24, n. 173-174).

- ▮ **Atua como agente de transformação do ambiente.** Está presente através de seus membros não só na vida do território,

como também participa «do testemunho e do compromisso da Igreja para com a justiça e a paz» (*Const.* 33) e favorece a conversão das situações contrárias aos valores do Evangelho (cf. *Const.* 7). Sua competência educativa e pastoral poderá ser solicitada para responder a problemáticas que se referem aos jovens (cf. *CG24*, n. 235). Torna-se *presente nos contextos humanos* em que eles vivem, especialmente se forem marginalizados ou excluídos, atenta aos elementos que influem mais na sua educação e evangelização, discernindo neles os sinais da presença salvífica de Deus; participa decididamente do *debate cultural e dos processos educativos* através das diversas formas de associacionismo, voluntariado e cooperação social, contribuindo com uma proposta educativa original para a criação da mentalidade e da consciência social e civil solidária e cristã, e para a evangelização da cultura.

Este dinamismo levará a comunidade a avaliar criticamente o que acontece ao seu redor e encorajar os cristãos empenhados no território.

- **Atua como presença de Igreja em contextos plurirreligiosos e pluriculturais.** A Pastoral Juvenil Salesiana é realizada também em contextos de pluralismo cultural e religioso, com a presença notável de leigos de diversas culturas e crenças que participam da nossa missão. Por isso, deve ser sempre *aberta ao diálogo e à colaboração* com as diversas tradições religiosas, promovendo com elas o desenvolvimento integral da pessoa e sua abertura à transcendência. Esta perspectiva expressa a exigência de uma profunda inculturação da pastoral. O Sistema Preventivo é o critério fundamental para esta colaboração: «com os que não aceitam a Deus podemos caminhar juntos, baseando-nos nos valores humanos e laicais presentes no Sistema Preventivo; com os que aceitam a Deus ou o Transcendente, podemos ir mais adiante, até facilitando a acolhida dos valores religiosos; por fim, com os que partilham conosco a fé em Cristo, mas não na Igreja, podemos avançar ainda mais no caminho do Evangelho» (*CG24*, n. 185). Torna-se, por isso, importante que na CEP os cristãos vivam na fidelidade à própria vocação e à missão evangelizadora da Igreja segundo o carisma salesiano (cf. *CG24*, n. 183-185).

1 2 A ANIMAÇÃO DA CEP

A CEP, mais do que estrutura ou instituição consolidada, é um organismo vivo, que existe na medida em que cresce e se desenvolve. Por isso, não se deve cuidar apenas da sua organização, mas, sobretudo, desenvolver a sua vida. Em toda CEP é preciso **garantir a promoção e o cuidado das múltiplas modalidades de animar, de acompanhar as pessoas**. Por esse motivo, podemos falar de um original *acompanhamento pastoral salesiano*. Acompanhamos as pessoas em diversos níveis, mediante o ambiente geral da CEP, os grupos e a relação pessoal – acompanhamento pessoal.

A *Acompanhamento do ambiente*

Em primeiro plano, acompanha-se, antes de tudo, construindo o ambiente educativo. Nele, de um lado, os jovens se sentem *em casa*, e de outro, em clima de apoio, de circulação de ideias e afetos, recebem propostas educativas que os estimulam a fazer escolhas e empenhar-se. O ambiente da CEP oferecido numa obra salesiana deve ser entendido, primeiramente, nos aspectos mais externos e operativos, isto é, **na sua organização e coordenação**: qualidade e adequação dos processos informativos e de comunicação tanto no interior como no exterior da CEP; envolvimento dos esforços de todos nos processos formativos; respeito dos papéis, funções e contribuições específicas das diversas vocações; presença real de espaços para a participação na elaboração, realização e revisão em comum do PEPS; intencionalidade educativo-pastoral dos objetivos, conteúdos oferecidos e realizações das diversas equipes.

O jovem, para amadurecer, deve criar relações educativas e de **identificação com diversas figuras de adultos** na CEP. Cada uma dessas pessoas dá a própria contribuição e deixa o sinal da própria personalidade e competência. Devem-se garantir na CEP relações abertas, com figuras diversificadas que promovam relações personalizadas entre o mundo dos adultos e o mundo dos jovens, relações que vão além das relações puramente funcionais e favoreçam relações fraternas, de respeito e interesse pelas pessoas. É o princípio da assistência salesiana.

Enfim, o ambiente deve favorecer o esforço constante da **formação permanente de qualidade** em níveis diversos – espiritual, cristão e salesiano – pois

a CEP não é apenas sujeito, mas também objeto da pastoral juvenil. Com essa finalidade, devem-se ativar itinerários de formação para todos; a proposta educativo-pastoral deve ser desenhada não só para os jovens, mas inspirar um itinerário para os adultos (leigos e salesianos em comum) que, além de lhes permitir viver “para” os jovens, ajudem-nos a crescer “com” os jovens, a ritmar os próprios passos com os das novas gerações.

B *Acompanhamento do grupo*

Todas as pessoas que participam da CEP entram em contato com uma única proposta de vida e espiritualidade. De algum modo, caminham percorrendo um único itinerário, em cujo interior são privilegiados **diversos lugares educativos e religiosos**. Um deles é o dos grupos. Estes acompanham as pessoas justamente se preocupando com a gradualidade e a diferenciação, no interior de um único caminho, para responder aos diferentes interesses das pessoas. São harmonizadas em nível pessoal as diversas pertenças numa forma de aprendizado ativo, no qual se recorre à experimentação, à busca, ao protagonismo, à invenção e reexpressão de iniciativas. São sinais de vitalidade que permitem aos jovens elaborar os valores com as categorias culturais às quais são mais sensíveis. Os grupos podem ser para os jovens o lugar no qual as suas expectativas entram em contato com as propostas de valor e de fé e, sendo envolvidos de forma leal na descoberta dos valores, eles os assimilam vitalmente.

Ajudam os jovens a encontrar mais facilmente a própria identidade e reconhecer e aceitar a diversidade dos outros, passagem quase obrigatória para amadurecer *a experiência de comunidade e de Igreja*.

O acompanhamento através dos **grupos ajuda a crescer no sentido de pertença** à CEP. Cada grupo deve reconhecer o seu envolvimento na CEP, sua referência maior. Os grupos, ao serem propositivos, estabelecem uma mediação entre a grande massa, na qual se corre o risco do anonimato e da solidão exasperada fechada em si mesma. À medida que o grupo se consolida internamente, interage positivamente com a CEP intercambiando propostas, intuições e expectativas, e favorecendo a participação afetiva nos seus momentos e símbolos.

C *Acompanhamento pessoal*

Surge uma terceira tarefa: **acompanhar cada membro da CEP em seu crescimento humano e cristão e em suas opções mais pessoais**.

Isso comporta que se alcance a pessoa na sua individualidade, “face a face”, mesmo quando ela está ativamente inserida num ambiente ou num grupo. A práxis pedagógica de Dom Bosco sempre uniu ao encontro em todos os momentos sugestivos a participação em comum no pátio, a palavrinha pessoal “ao ouvido”, o diálogo personalizado. O objetivo do itinerário desta *pedagogia do “um por um”* é a autenticidade pessoal.

A vida dos membros da CEP não se esgota no ambiente ou no grupo, mesmo que neles as experiências sejam decisivas. *O encontro-colóquio tem valor e função específicos.* O diálogo restabelece atitudes pastorais, como vemos no encontro do menino João Bosco com o padre Caloso ou o colóquio de Dom Bosco com o padre Bartolomeu Garelli. A ação salesiana quer despertar no jovem a colaboração ativa e crítica ao itinerário educativo, na medida de suas possibilidades, escolhas e experiências pessoais: busca de motivações fundamentais para a vida; necessidade de clareza num determinado momento; desejo de diálogo e discernimento; interiorização das experiências cotidianas, para decifrar suas mensagens; confronto e instância crítica; reconciliação consigo mesmo e recuperação da calma interior; consolidação da maturidade pessoal e cristã. Os tempos dessas opções e experiências não são os mesmos em todos os jovens e nem são iguais as situações e decisões diante das quais os jovens se encontram. O acompanhamento realiza um serviço educativo-pastoral em relação aos indivíduos, valorizando a sua vivência pessoal, e *faz da vida o tema central do diálogo educativo e espiritual.*

A CEP oferece muitas possibilidades de comunicação pessoal. O **único objetivo é alcançar uma gama variada de modalidades, circunstâncias e intervenções.** Os momentos espontâneos e informais de participação são os mais frequentes. Outros, porém, mais sistemáticos, são indispensáveis. Entre estes, a *direção espiritual*, em que se consolida a fé como vida em Cristo e sentido radical da existência. Ela ajuda a discernir a vocação pessoal de cada um na Igreja e no mundo e a crescer constantemente na vida espiritual até a santidade.

O jovem, sentindo o peso da multiplicidade de propostas que o alcançam e o esforço interior de ter de avaliá-las em vista do próprio desenvolvimento, deseja um espaço – afetivamente cheio, mas respeitoso da sua liberdade – que lhe permita “respirar”, interrogar-se, exercitar a própria responsabilidade; espaço onde encontrar apoio para poder apropriar-se pacientemente de si mesmo. Trata-se, a rigor, de uma demanda de

educadores, de guias, de **figuras educativas capazes de realizar o acompanhamento pessoal**.

A CEP deve oferecer ocasiões e possibilidades de diálogo “face a face”; ela não pode ser surda à demanda desse espaço. Isso exige que se garantam **tempos e lugares** nos quais a comunicação pessoal não seja nem negada nem apressada. A preocupação com a dimensão pessoal garante oxigênio à CEP, criando ocasiões para que cada um analise a própria vida e se torne ciente da própria orientação. Sente-se como sempre mais urgente a necessidade de *peessoas dispostas à escuta* e à acolhida respeitosa das confidências, sem nunca invadir a intimidade da consciência. Precisa-se de pessoas que tenham o dom da escuta e aceitem a responsabilidade educativa de assistir os jovens, particularmente no seu esforço de crescimento. Caminhar ao lado do jovem para ajudá-lo a individuar o seu caminho é uma experiência humana e de fé que deixa uma marca permanente em sua vida.

1 3

UM SERVIÇO ESPECÍFICO DE ANIMAÇÃO: O NÚCLEO ANIMADOR

A animação salesiana da CEP comporta algumas intervenções que garantam a organização, a coordenação, o acompanhamento pedagógico, a orientação educativa com os seus objetivos e conteúdos, a formação dos sujeitos que interagem e o reforçamento da originalidade salesiana da obra. **São todos necessários e se invocam reciprocamente para uma animação corporativa**, na qual a diversidade das tarefas e dos papéis e a corresponsabilidade de todos facilitam a realização dos objetivos (cf. CG24, n. 106-148).

A

Um grupo de pessoas em enriquecimento recíproco

Todos os componentes da CEP, SDB e leigos, participam da sua animação, mas **alguns têm a tarefa específica de favorecer a contribuição de todos**, promovendo a responsabilidade do maior número possível dos membros, preocupando-se com a sua qualidade e coordenação e tendo um cuidado particular com os níveis mais determinantes para a identidade salesiana e a qualidade educativa e evangelizadora. Com seu testemunho carismático, essas pessoas formam o “núcleo animador” da CEP.

O coração, na pessoa, embora seja um pequeno órgão em relação ao resto do corpo é capaz de fazer chegar o sangue e, portanto, a vida a todas as partes do corpo, desde, porém, que todas as “válvulas” trabalhem em sinergia para que isso aconteça. Igualmente, o núcleo animador é um grupo de pessoas composto por salesianos e leigos que se identificam com a missão, o sistema educativo e a espiritualidade salesiana e assumem solidariamente **a tarefa de convocar, motivar, envolver** todos os que se interessam pela obra, para formar com eles a comunidade educativa e realizar o projeto de evangelização e educação dos jovens.

Sublinhe-se que *a comunidade religiosa salesiana* (cf. *Const.* 38, 47; *Reg.* 5), com seu patrimônio espiritual, seu estilo pedagógico, suas relações de fraternidade e corresponsabilidade na missão, representa um testemunho de referência para a identidade pastoral do núcleo animador: «desempenha o papel de referência carismática na qual todos se inspiram» (CG25, n. 70). Sozinha, a comunidade religiosa não é o núcleo animador, mas faz parte integrante dele. Aos leigos que trabalham em uma obra salesiana sem comunidade religiosa deve-se garantir que, de modo conveniente, estejam abertos para uma real participação e uma verdadeira responsabilidade na organização, na gestão e, também, nas funções próprias do núcleo animador.

O Conselho da CEP é o organismo que anima e coordena a atuação do Projeto Educativo-Pastoral, é o lugar privilegiado da corresponsabilidade dos salesianos, dos leigos, dos pais e dos jovens. Ele atua com a reflexão, o diálogo, a programação e a revisão das intervenções previstas (cf. CG24, n. 160-161, 171). Sendo organismo de coordenação para o serviço da unidade de todos no Projeto local, ele coopera com todas as outras instâncias que atuam na CEP. Compete ao Inspetor com seu Conselho oferecer-lhe os critérios de composição, as competências e os níveis de responsabilidade, em coordenação com as atribuições do Conselho da comunidade salesiana (cf. CG24, n. 171). Este tema será tratado de maneira ampla no *capítulo VIII*, n. 2.1/d.

B *Novos modelos organizativos*

O Capítulo Geral 26 (n. 120) reconhece que há atualmente na Congregação **uma pluralidade de modelos de gestão das obras**: obras administradas pela comunidade salesiana que é o núcleo animador de uma mais ampla Comunidade Educativo-Pastoral; atividades e obras inteiramente confiadas pelos salesianos aos leigos e reconhecidas no

projeto inspetorial (de acordo com os critérios indicados pelo CG24, n. 180-182); modalidades diversificadas de gestão, não atribuíveis a um modelo único, nas quais permanece a relação entre uma comunidade local e a obra, ou mais obras, ou ambientes pastorais administrados pelos leigos. Essas situações exigem, obviamente, novos modelos organizativos; para a animação da CEP, onde falte a presença da comunidade salesiana, o núcleo animador, constituído por leigos, inspira-se nos três critérios de identidade, comunhão e significatividade da ação salesiana e é atuada sob a responsabilidade do Inspetor e seu Conselho (v. capítulo VIII, n. 2.2).

2

O coração do educador salesiano

Acabamos de individuar na CEP, os sujeitos com os quais se constrói esta experiência. Merece, agora, refletir sobre a pessoa do educador, o perfil em que deve inspirar-se e as atitudes a cultivar. Acenamos brevemente ao coração do educador salesiano, daquele que, em qualquer âmbito que seja de presença e de ação, é fiel ao modelo de educador e evangelizador que Dom Bosco deixou em herança.

2 1

A INDISPENSÁVEL “INTERIORIDADE APOSTÓLICA”

A

Entrar mais profundamente no Evangelho

A indispensável “interioridade apostólica” leva à **maior consciência do significado e das exigências do ser educador-pastor**; cresce-se num mais completo e profundo conhecimento de Cristo, Bom Pastor, e numa autêntica experiência de fé na operosidade cotidiana.

Só uma “*pessoa interior*” é capaz de escuta, pode distinguir o aparente do autêntico, pode estar aberta às necessidades dos outros e deixar-se tocar por elas. A interioridade alcança o seu ápice no homem “cheio de Deus”, homem que vive e caminha “na presença de Deus”, que descobriu o Deus que se revela na história cotidiana e, de modo especial, se revela na história dos meninos e jovens dos quais está a serviço.

Para ter maior incidência não basta ser mais numerosos ou dispor de meios mais poderosos; é necessário, sobretudo, ser mais discípulo de Cristo, *entrar mais profundamente no Evangelho*. A força de atração que vivifica a ação educativo-pastoral procede da caridade pastoral, ou seja, de uma motivação vocacional de serviço ao Evangelho. Esta opção basilar permeia de tal modo a consciência do educador que todas as suas atividades, qualquer que seja a sua natureza, adquirem intencionalidade evangélica (cf. Ez 34, 11.23, o verdadeiro pastor). Pessoas realmente competentes, que unificam na sua vida a interioridade evangélica salesiana e uma rica humanidade, que veem no seu serviço educativo um aspecto da própria missão. Jamais teremos uma verdadeira evangelização sem a especial preocupação com a interioridade apostólica nos consagrados, nos leigos e nos jovens. É a caridade pastoral enraizada no coração que resulta o centro vivo do espírito salesiano.

B *A primeira forma de evangelização é o testemunho*

Movidos pela interioridade apostólica, a evangelização está ciente de que a Boa Nova não reside só na verdade anunciada, mas, sobretudo na con-

vicção do testemunho com que é proposta (cf. *Evangelii Nuntiandi* 42). O educador salesiano testemunha não para solicitar imitação, mas para fazer entrever a possibilidade de uma vida fermentada pelo Evangelho e ajudar assim a interpretação pessoal de cada jovem. **O testemunho na lógica do diálogo e do anúncio** exige uma intensa capacidade de viver claramente a fé entre os jovens. A pastoral juvenil precisa não só de mestres



«O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas»

(EVANGELII NUNTIANDI 41)

abertos ao poder iluminador do Evangelho, mas também de testemunhas que falem de Deus estando habituados a falar com Deus.

É preciso que todo educador fortifique as motivações da fé de modo consciente. Pode acontecer, às vezes, que alguma contribuição educativa, mesmo dada em colaboração com a comunidade eclesial, não brote dessas motivações. É importante que o serviço brote do sincero desejo de vida e de promoção da vida. O itinerário educativo toca o coração (no sentido bíblico) da pessoa e, em sentido cristão, é caminho de espiritualidade, vida no Espírito de Cristo, alimentada pela fé a caminho da sua plenitude.

2 2

A IDENTIDADE CARISMÁTICA SALESIANA

A identidade carismática ilumina o projeto de vida. **Fazendo da educação uma razão e uma opção de vida**, Dom Bosco amadureceu gradualmente a sua vocação educativa e o seu modo específico de ser cidadão, cristão e padre. Ontem como hoje, o Sistema Preventivo precisa de pessoas que façam da educação uma opção de vida; que a educação seja o centro de unificação da vida pessoal e o ponto inspirador e dinâmico da sua ação, funções e papéis pessoais. Dom Bosco costumava afirmar:

“Entendam o que eu sou, sou todo para vocês, dia e noite, manhã e tarde, em qualquer momento. Não tenho outra coisa em mira senão buscar o benefício moral, intelectual e físico de vocês. Por vocês estudo, por vocês trabalho, por vocês eu vivo, por vocês estou disposto até a dar a vida” (CRÔNICA DO ORATÓRIO DE SÃO FRANCISCO DE SALES)

Repropondo e aprofundando continuamente o quadro referencial teórico e prático do Sistema Preventivo, a herança salesiana torna-se competência educativa, moral e espiritual, intensamente enraizada em *disposições interiores*: desejo de responder ao apelo de ajuda que vem do jovem; disponibilidade para dedicar o próprio tempo, as próprias energias, os próprios conhecimentos e habilidades a favor dos jovens; capacidade de continuar sistematicamente e com perseverança na busca do

bem individuado, apesar das dificuldades e desilusões. A evangelização hoje não pode ser vivida de maneira diferente, nem pode ser entregue a pessoas sem coragem, permanentemente insatisfeitas e pessimistas. A paixão e a vocação educativa devem estar em primeiro lugar.

2 3

PRIVILEGIAR O ESTILO DE ANIMAÇÃO NO ITINERÁRIO DA EDUCAÇÃO

A *Privilegiar nas pessoas os processos de personalização e crescimento*

O educador salesiano privilegia **a prática da animação para levar as pessoas à escuta e acolhida de Jesus**. O modelo é o da estrada de Emaús: aproximar-se de modo missionário da pessoa do jovem, ir ao encontro com atitudes de escuta e acolhida, anunciar o Evangelho com a oferta do acompanhamento (cf. CG20, n. 360-365; CG23, n. 94-111). A animação privilegia nas pessoas os processos de personalização e crescimento da consciência, educa as motivações que orientam suas opções e sua capacidade crítica, como também ativa seu envolvimento para torná-las responsáveis e protagonistas dos próprios processos educativos e pastorais. Tem-se em vista criar comunhão ao redor dos valores, critérios, objetivos e processos da Pastoral Juvenil Salesiana, aprofundando a identidade vocacional dos educadores, reforçando a comunicação e participação entre todos, promovendo a corresponsabilidade. Esforça-se por favorecer a colaboração, a complementaridade e a coordenação de todos ao redor de um projeto compartilhado.

B *A presença ativa dos educadores entre os jovens*

Isso implica **o esforço de estar onde os jovens vivem e se encontram**, criando com eles uma relação pessoal, ao mesmo tempo propositiva e libertadora. Trata-se do esforço de participação dos educadores adultos, feito de encontro, escuta e testemunho. Isso requer a presença física do educador na forma que Dom Bosco chamou de “assistência”, entendida como acompanhamento, proximidade animadora, atenção a tudo o que acontece, possibilidade de intervenção tempestiva e exemplo. Cena muito eloquente na vida de Dom Bosco é aquela apresentada nas

atitudes contrastantes de alguns personagens, corteses, mas indiferentes e distantes, em comparação com a atitude paterna do padre Calosso:

“Via alguns bons padres trabalhar no sagrado ministério, mas não podia contrair com eles nenhuma familiaridade. Aconteceu encontrar-me muitas vezes pelo caminho com o pároco e seu coadjutor. Cumprimentava-os de longe, e quando mais de perto fazia também uma inclinação. Eles, contudo, retribuía sérios e corteses a saudação e continuavam andando. Repetidas vezes, chorando, disse de mim para mim e também a outros: “Se eu fosse padre, agiria de outro jeito. Gostaria de aproximar-me dos meninos, dizer-lhes uma boa palavra, dar-lhes bons conselhos”

(MEMÓRIAS DO ORATÓRIO, PRIMEIRA DÉCADA 1825-1835, N. 4)

Esse estilo educativo original funda-se em algumas convicções fundamentais que são ao mesmo tempo opções operativas precisas: se os jovens, para desenvolver as energias que trazem em si, precisam do contato com educadores, estes devem nutrir-se de uma profunda *bondade educativa*. Para eles é obrigatório abrir-se a todos os jovens e a cada jovem, não minimizando as expectativas educativas, mas oferecendo a cada um aquilo de que precisa “aqui e agora”. Essa decisão ativa envolve a acolhida do jovem no ponto em que está a sua liberdade e o seu amadurecimento, que as suas potencialidades sejam despertadas gradualmente e que a sua vida se abra a novas perspectivas, através de diversos itinerários educativos e religiosos.

Decorre disso, a *madura e afetuosa paternidade salesiana* que torna o educador salesiano inconfundível em relação ao mundo contemporâneo, sempre mais “órfão” e só. Segundo testemunhas de sua vida, Dom Bosco tinha uma bondade paterna expressa com inumeráveis delicadezas: modos desinteressados de agir, pequenos presentes, cartas gentis, gestos de atenção, palavras de conforto e vida; bastava lembrar-se disso para os corações serenarem. Define-se a paternidade, de Deus e dos homens, quando ela gera para a vida. E não se gera se, de algum modo, não se entrega a si mesmo sob o signo da gratuidade. Podemos dizer que gerar para a vida sempre comporta um morrer, que para os educadores nunca é perder-se, mas reencontrar-se sempre numa vida mais plena. Além da forma da entrega e da gratuidade, não há paternidade sem uma afetividade envolvente que se volta para alcançar a todos. Quanta necessidade

têm os jovens não só de saber-se, mas também sentir-se vistos com bondade! Têm necessidade, antes, o **“direito” de tocar a paternidade de Deus no estilo de vida do educador**; o seu modo de pensar, falar, ouvir, comportar-se deixa transparecer a benevolência de Deus.

2 4

INTELIGÊNCIA PASTORAL PARA DINAMIZAR O PEPS

A *Ler “educativamente” a atual condição juvenil*

É urgente a qualidade pastoral e cultural para dinamizar o PEPS; é necessário **dotar-se de uma preparação adequada para a realização em plenitude da própria missão**. A formação mira uma múltipla conversão do coração, da mente e da ação pastoral. Resultam disso o repensamento e a recompreensão da própria pastoral.

O apelo a *ler “educativamente” a condição juvenil atual* exige cultivar uma aguçada consciência da urgência educativa e pastoral dos sinais dos tempos, individuando os valores emergentes que atraem os jovens: paz, liberdade, justiça, comunhão e participação, promoção da mulher, solidariedade, desenvolvimento, urgências ecológicas, pluralidade das culturas, convivência pacífica entre diversas etnias, ação contra a exploração de qualquer tipo dos menores e contra as novas formas de escravidão. Como servos dos jovens, somos chamados a examinar os eventos e as correntes de pensamento do nosso tempo que mais influem sobre o homem.

B *O trabalho paciente de adaptação e formação*

Ao educador, com a consciência de ser um mediador, é solicitado o *esforço paciente de adaptação* e repensamento, em vários aspectos: na tarefa de projetar itinerários de fé que saibam valorizar as linguagens disponíveis atualmente, que servem de ligação com a condição dos jovens; na incisividade vital e clara da proposta evangélica e educativa, pontos estratégicos para a evangelização das culturas. A vida torna-se uma lição contínua: oportunidade para refletir sobre a experiência educativa, caminho marcado pela criatividade, prontidão para a revisão, sem contentar-se com o que sempre se fez, reduzindo-se à repetição.

Formação é a disponibilidade da mente e do coração a deixar-se educar pela vida e ao longo da vida inteira. A pessoa é inteligentemente ativa e pronta a aprender. Tal disponibilidade não se improvisa a partir do nada; ela brota da nossa vocação educativa.

Foi confirmada a insuficiência de itinerários formativos centrados de modo unilateral nos conteúdos ou na aquisição de competências e técnicas profissionalmente válidas. Estamos sempre mais convencidos da importância de o educador ser envolvido com toda a sua pessoa na missão educativa. As habilidades comunicativas e educativas devem enraizar-se sempre mais na identidade pessoal, no verdadeiro itinerário pessoal. Podem-se possuir todas as informações, podem-se conhecer bem metodologias e didáticas atualizadas e exibir recursos e profissionalismo, mas o processo de formação profissional dos educadores salesianos passa, certamente, pela *colocação em jogo da própria identidade e do dom do testemunho pessoal*, pelo modelo de identificação e pela trajetória da mesma formação pessoal. A vocação para o serviço educativo exige a capacidade de interrogar-se ou de deixar-se interrogar sobre as convicções pessoais, as próprias motivações e expectativas: conhecer-se afasta o temor e reforça a própria identidade.

Sempre que *nos confrontamos com a nossa missão e vocação educativa*, reafirma-se em nós a consciência de sermos mais idôneos. Sentimo-nos encorajados a cumpri-la no conjunto de *novas competências culturais, pedagógicas e pastorais*, como o ecumenismo, o diálogo inter-religioso e com os não crentes, o uso da comunicação social, a participação no debate público.



3

O Sistema Preventivo como pedagogia prática: o estilo educativo salesiano

3 1

O ORATÓRIO DE DOM BOSCO, CRITÉRIO DAS NOSSAS ATIVIDADES E OBRAS

A O “critério oratoriano”, inspiração e paradigma para nossas atividades e obras



«Quando pensamos na origem da nossa Congregação e Família, de onde partiu a expansão salesiana, encontramos, sobretudo, uma comunidade, não só visível, mas até mesmo singular, atípica, quase como uma lamparina na noite: Valdocco, casa de uma comunidade original e espaço pastoral conhecido, vasto, aberto... Elaborava-se, nessa comunidade, uma nova cultura, não em sentido acadêmico, mas na direção de relações renovadas entre jovens e educadores, entre leigos e sacerdotes, entre aprendizes e estudantes, uma relação que refluía no contexto do bairro e da cidade... Tudo isso, tendo como raiz e motivação a fé e a caridade pastoral, procurava criar em seu interior o espírito de família e orientava para um sentido afeto pelo Senhor e por Nossa Senhora»

PADRE JUAN VECCHI, ACG 373, “EIS O TEMPO FAVORÁVEL”]

O Oratório de Valdocco levamos à experiência originária da missão salesiana. Dom Bosco, com os seus colaboradores e os primeiros salesianos, encarnou no oratório a particular experiência do Espírito (o *carisma*), que suscitou na Igreja a nossa forma original de missão apostólica entre os jovens mais pobres. Por isso, referir-nos hoje ao Oratório de Valdocco não é exercício histórico do que aconteceu com Dom Bosco, mas caminho de retorno às origens, à fonte que inspirou as nossas obras e atividades (cf. *Const.* 41), para examinar a fidelidade da nossa ação educativo-pastoral.

O Oratório de Dom Bosco em Valdocco é o paradigma, o critério permanente de toda a nossa atividade (cf. *Const.* 40):

► Esse retorno à origem tem como meta o “coração oratoriano”, que



se caracteriza pela **solicitude pelos jovens mais pobres e a classe popular**. Tal zelo, expressão da vontade salvífica de Deus, encarnada na figura do Bom Pastor, tem como primeiros destinatários os jovens pobres nas diversas formas de pobreza em que se encontram.

Exige-se uma mudança na perspectiva pastoral: *antes das obras estão os jovens!* Em função deles, as mediações institucionais e as atividades devem ser repensadas, reformuladas e reorganizadas para serem fiéis à missão que nos foi confiada: «ser sinais e portadores do amor de Deus» (Const. 2).

«Nessas ocasiões descobri que muitos [desses jovenzinhos] voltavam àquele lugar porque estavam abandonados a si próprios. Quem sabe, dizia de mim para mim mesmo, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruisse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere. Comuniquei esse pensamento ao padre Cafasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de levá-lo a efeito, deixando o êxito nas mãos do Senhor, pois sem ele são inúteis todos os esforços dos homens»

(MEMÓRIAS DO ORATÓRIO, SEGUNDA DÉCADA 1835-1845, N. 11)

- Em segundo lugar, em referência ao “coração oratoriano”, praticamos **um método pedagógico tipicamente salesiano** de convivência e comunhão, que dá uma fisionomia específica às nossas obras. É o patrimônio da Família Salesiana que se configura não só como bagagem da experiência em Valdocco, como também identidade que desemboca num estilo. Sua atuação facilita o clima de família, estabelece as mediações necessárias, para que cada jovem cresça em um ambiente acolhedor e familiar (“casa”) marcado pela alegria (“pátio”), onde possa desenvolver todas as suas potencialidades, adquirindo novas habilidades (“escola”) e caminhar seguindo uma clara proposta de fé (“paróquia”).

Este aspecto caracteriza o nosso carisma eclesial, qualifica o nosso trabalho educativo e renova as nossas atividades pastorais, em sintonia com as várias formas culturais e com as várias experiências de fé e de religião nas quais os jovens vivem.

B Indicadores gerais para o discernimento e a renovação

O “coração oratoriano” não só representa a meta e a forma da ação educativo-pastoral salesiana, como também se torna **critério fundamental para o discernimento e a renovação das atividades e das obras**. Para dar ao nosso trabalho e às nossas atividades a conotação impressa por Dom Bosco na sua ação, devemos confrontar-nos, antes de tudo, com os seus critérios básicos.



«Dom Bosco viveu uma típica experiência pastoral no seu primeiro Oratório, que foi para os jovens casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida, e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria. Ao realizarmos hoje nossa missão, a experiência de Valdocco continua critério permanente de discernimento e renovação de cada atividade e obra»

[CONST. 40]

Para sermos fiéis à missão e aos destinatários é fundamental, antes de tudo, a *disposição de escuta e docilidade à ação do Espírito*. É Ele, de fato, que sustenta e acompanha a nossa missão, orienta-a e renova-a. Submetendo-nos à sua ação e inspiração, percorremos o caminho de Dom Bosco que, dócil ao Espírito, deu uma resposta duradoura e correspondente à realidade dos jovens. Para nos renovarmos coerentemente é preciso também a capacidade de ler e discernir: *uma escuta atenta e profunda da realidade sociocultural dos jovens*.

A experiência do discernimento é de fundamental importância. A partir dele, a Pastoral Juvenil Salesiana deve procurar formular uma resposta adequada aos atuais desafios. Discernir implica saber fazer perguntas adequadas, examinar com sabedoria os sinais dos tempos, avaliar com prudência as diversas opções, e, dóceis ao Espírito Santo, pôr em ação com um coração inteligente e uma vontade forte, as ações que tornam presente Dom Bosco hoje e fecundo o trabalho iniciado por ele.

3 2

MODALIDADES DE CONVIVÊNCIA E COMUNHÃO DO “ESTILO SALESIANO”

O Sistema Preventivo está de tal modo ligado ao “estilo salesiano” que é a sua encarnação mais característica e expressiva. Em sua

centralidade, o Sistema Preventivo, como pedagogia concreta, não só facilita a ação educativo-pastoral, como também traz em si os conteúdos da proposta. Seus aspectos mais significativos foram identificados com os ícones de “casa”, “paróquia”, “escola” e “pátio”. São ícones que não individualizam ambientes, espaços e lugares determinados, mas uma série de experiências a oferecer e propor.

A diversidade das experiências desses “ícones” modela a unidade inseparável e indivisível. Pressupõe diversas formas de ação em função do contexto juvenil, de modo que nenhuma delas seja desatendida.

A *Casa que acolhe (experiência do “espírito de família”)*

A experiência de “casa” gera **um ambiente rico de confiança e familiaridade**. Como em família, é essencial que todos cuidem de todos. No ambiente salesiano, este cuidado se concretiza numa diversidade de momentos

nos quais o indivíduo se sente profundamente ouvido e entendido. É a proposta de uma série de experiências e valores transmitidos pelo testemunho dos educadores e o acompanhamento de quem ama e é amado. É forte o impacto da acolhida incondicional a quem chega pela primeira vez e percebe que as suas principais necessidades são respeitadas e a elas é dada a resposta oportuna.

Esta experiência de “casa” no espírito de família é um elemento característico da nossa pedagogia: **a assistência salesiana**, feita de atitudes de empatia, acolhida atenta, desejo de fazer com que os jovens cheguem ao encontro com Cristo e disponibilidade para acolher suas inquietudes.

Só no interior desta relação afetuosa e significativa os jovens percebem que, embora lentamente, são possíveis *o crescimento do diálogo e a circulação dos valores*. Nesse clima, desenvolvem-se todas as condições fundamentais para que o jovem possa amadurecer em todos os seus aspectos e dimensões.



«Faça com que todos aqueles com quem conversar se tornem seus amigos»

(MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS XX, CAP. VIII)

B *Paróquia que evangeliza (vivência religiosa e pedagogia de itinerários)*

A experiência de “paróquia” é construída sobre duas grandes colunas: a convicção de que **todo jovem traz inscrito no próprio coração o desejo de Deus**, o desejo de uma vida plena na perspectiva unificadora da fé em primeiro lugar e, depois, uma série de propostas adaptadas aos destinatários, tendo como finalidade a descoberta e o sucesso da vocação pessoal.

Sobre essas colunas, a ação evangelizadora propõe-se como ambiente em que a fé é vivida cotidianamente, com espontaneidade e normalidade, testemunhada primeiramente pela CEP. É o ambiente em que são explicitadas as dimensões essenciais da Igreja, segundo o carisma salesiano: a “*Koinonia*”, cuja máxima expressão é a CEP, que vive os valores do Reino e chama outros a participar como protagonistas; a “*Liturgia*”, celebração cristã dos eventos cotidianos, cuja expressão máxima e plena concretiza-se nos Sacramentos, de modo especial na Eucaristia e na Reconciliação; a “*Diakonia*”, disponibilidade para o serviço educativo e promocional em modelos de referência, muito mais extensa do que apenas a assistência; a “*Martyria*”, testemunho dos valores do Reino diante do mundo em ações de caridade, com propostas formativas que preparem os jovens e educadores para darem a razão da esperança que existe neles (1Pd 3, 15-16).

Isso tudo é realizado na CEP com uma *proposta de itinerários* graduais de educação à fé para ajudar os jovens a descobrirem a própria vocação e seguir-la segundo o projeto de Deus (v. capítulo IV, n. 3.2.).

C *Escola que inicia para a vida (crescimento integral mediante a educação)*

A experiência de “escola” qualifica-se na oferta dos recursos necessários a fim de que **todo jovem desenvolva as capacidades e as atitudes fundamentais para a vida na sociedade**.

Em todo espaço educativo, formal ou informal, o educador deve procurar e encontrar o *ponto acessível* ao bem de cada jovem para que a partir dele possa amadurecer integralmente.

O jovem é o *protagonista do próprio crescimento e amadurecimento*. O educador acompanha o seu caminho apresentando as propostas necessárias para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, numa vida social fundada no respeito e no diálogo, para a formação de uma consciência crítica e empenhada.

D *Pátio para encontrar-se entre amigos e viver na alegria (pedagogia da alegria e da festa)*

A experiência de “pátio” é própria de um ambiente espontâneo, no qual se criam e estreitam relações de amizade e confiança. No “pátio”, entendido como pedagogia da alegria e da festa, **a proposta dos valores e a atitude confidencial são realizadas de modo autêntico e próximo**. É o lugar adequado para dar atenção a cada menino/jovem, para a *palavrinha ao ouvido*, de onde deriva a relação educador-jovem que supera o formalismo ligado a outras estruturas e ambientes e aos papéis.

Nesse sentido, **a experiência de “pátio” é um apelo a sair das nossas estruturas formais**, dos muros entre os quais trabalhamos para fazer de cada lugar onde os jovens se encontram um ambiente rico de propostas educativas e pastorais. Mesmo nos lugares onde se tentam itinerários pastorais mais descentrados em relação aos lugares frequentados pelos jovens, como a rua, a esquina, a atenção não vai apenas à relação pessoal, mas também à importância e à valorização das dinâmicas dos grupos informais.

No âmbito do tempo livre, os novos lugares de encontro virtual, as redes sociais, são na verdade espaços que não nos devem ser estranhos e dos quais devemos saber valer-nos para chegar a viver com o jovem aonde o encontramos.



«Saibas, porém, que aqui nós fazemos consistir a santidade em estar muito alegres. Esforçamo-nos apenas para evitar o pecado, como um grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração, para fazer os nossos deveres com exatidão, e frequentar as coisas de piedade. Começa desde agora a escrever como lembrança: “servite Domino in laetitia”, sirvamos o Senhor em santa alegria»

[VIDA DO JOVENCINHO DOMINGOS SÁVIO ALUNO DO ORATÓRIO DE SÃO FRANCISCO DE SALES, CAP. XVIII]



PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL SALESIANO:

INSTRUMENTO OPERATIVO

CAPÍTULO

VI

*«Revestir-se do
homem novo, criado à
imagem de Deus»*

(Ef 4, 24)



Para realizar o nosso serviço educativo e pastoral, Dom Bosco nos legou o Sistema Preventivo. “Este sistema baseia-se inteiramente na razão, na religião e na bondade”. Não apela para pressões, mas para as fontes da inteligência, do coração e do desejo de Deus, que cada homem traz nas profundezas de seu ser. Associa numa única experiência de vida educadores e jovens, em clima de família, de confiança e de diálogo. Imitando a paciência de Deus, encontramos os jovens no ponto em que se acha a sua liberdade. Acompanhamo-los para que eles amadureçam convicções sólidas e se tornem progressivamente responsáveis no delicado processo de crescimento de sua humanidade na fé»

[Const. 38]



Uma vez instalados definitivamente em Valdocco, pus-me a promover com toda a alma tudo quanto pudesse contribuir para conservar a unidade no espírito, na disciplina e na administração (...) as bases orgânicas do Oratório»

[Memórias do Oratório, terceira década 1846-1855, n. 6]

Creemos na educação e nos

lançamos a projetar a sua práxis; a pastoral juvenil é atuada quando se traduz concretamente em itinerários educativos. O esforço de programação, com o PEPS, torna viva a vontade de ser propositivo com os jovens. Segundo as quatro dimensões, somos ajudados a desenvolver a personalidade do jovem cristão, com a variedade orgânica de propostas e a compreensão ampla da pastoral dos jovens, aberta a todos. Ao final, apresentam-se algumas opções transversais da pastoral salesiana.

1

A mentalidade de projeto

Neste mundo em contínua mudança, em que a sociedade é muito complexa, a reflexão teológica e eclesiológica procura acompanhar os vários modelos educativos na diversidade dos contextos, enquanto as experiências pastorais tornam-se sempre mais diversificadas. A “caridade pastoral” no interior desta complexidade não deixa de impulsionar e animar a práxis cotidiana com “inteligência pedagógica”, enquanto a comunidade cristã cresce em seu desejo de viver com convicção a responsabilidade educativa dos jovens. O mundo juvenil pede um empenho renovado vivido na constância, com continuidade e corralidade de diferentes agentes educativos. É preciso que todos se reconheçam alinhados na intervenção, ao redor de um projeto capaz de continuar a “tradição” e, ao mesmo tempo, amalgamar o novo, de maneira que não se recomece continuamente do zero nas alternâncias de responsáveis ou na renovação da equipe. **Torna-se essencial entender a contribuição da reflexão e do planejamento pastoral.** O próprio Dom Bosco sentiu no seu tempo a exigência de dar ordem e organicidade às intervenções pedagógicas.

Aqueles que entram em campo na pastoral juvenil devem estar cientes do caminho a trilhar, da situação de onde partir e da meta a alcançar. Devem adquirir familiaridade com todo o processo educativo que se põe em prática concretamente. **Planejar é atitude da mente e do coração, antes de ser obra concreta.** Planejar é mais um processo do que um resultado, planejar é mais um aspecto da pastoral do que um ato passageiro, planejar é um itinerário de envolvimento e de unificação das forças.

Entretanto, pode existir o risco de pôr em ação intervenções superficiais e ineficazes. Delinear um projeto pareceria “algo a mais” a fazer, uma atividade teórica preliminar a suportar, um pedágio a pagar às orientações vigentes.

Ao contrário, o projeto tem o peso de uma “*carta de navegação*” e de referência, em que são codificados os pontos de partida e de chegada. O projeto não é programação técnica, nem vago conjunto de ideias. É um mapa que orienta a paixão educativa e o serviço aos mais frágeis. Será

importante levar isso em conta na realização de itinerários diversificados. Construir um projeto não significa sepultar a criatividade e nem ter a solução de todos os problemas, mas valorizar todos os recursos e abrir-se a possíveis soluções.

2

O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano

2 1

O PEPS COMO PROJETO APOSTÓLICO SALESIANO

A

O PEPS é mediação histórica e instrumento operativo

O PEPS é a concretização da mentalidade de projeto, que deve orientar a realização da missão nas obras. O PEPS é a mediação histórica e o instrumento operativo que orienta a realização da Pastoral Juvenil Salesiana (cf. *Reg.* 4), e o fator de inculturação do carisma (cf. *CG24*, n. 5). **É o condutor do processo de crescimento da comunidade inspetorial e das várias CEP existentes no território em seu esforço de encarnar a missão salesiana em determinado contexto.** O PEPS equivale a um diretório prático que orienta e dá continuidade à pastoral garantindo a unidade de objetivos e encaminhamentos das obras.

Se a finalidade primordial do PEPS é conduzir a Inspeção e as comunidades locais para trabalharem com *mentalidade compartilhada e clareza de objetivos e critérios*, ele também torna possível a gestão corresponsável dos processos pastorais. O projeto é codificado num texto a ser conhecido e atuado.

B *Características fundamentais*

Sendo o PEPS expressão operativa da Pastoral Juvenil Salesiana, ele deve corresponder às suas características fundamentais, que devem qualificar todos os aspectos e elementos que o compõem como **linhas transversais que garantem a sua salesianidade**.

» *O centro do PEPS é a pessoa do jovem, sobretudo o mais pobre*

O principal ponto de atenção de todo o dinamismo da Pastoral Juvenil Salesiana é **o jovem na totalidade das suas dimensões** (corporeidade, inteligência, sentimentos, vontade), das suas relações (consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus), a dupla perspectiva da pessoa e do seu protagonismo na história (promoção coletiva, empenho para a transformação da sociedade); com um olhar para a *unidade do seu dinamismo existencial de crescimento humano* até o encontro com a pessoa de Jesus Cristo (v. *capítulo III*).

O PEPS *orienta e guia um processo educativo* no qual as muitas intervenções, os recursos e as ações se entrecruzam e se articulam a serviço do desenvolvimento gradual e integral da pessoa do jovem. O PEPS atualiza os valores e as atitudes tanto da proposta cristã da Espiritualidade Juvenil Salesiana, como dos princípios metodológicos da pedagogia salesiana, ou seja, do Sistema Preventivo: com *atenção prioritária aos jovens mais pobres e em dificuldade*.

É preciso manter constantemente o contato com a realidade juvenil, sempre mutável numa cultura mutável, considerando-a sempre não em termos de pura destinação, mas como lugar teológico. Esse é o “fio vermelho” que atravessa todas as dimensões e todos os aspectos da ação pastoral e do PEPS.

» *A sua realidade comunitária*

O PEPS, antes ainda de ser um texto, é **um processo comunitário que tende a gerar na CEP uma confluência operativa ao redor de critérios, objetivos e linhas comuns de ação**. Sendo um processo da mente e do coração, evita a dispersão da ação e reconstrói a sua síntese e aprofunda a sua vocação educativo-pastoral a ser compartilhada e examinada

ininterruptamente. O PEPS é, portanto, um elemento de identificação e planejamento da missão comum da CEP, sujeito da ação educativo-pastoral (cf. *Reg.* 5).

Projetar não só ajuda a orientar e examinar continuamente a ação pastoral, para que seja sempre mais inculturada e ciente dos desafios, **mas é também um processo de identificação comunitária**, empenho ainda mais urgente porque somos chamados a educar na fé em situação de Nova Evangelização. A CEP é solicitada a refletir sobre a própria identidade e o próprio projeto operativo. Um novo cenário compromete-a numa tarefa de especial desafio: propor itinerários adequados às situações específicas nas quais os jovens se encontram.

» ***A abertura da obra salesiana ao território e o impacto sobre ele***

Hoje, não se pode pensar o PEPS tão somente em relação com o interior da obra salesiana; todas as instituições, sobretudo as educativas, entram num sistema mais vasto de relações com o qual estão em confronto e dentro do qual interagem. Deve-se considerar o reflexo que a ação salesiana tem fora da obra, pensada como **centro de agregação e agente de transformação educativa**.

A eficácia da evangelização desafia a CEP a atuar harmoniosamente, segundo a **lógica da aliança educativa**, aberta às contribuições do território. Mirar este serviço de coordenação e entrelaçamento implica o sério empenho de dar um passo adiante em relação à pura gestão das próprias obras e serviços; e isso exige passar do simples envolvimento cuidadoso das atividades elaboradas em seu interior à capacidade comunicativa e envolvente dos valores típicos da missão e espiritualidade salesiana; alargar o diálogo com as instituições educativas, sociais e religiosas que atuam na mesma área; abrir-se mediante o espaço criado pelas técnicas modernas, capazes de construir relações; estabelecer um diálogo efetivo com os mais diversos interlocutores que têm incidência na vida dos jovens.

2 2

O PEPS COMO PROCESSO DINÂMICO E INTEGRAL

A *A compreensão articulada da Pastoral Juvenil Salesiana*

IO PEPS é o ponto focal para o qual convergem as linhas doutrinárias e operativas do Sistema Preventivo. O projeto apostólico salesiano em todas as suas dimensões encontra as suas raízes e a sua cuidadosa descrição nas *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, n. 31-39: «nosso serviço educativo-pastoral».

A ação educativo-pastoral salesiana é **um processo dinâmico realizado em algumas dimensões fundamentais**, como aspectos integrantes e complementares. É um quadro referencial antropológico, pedagógico e espiritual coerente para o acompanhamento dos jovens no delicado processo de crescimento da sua humanidade na fé.

O PEPS, em sua unidade orgânica, integra esses diversos aspectos e elementos da Pastoral Salesiana num processo único orientado para uma meta bem identificada. Esse processo **possui quatro aspectos fundamentais, reciprocamente correlatos e complementares, que chamamos de “dimensões”** (cf. *Const.* 32-37; *Reg.* 6-9). As dimensões são o conteúdo vital e dinâmico da Pastoral Juvenil Salesiana e indicam a sua finalidade. Cada uma delas tem o seu objetivo específico que a qualifica, embora sendo intimamente conexas. Não são etapas organizadas como rigorosamente sucessivas, mas integram-se no dinamismo unitário do crescimento do jovem.

Subjacente a essas dimensões, há um preciso horizonte antropológico, educativo e teológico: o crescimento implica, na lógica do itinerário, um entrelaçamento entre maturidade humana e sentido cristão da vida. As dimensões **evocam-se reciprocamente, em cada intervenção, obra e serviço**. Nesse sentido, consideramos “transversal” a sua presença no PEPS.

B *O sentido das quatro dimensões*

As dimensões podem ser compreendidas como **vasos comunicantes, que não só se evocam, mas se alimentam reciprocamente**. Mesmo sendo sucessivas na descrição, convém perceber que elas formam uma unidade; cada uma, com a própria especificidade, contribui para o conjun-

to, mas também recebe das demais uma orientação e alguns destaques originais. São inseparáveis e qualificam-se reciprocamente de modo que não se pode desenvolver uma delas sem uma referência explícita às outras. Estão presentes segundo a lógica do *sistema*, no qual a dinâmica de um elemento suscita adaptações em todas as outras.

Essa unidade e correlação devem ser explicitadas nos objetivos e nas estratégias dos PEPS de todas as obras da Inspetoria, garantindo que cada passo e intervenção sejam inseridos num processo de crescimento humano e cristão unitário, respondendo à questão: **Qual tipo de jovem deve ser promovido** para ser “adulto na fé”? Tendo presente as diversidades culturais e territoriais que condicionam o modelo cristão e exigem integrações importantes, as dimensões orientam à definição da identidade cristã do jovem na Igreja e na sociedade contemporânea.

A articulação dessas dimensões brota da concepção respeitosa da *complexidade do crescimento da pessoa* e de um projeto que tem sua salvação integral como alvo, interessando-se pelas dinâmicas divinas e humanas que, de fato, interagem na história do mundo.

A síntese orgânica, expressa nas dimensões, constitui a característica da Pastoral Juvenil Salesiana:

dimensão da educação à fé (cf. *Const.* 22, 33, 34, 36; *Reg.* 7, 13): implícita ou explicitamente, todo projeto pastoral preocupa-se com a orientação dos jovens para o encontro com Jesus Cristo e a transformação da vida segundo o Evangelho;

dimensão educativo-cultural (cf. *Const.* 31, 32; *Reg.* 4, 6): os jovens devem ser encontrados no ponto em que estão, estimulando o desenvolvimento de todos os seus recursos humanos e abrindo-os ao sentido da vida;

dimensão da experiência associativa (cf. *Const.* 35; *Reg.* 8): favorecer o amadurecimento da experiência de grupo até descobrir a Igreja como comunhão de crentes em Cristo e amadurecer uma intensa pertença eclesial;

dimensão vocacional (cf. *Const.* 34, 35, 37; *Reg.* 9): acompanhar a descoberta da vocação e do projeto pessoal de vida em vista do empenho de transformação do mundo segundo o projeto de Deus.

O conjunto das quatro dimensões forma a dinâmica interna da Pastoral Juvenil Salesiana; trata-se de um quadro de opções qualificadoras, que nos pode ajudar a elaborar com os jovens, nas situações concretas, propostas educativas proporcionadas.

As quatro dimensões permitem-nos, em sua harmonia, uma variedade orgânica de propostas e uma ampla compreensão da pastoral dos jovens, aberta a todos. O itinerário da pastoral dos adolescentes e dos jovens, enquanto é efetivado, realiza muitas intervenções (pela diversidade das situações juvenis) e *integra-as* (voltadas à totalidade da pessoa). Quando as condições sociais e culturais nas quais os jovens vivem são fortemente condicionantes e se trabalha no interior de instituições educativas com finalidades específicas, é preciso elaborar itinerários que assumam as situações concretas (jovens operários, jovens estudantes, jovens em situação especial de marginalização) sempre na perspectiva da centralidade do jovem e da sua experiência de vida.

Depois de definir o sentido e a consistência do PEPS, será possível atender mais amplamente aos momentos da sua elaboração (v. *capítulo VIII*).

2 3

A ESPECIFICIDADE DE CADA DIMENSÃO E AS OPÇÕES NECESSÁRIAS

A Dimensão da educação à fé

» Sua especificidade

Evangelizar os jovens é a primeira e fundamental finalidade da nossa missão (cf. *Reg.* 7. 13). O nosso projeto é decididamente orientado ao amadurecimento pleno dos jovens em Cristo (cf. *Const.* 31) e ao seu crescimento na Igreja, certos de que **a educação da dimensão religiosa é central no desenvolvimento da pessoa** (cf. CG23, n. 160).

A evangelização leva a Boa Nova de Cristo a todos os estratos da humanidade a fim de renová-la a partir de dentro (cf. *Evangelium Nuntiandi*, 18). Desde o primeiro anúncio da pessoa de Jesus, queremos levar os jovens a cruzarem a porta da fé para que, durante sua vida,

crendo «com uma fé consciente e vigorosa» (*Porta Fidei* 8) descubram sua alegria intrínseca.

Muitas vezes, o itinerário de amadurecimento na fé exige tempos muito longos e um envolvimento comunitário que vá além da proposta estritamente catequética. Para acompanhar a adesão à fé e o itinerário cristão, raciocina-se em termos de *iniciação*.

Dom Bosco transmitiu a paixão pela salvação dos jovens vivida **no empenho constante de uma catequese simples, essencial, adaptada** à condição, idade e cultura dos jovens e unida a outras propostas educativas e recreativas do oratório. Não se faz catequese salesiana ao final de um itinerário propedêutico, mas, implicitamente, ela é o coração dos primeiros encontros e, explicitamente, de toda a proposta formativa. Dom Bosco não distinguia entre primeiro anúncio e catequese, mas, ao encontrar um menino, logo o convidava oportunamente para o itinerário de vida cristã. Se a catequese não se integra na vida dos jovens, fica estranha e incompreensível, é sofrida e, no futuro, abandonada.

» **Algumas opções qualificadoras**

- 1 Promover o **desenvolvimento da dimensão religiosa** da pessoa, tanto nos cristãos como em quem pertence a outras religiões, aprofundando-a, purificando-a e abrindo-a ao desejo de um ulterior caminho de fé. Ajudamos os jovens, através de várias propostas, a viverem as atitudes típicas de uma experiência religiosa: admiração, contemplação, abertura ao mistério, sentido da gratuidade. O primeiro desafio é suscitar a busca religiosa e mostrar aos poucos a sensatez do ato de fé.

Diversão, diálogo, confronto, encontro *são o terreno da vida*, de seus problemas, de suas esperanças, de suas expectativas, terreno da experiência. Aqui é preciso fazer-se companheiro de viagem dos jovens, compartilhando com eles o penoso caminho de crescimento e aprofundamento da experiência da existência. Para eles, esse terreno é necessariamente o do seu crescimento, das suas tarefas relativas à construção da própria identidade. A isso, eles não são indiferentes.

- 2 Suscitar, acompanhar e aprofundar a **experiência da fé**, como adesão pessoal a Cristo, que leva a ver a vida com os olhos de Jesus. É

importante desenvolver um **itinerário sistemático de educação à fé**. Quem conhece o processo de amadurecimento humano do adolescente e do jovem percebe que a integração fé-vida exige uma grande atenção educativa.

Procuramos aproximar-nos da experiência juvenil ativando, antes de tudo, o *repensamento dos conteúdos do anúncio e da catequese*. A catequese experiencial ou antropológica, caracterizada pela acolhida da problemática humana como conteúdo e dimensão, é expressa mediante uma finalidade dupla e complementar:

- ▮ proclamar a fé de modo *significativo*, em toda a riqueza experiencial da mensagem cristã;
- ▮ ajudar o amadurecimento da fé como atitude capaz de inspirar e organizar todo o *processo de amadurecimento humano*, reforçando a adesão ao Senhor através do encontro pessoal com o educador e a direção espiritual (cf. CG23, n. 173-175).

3 Iniciar os jovens na **participação da liturgia de modo consciente e ativo** e, de modo especial, na **celebração** dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia,

- ▮ favorecendo a sua preparação com um ambiente acolhedor e de amizade que suscite abertura do coração;
- ▮ preparando celebrações que, pela beleza e profundidade comunicadas, levem a uma verdadeira relação pessoal com Cristo;
- ▮ promovendo o esforço pessoal de viver no cotidiano o que foi celebrado.

4 Em um mundo dominado pela pressa, pela busca do prazer imediato e pela eficiência pragmática, é urgente criar, para os jovens, ambientes adequados que favoreçam o encontro com Deus mediante **itinerários de interiorização**: *oração* pessoal e comunitária, *abertura ao mistério, contemplação e silêncio, encontro e confronto com a Palavra viva e compartilhada*. Esta abordagem da Palavra e os esforços formativos e da sua integração na oração cotidiana da comunidade são extremamente importantes. Os jovens sempre são muito sensíveis

à leitura orante da Palavra de Deus na forma de Lectio divina quando o texto bíblico lhes é repartido com linguagem adequada e relação estreita com sua vida, narrando quem é Deus, para depois revelar a si mesmos quem são eles.

- 5 Oferecer aos jovens experiências graduais de **serviço e trabalho apostólico**, que os ajudem a realizar pessoalmente a integração da própria fé com a vida, sendo eles mesmos, segundo suas possibilidades, testemunhas e evangelizadores dos coetâneos. Trata-se de uma fé que estimule e aprofunde os processos de humanização e promoção das pessoas e dos grupos segundo o modelo de Jesus Cristo.

A dimensão social da caridade pertence à educação da pessoa social e politicamente empenhada na justiça, na construção de uma sociedade mais justa e mais humana, descobrindo sua inspiração plenamente evangélica (cf. *Const.* 32; *Reg.* 22). A adesão de fé sempre mais madura abre-se para o serviço sincero ao homem. A proposta e o testemunho de solidariedade dão credibilidade ao anúncio evangélico, porque exprimem o seu potencial de humanidade; já são anúncio da vida nova em Cristo e manifestam que o Evangelho é para o homem, que a Igreja tem uma palavra decisiva a dizer pela vida, pela dignidade, pela esperança e pelo futuro do homem. Dom Bosco educou os jovens nas virtudes morais do honesto cidadão.

B *Dimensão educativo-cultural*

» *Sua especificidade*

A dimensão educativo-cultural está em íntima relação com a dimensão da educação à fé. A educação é lugar e mediação para a oferta da boa nova do Evangelho, mensagem que se encarna na cultura concreta e demanda processos graduais de acolhida em sintonia com a capacidade de amadurecimento de cada jovem (cf. *Const.* 31). A educação requer que, partindo da situação concreta dos jovens, elaborem estratégias que os guiem para o amadurecimento integral.

A visão pastoral não se orienta exclusivamente pela problemática religiosa e de relação com a fé e a Igreja. Ela está aberta a toda experiência; acolhe todas as esperanças e todos os esforços de crescimento, de construção de si

com os outros, de inserção na sociedade, de trabalho. A proposta de fé, por sua vez, cruza com os objetivos do amadurecimento humano porque é ali que o crer tem sentido. O olhar pastoral, portanto, está cheio de atenções educativas, **exercício da sabedoria educativa orientada pela fé**.

» **Algumas opções qualificadoras**

A preocupação com a dimensão educativo-cultural na ação pastoral privilegia alguns conteúdos operativos precisos:

1 Ajudar os jovens a construírem uma identidade forte. Em um mundo fragmentado e voltado para o imediato, marcado pelo relativismo e a falta de princípios, nós salesianos cremos que o Projeto Educativo-Pastoral pode ajudar a formar personalidades fortes nos jovens (cfr. Mt 7, 24-27). Ajudamo-los a superar as dificuldades. Deste modo, é preciso cuidar da *convergência de todas as intervenções educativas para a formação de uma personalidade unitária*; uma opção operativa em que todas as contribuições sejam integradas fortificando-se reciprocamente, em harmonia com as aspirações e as dimensões educativas bem hierarquizadas.

Ao contemplar os jovens com os olhos de Jesus, ajudemo-los a:

- ▮ formar a consciência moral e a capacidade de discernimento ético em vista de um juízo motivado e responsável;
- ▮ crescer na autonomia para enfrentar a vida com coerência e responsabilidade;
- ▮ adquirir um rico patrimônio de valores/virtudes, concordes com o Evangelho (cf. *Const.* 32);
- ▮ confrontar-se com modelos críveis de referência, reconhecidos em educadores que têm Jesus, Bom Pastor, e Dom Bosco como primeira referência (*Const.* 11, 21). A qualidade da vivência destes modelos incide fortemente no itinerário de adesão a Cristo.

2 Acompanhar os jovens no desenvolvimento e amadurecimento do próprio mundo afetivo e emotivo. Esse é um mundo que, às vezes, tem dificuldade de exprimir-se, embora tenha papel fundamental. Os afetos e os sentimentos são critério-guia do caminho relacional e também da avaliação ética, mas

procedem muitas vezes por um percurso paralelo à racionalidade. O âmbito afetivo e sexual resulta sempre mais relevante em relação à formação da personalidade. É preciso ajudar, sobretudo os adolescentes, a administrarem emoções, sentimentos e pulsões sexuais, e viverem o namoro como experiência de crescimento. A educação integral da pessoa levará os jovens a dar importância aos valores autênticos da afetividade (respeito de si e dos outros, dignidade da pessoa, transparência das relações, fidelidade ao outro/a) e da sexualidade como valor determinante no itinerário de amadurecimento.

Cuidemos deste aspecto:

- ▮ criando ambientes ricos de intercâmbios de comunicação e afeto. Os jovens buscam relações autênticas na família, com os professores, os amigos, os colegas no ambiente de trabalho, relações que ajudem a estar bem e caminhar com serenidade na realização do próprio itinerário;
- ▮ ajudando as famílias nas situações heterogêneas em que se encontram, contribuindo com as características próprias do nosso carisma: familiaridade, disponibilidade constante ao diálogo e à proximidade;
- ▮ acolhendo os desejos dos jovens com a aceitação serena do limite, evitando restrições exageradas diante da atual cultura do excesso amplamente difundida na sociedade;
- ▮ acompanhando os jovens nas diversas etapas da vida, favorecendo atitudes relacionadas com o serviço e a gratuidade.

3 Promover uma cultura que se inspire no humanismo cristão. A partir deste rico patrimônio humanista pode-se ter uma visão diferente do mundo e do homem. Suscitemos o desenvolvimento positivo da realidade cultural na unidade da fé e da vida:

- ▮ valorizando o que há de bom na cultura atual, atentos a não cair em uma avaliação simplista e excessivamente crítica da condição juvenil (cf. Const. 17);
- ▮ promovendo a cultura da vida, opondo-se às tendências destrutivas do relativismo, do hedonismo e do pragmatismo;

- criando a cultura da solidariedade e do empenho, que leve a superar as situações difíceis lutando contra toda forma de injustiça;
- fazendo dos diversos programas de comunicação social uma proposta educativa orientada para o amadurecimento da mentalidade evangélica.

4 Trabalhar pela **promoção humana e a competência humanista e profissional**, para que os jovens possam inserir-se no mundo do trabalho como cidadãos qualificados. O profissionalismo deve incentivar para que o trabalho seja realizado com competência crescente e satisfação real, ciente dos limites e respeitoso do trabalho dos outros, ciente da própria contribuição para o crescimento social.

É preciso, ainda, formar *atitudes e estruturas estáveis na personalidade dos jovens* (autoestima, socialização, participação, autonomia, solidariedade, responsabilidade, vontade), que lhes permitam agir como pessoas livres e os orientem à compreensão crítica da realidade e à comunhão solidária com as pessoas.

5 Ajudar a refletir sobre a **racionalidade da própria fé**, sobre a contribuição do cristianismo na construção das sociedades em que vivemos, cultivando uma leitura inteligente da mensagem cristã:

- educação das atitudes que estão na base da abertura a Deus (saber entrar em si mesmo; conhecer-se sempre mais e melhor nos próprios limites e possibilidades; saber surpreender-se e admirar-se, valorizando o que há de bom, de grande, de belo em si e ao seu redor);
- formação religiosa crítica e adequada que ilumine a mente e robusteça o coração;
- atitude de abertura, respeito e diálogo entre as diversas confissões cristãs e a pluralidade de expressões religiosas;



C *Dimensão da experiência associativa*

» *Sua especificidade*

A Pastoral Juvenil Salesiana tem na experiência associativa uma das suas intuições mais importantes. Dom Bosco valorizou o grupo como presença educativa capaz de multiplicar as intervenções. Ainda jovem, ele criou a *Sociedade da Alegria* quando frequentou a escola em Chieri, fazendo experiência de grupo. As companhias, as sociedades, as conferências vicentinas, cada uma a seu modo e com interesses e objetivos próprios assumidos pelos associados, nasceram no início do Oratório e entraram nos internatos e colégios nos anos 1860-1870.

Esta dimensão é uma característica fundamental da educação-evangelização salesiana (v. *capítulo V*, n. 1.3/b).

O Sistema Preventivo requer um intenso e luminoso ambiente de participação e relações de amizade, vivificado pela presença animadora dos educadores, e favorece todas as formas construtivas de atividades e de vida associativa, iniciação concreta ao trabalho comunitário, civil e eclesial (cf. *Const.* 35; *Reg.* 8).

» *Algumas opções qualificadoras*

O desenvolvimento desta dimensão na situação descrita requer algumas opções:

- 1 Construir um **ambiente de família**, através de intervenções adequadas e estrategicamente planejadas, vivendo a pedagogia da proximidade, das relações e do afeto demonstrado; ambiente de confiança em que as propostas educativas e evangelizadoras sejam críveis e assimiláveis pela intensidade das relações pessoais e o clima de alegria compartilhada.
- 2 Optar pelo **grupo** como ambiente privilegiado em que se desenvolve a proposta associativa salesiana: a variedade de grupos abertos a todos os jovens, os verdadeiros protagonistas, e que exprimem a diversidade dos itinerários pedagógicos nos quais se diversifica a nossa proposta pastoral. Este critério implica outras atenções:
 - ▮ criar pluralidade de propostas e ambientes de ampla acolhida segundo os diversos interesses e itinerários dos jovens, a partir

da situação em que eles se encontram, no respeito ao ritmo de desenvolvimento que lhes é possível;

- ▮ cuidar de modo especial dos grupos de formação e de empenho cristão, coroamento da experiência associativa;
- ▮ qualificar e formar continuamente os educadores e animadores;
- ▮ oferecer tempos intensos de convivência/partilha de vida (retiros, acampamentos, jornadas) como momentos de confirmação e relançamento da decisão associativa e cristã dos grupos;
- ▮ fazer objeto de reflexão e revisão na CEP o funcionamento, a eficácia educativa e as intervenções dos grupos jovens.

3 Educar com o coração e o estilo de animação. O estilo da animação comporta:

- ▮ um modo de pensar a pessoa humana que, pelos seus recursos interiores, seja reconhecida como capaz de empenhar-se e ser responsável nos processos que lhe dizem respeito;
- ▮ um método que perceba o positivo, as riquezas e potencialidades que cada jovem traz dentro de si, oferecendo uma ação de promoção;
- ▮ um estilo de caminhar com os jovens que sugere, motiva, ajuda a crescer no cotidiano, através de uma relação de tipo libertador e convalidado;
- ▮ o objetivo último e global de restituir a cada pessoa a alegria de viver plenamente e a coragem de esperar.

A animação tem o aspecto concreto de uma pessoa: **o animador**. Ele tem um papel preciso e indispensável. Embora esse papel varie em situações particulares conforme o tipo de grupo, podemos exprimi-lo assim:

- ▮ encoraja a formação de grupos e o progresso das buscas, reflexões, atividades e ideais;

- ▮ ajuda, mediante a sua competência e experiência, a superar as crises do grupo e tecer relações pessoais entre os componentes;
 - ▮ apresenta aos jovens elementos de crítica e aprofundamento, para que saibam indicar suas propostas, seus desejos e suas buscas;
 - ▮ favorece a comunicação e ligação entre os grupos na CEP local;
 - ▮ acompanha cada componente em seu processo de crescimento humano e cristão.
- 4 O grupo juvenil deve tender à **inserção social e eclesial** segundo a própria opção vocacional. Nessa ótica, a experiência associativa salesiana deve promover:
 - ▮ a preparação e o acompanhamento que tornem o jovem capaz de participar da vida da sociedade, assumindo as próprias responsabilidades morais, profissionais e sociais, e cooperando com os que trabalham para torná-la mais digna do homem;
 - ▮ a inserção ativa no civil, mediante a promoção de diversas associações a serviço do bem comum na sociedade;
 - ▮ a inserção na comunidade eclesial, ajudando os jovens ao amor sincero por ela, como comunhão de todos os crentes em Cristo e sacramento universal de salvação.

Os grupos locais reúnem-se no *Movimento Juvenil Salesiano (MJS) [Articulação da Juventude Salesiana (AJS)]*: indivíduos, grupos e associações juvenis que, mantendo a própria autonomia, se reconhecem na espiritualidade e na pedagogia salesiana, formam de modo implícito ou explícito o MJS [AJS] (v. *capítulo VI*, n. 2.5).

- 5 Criar **comunidades de jovens adultos** que permitam cuidar da própria vida cristã e sua participação. São lugares nos quais se partilha a vida, se discerne a vontade de Deus na escuta da Palavra, se celebra, se reza e se assumem empenhos pastorais nos contextos eclesiais em que os membros estão inseridos.

As comunidades juvenis são um lugar privilegiado para o discernimento vocacional e oferecem aos jovens uma ajuda cotidiana preciosa para o aprofundamento da fé professada, celebrada, vivida e rezada (cf. *Porta Fidei* 9).

D *Dimensão vocacional*

» *Sua especificidade*

A proposta vocacional deve estar presente durante todo o processo de educação e evangelização. **As três primeiras dimensões convergem na dimensão vocacional, horizonte último da nossa pastoral.** Seu objetivo é acompanhar cada jovem na busca concreta da própria vocação, lugar da sua resposta ao projeto de amor gratuito e incondicional que Deus tem por ele/ela. A dimensão vocacional configura o objetivo primeiro e último da Pastoral Juvenil Salesiana.

» *Algumas opções qualificadoras*

- 1 Suscitar atitudes de disponibilidade e generosidade, que preparem os jovens para a escuta da voz de Deus, e acompanhá-los na formulação do **projeto de vida** pessoal. A preocupação vocacional comporta um verdadeiro e próprio itinerário de acompanhamento nas opções fundamentais de sua vida, ajudando-os a enfrentar a própria história como dom e acolher a perspectiva vocacional da vida.
- 2 Criar **comunidades de crentes, onde seja visível e crível a experiência de fé**: comunidades acolhedoras, próximas, profundas, empenhadas e abertas a todos os jovens que buscam o seu destino na vida. O itinerário de vida cristã requer um contexto comunitário (eclesial) vivo, envolvente, capaz de sustentar a opção de fé e ajudar a interpretá-la em relação à vida cotidiana: ambiente educativo, portanto, de testemunhas significativas que vivam a vida como vocação.
- 3 Optar pelo **acompanhamento pessoal**, que permita amadurecer as opções vocacionais dos jovens de modo personalizado, e procure chegar ao indivíduo de maneira diversificada, aderente à sua experiência interior, à situação vivida por ele e às justas exigências da comunidade. Por isso, é essencial, na CEP e no PEPS, a proposta concreta de espaços e tempos para o acompanhamento, o encontro e o diálogo pessoal com os grupos e as

famílias, a interiorização e personalização (retiros, exercícios etc.) e a direção espiritual sistemática (v. capítulo V, n. 1.3/c).

- 4 Por último, requer-se **intensamente que a proposta vocacional seja inserida no itinerário de educação à fé**, como ponto de convergência de todos os esforços educativos e evangelizadores. A pastoral, na medida em que torna explícita sua dimensão vocacional, encontra as grandes motivações para sua revitalização; faz redescobrir a vida como dom, como “ser para”, numa perspectiva libertadora e fascinante porque colocada diante do plano surpreendente e admirável de Deus. Esse itinerário supõe:

- ▮ discernimento vocacional, oferecido a todos os jovens segundo a idade e as diversas situações, ajudando cada jovem a descobrir o dom de Deus, os próprios recursos, fazendo frutificar os dons recebidos empregando-os na resposta generosa ao chamado;
- ▮ aprofundamento, nas diversas etapas, do itinerário de educação à fé, do tema vocacional, sobretudo na adolescência e na juventude, e a oferta, ao mesmo tempo, de experiências de serviço gratuito aos mais carentes;
- ▮ proposta clara e explícita, mediante encontros, testemunhos, experiências, informações sobre as diversas vocações nos vários âmbitos da vida (namoro, matrimônio, sacerdócio ministerial, vida consagrada);



«Toda a pastoral e, em particular a juvenil, é radicalmente vocacional: a dimensão vocacional constitui o seu primeiro inspirador e a sua saída natural. É preciso, pois, abandonar a concepção redutiva da pastoral vocacional que só se preocupa com a busca de candidatos para a vida religiosa ou sacerdotal. Ao contrário, como dito acima, a pastoral deve criar as condições adequadas para que todo jovem possa descobrir, assumir e seguir responsavelmente a própria vocação. Seguindo o exemplo de Dom Bosco, a primeira condição consiste na criação de um ambiente em que se viva e se transmita uma verdadeira “cultura vocacional”, isto é, um modo de conceber e enfrentar a vida como dom recebido gratuitamente; dom a compartilhar a serviço da plenitude da vida para todos, superando a mentalidade individualista, consumista, relativista, e a cultura da autorrealização»

(PADRE PASCUAL CHÁVEZ, ACG 409, “VINDE E VEDE”)

- D formação espiritual profunda através da iniciação à oração, à escuta da Palavra de Deus, à participação nos sacramentos e na liturgia e à devoção mariana; participação ativa na vida da comunidade eclesial através dos grupos e movimentos apostólicos, considerados como lugares privilegiados de amadurecimento cristão e vocacional; possibilidade de contato direto com algumas comunidades religiosas e com a experiência explícita de discernimento vocacional;
- D convite pessoal para seguir uma vocação, garantindo um discernimento cuidadoso e gradual; preocupação especial pelas vocações no carisma salesiano em suas múltiplas formas, mediante *o discernimento e o cuidado dos germes de vocação salesiana*, tanto consagrada como leiga, presentes nos jovens.

Resumamos esquematicamente as quatro dimensões da Pastoral Juvenil Salesiana:

a educação à fé (1) não será possível se não for itinerário educativo e cultural (2) que envolva a dimensão relacional e associativa da pessoa (3) que só neste momento poderá descobrir e orientar a própria vida para sua realização (4);

o itinerário educativo (2) fica sem amadurecimento, ou seja, sem verdade antropológica de referência, se não se inspirar na ideia de homem iluminado pela evangelização (1); além disso, não alcança o próprio objetivo se não envolver a pessoa levando em conta todas as suas relações (3) e o seu objetivo de realizar a própria vida segundo um preciso projeto de orientação da existência (4);

as relações pessoais e associativas em que vivemos (3) serão meras proximidades físicas se não forem incorporadas de algum modo no pleno amadurecimento pessoal e cultural (2), se não forem envolvidas no projeto pessoal de vida como indispensáveis à realização de si (4) e não encontrarem na evangelização a própria definição de relações de amor (1);

a dimensão vocacional que orienta todo o nosso itinerário (4) será incompreensível sem a referência a Cristo (1), se não incidir nas relações que cada um tem na própria vida (3) e se não se tornar o sentido e o fim da própria formação cultural e educativa (2).

2 4

OPÇÕES TRANSVERSAIS DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

O PEPS promove o crescimento de uma fé operativa com ações educativas e pastorais transversais, enraizadas no nosso carisma:

A *A animação das vocações apostólicas*

Em continuidade com os elementos indicados na dimensão vocacional, a animação vocacional encontra o seu momento irrenunciável de intervenção no acompanhamento da opção vocacional apostólica.

A orientação educativa ajuda na busca da identidade e facilita o processo de decisão num projeto de vida baseado e construído sobre os valores evangélicos.

» *Habitar uma cultura vocacional*

A continuidade do processo de animação vocacional apostólica é realizada num itinerário vocacional específico. Nele se cuida com atenção da escuta, do discernimento, da verificação experiencial no campo da idoneidade pessoal para um possível chamado de especial consagração.

A diversificação das propostas na orientação vocacional deve ser feita em função dos **sinais vocacionais que parecem manifestar-se no itinerário de crescimento**. A identificação da própria vocação feita pelo jovem não deve ser entendida como ponto de chegada, mas como ponto de partida para o crescimento contínuo na opção vocacional. É o valor da cultura vocacional que entende a vocação em sentido amplo como chamado à vida, ao trabalho digno, a diver-



«Os conteúdos da cultura vocacional, assim entendida, referem-se a três áreas: a antropológica, a educativa e a pastoral. A primeira refere-se ao modo de conceber e apresentar a pessoa humana como vocação; a segunda mira a favorecer uma proposta de valores congeniais à vocação; a terceira dá atenção à relação entre vocação e cultura objetiva e tira dela conclusões para o trabalho vocacional»

(PADRE PASCUAL CHÁVEZ, ACG 409, "VINDE E VEDE")

sos compromissos e serviços, ou seja, uma cultura que leva alguns a refletirem sobre a possibilidade de optar pelo estado de vida sacerdotal ou consagrada.

» *Chamados à vida e à fé*

A “vocação” tem início com o chamado à vida, continua no chamado à fé e chega, com diversas respostas, ao chamado à vida consagrada. Nesse sentido, são acompanhados aqueles que, num processo adequado de crescimento e amadurecimento na dimensão vocacional da própria pessoa, consideram a possibilidade de Deus os chamar a uma vida de especial consagração. Dá-se atenção especial à natureza do chamado: **itinerário espiritual configurado como tomada progressiva de consciência das exigências de uma vocação que exige conversão e entrega de si para a vida de entrega amorosa a Deus.**

A CEP, acompanhando os jovens em seu itinerário de crescimento humano, cristão e salesiano, também oferece momentos e formas adequadas de séria reflexão sobre a possibilidade de entregar a própria vida totalmente a serviço de Deus.

O orientador espiritual, necessário em todo processo vocacional, ajuda de modo especial as vocações apostólicas a viverem no discernimento das motivações vocacionais e dos requisitos necessários. Este processo permite ao jovem tomar **uma decisão serena e pessoal, livre e motivada**, enquanto faz experiência numa comunidade em que se forma segundo o carisma ao qual é chamado, aprofundando seu conhecimento e sua gradual conformação.

A animação vocacional no coração do PEPS



O PEPS deve propor decididamente uma ação pastoral capaz de suscitar e individuar as vocações apostólicas de especial consagração. **O PEPS deve responder adequadamente aos jovens que se interrogam seriamente sobre a possibilidade de viver a vocação apostólica salesiana.**

Nas propostas de discernimento, a animação das vocações apostólicas fica atenta à gradualidade dos objetivos e dos métodos.

As fases da pré-adolescência e adolescência preparam o processo de decisão dos jovens. São fases que constroem a identidade humana e cristã e

dispõem para a busca e a adesão da própria vocação. É um período favorável para os jovens se descobrirem como protagonistas, com uma vocação específica na Igreja, na Congregação e no mundo: **descoberta que pode ser proposta de modo explícito.**

Esta gradualidade permite chegar a *assumir a vida como vocação e trazê-la em projeto pessoal de vida.* Retomando intuições e aspirações vocacionais escondidas em épocas precedentes, passa-se da disponibilidade genérica à disponibilidade específica do dom de si.

Nesses vários processos – amadurecimento de decisões de vida, itinerário espiritual orientado, discernimento vocacional – deve-se garantir a liberdade interior que ajude o pleno amadurecimento da decisão vocacional. Deve-se dar atenção à libertação de possíveis condicionamentos culturais, afetivos, sociais ou emotivos para que a autenticidade gere a aceitação de um compromisso radical de vida.



«A promoção das vocações consagradas exige algumas opções fundamentais: oração constante, anúncio explícito, proposta corajosa, discernimento cuidadoso, acompanhamento personalizado». A oração deve ser empenho cotidiano das comunidades e deve envolver jovens, famílias, leigos, grupos da Família Salesiana. O anúncio pede a valorização das múltiplas ocasiões vocacionais que se apresentam durante o ano litúrgico. A proposta e o discernimento exigem aquela proximidade cordial que suscita confiança e permite intuir os sinais de vocação manifestados pelo jovem. O acompanhamento requer ajudar os jovens a intensificarem a vida espiritual, experimentarem formas adaptadas de apostolado, viverem a experiência de comunidade, conhecerem a Congregação, examinarem as motivações e ativarem as dinâmicas que levam à decisão»

[CG26, N. 54]]

B

A animação missionária e do voluntariado em suas diversas formas

A dimensão da educação à fé encontra na animação missionária e nas diversas formas de voluntariado, uma continuidade que deve ser mantida e desenvolvida. **A abertura à vocação missionária e ao empenho social da caridade no voluntariado são expressões maduras da educação à fé e da evangelização dos jovens.**



«No Oratório de Dom Bosco, os colaboradores jovens e adultos viveram a experiência de viver e trabalhar com ele para a educação e a salvação dos jovens. Esta “vida carismática” e comunitária, núcleo da Espiritualidade Salesiana, ilumina o projeto do voluntariado salesiano»

[O VOLUNTARIADO NA MISSÃO SALESIANA, N. 33]

A animação missionária não brota como fato isolado, mas em *continuidade com a identidade de cada cristão e cada comunidade*, como seu natural “florescimento”. Por outro lado, ela apresenta-se como expressão radical e clara da identidade capaz de motivar as comunidades no dinamismo apostólico. Característica comum e evento significativo são as duas vertentes que é preciso ressaltar: a animação missionária que reforça a fé e a fé que leva ao empenho missionário para com todos, especialmente os mais carentes. Por

isso, é preciso considerar a animação missionária como elemento que fecunda as diversas dimensões do PEPS: do crescimento humano da pessoa, do seu amadurecimento na fé, do seu processo de decisão vocacional.

» O coração missionário de Dom Bosco

Dom Bosco intuiu a enorme tensão espiritual e a extraordinária *força apostólica* que o ideal missionário haveria de suscitar em seus meninos. Intuiu-as e utilizou-as com zelo e inteligência. Falava-lhes das missões e dos missionários, mantinha-os informados de suas atividades, de suas necessidades, fazia-os rezar, encorajava-os a participarem do sonho missionário.

A animação missionária e o voluntariado levam hoje o missionário a compartilhar e o voluntário a assumir uma visão vocacional da vida: *dom recebido gratuitamente a ser compartilhado no serviço de vida a todos*.

A cultura missionária torna-se realidade quando se adquirem atitudes e valores fundamentais do carisma salesiano. São os valores que Dom Bosco inculcou em seus meninos e salesianos: o amor preferencial pelos jovens mais pobres, o desejo de colaborar na missão redentora de Cristo e na renovação do mundo.

» A nossa Congregação é missionária

A encíclica “Redemptoris Missio” apresenta três formas diversas de atividade evangelizadora: a “atividade missionária específica” entre os povos que não

conhecem Cristo; a “atenção pastoral” entre os fiéis cristãos; e a “reproposta do Evangelho” nos países de antiga tradição cristã, agora secularizados.

Os limites entre as três modalidades não podem ser traçados de modo claramente definido; essas atividades certamente não se identificam uma com a outra, nem se excluem mutuamente como se fosse possível isolar uma delas, independente das outras. Ao contrário, elas são intercomunicantes; e, além disso, a atividade especificamente missionária (*ad gentes*) significa também para as demais a expressão primeira e qualificadora de toda a evangelização: «Sem ela, a Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e da sua atração exemplar» (*Redemptoris Missio*, n. 33-34).

O trabalho missionário *ad gentes* faz parte integrante do carisma salesiano. Desde o início, as vocações missionárias foram cultivadas na Congregação, como as expressões mais vivas e generosas da vocação salesiana. Hoje, também, a animação missionária e o voluntariado missionário salesiano são expressões da missionariedade e espiritualidade da Congregação Salesiana.

O missionário e o voluntário salesiano empenham-se num projeto de vida baseado nos valores do Evangelho, no serviço das pessoas em dificuldade; eles promovem o anúncio do Evangelho, os direitos humanos, a solidariedade, a justiça e a paz.

Os valores defendidos e promovidos pela animação missionária e o voluntariado são os mesmos do espírito salesiano: serviço desinteressado, espírito de comunidade e estilo oratoriano, interculturalidade, solidariedade como opção clara e preferencial pelos últimos, particularmente os pobres e marginalizados, inserção crítica e responsável na realidade social para a construção do Reino.

» ***O ardor pelas missões provém do mistério de Deus***

Para a missão e o voluntariado é indispensável **cultivar uma vida interior espiritualmente sólida**. Ela permite descobrir em si mesmos e nos outros a presença e a ação de Deus, e anunciá-Lo; uma vida espiritual que fortifique a consciência da responsabilidade evangelizadora e o envolvimento na ação pelo bem dos outros. A vida espiritual gera atitudes de serviço e gratuidade e dá coragem para sonhar e desejar intensamente o bem dos outros.

A dimensão missionária da Igreja está *enraizada na vida trinitária de Deus*: o Verbo enviado pelo Pai, no seu mistério de Morte e Ressurreição, confere-nos a ple-

nitude da vida no dom do Espírito Santo. A missão da Igreja é compartilhar com todos os povos esta mensagem de plenitude, esta boa notícia, este *euanghèlion*.

A animação missionária e o voluntariado oferecem às pessoas a possibilidade de empenho e trabalho para o **advento do Reino de Deus nos diversos contextos da missão salesiana**.

A atividade missionária não se fundamenta primariamente nas capacidades humanas, mesmo sendo importante o seu papel. *O sujeito protagonista da missão da Igreja é o Espírito Santo*: Ele chama, ilumina, guia, confere valor e eficácia. O missionário e o voluntário vivem a própria vocação dócil à ação do Espírito.

» **O voluntariado e a atividade missionária**

O voluntariado missionário salesiano propõe os valores do Evangelho com o testemunho do serviço desinteressado e solidário na educação e no empenho sociopolítico que alcança as realidades da família, do trabalho, da cultura.

Da atual experiência, emerge o voluntariado salesiano que abraça substancialmente grandes áreas de intervenção: cultura, assistência social, tempo livre, desenvolvimento cooperativo, animação de grupos, educação à fé, formação de catequistas e agentes pastorais.

O voluntariado, em suas várias formas, mais do que ato de generosidade espontânea e passageira, é mentalidade que assume o significado de um testemunho de elevadíssimo valor moral e social. Qualifica-se por alguns elementos determinantes: interioridade apostólica, caracterizada pelo espírito do «*da mihi animas*»; centralidade de Cristo, Bom Pastor, que requer do voluntário missionário uma atitude pedagógico-pastoral na relação com os destinatários; empenho educativo, nota característica do nosso carisma salesiano; pertença eclesial; trabalho feito com alegria; dimensão mariana, que realiza a ação missionária e o voluntariado como participação da maternidade eclesial de Maria Auxiliadora.

Finalmente, é importante reconhecer **a multiplicidade de iniciativas e a diversidade de experiências** que se identificam ou se referem à missionariedade da Família Salesiana: encontro e ligação direta com os missionários; informação sobre as inúmeras atividades missionárias (notícias, publicações,



audiovisuais, propostas de financiamento para pequenos objetivos); materiais de animação missionária, com sentido pedagógico e critérios didáticos; existência de grupos missionários; temas de formação para grupos diversos e comunidades cristãs; conhecimento e estudo dos documentos da Igreja relativos às missões; participação nas várias jornadas missionárias da Igreja.

C *A Comunicação Social*

» *A Comunicação Social reveste todas as presenças salesianas*

A Comunicação Social enche o mundo e determina a forma da convivência humana. Interessa, então, de perto, à vocação do educador salesiano que age nas frentes da promoção e da evangelização. Trata-se, pois, de uma dimensão específica do carisma salesiano (cf. Const. 43). Foi essencial em Dom Bosco; é um apelo para todo educador, é irrenunciável na Igreja e no mundo de hoje.

Dom Bosco fez da sua incansável atividade na comunicação social um elemento constitutivo do seu ser educador e apóstolo dos jovens e de todo o povo. Aprendemos da tradição salesiana que a comunicação social não é apenas um conjunto de instrumentos ou de meios materiais a utilizar; ela, na verdade, reveste toda a presença salesiana empenhada em educar e evangelizar tanto nas obras específicas como mediante diversas formas de ação que influem na cultura popular e na promoção de formas sociais adequadas. E evocando Dom Bosco:

“Peço-lhes e esconjuro-os, portanto, a não descuidar desta parte importantíssima da nossa missão”

(CARTA CIRCULAR SOBRE A DIFUSÃO DE BONS LIVROS, 19 DE MARÇO DE 1885)

» Comunicadores por vocação e missão

Como educadores salesianos devemos, em toda a nossa poliédrica atividade apostólica e educativa, exprimir a nossa vontade firme de sermos autênticos comunicadores. Comunicadores, portanto, *por vocação íntima e por missão educativa*.

A nossa habilidade de educadores e evangelizadores requer que sejamos comunicadores qualificados. A comunicação promove a *comunhão carismática* e a mobilização da missão. Interessa-nos particularmente a comunicação interpessoal entre adultos e jovens, entre leigos e religiosos, entre os ricos de experiência e os que dão os primeiros passos na vida, entre todos os que têm dons a compartilhar. O Sistema Preventivo confia sua eficácia educativa principalmente no encontro direto, face a face; encontro de confiança, amizade, escuta atenta e interessada. É preciso, portanto, cultivar a *capacidade de administrar as dinâmicas relacionais*; a qualidade das interações pode condicionar de modo construtivo ou negativo a formação da personalidade; as atitudes e os estilos educativos refletem-se nos estados emocionais, determinando com frequência o seu comportamento.

A reflexão da Congregação revela a consolidação das convicções sobre a comunicação entendida em sentido amplo e abre para **uma nova prática mais sistemática no campo da comunicação social** (cf. *Sistema Salesiano de Comunicação Social*). Desta visão ampla de comunicação, colhe-se a finalidade primária: a comunhão e o progresso da sociedade humana (cf. P. Egidio Viganò, ACG 302, “A Comunicação Social nos interpela”).

Vivemos uma fase de passagem, atravessamos um período de profunda revolução tecnológica e cultural; as informações e o nosso modo de usufruir delas estão sendo digitalizadas. Tudo está acontecendo em rede, e as jovens gerações (os “nativos digitais”, “cyberkids”, “click generation”) adquiriram uma elevada capacidade de acesso à tecnologia e às capacidades de sua utilização.

A tecnologia é um *instrumento liberatório e de “empowerment”* para os jovens; contudo, coloca uma questão educativa: a abordagem da tecnologia é um passo importante no *itinerário de crescimento e afirmação da própria identidade*. As mídias influem no amadurecimento da personalidade dos jovens, na sua opção dos valores fundamentais, em seu posicionamento diante de Deus e do homem. Convidam-nos a refletir

sobre o que seja estética e moralmente excelente na formação dos jovens e sua incidência na educação.

» **A Comunicação Social no PEPS e a serviço da evangelização**

A efetivação da comunicação também acontece ao atuar com projetos orientados para criar processos comunicativos, inseridos no PEPS. Evita-se a atenção apenas às atividades e obras isoladas. Nos projetos educativo-pastorais e nos planos de comunicação devem estar presentes algumas linhas operativas de intervenção neste setor:

- ▮ **formação para o uso crítico e educativo dos meios de Comunicação Social** (cf. CG24, n. 129) e **das novas tecnologias**. Educadores e jovens compreendam as mudanças em ato, o funcionamento dos meios de comunicação social e as indústrias culturais. Senso crítico, espírito estratégico, capacidade de se controlar, uso seguro e eficaz, senso de limite e respeito, senso cívico, autonomia e capacidade de resolver problemas não fazem parte necessariamente do capital de um adolescente ou de um jovem apenas por ter nascido e crescido entre o monitor e o teclado e por ter-se servido deles. É preciso competência séria para a utilização dos meios de comunicação no “continente digital”: clareza dos objetivos a se propor, para a valorização da criatividade; aquisição de uma atitude emancipada e crítica em relação às suas mensagens, para a tomada de consciência da sua influência, a fim de poder exprimir-se com elas dominando sua linguagem e suas tecnologias. O significado da comunicação mediática remete diretamente àquilo que os meios exprimem através de palavras e imagens, ao “por que” as utilizam e às finalidades de emissores e receptores envolvidos no processo comunicativo. Há necessidade, portanto, de uma elaboração crítica dos elementos conceituais dos sinais que os próprios meios utilizam;
- ▮ **envolvimento na produção de mensagens e conteúdos destinados especificamente aos jovens**, utilizando os meios à disposição. Fazer comunicação social é cada vez mais uma presença educativa, plasmadora de mentalidade e criadora de cultura. O desafio para o futuro será educar para as novas mídias, mas também desenvolver a *ação educativo-pastoral mediante as novas mídias*, principalmente diante das novas gerações. A sua

eficácia incisiva e a sua presença sempre mais maciça fazem da comunicação social uma verdadeira e autêntica escola alternativa para grandíssimas camadas da população mundial, especialmente juvenis e populares (cf. CG21, n. 148). A relação entre *comunicação social* e *evangelização* ou, mais concretamente, entre a utilização das linguagens e das “mídias” da comunicação social pelo Evangelho e o nosso estilo apostólico de “evangelizar educando”, incide profundamente na atividade salesiana. Trata-se não só de “educar para as mídias”, isto é, para a leitura crítica de suas mensagens, mas também de “evangelizar com as mídias”. Abre-se, assim, um vasto campo de iniciativas para nossas atividades didáticas, educativas e culturais, para a animação cristã dos grupos juvenis, para a catequese, para a oração;

- valorização da comunicação social como **novo espaço de associação dos jovens** (cf. CG25, n. 47). As tecnologias da comunicação alteram o sentido de pertença e o modo de associação enquanto criam mais comunidades, nas quais se inserem os usuários com dispositivos sempre mais ligados à vida dos jovens. As ações oferecidas e requeridas são *escutar, reconhecer, responder, estar com e fazer com* numa realidade que mira à possibilidade de experiências (quem sabe novas ou diferentes) que oferecem a confiança recíproca como antídoto à extemporaneidade do consumo. Estes novos espaços, como a social network favorecem a atenção às histórias de vida dos jovens apresentando-as nas narrações de si e nas reelaborações das vivências, com a possibilidade de ajudá-los a se orientarem e optarem;
- **promoção e apreço de todas as formas e expressões de comunicação** (cf. CG24, n. 129), como a música, o teatro, o cinema, a televisão, a fotografia, os cartuns, as multimídias e outras expressões da arte, com uma clara finalidade educativa e evangelizadora. É preciso animar essas realidades comunicativas para não só darem espaços sempre maiores à livre expressão e à criatividade, mas também estimularem *o gosto pelo belo* em todas as suas expressões (artes visuais, música, poesia, literatura, dança, teatro). Educar para a beleza significa envolver toda a esfera da sensibilidade e da emotividade, a imaginação e a criatividade, a capacidade de exprimir sensações e sentimentos pessoais e compreender a expressão dos outros; ativa-se, assim,

um enriquecimento progressivo do próprio patrimônio expressivo e da área da afetividade. A educação para a beleza comporta ainda a formação à compreensão e ao uso das diversas linguagens icônica, musical e poética.

2 5

O MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO [ARTICULAÇÃO DA JUVENTUDE SALESIANA]

Os Movimentos são criados por aqueles que, **no grande único “movimento” da Igreja**, vivem a própria experiência cristã, eclesial, missionária... participando de um carisma particular. Os jovens do MJS vivem a própria vocação-missão eclesial segundo o carisma de Dom Bosco. De fato, desde 2004, o MJS faz parte do *Repertório* das Associações Internacionais de fiéis (Pontifício Conselho para os Leigos).

O MJS não é uma associação, mas é constituído por jovens que pertencem a várias associações ou grupos animados pela Pastoral Juvenil Salesiana. Não sendo uma associação, abre as portas a todos, pois o seu serviço é voltado à Igreja e a todos os jovens. Isso, na verdade, não impede de testemunhar Cristo, compartilhar o seu Mistério com outros jovens unidos pela mesma fé e anunciá-Lo com alegria a quem ainda não o acolheu. O MJS participa do carisma salesiano, sendo sua expressão no âmbito laical juvenil.

A prática associativa, a vida de grupos, a ação comunitária das “Companhias” foi uma experiência quase espontânea na vida de Dom Bosco, **criada naturalmente pela sua índole à socialidade e à amizade.** Dom Bosco, guiado pela intuição da alma juvenil, descobriu a grande oportunidade oferecida pelos grupos e associações; adaptando-se às diversas e múltiplas exigências de seus jovens, criou muitas formas associativas para eles.

O associacionismo juvenil é indispensável no projeto preventivo e popular de Dom Bosco. É um lugar educativo e pastoral de absoluta importância para o protagonismo dos jovens. Os grupos e as associações de tipo variado são, por isso, “obra dos jovens”, embora promovidos pelos educadores que estimulam com a própria ação o real protagonismo dos jovens que participam deles e assumem de modo próprio a responsabilidade da sua condução.

Através da pluralidade de grupos e associações juvenis, queremos garantir uma presença educativa de qualidade nos novos espaços de socialização dos jovens e animá-los para uma experiência significativa de vida eclesial.

A *Identidade e natureza do MJS*

São dois os elementos de identidade que caracterizam o MJS: de um lado, as **referências à Espiritualidade Juvenil Salesiana e à pedagogia salesiana**; de outro, **a ligação entre os grupos e as associações** para cooperar reciprocamente no próprio esforço de formação segundo a proposta educativo-pastoral salesiana:

- ▮ o MJS une em comunhão os jovens dos diversos grupos, associações e setores animados pela Espiritualidade Juvenil Salesiana, segundo a proposta educativo-evangelizadora de Dom Bosco; trata-se de um movimento juvenil inspirado em Dom Bosco, concebido *não só como “organização”, mas como dinamismo espiritual com um núcleo comum de valores evangélicos* que suscita iniciativa apostólica e entusiasmo de vida. A identidade do MJS é, portanto, a Espiritualidade Juvenil Salesiana (v. capítulo IV), *proposta de santidade na vida ordinária cotidiana*. É a santidade alcançada por Domingos Sávio, Laura Vicuña e muitos outros da Família Salesiana;
- ▮ *os grupos são os sujeitos primeiros do MJS*, nos quais os jovens se encontram e se ajudam em seu caminho de crescimento. É necessário ligar numa rede inspetorial os grupos existentes e os que vão surgindo. A atenção primeira não se volta então para um determinado tipo de grupo. O MJS valoriza todos eles, dos esportivos aos dedicados a atividades significativas; dos que se ocupam com o simples estar juntos aos que privilegiam atividades práticas; dos ocupados em atividades de serviço aos voltados para a oração e o encontro explícito com a mensagem cristã e eclesial; dos centrados em interesses tidos como importantes pelos adolescentes aos disponíveis a confrontar-se com as exigências da fé; dos que vivem no limite entre comunidade cristã e território àqueles nos quais o sentido de pertença eclesial é muito forte. Sendo comunicantes entre si, são como uma rede

em que todos se distinguem pelo valor educativo. Essa ligação entre os grupos é atuada na partilha dos valores salesianos e na coordenação de iniciativas comuns, ocasiões significativas de diálogo, confronto, formação cristã e expressão juvenil (cf. CG23, n. 275-277). Trata-se, portanto, de um *Movimento de referência*, no qual cada grupo mantém a própria especificidade, unido a outros por muitos elementos comuns.

O MJS é um movimento juvenil, educativo e mundial:

Juvenil, porque os jovens são os verdadeiros protagonistas do crescimento educativo do movimento, acompanhados pelos próprios educadores, na responsabilidade que lhes é própria e no interior do único projeto pastoral do território;

Educativo, porque oferecido a todos os jovens para fazer deles sujeitos e protagonistas do próprio desenvolvimento humano e cristão, com ousadia missionária, aberto aos distantes, com vontade de incidência no território e na sociedade civil e inserção e colaboração na Igreja local;

Mundial, porque, indo além de cada realidade, estende-se ao mundo todo nos diversos contextos culturais..

O horizonte do MJS é representado, então, por todos os jovens que se movem ou vivem nos diversos ambientes e setores de animação pastoral das obras salesianas, com diversos níveis e ritmos de envolvimento e empenho. O “coração” do movimento é, sem dúvida, constituído pelos *jovens animadores*, os *líderes juvenis*, que assumiram com clareza e decisão a proposta educativo-evangelizadora salesiana e fazem da própria vida um testemunho para os demais jovens. A tarefa da animação foi apresentada neste capítulo (ponto 2.3. “dimensão da experiência associativa”). Os jovens animadores do MJS são objeto de atenção especial dos SDB, das FMA, dos SSCC e dos demais membros adultos da Família Salesiana que os orientam e acompanham.

C Campos privilegiados de ação do MJS

O MJS organiza toda a sua atividade em função da pessoa dos jovens, escolhendo os seguintes campos de ação:

- ▮ educação e evangelização, acompanhando o jovem para a plenitude da vida cristã mediante ambientes positivos de apoio (modelos alternativos concretos de vida cristã), nos quais se respiram familiaridade e confiança;
- ▮ associacionismo e vida eclesial, estimulando os jovens a empenhar-se na vida da Igreja, com colaboração ativa;
- ▮ trabalho apostólico, pessoal e comunitário, a serviço gratuito dos outros e com uma “leitura salesiana” da realidade cotidiana segundo o Evangelho;
- ▮ ação sociopolítica, especialmente nas instituições civis que promovem iniciativas para os jovens;
- ▮ processos de comunicação e partilha (informações, notícias, experiências) e também encontros comunitários nos diversos níveis, segundo as possibilidades.

C *Funcionamento e visibilidade do MJS*

Mesmo que as realidades sejam muito diversas, estes aspectos são fundamentais na animação:

- ▮ o MJS torna-se visível através das *diversas equipes de coordenação* local, inspetorial, nacional e dos vários continentes (qualquer que seja o grau de desenvolvimento e constituição); através da *participação comunitária nas várias convocações eclesiais* de ordem diocesana, nacional ou mundial, como pode ser a Jornada Mundial da Juventude; mediante *uma significativa representação* junto às instituições civis que elaboram políticas a favor do jovens. É importante, por isso, criar uma rede de informações e coligações entre os diversos grupos e associações do MJS e também entre eles e os demais grupos e associações na Igreja e no território;
- ▮ ao lado das reuniões e atividades de cada grupo do MJS, são reconhecidos como momentos fortes de experiência comunitária de Movimento os encontros juvenis inspetoriais, nacio-

nais, internacionais e mundiais, as celebrações litúrgicas e as festas salesianas, a formação dos animadores. *Os encontros juvenis estão entre os elementos caracterizadores do MJS*, como ocasiões significativas de comunicação entre os grupos e circulação das mensagens e dos valores da Espiritualidade Juvenil Salesiana;

- ▮ embora em diversos níveis e cada um segundo a sua especificidade, os membros do MJS identificam-se de modo especial com as figuras de Dom Bosco e de Madre Mazzarello. *Por isso, é preciso uma proposta formativa salesiana* a ser oferecida aos diversos grupos e associações como ponto de referência para o seu plano de formação, na perspectiva da Família Salesiana;
- ▮ a Inspetoria, em coordenação com as demais formas de presença da Família Salesiana organizada no território, atua para que o *Movimento seja considerado no contexto do PEPS*, no qual o delegado da pastoral juvenil com a sua equipe seja reconhecido como promotor de todo o MJS como expressão juvenil da ação pastoral da própria Inspetoria.





ESTRUTURAS E PROCESSOS DE ANIMAÇÃO DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA



ATIVIDADES E OBRAS DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

PARTE

TERCEIRA

A concretização da Pastoral Juvenil Salesiana precisa de uma grande variedade de elementos: pessoas, estruturas, atividades, recursos materiais e programas que devem orientar-se adequadamente segundo os objetivos, conteúdos e estratégias do Projeto Educativo-Pastoral. Trata-se, segundo o presente documento, de tentar examinar a forma concreta de estruturas e organizar os vários elementos da prática educativa e pastoral, para garantir a sua identidade, a coerência em relação aos objetivos do projeto e a organicidade. Esta terceira parte é o “modelo operativo”.



ATIVIDADES E OBRAS DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

CAPÍTULO

VII

*«Eu vos escolhi...
para dardes fruto»*

(Jo 15, 16)



Realizamos a nossa missão principalmente com atividades e obras nas quais é possível promover a educação humana e cristã dos jovens, como o oratório e o centro juvenil, a escola e os centros profissionalizantes, os internatos e as casas para jovens com problemas. Nas paróquias e residências missionárias contribuimos para a difusão do Evangelho e promoção do povo, colaborando com a pastoral da Igreja particular mediante as riquezas de uma vocação específica. Oferecemos nosso serviço pedagógico e catequético na área juvenil por meio de centros especializados. Nas casas de retiros atendemos à formação cristã de grupos, especialmente juvenis. Dedicamo-nos, além disso, a toda e qualquer outra obra que tenha em vista a salvação da juventude»

[Const. 42]



Na tarde desse dia contemplei a multidão de meninos a brincar, e pensava na messe abundante que se ia preparando para o sagrado ministério. Vendo-me agora tão só, falta de colaboradores, forças esgotadas, saúde em estado deplorável, sem saber onde no futuro reunir meus meninos, senti-me profundamente comovido. Afastando-me um pouco, pus-me a passear sozinho, e pela primeira vez quicá senti-me comovido até às lágrimas. Caminhando e erguendo os olhos ao céu, exclamei: Meu Deus, por que não me mostrais o lugar em que desejais que reúna os meninos? Dai-me a conhecê-lo ou dizei-me o que devo fazer»

[Memórias do Oratório, segunda década 1835-1845, n. 23]

Apresentam-se

a seguir algumas reflexões sobre as características mais importantes das obras e dos serviços em que se concretiza a Pastoral Juvenil Salesiana expressa no Projeto Educativo-Pastoral. Primeiramente, apresentam-se as obras e as estruturas mais organizadas e tradicionais: o Oratório-Centro Juvenil, a Escola e o Centro de Formação Profissional, a presença salesiana no Ensino Superior, a paróquia e o santuário confiados aos salesianos, e as obras e os serviços sociais para jovens em situação de risco. Em seguida, as demais obras e serviços com que se tenta ir ao encontro dos jovens e responder aos novos desafios que nos são apresentados. Muitas dessas novas presenças educativas e pastorais entre os jovens podem ser realizadas também nas obras tradicionais e constituem um sinal do seu esforço de renovação e qualificação pastoral.

1

Uma pastoral orgânica: unidade na diversidade

Na pastoral juvenil, as diversas atividades e intervenções são atuadas com uma única e idêntica finalidade: a promoção integral dos jovens e do seu mundo, superando a pastoral setorial e fragmentada. O objetivo é alcançado com a **comunhão operativa ao redor das grandes finalidades, dos critérios de ação e das opções preferenciais dos fatores que intervêm na ação pastoral**, para criar entre si ligação e inter-relação.

A convergência é exigida pelo sujeito – o jovem –, a quem se dirigem as diversas propostas, pela Comunidade Educativo-Pastoral que deve compartilhar as finalidades e as linhas operativas e pela necessidade de complementaridade entre as diversas intervenções, experiências e modelos pastorais.

A organicidade da Pastoral Juvenil Salesiana é realizada mediante:

- ▶ **o Projeto Educativo-Pastoral Salesiano**, que define em diversos níveis os critérios, objetivos e processos que orientam e promovem a convergência e a comunhão operativa das múltiplas atividades, intervenções e pessoas na Comunidade Educativo-Pastoral;
- ▶ **a organização da animação e do governo pastoral da Inspetoria e das obras**, que garanta a comunicação e coordenação de todos os aspectos da vida salesiana ao redor dos objetivos de educação e evangelização dos jovens (cf. CG23, n. 240-242).

2

Os diversos ambientes e atividades

Usamos o termo **ambientes** para indicar as estruturas educativas e pastorais em que se realiza a missão salesiana segundo uma específica proposta educativo-pastoral (cf. *Glossário*). Cada um desses ambientes cria uma atmosfera e atua um estilo próprio de relações no interior da Comunidade Educativo-Pastoral. A obra salesiana pode compreender vários ambientes que se completam reciprocamente para exprimir melhor a missão salesiana.

2 1

O ORATÓRIO-CENTRO JUVENIL

2 1 1

A originalidade do Oratório salesiano

O Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco foi a primeira obra estável de Dom Bosco, que deu início a todas as outras. O ambiente educativo construído no Oratório foi a resposta pastoral de Dom Bosco às necessidades dos adolescentes e jovens mais carentes da cidade de Turim. Com o catecismo, ele oferecia à maior parte deles diversão sadia, instrução elementar e competências de trabalho para a vida. Dom Bosco soube garantir formação e compromisso cristão aos jovens que lhe apresentavam desafios educativos muito imperiosos.

A marca pessoal de Dom Bosco deu forma ao Oratório, e a **sua práxis tornou-se o critério preventivo aplicado pelos anos afora:**

- ▮ da aula inicial de catecismo à *presença-participação na vida do jovem*, preocupando-se com suas carências, seus problemas e suas oportunidades;
- ▮ do oratório de “tempo limitado” à *casa de “tempo integral”*, que se prolonga ao longo da semana com contatos pessoais e atividades complementares;

- ▮ do ensino de conteúdos catequéticos ao *programa educativo-pastoral integral*, o Sistema Preventivo;
- ▮ de alguns serviços pensados para os jovens à *presença familiar dos educadores entre os jovens*, nas atividades lúdicas e nas propostas religiosas;
- ▮ da instituição que tinha os adultos como referência à *comunidade de vida com os jovens*, de participação juvenil, de convivência aberta a todos;
- ▮ do primado da programação ao primado *da pessoa e das relações interpessoais*;
- ▮ da paróquia centrada ao redor do culto e da devoção à *ousadia missionária de uma comunidade* juvenil aberta aos jovens que não conhecem a paróquia, nem têm qualquer referência nela.

O dinamismo próprio do Sistema Preventivo suscitava nos jovens o desejo de crescer e amadurecer, passando das exigências imediatas de diversão ou instrução a empenhos mais sistemáticos e profundos de formação humana e cristã; e, envolvidos nas atividades, aprendendo a ser protagonistas de atividades, os jovens aprendiam a ser animadores do ambiente educativo a serviço dos companheiros.

O Oratório de Dom Bosco está na origem de toda a obra salesiana e constitui o seu protótipo. Com essa inspiração desenvolvem-se os diversos projetos e serviços evangelizadores da missão salesiana (cf. *Const.* 40).

O desenvolvimento histórico e a extensão da obra de Dom Bosco não modificaram os princípios inspiradores nem as características próprias do Oratório salesiano. Contudo, **as novas situações socioeducativas e os fenômenos que marcaram a condição juvenil, exigem a sua reatualização.** Surgiu uma nova concepção de tempo livre, realidade sempre mais valorizada em nossas sociedades como espaço aberto a todo tipo de experiência social, cultural, esportiva, no qual desenvolver as relações sociais e as capacidades pessoais. Nasceram novos ambientes e agências educativas abertas ao protagonismo juvenil.

Em uma situação na qual o tempo livre dos jovens está saturado de muitas atividades reguladas com sempre maior frequência por instituições civis com

recursos ingentes, o Oratório acolhe as exigências de atividades com atenção ao coração oratoriano, ao estilo, à qualidade, convencido de que com o tempo e a colaboração das famílias, as nossas propostas educativas sejam vencedoras.

Os Oratórios salesianos souberam adaptar-se às novas situações, com diversas modalidades, assumindo também nomes diversos. Em alguns contextos, entende-se por **“Oratório”** a programação, festiva ou cotidiana, destinada especialmente aos meninos (crianças e pré-adolescentes); ele é aberto a um público amplo, com métodos de abordagem que favorecem várias formas de tempo livre e encontro religioso em seu ambiente. Por **“Centro Juvenil”**, entende-se a estrutura destinada preferencialmente aos adolescentes e jovens, mas aberta a todos com propostas variadas de crescimento integral, com prevalência da metodologia de grupo em vista do comprometimento humano e cristão. Com **“Oratório-Centro Juvenil”** compreende-se ao mesmo tempo a realidade oratoriana aberta e também o trabalho pelos jovens mais maduros (cf. *Const.* 28; *Reg.* 5, 7, 11-12, 24; CG21, n. 122).

Muitas obras da Congregação são atualmente Oratórios-Centros Juvenis, que conduzem vários projetos educativos com uma ampla faixa de destinatários, capazes de interessar e envolver os jovens. **Eles assumem múltiplas formas e características, em função das diversas áreas geográficas, religiosas e culturais.** Há, por exemplo, oratórios noturnos, presenças itinerantes para jovens em situação de risco, oratórios regionais ou de bairro ligados entre si em rede, oratórios que oferecem aos jovens desocupados e à margem do sistema escolar a possibilidade de adquirirem uma formação básica ou preparação para algum trabalho; alguns também procuram recuperar jovens em situação de grave risco social.



A Comunidade Educativo-Pastoral do Oratório-Centro Juvenil



A importância da CEP do Oratório-Centro Juvenil

O Oratório-Centro Juvenil é organizado em todos os lugares como uma CEP composta de jovens, animadores, famílias, colaboradores e comunidade salesiana. **Todos se sentem chamados à participação ativa e corresponsável, segundo as funções próprias de cada um.** Como Dom Bosco com seus jovens e colaboradores em Valdocco, deseja-se fazer do Oratório-Centro Juvenil uma verdadeira e própria casa com

espaços concretos e bem definidos em ambiente de família, com um PEPS compartilhado e um adequado acompanhamento dos grupos e das pessoas.

O Oratório-Centro Juvenil é um *ambiente de ampla acolhida*, aberto a grande variedade de crianças, adolescentes e jovens, principalmente os mais carentes, e com influência numa ampla zona social. Trata-se ao mesmo tempo de um espaço educativo-pastoral especialmente adequado à *acolhida* e à *atenção pessoal*, para além das relações meramente funcionais. O educador salesiano, desde os primeiros encontros, sabe iniciar o diálogo com os jovens para motivá-los e envolvê-los sempre mais, *corresponsabilizando-os* gradualmente nas atividades e nos processos de grupo dos quais participam. Desde os tempos de Dom Bosco, o protagonismo juvenil é característico na CEP do Oratório-Centro Juvenil salesiano.

A CEP nos Oratórios-Centros Juvenis vive a realidade dos jovens, faz suas as inquietações, os problemas e as expectativas deles, e abre espaços para viver e empenhar-se no próprio mundo. Com *sua gestão flexível e criativa* é capaz de adequar-se à diversidade e espontaneidade típicas da educação oratoriana. É certamente uma presença educativa e pastoral de referência significativa no mundo dos jovens.

B *Os sujeitos da CEP do Oratório-Centro Juvenil*

Os jovens são o centro da vida da CEP do Oratório-Centro Juvenil Salesiano, de suas opções e propostas. Isso torna possível aos jovens reconhecerem-se como capazes de julgar e decidir sobre as questões que se referem a eles conseguindo realizá-las; estarem cientes das oportunidades que lhes são oferecidas com essa finalidade tendo acesso aos meios necessários; e envolverem-se na organização do Oratório-Centro Juvenil de acordo com seu projeto educativo no respeito aos níveis de decisão dos diversos órgãos.

A CEP do Oratório-Centro Juvenil Salesiano está em constante construção e precisa de pessoas que animem o seu projeto na convergência das iniciativas educativas. **Os animadores jovens**, identificados no estilo e no carisma salesiano, assumem a proposta educativa do Oratório-Centro Juvenil e animam ativamente a sua realização.

O animador é um educador que caminha com os jovens, descobre com eles, deixa-se questionar por eles e sabe propor com entusiasmo e firmeza novas metas de amadurecimento pessoal; faz experiência do processo educativo

que anima *respondendo à vocação e ao projeto de vida que o fazem crescer como pessoa*; está ciente de ser, tanto dentro como fora do Oratório-Centro Juvenil, um animador e, portanto, um educador que vive os valores que propõe. Os animadores estão cientes de que a vida do Oratório-Centro Juvenil depende em grande parte deles, pela função diretiva e organizativa com que são chamados a serem os dinamizadores da vida do próprio oratório. Por isso, devem ser objeto de especial atenção, acompanhamento e cuidado da parte dos responsáveis do Oratório-Centro Juvenil.

O serviço de animação é realizado no *estilo de voluntariado e gratuidade*; conforme a situação da região ou das diversas estruturas, para o bom funcionamento do Oratório-Centro Juvenil e a melhor atenção aos jovens, também se pode profissionalizar os papéis.

O Oratório-Centro Juvenil e o seu projeto têm como destinatários não só os jovens, mas também **os salesianos**, agentes protagonistas e, ao mesmo tempo, destinatários da oferta pastoral. Por isso, todos os salesianos da casa, e não só os encarregados, têm a função específica de animação do Oratório-Centro Juvenil, o que coloca os salesianos na condição de estabelecer com os jovens a mesma relação de Dom Bosco, com o testemunho da comunhão fraterna e da abertura cordial. A comunidade religiosa também oferece experiências de fé e oração, compartilhadas com eles, e iniciativas para viverem juntos os processos de formação permanente e participação ativa na elaboração, realização e revisão periódica do PEPS local. Nas presenças e obras oratorianas geridas integralmente por leigos, garanta-se sempre a referência ao PEPS inspetorial.

São próprios da pastoral oratoriana os processo de orientação da corresponsabilidade dos adultos que compartilham com os jovens o ambiente de amizade, a proposta educativa de vida e a experiência de família e comunidade. Sua presença constante é um elemento de estabilidade e maturidade importante na vida variável do Oratório-Centro Juvenil. Entre os adultos, sobressaem aqueles com funções específicas de animação, como podem ser **os pais e os referentes familiares** ou **os membros da Família Salesiana**.



A proposta educativo-pastoral do Oratório-Centro Juvenil

A proposta do Oratório-Centro Juvenil torna-se realidade através de itinerários em função dos interesses dos jovens. O jovem, escolhendo entre as diversas possibilidades de participação oferecidas, pode pôr-se

no caminho mais adequado à própria condição e ao próprio nível de amadurecimento.

Dê-se atenção ao risco, sempre muito presente, de centrar a dinâmica do Oratório-Centro Juvenil quase *exclusivamente nas atividades lúdico-recreativo-culturais* próprias da pastoral educativa salesiana. Requer-se uma reflexão para **repensar a identidade do Oratório e do Centro Juvenil e recriar a sua metodologia educativo-pastoral original.**

A *Um processo de evangelização*

A proposta do Oratório-Centro Juvenil é finalizada à pessoa do jovem, com uma visão cristã da vida a qual se tende. A nossa é uma proposta cristã de educação, cujo núcleo ativo é a *Espiritualidade Juvenil Salesiana*.

Nossa fé em Jesus Cristo abre-nos à visão cristã da vida, fala-nos da forma de vida que deve animar o Oratório-Centro Juvenil. Neste ambiente pastoral, os jovens poderão descobrir aos poucos um espaço rico de valores evangélicos que os orienta na experiência de fé na vida prática de todos os dias. São oferecidos, também, itinerários variados conforme a idade do destinatário, percursos graduais de educação e personalização da fé, celebrações festivas da fé e dos sacramentos, educação para o compromisso cristão no próprio ambiente conforme a vocação pessoal e o amadurecimento do projeto pessoal de vida na Igreja e na sociedade.

O Oratório-Centro Juvenil **é uma obra de mediação, de “fronteira” entre Igreja, sociedade urbana e faixas populares juvenis**, que garante a busca e o contato com os jovens. Como trabalho limítrofe entre os campos religioso e civil, entre o mundo secular e o eclesial, o Oratório oferece respostas educativas e evangélicas aos desafios e às urgências mais sentidas, particularmente aquelas que referem aos últimos. É um ambiente salesiano de agregação juvenil com identidade cristã, no qual os espaços estão abertos a todos os que nele desejarem entrar.

O Oratório-Centro Juvenil é um lugar privilegiado para os animadores. Nele vivem a fé pessoal e comunitariamente, com atitudes de abertura ao serviço dos mais carentes. A mesma oportunidade também é dada às crianças e aos jovens; com seu exemplo e testemunho, eles questionam as famílias e os jovens afastados da vida da Igreja.

B *Uma educação em estilo salesiano*

A ação educativa dos Oratórios-Centros Juvenis tem como referência constante o Oratório de Valdocco que evoca a **profunda unidade da nossa proposta, ao mesmo tempo educativa e evangelizadora**, e nos impele a viver as atitudes fundamentais que lhe dão vida: sensibilidade educativa e intencionalidade evangelizadora.

O critério preventivo promove experiências positivas, dá motivação e procura responder às aspirações e aos interesses mais profundos dos jovens. Sublinham-se, por isso, os seguintes elementos:

- ▮ abertura do Oratório Centro-Juvenil a todos os jovens, *especialmente aos mais pobres e aos jovens em situação de risco*, que nem sempre conseguem integrar-se em outras estruturas e propostas educativas;
- ▮ acompanhamento das forças mais profundas e pessoais de cada um: *a razão, o afeto e a busca de Deus*;
- ▮ *clima de alegria e de festa*, que favorece o otimismo e a visão positiva da vida;
- ▮ *animação como opção educativa*, que se concretiza na presença ativa dos educadores entre os jovens, na abertura a todos e a cada jovem em particular, na força libertadora do amor educativo, na confiança na pessoa e nas forças positivas e de bem que encerra em si mesma;
- ▮ *criatividade e espírito de inovação*, que recusam a rotina, a indiferença ou o conformismo;
- ▮ *senso do dever e da responsabilidade* nas formas concretas do empenho pessoal e do serviço aos outros. O Oratório-Centro Juvenil busca novos métodos pastorais para responder às necessidades mais imediatas da grande massa de jovens, sem esquecer as propostas mais empenhativas e exigentes aos jovens disponíveis para um itinerário formativo de maior profundidade.

O âmbito educativo da organização associativa consolidou a experiência singular da pedagogia pastoral de Dom Bosco. Ela oferece, portanto, **uma ampla e**

articulada proposta de grupos e associações em função dos interesses juvenis ao redor dos quais se organizam: grupos espontâneos nos quais prevalecem os líderes naturais e os interesses imediatos; grupos propostos com itinerários formativos específicos conforme os vários âmbitos esportivos, culturais, sociopolíticos, ecológicos, de comunicação social, aprofundamento religioso, sensibilização missionária, animação interna, voluntariado.

C *Uma educação inserida na sociedade para transformá-la*

A CEP do Oratório-Centro Juvenil insere-se na Igreja local e no território e a eles está aberta; ela é uma célula viva da sociedade e da Igreja, uma comunidade de fé e de vida. Através do nosso contínuo trabalho educativo e do envolvimento dos jovens nestes processos, colaboramos principalmente para a renovação da sociedade, **a partir dos contextos mais próximos até os ambientes mais alargados e às estruturas.**

Portanto, na ação educativa preocupamo-nos com:

- ▮ a *sensibilidade* por tudo o que nos rodeia e a superação da passividade conformista e da indiferença;
- ▮ a capacidade de *analisar a realidade e despertar atitudes* de serviço e solidariedade, pondo em ação iniciativas que ajudem a conhecer os ambientes de insatisfação juvenil na região;
- ▮ a valorização da *família* e a contribuição que os jovens lhes podem oferecer;
- ▮ os momentos de “*portas abertas*” e *disponibilidade dos locais* para as atividades do território, em sintonia com a finalidade do Centro;
- ▮ a *participação* em contextos sempre mais amplos – o bairro, a cidade ou o País –, a partir do empenho ativo e crítico das situações sociais em que vivemos. Em sua relação com o território, a comunidade oratoriana sabe dialogar também com as instituições para uma ação em rede.

Sendo os Oratórios-Centros Juvenis **uma presença de Igreja**, requer-se que estejam inseridos corresponsavelmente nas diversas estruturas

de participação (conselho pastoral da paróquia e/ou da região) e qualifiquem o PEPS em convergências e diálogo com as linhas da pastoral diocesana. Como o Oratório-Centro Juvenil Salesiano é uma presença pastoral no mundo juvenil, seus programas educativo-pastorais são particularmente significativos: aproximam a Igreja dos jovens e promovem a sua evangelização na pastoral de conjunto (ver o presente *capítulo VII*, n. 2.4.4/b).

D *Uma experiência para o amadurecimento vocacional*

A admirável empresa de formação da pessoa faz entrar em jogo alguns dinamismos que a pedagogia do acompanhamento educativo no Oratório-Centro Juvenil deve favorecer. **O PEPS local do Oratório-Centro Juvenil prevê para os jovens um serviço de acompanhamento.** Com a direção espiritual, a prática cuidadosa da oração e a pedagogia do projeto pessoal de vida amadurece gradualmente o discernimento para escolhas responsáveis: trabalhos estáveis em favor de outros, a missão de pais, o exercício consciente da profissão, outros ministérios e serviços apostólicos na Igreja. É importante, neste aspecto, o acompanhamento dos ex-oratorianos para sua inserção responsável na vida social e eclesial.

O Oratório-Centro Juvenil promove a *cultura vocacional* em todas as experiências de voluntariado social: projetos de férias, campos de missão, atividades didáticas para crianças e adolescentes, apoio solidário à comunidade do bairro, iniciativas em relação à ecologia e outras atividades.



2 1 4 Animação pastoral orgânica do Oratório-Centro Juvenil

A *Principais intervenções da proposta*

- 1 O Oratório-Centro Juvenil Salesiano é uma casa aberta aos adolescentes e jovens do bairro e da região: **um lugar físico de referência.** O ambiente educativo é o resultado de uma série de encontros significativos, de histórias e nomes próprios, de qualidade das relações humanas. “O ambiente oratoriano” não é criado, portanto, apenas para manter as portas abertas e os jovens terem tudo à disposição. O valor da pro-

posta educativa do Oratório-Centro Juvenil Salesiano está no acompanhamento da pessoa, sujeito dos processos de crescimento e objeto das ações educativo-pastorais.

- 2 **A assistência salesiana** é a proximidade real, afetiva e efetiva dos educadores com os jovens, mesmo fora do ambiente físico do Oratório-Centro Juvenil, em seus espaços vitais; é estilo salesiano de encorajamento e intervenção pedagógica nos processos da missão. A presença ativa e animadora de salesianos e educadores leigos entre os jovens é uma excelente forma de comunicação educativa e evangelizadora (CG24, n. 131).
- 3 **A pluralidade de propostas, atividades e experiências**, que caracteriza a pastoral oratoriana salesiana, requer uma animação coordenada e convergente, da qual alguns critérios fundamentais são finalizados à promoção de *diversos grupos de atividades e de formação* segundo a idade e os interesses, e ao associacionismo juvenil, como participação no Movimento Juvenil Salesiano.

A proposta oratoriana é *múltipla e variada* (esportiva, recreativa, cultural, social, ecológica) quanto aos aspectos mais significativos da vitalidade e do processo de desenvolvimento dos jovens. Entre as atividades mais específicas do Oratório-Centro Juvenil estão a diversão e o esporte, tanto espontâneo como organizado, e tudo o que se refere à cultura, à música, ao teatro e à comunicação social, em suas diversas expressões; excursões e turismo juvenil, acampamentos, atividades solidárias e missionárias.

É importante envolver *a participação dos jovens no planejamento, realização e revisão das atividades*, através dos vários grupos e associações. É bom que todas as atividades sejam bem articuladas e coordenadas, de modo a poderem desenvolver com os jovens as suas possibilidades educativas intrínsecas. O que é proposto deve corresponder aos objetivos formativos previstos no PEPS do Oratório-Centro Juvenil.

É necessário coordenar os tempos, os meios e as modalidades educativas do Oratório-Centro Juvenil com os dos demais ambientes ou setores de atividade da casa-presença salesiana.

- 4 **A qualidade da formação sistemática** exige dedicar um esforço contínuo de qualificação educativa, cristã e salesiana das pessoas e dos recursos. Somente nessas condições os jovens animadores serão capazes

de assumir responsabilidades. Os programas da escola, dos animadores, acampamentos, cursos, retiros, encontros e das demais atividades de formação sobre temas educativos, culturais ou salesianos significativos devem valorizar as experiências da vida cotidiana.

B *Estruturas de participação e responsabilidade*

Todos são corresponsáveis na animação, mas devem-se evidenciar algumas funções específicas.

» *Animação local*

O **coordenador do Oratório-Centro Juvenil local** não deverá minimizar a participação e a corresponsabilidade dos demais membros do Centro, mas incentivá-las, abrindo canais para o seu desenvolvimento. É salesiano ou leigo com a vocação de trabalhar entre os jovens, com simpatia e competência; com espírito apostólico, capacidade de relações diretas e profundas com os colaboradores, de presença estimulante entre os jovens; com criatividade e determinação para renovar propostas e comunicar entusiasmo; com a preocupação pela unidade operativa da equipe e seu crescimento na fé.

Em sintonia com a comunidade salesiana, promove o PEPS, elaborado, efetivado e avaliado com a CEP; coordena os educadores que trabalham no Oratório-Centro Juvenil e os vários grupos e comissões; promove a sua ligação e colaboração com as demais forças atuantes em favor do mundo juvenil no território e na Igreja local; e garante a inserção do Oratório-Centro Juvenil na comunidade cristã paroquial.

A função do **grupo de animadores**, parte integrante da CEP, é ser referência para os jovens com suas vidas. Os educadores do Oratório-Centro Juvenil são os animadores de grupo, os treinadores esportivos, os educadores das oficinas artísticas. Trabalham juntos e acompanham o processo continuado de formação como educadores.

As funções de animação são coordenadas também mediante outros organismos. Entre eles, é importante o Conselho do Oratório-Centro Juvenil ou **Conselho da CEP do Oratório-Centro Juvenil** (cf. CG24, n. 161). Sua composição e seu funcionamento obedecem a esquemas e

critérios dinâmicos, mas também de continuidade, segundo as orientações do Inspetor com seu Conselho (CG24, n. 171).

Suas principais responsabilidades são avaliar e promover a programação pastoral anual segundo as principais exigências da condição juvenil e as linhas de orientação do PEPS local; coordenar as várias propostas educativas das associações e dos grupos e cuidar da harmonização e integração entre as diversas intervenções pastorais; favorecer o associacionismo salesiano, a partilha de informações e a coordenação entre os vários grupos e associações; manter estreito relacionamento com o território e com todos os que trabalham pela educação dos jovens, favorecendo intervenções e propostas adequadas para situações de marginalização e de risco. No interior do Conselho e sob o seu controle, podem-se criar comissões com encargos específicos para os ambientes ou setores de atividade.

O Projeto do Oratório-Centro Juvenil deve favorecer algumas **estruturas de participação para as famílias**. Por isso, conforme as instâncias locais de coordenação, no Projeto do Oratório-Centro Juvenil, também as famílias dos oratorianos são corresponsáveis, garantindo sempre o protagonismo dos jovens.

Com o PEPS, **os estatutos e/ou normas/regulamentos de funcionamento concreto** são elemento da organização local. Neles, sejam especificados: de quem a entidade depende e a personalidade jurídica do Centro; a pessoa responsável nomeada pela acima indicada entidade; os órgãos de participação e as competências pessoais e colegiais; a relação com os órgãos de participação e animação da obra salesiana, com as famílias e com os organismos civis e eclesiais.

» Animação inspetorial/nacional

A **Comissão inspetorial** para o acompanhamento dos Oratórios-Centros Juvenis participa da animação da Pastoral Juvenil na Inspetoria. O Coordenador e os membros da Comissão garantem a elaboração, atuação e avaliação do Projeto Educativo Pastoral Inspetorial dos Oratórios-Centros Juvenis, em conformidade com o PEPS inspetorial.

Para a animação orgânica e coordenada em rede, é necessária **uma sinergia entre as comissões inspetoriais** de Oratórios-Centros Juvenis, Escolas, Paróquias, MJS, Animação vocacional, Animação missionária e

Voluntariado, Comunicação Social. A Comissão Inspecional de Formação garante o acompanhamento formativo dos jovens salesianos que, pela sua ação apostólica, são indicados para a gestão e animação do Oratório-Centro Juvenil.

Para a animação e coordenação deste ambiente da missão salesiana inspetorial é particularmente importante o *Escritório Inspecional de Planejamento e Desenvolvimento*, para garantir a sustentabilidade do projeto, em acordo operativo com a Delegação inspetorial para a Pastoral Juvenil.

Em âmbito nacional, onde houver duas ou mais comissões inspetoriais de Oratórios-Centros Juvenis, estas devem ser coordenadas e atuar segundo um projeto compartilhado e participar das redes mais extensas. A ação dos Oratórios-Centros Juvenis não termina nos bairros da cidade. O trabalho em rede requer coordenação ampla para estar presente nos fóruns de opinião, no mundo do trabalho juvenil, nas organizações para a infância e os jovens, que têm influência nas decisões que se referem às políticas juvenis (prevenção educativa, ação social, formação e promoção do voluntariado, animação sociocultural, promoção do tempo livre educativo).

2 2

A ESCOLA E O CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL SALESIANO

2 2 1

A originalidade da escola e do Centro de Formação Profissional salesiano

A formação profissional e a escola salesiana surgiram em Valdocco para responder às necessidades concretas da juventude e inserem-se num **projeto global de educação e evangelização dos jovens, sobretudo os mais carentes**. Animado pelo desejo de garantir dignidade e futuro aos seus jovens, Dom Bosco deu vida às oficinas de artes e ofícios, ajudando ao mesmo tempo os jovens na busca de trabalho e providenciando contratos para eles, impedindo que fossem explorados. Esse serviço e essa preparação serão enriquecidos com a vocação e a presença do Salesiano Coadjutor.

Foi essa a matriz dos atuais Centros de Formação Profissional (CFP) que procuram promover a formação humana, cristã e profissional dos jovens.



«Foi Dom Bosco quem mandou seus filhos às Universidades do Estado, confiando-lhes em seguida o ensino até de matérias profanas. Dom Bosco tinha ideias muito claras sobre a unidade do homem, e consequentemente sobre a necessidade de uma ação educativa integral. Sabia, na verdade, que uma ação pastoral forma ao mesmo tempo “cidadãos honestos” e “bons cristãos”. Neste sentido, ele via na escola um momento formativo providencial»

[CG20, N. 234]

A proposta responde a predisposições, habilidades e perspectivas de muitos deles que, ao final da formação de base, **aspiram inserir-se no mundo do trabalho**. A formação profissional é um instrumento para o amadurecimento humano integral e a prevenção da insatisfação juvenil, além da animação cristã das realidades sociais e do desenvolvimento do mundo empresarial.

Sempre atento às necessidades juvenis, Dom Bosco alargou a sua ação promovendo o surgimento das escolas salesianas. Ele intuía que **a escola é instrumento indispensável para a educação**,

lugar de encontro entre a cultura e a fé. Consideramos a escola como uma mediação cultural privilegiada de educação; uma instituição determinante na formação da personalidade, porque transmite uma concepção de mundo, de homem e de história (cf. *A escola católica*, n. 8). O ambiente “escola” desenvolveu-se muito na Congregação como resposta às exigências dos próprios jovens, da sociedade e da Igreja. Tornou-se um movimento de educadores solidamente comprovado no front escolar.

Há também os **Centros de Formação Pré-profissional** com formulação e atuação especiais de propostas diversificadas: itinerários de orientação, instrução e formação, atualização, requalificação, inserção e reinserção social e no ambiente de trabalho, promoção do empreendedorismo social. Contribuem para o sucesso pessoal de cada um e dirigem-se para uma ampla tipologia de destinatários: jovens da escola obrigatória; jovens e adultos em busca de trabalho; jovens em dificuldade ou em situação de abandono escolar; migrantes ou aprendizes. Esses itinerários preveem uma proposta intensamente individualizada para retornar ao sistema escolar e formativo ou para ser iniciado no mundo do trabalho. A formação pré-profissional compreende, de fato, uma série de intervenções adequadas para tornar o sujeito ciente do atual contexto de trabalho e preparado para enfrentar do melhor modo as fases de acesso à profissão.

Algumas Inspetorias oferecem **serviço de internato para jovens** que frequentam as escolas/CFP. Os internatos são dotados de uma estrutura residencial que permite a permanência do aluno durante o dia todo, também no período noturno. É um ambiente adequado ao estudo em clima de convivência serena. Os jovens são constantemente acompanhados por uma equipe de educadores. A figura do educador assume grande importância nos internatos, assistindo e aconselhando os alunos nas horas de estudo e recreação; senta-se à mesa com eles e acompanha-os durante a jornada. Em alguns casos, cuida da sua formação humana e cultural, que serve de apoio ao estudo diário. A jornada do interno articula-se entre o tempo-escola, o tempo-estudo e o tempo recreativo, esportivo e espiritual.



A Comunidade Educativo-Pastoral da escola /CFP salesiano



A importância da CEP da escola/CFP salesiano

Nos decênios entre fins do século XX e início do século XXI procurou-se passar do modelo educativo institucional ao modelo educativo comunitário, da atitude de delegação educativa a algumas pessoas especialmente consagradas a isso (religiosos, professores) ao esforço de participação ativa de todos os envolvidos no fato educativo. **A CEP é o novo sujeito da responsabilidade educativa e do ambiente educativo.** Nas escolas e nos CFP salesianos *a convergência das intenções e convicções* de todos os membros da CEP encontra sua correspondência na realização do PEPS.

Reconhecemos o valor fundamental da formação profissional e da escola como âmbitos nos quais o *Evangelho ilumina a cultura e se deixa interrogar por ela*; cria-se assim uma integração eficaz entre o processo educativo e o processo de evangelização. Essa integração constitui uma alternativa educativa importante no atual pluralismo cultural, ético e religioso da sociedade. A atual realidade sociopolítica e cultural, as novas orientações de renovação escolar nos diversos Estados e a própria realidade interna das escolas, apresentam desafios novos e dificuldades complexas. **É preciso concretizar os critérios e as estratégias que, enfrentando esta complexidade, orientem a realização do PEPS.**

B *Os sujeitos da CEP da escola/CFP salesiano*

Os alunos são os protagonistas primários do itinerário formativo; eles participam de modo criativo da elaboração e atuação desse itinerário em suas várias fases; crescem na capacidade relacional mediante o exercício de participação escolar e formativa. Respondendo à demanda explícita dos jovens de receber uma séria preparação cultural e profissional, a escola/CFP promove neles a demanda implícita do sentido da vida. A escola/CFP dá início a itinerários, atividades e iniciativas que respondem essencialmente a essa preocupação.

Segundo a expressão de Dom Bosco, **os educadores** criam com os jovens uma “família”, uma comunidade juvenil em que os interesses e as experiências dos jovens são postos como fundamento de todo o arco educativo. Os educadores não só ensinam, mas “assistem”, trabalham, estudam e rezam com os alunos. São pessoas disponíveis a estarem com os jovens, capazes de assumirem os seus problemas. «*Mestres na cátedra e irmãos no pátio*» (Dom Bosco).

Entre os educadores, assinalamos o *peçoal docente/formador*, salesianos e leigos, inseridos plenamente no trabalho educativo-pastoral, segundo o projeto salesiano e a própria competência profissional:

- ▮ A *escolha dos leigos* é expressão de uma decisão atenta e ponderada, que exige equilíbrio, seriedade e teor de vida coerente; leigos que assumem com alegria o trabalho educativo, abertos aos interesses pedagógicos próprios da escola ou dos CFP salesianos. Eles têm competência profissional, disponibilidade para a atualização sistemática e participam ativamente dos encontros de planejamento e revisão. Seu profissionalismo educativo valoriza a relação interpessoal e conota-se por uma fundamental dimensão ética, entendida como testemunho pessoal, que favorece a interiorização dos valores pelos alunos. Os docentes e formadores leigos oferecem a própria experiência de vida laical, exprimem-na cultural e profissionalmente em opções de vida, conhecimentos e atividades operacionais, também nas várias iniciativas paraescolares e formativas, e fora delas.
- ▮ Por sua vez, *os docentes e formadores religiosos* testemunham a própria experiência de pessoas consagradas, estimulam a

busca de novos modos de fazer cultura e formação segundo a visão cristã da vida, do homem e da história.

O **peçoal auxiliar e administrativo** contribui na ação educativa de modo particular através do cuidado do ambiente, do estilo relacional e do bom funcionamento logístico e organizativo.

Aos **país**, como responsáveis diretos do crescimento dos filhos, compete de modo especial o diálogo com os educadores e formadores; eles participam pessoalmente, através dos órgãos colegiados, da vida da escola e do CFP em seus momentos de programação, revisão educativa e ação nas atividades de tempo livre.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco inspira-se na família e é praticado em relações familiares. Ele faz parte das nossas escolas e dos nossos centros de formação profissional, sendo proposto aos pais como modelo de relação e crescimento no diálogo educativo com os filhos.



A proposta educativo-pastoral da escola e do CFP salesiano

As escolas e os CFP salesianos são **duas estruturas de formação sistemática com características próprias, mas sempre em profunda relação**. Não há verdadeira escola salesiana que não inicie para o trabalho, nem há verdadeiro CFP salesiano que não leve em conta a elaboração sistemática da cultura. O educador tem a tarefa e a arte de pensar no conteúdo do seu ensinamento do ponto de vista do desenvolvimento educativo integral dos jovens, a serviço do seu crescimento pessoal.

É oportuno recordar sinteticamente alguns traços essenciais da práxis educativo-pastoral que faz da Escola e do CFP salesianos um *meio privilegiado de formação, elemento válido de promoção popular e ambiente de evangelização de particular eficácia*:



A inspiração nos valores evangélicos e a proposta de fé

Sublinha-se a atual urgência da ação evangelizadora em nossas instituições educacionais. Inserimo-nos no panorama dos CFP e *das escolas católicas*

com o patrimônio pedagógico herdado de São João Bosco e desenvolvido pela tradição sucessiva (cf. CG21, n. 130).

É preciso que a instituição educativa ofereça uma proposta educativo-pastoral, permanecendo aberta aos valores compartilhados nos contextos, promova a abertura e o aprofundamento da experiência religiosa e transcendente e repense a “mensagem evangélica” aceitando o confronto vital com o mundo das linguagens e os questionamentos da cultura. Por isso:

- organiza a atividade à luz da *concepção cristã da realidade, da qual Cristo é o centro* (cf. *A escola católica*, n.33);
- orienta os *conteúdos culturais e a metodologia educativa* segundo uma visão de humanidade, de mundo, de história inspirados no Evangelho (cf. *A escola católica*, n.34);
- promove a *partilha dos valores educativo-pastorais* expressos principalmente no PEPS (cf. *A escola católica*, n.66);
- favorece a identidade católica através do testemunho dos educadores e a constituição de uma *comunidade de crentes* animadora do processo de evangelização (cf. *A escola católica*, n.53).

B A educação eficiente e qualificada

Entre os muitos modos pelos quais se pode realizar a evangelização, nós salesianos privilegiamos aqueles nos quais a preocupação educativa é mais respeitada e as exigências de um correto processo educativo são mais bem garantidas. Em sentido amplo, a educação é uma intervenção “projetada” (com finalidades precisas, papéis definidos, experiências adequadas) e em sinergia de esforços (CEP). Nessa ótica, as escolas e os CFP salesianos oferecem uma proposta educativo-cultural de qualidade, na qual:

- ▮ as dinâmicas de ensino e aprendizagem estão inseridos numa *sólida base educativa*;

- ▮ se cultiva a *atenção contínua e crítica* aos fenômenos da cultura, do mundo do trabalho e da comunicação social;
- ▮ se oferece a *abordagem pedagógico-metodológica de processos*, que favoreça nos jovens a descoberta do seu projeto de vida;
- ▮ se amadurece a visão humana e evangélica do *trabalho*, entendido não unicamente como tarefa a realizar na organização social, mas como modalidade privilegiada de comunicação, expressão de si, autorrealização, relações interpessoais e sociais sempre novas, contribuição da pessoa ao melhoramento do mundo em que vive e age;
- ▮ se garante a atualização contínua da *qualificação profissional e da identidade salesiana* de todos os membros da CEP com processos sistemáticos de formação permanente;
- ▮ se favorece uma adequada pedagogia e um adequado planejamento da ação educativa preocupando-se com a relação estreita dos *objetivos educativos, didáticos e pastorais*.

É obrigatório garantir a *formação ao profissionalismo*, para o jovem ser envolvido num processo de educação completa em que, além das competências relativas ao trabalho, aprende os direitos e deveres de cidadania ativa; experimenta comportamentos sociais marcados pela colaboração, pela responsabilidade individual e pela solidariedade; aumenta os próprios conhecimentos culturais; estrutura a sua identidade de modo adequado para integrar-se no tecido social e civil.



C *A pedagogia salesiana*

A escola e os CFP salesianos atingem sua finalidade **com o método e o estilo educativo de Dom Bosco** (CG21, n. 131). A vivência dos seguintes aspectos oferece a configuração típica dos nossos centros educativos:

- animar, orientar e coordenar de modo *oratoriano*, fazendo da instituição uma família em que os jovens têm «a própria casa» (Const. 40);
- sublinhar a *personalização* das relações educativas, fundadas na confiança, no diálogo e na presença-assistência dos educadores entre os jovens;
- assumir a *integralidade da vida dos jovens*, tornando os educadores participantes dos interesses juvenis e promovendo as atividades de tempo livre como o teatro, o esporte, a música, a arte;
- preparar para *enfrentar responsavelmente* a cidadania ativa na vida familiar, na sociedade civil e na comunidade eclesial.

D *A função social e a atenção aos mais carentes*

Os itinerários escolares são abertos à pluralidade de experiências e podem ser coordenados pela escola e pelo CFP comunicando-se também fora deles. Os educadores acompanham **a inserção dos jovens na realidade**, em colaboração com entidades e agências educativo-formativas. A inserção plena dos jovens na vida local e a aceitação por eles de responsabilidades representam uma meta do itinerário de educação integral na escola e no CFP salesianos. Nossas escolas e CFP propõem-se a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e digna do homem. Por isso:

- procuram localizar-se em *regiões mais populares* dando preferência aos *jovens mais carentes*;
- denunciam *toda condição discriminatória ou ocorrência de exclusão*;



- ▮ privilegiam o critério do *acompanhamento de todos* em vez do critério da seleção dos melhores;
- ▮ promovem a sistemática *formação social* de seus membros;
- ▮ privilegiam a *inserção justa dos jovens no mundo do trabalho* e o seu acompanhamento educativo, mantendo contato sistemático com o mundo empresarial;

«A escola salesiana seja popular pela localização, pela cultura e pelos rumos que privilegia, e pelos jovens que acolhe». Organize serviços úteis à população da região, como cursos de qualificação profissional e cultural, de alfabetização e recuperação, fundos para bolsas de estudo e outras iniciativas»

[REG. 14]

- ▮ tornam-se centros de animação e de serviços culturais e educativos para a melhoria do ambiente, privilegiando os currículos, especializações e programas que respondam às *necessidades dos jovens da região* (cf. CG21, n. 129, 131);
- ▮ praticam a *proximidade e a solidariedade*, com a disponibilidade das pessoas e dos locais, a oferta de serviços de promoção abertos a todos, a colaboração com outras instituições educativas e sociais;
- ▮ promovem a presença significativa no mundo dos *ex-alunos para se inserirem* de modo ativo e propositivo no diálogo cultural, educativo e profissional em ação no território e na Igreja local.

2 2 4

A animação pastoral orgânica da escola e do CFP salesiano

A Principais intervenções da proposta

- 1 Na tradição salesiana as pessoas, o tempo, o espaço, as relações, o ensino, o estudo, o trabalho e toda atividade interagem organicamente num ambiente de serenidade, alegria e trabalho: **é o ambiente educativo**.

É preciso qualificar *as relações educativas* fundadas na racionalidade das exigências, na valorização da vida cotidiana e no acompanhamento educativo. Além da atenção aos deveres de estudo, pesquisa e trabalho, é importante educativamente obter o respeito e o cuidado com os instrumentos, equipamentos e locais nos quais se realiza a vida escolar e profissional, como expressão de pertença.

O *pátio* é o espaço e a modalidade inevitáveis na experiência da escola e do CFP salesianos. Ele não é apenas lugar geográfico, o qual tem em sua sede atividades e iniciativas, mas configura-se como **tempo de construção das relações pessoais a partir da animação, da diversão, do esporte**. Toda escola e todo CFP salesianos são chamados a salvaguardar os tempos e os espaços destinados ao encontro dos alunos. A CEP se faz garante da assistência dos jovens segundo o espírito de Dom Bosco.

- 2 Os conteúdos sistemáticos das diversas disciplinas** são oferecidos como conhecimentos a adquirir, verdades a descobrir, técnicas a dominar, respostas aos questionamentos, valores a assimilar. Para isso, contribui a clareza dos conhecimentos, a organização pedagógica e, sobretudo, a concepção cultural fundamental que se apresenta.

Isso leva, de um lado, a dar relevo à forma de experiência humana subjacente às diversas disciplinas, ajudando os jovens a perceber, valorizar e assimilar *os valores naturais inerentes* aos fatos apresentados e aprofundados; e, de outro, a fazer com que o interesse se abra à *cultura universal*, em contato com as expressões dos diversos povos e o patrimônio de valores compartilhados pela humanidade.

É absolutamente necessário evitar o risco que um desvio científico-tecnológico coloque em segundo plano, ou até mesmo marginalize a referência aos valores fundamentais que estão na base dos “conhecimentos”. A educação aos valores, aos ideais e à pesquisa está entre os aspectos educativos que formam a ossatura da ação de educação integral.

O problema central da escola é a sua organização cultural, a sua reflexão integral sobre o homem. Na vida cotidiana da aula ou da oficina, oferece-se uma *visão antropológica integral inspirada no humanismo cristão*.

Nas diversas áreas disciplinares, os docentes introduzem os alunos no encontro vivo e vital com o patrimônio cultural e profissional em diálogo com o humanismo cristão. Nessa perspectiva, dê-se atenção especial à escolha dos livros de texto e dos demais materiais didáticos.

Os educadores da escola e do CFP salesianos ativam *itinerários formativos* ricos da contribuição do humanismo cristão e salesiano com temas centrais do caminho de desenvolvimento integral dos jovens: *formação da consciência, educação da afetividade e educação sociopolítica e, especificamente, formação religiosa*. Acreditamos que a dimensão religiosa deva estar presente no quadro dos “conhecimentos” que constituem a base da formação das crianças e dos jovens.

De fato, **o ensino da Religião Católica**, considerado como elemento fundamental da ação educativa, entra nos programas escolares de muitas nações. Com o conhecimento das problemáticas inerentes à formação cristã dos jovens, ativam-se processos periódicos de planejamento e revisão para qualificar o ensino da religião como *momento importante de formação cultural*. O ensino escolar da religião deve propor como objeto de estudo o que para os crentes é objeto de fé. Sua finalidade é formar a capacidade habitual de entendimento da religião, isto é, dos fatos que ritmam a história religiosa do homem. Como de todos os fatos culturais, também dos fatos religiosos a escola propõe um conhecimento sistemático e crítico nas formas do discurso educativo, com a finalidade de educar ao conhecimento da vida religiosa da humanidade. É um ensinamento que ajuda os jovens a descobrirem a dimensão religiosa da realidade humana e buscarem o sentido último da vida; oferece uma orientação para a escolha consciente e livre de uma vivência empenhativa e coerente; propõe a visão positiva e aberta da doutrina cristã que dispõe ao anúncio explícito; promove o diálogo crítico e positivo com as demais áreas do conhecimento e com as outras religiões; desperta o desejo de uma progressiva educação à fé na comunidade cristã.

- 3 Optamos como **método didático-educativo a personalização das propostas e a colaboração recíproca**. Portanto, uma didática ativa, que desenvolva nos alunos a capacidade da descoberta e faça amadurecer hábitos de criatividade e crescimento cultural autônomo; a interdisciplinaridade, para o que as diversas ciências oferecem contribuições complementares; a avaliação do processo de crescimento dos alunos na capacidade de aprender e buscar, não só os resultados finais.

- 4 A educação integral requer que se complete o programa escolar-profissional com **outras atividades complementares, integrativas, de apoio e propostas livres**. A escola e o CFP salesianos dão amplo espaço às atividades de tempo livre e distensão (artísticas, recreativas, esportivas, culturais), tendendo a ser *escola de tempo integral*.

A escola e o CFP salesianos dão espaço, favorecem e acompanham os *diversos grupos* (de estudo-pesquisa, culturais, recreativos, artísticos, de serviço comunitário, voluntariado, crescimento cristão, orientação vocacional, empenho cristão), reconhecendo neles uma mediação privilegiada de educação e evangelização. Em algumas escolas e alguns CFP são colocados à disposição dos jovens espaços de acolhida informal, salas para encontros, salas de música etc. Na programação anual devem ser previstos os tempos específicos de participação nessas atividades.

Sendo próprio da tradição salesiana, cuide-se do reencontro com os jovens que frequentaram a nossa escola ou CFP, os *ex-alunos*, buscando as modalidades mais oportunas para o seu envolvimento pessoal e associativo.

Uma das colunas que regem a identidade da escola e do CFP salesianos é **a articulação clara e orgânica de intervenções explicitamente evangelizadoras**. A proposta educativo-pastoral é traduzida em experiências e atividades caras à tradição salesiana:

- ▮ breves *encontros diários* predispostos para todos ou para grupos (“Bons-dias”, palavra de acolhida) inspirados no “Boa-noite” praticado por Dom Bosco em sua experiência de vida com os meninos de Valdocco. O “Bom-dia” qualifica-se como um tempo de oração e leitura sapiencial da vida em vista da aceitação progressiva de um juízo cristão sobre os eventos;
- ▮ durante o ano escolar-formativo é oferecida a possibilidade aos alunos e aos docentes da escola e do CFP salesianos viverem *experiências de caráter formativo-espiritual*. Realizados preferivelmente nos tempos fortes do ano litúrgico, são momentos favoráveis para o crescimento na fé e a revisão da própria vida à luz da mensagem cristã;

- fiéis ao que Dom Bosco viveu com os jovens acolhidos em Valdocco, a escola e o CFP proponham momentos explícitos de *oração e celebração*. Os alunos pertencentes a outras confissões cristãs ou outras religiões também podem participar desses momentos como ocasiões de integração cultural e conhecimento da tradição religiosa da nação em que vivem. A Eucaristia e as celebrações de memórias, tempos litúrgicos ou devoções locais, fazem parte integrante da proposta educativo-pastoral. Devem ser bem preparados especialmente os momentos de celebração da Reconciliação segundo uma oportuna inserção no calendário, prevista na programação das atividades formativas anuais;
 - durante o ano escolar-formativo prevejam-se *tempos de socialização e festa* como ocasiões de conhecimento e educação à corresponsabilidade e pertença. Envolvam-se ativamente na organização e realização de algumas dessas iniciativas as famílias e os diversos componentes da CEP. Relevo especial seja dado à celebração das festas salesianas, momentos de crescimento do espírito de família e de gratidão.
- 5 Os jovens que frequentam a escola e o CFP salesianos são atraídos muitas vezes pelo ambiente familiar que encontram. É importante, na animação das CEP, que os educadores estejam sempre mais dispostos ao **encontro pessoal com os alunos**. Levando em conta as diversas fases da idade evolutiva dos alunos, os educadores ofereçam em todos os setores *espaços e tempos adequados para o encontro pessoal* com os alunos, em vista de uma revisão do caminho feito e de propostas a propor.

Os educadores estejam disponíveis para o colóquio pessoal; haja, contudo, alguns que se dediquem a esse serviço com especial cuidado. O serviço de orientação psicológica tem nisso um papel importante.

- 6 A **formação e a atualização dos professores** são grandes oportunidades para toda instituição educativa e para aqueles que nela trabalham. É preciso a formação e atualização dos nossos docentes – não só no aspecto metodológico e disciplinar – que qualifique o profissionalismo na escola salesiana, segundo um projeto formativo que *unifica fé, ciência e vida*. Por isso, o itinerário formativo dos professores deveria preocupar-se com o seu profissionalismo pedagogicamente eficaz, o

seu estilo educativo salesiano qualificado, a sua espiritualidade cristãmente vivida, a sua personalidade humanamente rica e acolhedora. Espera-se nessa formação uma atenção maior à *pastoral* educativa nas dinâmicas específicas da escola.

Programem-se periodicamente iniciativas locais ou inspetoriais que respondam ao projeto inspetorial de formação dos professores e formadores, com atenção especial à formação dos *novos professores admitidos*. Os cursos, as jornadas de reflexão e formação, dos quais os professores e formadores da escola e do CFP salesianos são chamados a participar, os envolverão num itinerário que prevê o conhecimento de Dom Bosco e do Sistema Preventivo. Sejam também compartilhados os aspectos inerentes à metodologia e à didática praticadas na tradição salesiana.

- 7 Todos os elementos e intervenções indicados que formam o PEPS da escola e do CFP devem ser *inseridos no mais amplo e global Projeto Educativo*, segundo as disposições legais emanadas pelos Governos. **O planejamento pastoral do PEPS** exprime e define a identidade da escola, explicitando os valores evangélicos nos quais ela se inspira, traduzindo-os em termos operativos precisos. O PEPS é o critério inspirador e unificador de todas as opções e de todas as intervenções (programação escolar, escolha dos professores e dos livros de texto, planejamentos didáticos, critérios e métodos de avaliação). Ele *caracteriza a intencionalidade pastoral que anima a CEP, decisiva em todos os elementos e articulações da escola e da CFP*.

Como instituições educativas, nossos centros salesianos inserem-se num contexto histórico e normativo preciso, definido pelas leis nacionais que traçam seu sistema organizativo e didático, reconhecendo e aprovando ordinariamente a nossa proposta de escola ou CFP, nossos princípios e os valores que os caracterizam. O PEPS é a nossa “carta de identidade”. Aqui são apresentados: o carisma que inspira a nossa oferta educativa (as motivações originárias devem continuar a iluminar hoje a nossa obra); o conceito de educação integral; o modelo de comunidade educativa, a CEP; os valores de referência; o método educativo e as opções preferenciais do momento.

A identidade de “nossa escola salesiana” descrita no PEPS local será, portanto, uma proposta educativa comum para todos os

alunos da escola e de cada classe. O PEPS, que no planejamento pastoral define intervenções explicitamente evangelizadoras, é plenamente coerente com a cultura do currículo didático (opções educativas e didáticas gerais), com o planejamento mais amplo, que apresenta também propostas extracurriculares e organizativas, e com o planejamento gerencial (itinerários formativos, atividades, iniciativas educativas, organização e gestão de estruturas, pessoas e recursos da escola). A ação pastoral, não isolada, permeia toda a obra educativa.

B *As estruturas de participação e responsabilidade*

» *Animação local*

As estruturas de participação e corresponsabilidade visam criar as condições ideais de uma sempre maior comunhão, participação e colaboração entre os diversos componentes da CEP. Sua finalidade é a atuação do Projeto Educativo-Pastoral e o crescimento da colaboração entre docentes, formadores, alunos e pais. Essas estruturas variam segundo os Países e as diversas legislações escolares. Por isso, cada Inspeção deve definir *as modalidades oportunas e concretas de organização, funcionamento interno e responsabilidades das escolas e CFP*, tendo em conta os seguintes elementos:

- ▮ em primeiro lugar, o **Conselho da CEP da Escola ou CFP**, conforme as orientações de cada Inspeção; é o órgão que anima e orienta toda a ação salesiana com a reflexão, o diálogo, a programação e a revisão da ação educativo-pastoral (CG24, n. 160-161, 171;
- ▮ depois, cabe ao **Colégio dos docentes/assembleia dos formadores** a programação das orientações educativas e didático-formativas nos momentos de proposta, discussão, decisão e revisão coerentes com o Projeto Educativo-Pastoral. Toda escola ou CFP também garante a estruturação do colégio de docentes/assembleia dos formadores *em comissões (ou equipes ou grupos de trabalho) e departamentos (ou áreas disciplinares)* em vista do projeto, da programação e atuação das iniciativas educativas;

- enfim, **a equipe de Pastoral**, dirigida pelo coordenador de pastoral, anima a ação evangelizadora cuidando da sua profunda integração no processo didático e educativo. Os critérios de composição dessa equipe são definidos localmente. Dela devem participar alguns alunos.

» *Animação inspetorial/nacional*

As estruturas são de nível inspetorial, nacional e internacional. Podem ser **entidades com personalidade civilmente reconhecidas**. Esta rede de colaboração em níveis diversos constitui uma presença ativa no sistema escolar e da formação profissional, interagindo com o sistema produtivo, com as entidades públicas e privadas para a busca e o desenvolvimento da formação profissional, com as forças sociais e sindicais, como também com outros organismos nacionais e internacionais interessados nos processos formativos e nas políticas ativas do trabalho.

2 3

A PRESENÇA SALESIANA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

2 3 1

A originalidade da presença dos salesianos na Educação Superior

Trata-se de uma presença **recente na história da Congregação Salesiana**. A primeira instituição neste âmbito remonta a 1934 (St. Anthony's College, Shillong, Índia), contudo, a consciência da importância deste nível educativo e o desenvolvimento da presença salesiana nele só aconteceram nos últimos decênios do século passado, com o processo mundial de acesso maciço das classes médias e populares à educação superior.

A presença salesiana na Educação Superior cresceu quantitativa e qualitativamente a partir do processo de reflexão e trabalho em rede das instituições universitárias, iniciado em 1997 por iniciativa do Reitor-Mor, P. Juan Edmundo Vecchi, como serviço da Direção Geral às Inspetorias e às próprias Instituições (cf. P. Juan Vecchi, ACG 362, "Documentos e Notícias: Um serviço para as instituições universitárias salesianas"). Este serviço, feito através da Coordenação Geral das IUS, representou a vontade da

Congregação Salesiana de orientar e qualificar o desenvolvimento deste novo tipo de presença entre os jovens. Como resultado do processo realizado, a Congregação Salesiana, através de uma modificação do artigo 13 dos Regulamentos Gerais, quis reconhecer que **a presença no âmbito da educação superior é parte da sua missão:**

“A escola salesiana, os centros de formação profissional e as instituições de educação superior promovem o desenvolvimento integral do jovem mediante a assimilação e a reelaboração crítica da cultura e a educação para a fé, tendo em vista a transformação cristã da sociedade”

[REG. 13; CF. CG26, N. 122]

A presença salesiana neste âmbito é hoje uma realidade muito difundida e diversificada. Atuamos através da direção e promoção de instituições universitárias – sob a direta responsabilidade da Congregação Salesiana em corresponsabilidade com outras instituições eclesiais –, da gestão e animação de *Colleges* e *residências para jovens universitários*, e a presença de numerosos salesianos com responsabilidade de direção, ensino, pesquisa ou animação da pastoral universitária em instituições de ensino superior salesianas, eclesiais ou públicas.

A reflexão e as orientações da Congregação Salesiana para a presença na educação superior tocam de modo especial as instituições de ensino superior, os *Colleges* e as residências universitárias sujeitas à sua responsabilidade, enquanto estruturas que permitem desenvolver uma proposta educativo-pastoral mais orgânica e animada especificamente pelo carisma salesiano.



As Instituições Salesianas de Educação Superior

Sob o nome de Instituições Salesianas de Educação Superior (IUS) reúne-se **um conjunto de centros de estudo de nível superior e terciário**, dos quais a Congregação Salesiana é titular ou responsável, direta ou indiretamente. As diferenças nas condições sociais e nos sistemas educativos dos países onde estão presentes fazem com que os centros apresentem uma grande diversidade não só no modo de gestão, mas também do ponto de vista dos graus académicos conferidos e do tipo de cursos oferecidos: Universidades, Centros Universitários, Politécnicos, *Colleges*, Faculdades, Institutos, Escolas Superiores ou Especializadas.

Nas origens das IUS estão diversas motivações: a preocupação de oferecer e garantir aos salesianos religiosos uma formação em nível superior; a passagem ao ensino superior enquanto resultado natural do crescimento e da evolução das escolas secundárias, conhecidas pela sua excelência acadêmica e educativa; a necessidade de continuar a acompanhar os jovens no período de sua vida no qual tomam decisões fundamentais para o próprio futuro, a oferta de uma oportunidade de acesso à universidade àqueles que provêm de ambientes populares e do mundo do trabalho (cf. *Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 2.19). Em seu conjunto, elas refletem a convicção de que, através de nossos centros de formação superior, somos capazes de oferecer à sociedade uma proposta cultural de qualidade, enriquecendo-a com pessoas humanas, profissionais competentes e cidadãos ativos.

A natureza e a finalidade desse tipo de presença salesiana foram definidas pelas próprias instituições através do processo de reflexão e trabalho em rede já assinalado. Isso tornou possível a elaboração e, depois, a aprovação pelo Reitor-Mor e seu Conselho, de uma série de documentos que fundamentam hoje o quadro referencial das IUS: *Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior* (Roma, 2003) e *Políticas para a presença salesiana na educação superior 2013-2016* (Roma, 2012). Enquanto o primeiro define a identidade e a natureza deste tipo de presença, o segundo torna concretas as orientações operativas para o desenvolvimento das instituições num determinado período.

As IUS são definidas como «instituições de ensino superior de **inspiração cristã, caráter católico e índole salesiana**» (*Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 14). Assumindo a tradição científica e acadêmica própria da estrutura universitária, oferecem a este nível educativo os valores e o espírito próprios do patrimônio educativo e carismático salesiano, confiando-se assim como instituição de educação superior com identidade específica, tanto no interior da Igreja como da Sociedade.

Como parte da Igreja, as IUS querem ser «uma presença cristã no mundo universitário diante dos grandes problemas da sociedade e da cultura» (*Ex Corde Ecclesiae* 13); como presença da Congregação Salesiana, «se caracterizam pela sua opção em favor dos jovens das classes populares, pelas comunidades acadêmicas com clara identidade salesiana, pelo projeto

cultural, cristã e salesianamente orientado, e pela intencionalidade educativo-pastoral» (*Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 18).

As IUS – como qualquer obra salesiana – estão sob a responsabilidade da Inspetoria, que as promove e sustenta, e lhes atribui uma função específica no interior do seu POI. Toda IUS é uma presença qualificada da Inspetoria a serviço da missão e dos demais tipos de presença salesiana em seu território.



«Cada IUS, enquanto instituição de educação superior, é uma comunidade acadêmica, formada por docentes, estudantes e pessoal administrativo, que promove de modo rigoroso, crítico e propositivo o desenvolvimento da pessoa humana e do patrimônio cultural da sociedade, mediante a pesquisa, a docência, a formação superior e contínua e os diversos serviços oferecidos às comunidades locais, nacionais e internacionais»

(IDENTIDADE DAS INSTITUIÇÕES SALESIANAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, N. 15)

A *A comunidade acadêmica das Instituições Salesianas de Educação Superior*

» Importância da comunidade acadêmica

Como tal, dispõe de autonomia institucional própria, acadêmica e de governo, no respeito à missão e à finalidade confiadas pela Igreja e pela Congregação Salesiana (cf. *Ex Corde Ecclesiae* 12; *Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 21), assim como da orientação específica indicada pela Inspetoria e plasmada nos próprios atos estatutários e normativos.

A comunidade acadêmica das IUS é o sujeito da missão, como a CEP em outros ambientes e obras salesianas. Seus membros empenham-se a trabalhar de maneira corresponsável na elaboração da proposta educativa integral para os jovens e agem com responsabilidade diante das carências e expectativas da sociedade em que estão inseridos.

A comunidade configura-se em sintonia com os valores do humanismo cristão e do carisma salesiano, indicados no Projeto Institucional. Como notado pela “*Ex Corde Ecclesiae*”, «A fonte de sua unidade brota da sua comum consagração à verdade, da mesma visão da dignidade humana e, em última análise, da pessoa e da mensagem de Cristo» (n. 21).

» Os sujeitos da comunidade acadêmica

Como os documentos de referência indicam, a comunidade acadêmica é formada por diversos membros, salesianos e leigos, que cooperam de forma corresponsável para a realização dos objetivos institucionais. Para alcançar sua finalidade, a comunidade acadêmica requer de cada um de seus membros:

- identificação com o carisma e o método educativo salesiano, indicado sobretudo no Sistema Preventivo de Dom Bosco;
- atenção à realidade da condição juvenil e à capacidade de relações com os jovens universitários;
- identificação e empenho pelo Projeto Institucional, que supõe e exige de cada membro da comunidade educativa coerência ética e profissionalismo, teórico e prático, com os valores e os princípios nele contidos;
- competências necessárias para a realização das funções universitárias;
- respeito às respectivas funções e aos papéis confiados a cada membro (estudantes, docentes, pessoal diretivo, administrativo e de serviço).
- cuidado e promoção de um ambiente em que a pessoa humana esteja no centro, e no qual o diálogo e a colaboração são a base do método educativo.

Os educadores e membros da comunidade acadêmica empenham as próprias qualidades pessoais e competências em vista da única finalidade educativo-pastoral (cf. *Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 31); cada um, porém o faz segundo as próprias competências na tarefa específica que lhe é indicada no interior da comunidade acadêmica, cuja conformação requer:

- **docentes**, que tenham as respectivas competências profissionais, pedagógicas e relacionais, capazes de organizar toda a sua atividade acadêmica, tanto de pesquisa como de ensino, em coerência de vida com os valores do Evangelho;

- ▮ **estudantes**, orientados à própria formação humana e profissional, que participam corresponsavelmente no empenho cultural, científico e social promovido pelo Projeto Institucional;
- ▮ **pessoal administrativo e de serviço**, que assume o próprio trabalho como suporte imprescindível à atividade acadêmica e como contribuição à formação dos jovens universitários;
- ▮ **dirigentes**, salesianos e leigos, capazes de articular os desafios e as responsabilidades próprias da instituição universitária e orientar a comunidade na elaboração e realização do Projeto Institucional.

A fim de realizar eficazmente a sua missão e chegar a um resultado de qualidade, segundo a finalidade e os objetivos da própria identidade universitária, católica e salesiana, **cada IUS deve garantir a gestão e o desenvolvimento do seu pessoal**, sobretudo docente e diretivo. Isso implica uma cuidadosa seleção, formação e acompanhamento, para garantir a identificação e o empenho no Projeto Institucional (cf. *Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 29).

B *O Projeto Institucional*

Como instituição de educação superior, **toda IUS deve fazer pesquisa, co-ordenar o ensino, difundir o saber e a cultura**. Cada uma, contudo, o faz «num específico *projeto institucional* – de caráter cultural e científico, pedagógico-educativo e pastoral, organizativo e normativo – o qual, respondendo às exigências da realidade local e da universidade, plasma e aplica de modo global em termos operativos a identidade acima descrita» (*Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 26).

O Projeto Institucional especifica o modo com que a instituição contextualiza o carisma salesiano em resposta às exigências do sistema de educação superior nacional e às con-



«As Congregações e Ordens Religiosas asseguram uma presença específica nas Universidades e, pela riqueza e diversidade dos seus carismas – especialmente do educativo –, contribuem para a formação cristã de Mestres e Discípulos»

(PRESENÇA DA IGREJA NA UNIVERSIDADE E NA CULTURA UNIVERSITÁRIA, II, N. 1)

dições do território onde está situada. Missão e contexto local dão a cada IUS o seu próprio caráter particular no conjunto das instituições de educação superior presentes no mesmo território.

Além de definir com clareza a natureza, a missão e os objetivos institucionais, o Projeto esclarece as opções e os critérios da pesquisa, seleciona as áreas científicas e profissionais do ensino e os métodos de transmissão do conhecimento e da cultura. Em coerência com o Projeto Orgânico Inspetorial (POI), avalia as opções a privilegiar no território, os setores e as áreas sociais a favorecer, em consonância com a missão salesiana e as necessidades da Igreja local, da qual é uma presença qualificada no campo universitário. **O Projeto Institucional é uma verdadeira carta de navegação que orienta integralmente a vida da instituição.**

O desenvolvimento e a aplicação concreta do Projeto Institucional são realizados progressivamente com a adoção de uma série de instrumentos e procedimentos que garantem a sua orientação, direção e gestão e o funcionamento de acordo com a identidade específica (*Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 28); em primeiro lugar, o *Plano Estratégico* e o *Plano Operativo* para a realização progressiva do Projeto Institucional, com a definição dos objetivos estratégicos, metas, linhas de ação e identificação de recursos; a *avaliação institucional* e o *credenciamento*, como procedimentos ordenados a garantir a melhoria constante da instituição e a efetiva realização dos objetivos e da finalidade educativo-pastoral indicados. Enfim, o Projeto Institucional determina a *estrutura organizativa* e o *corpus normativo* (estatutos, regulamentos) que caracterizam a vida universitária e a cultura institucional.

A proposta educativo-pastoral

Como já indicado, **«o projeto cultural de cada IUS é movido por uma clara finalidade educativo-pastoral** segundo as características da pedagogia e da espiritualidade salesiana» (*Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, 24). Esta finalidade é traduzida na proposta educativo-pastoral endereçada a todos os membros da comunidade acadêmica, em particular aos estudantes, e na vontade de ter incidência educativa e cultural na sociedade e na Igreja (cf. *Identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior*, n. 24.31).

A proposta educativo-pastoral está contida no Projeto Institucional e é realizada através dos diversos processos e ações com que a instituição realiza suas funções de pesquisa, ensino e serviço à sociedade. Ela se fundamenta na concepção cristã da pessoa e se orienta segundo os valores do espírito e da pedagogia salesiana (cf. *Ex Corde Ecclesiae* 49; *Identidade das Instituições Salesianas de Ensino Superior*, n. 22). De acordo com estes princípios, a proposta educativo-pastoral promove:

- ▮ a concepção de pessoa humana inspirada no Evangelho, que a coloca no centro da vida e promove a sua dignidade;
- ▮ a constante busca da verdade mediante a pesquisa à luz do Evangelho, que põe o conhecimento a serviço da pessoa e do desenvolvimento da sociedade;
- ▮ a visão formativa que prepara pessoas capazes de julgamento crítico, com uma compreensão orgânica da realidade, resultado da interdisciplinaridade e da integração do saber;
- ▮ a concepção da vida profissional orientada para a consciência ética e aberta à responsabilidade e a serviço na sociedade;
- ▮ o diálogo entre cultura, ciência e fé, capaz de iluminar cristãmente a vida e favorecer a inculturação do Evangelho.

A finalidade educativo-pastoral manifesta-se também na **vontade de incidência educativa e cultural** na sociedade e na Igreja. Realiza-se mediante o empenho do conhecimento da realidade social e da sua transformação, sobretudo nos aspectos que tocam a condição dos jovens (cf. *Políticas para a presença salesiana na educação superior 2012-2016*, n. 41). O contexto social é uma referência constante para a vida e a atividade da instituição, constitui o campo de prova de suas propostas educativas e uma provocação constante à sua significatividade.

Esse serviço é realizado através da pesquisa científica, do estudo dos problemas humanos e sociais contemporâneos, da análise crítica da cultura, da promoção do bem comum e da justiça social segundo os princípios do ensinamento social da Igreja, e a transformação de homens e mulheres capazes de assumirem um empenho responsável de serviço na Igreja e na sociedade.

D *A animação pastoral orgânica das Instituições Salesianas de Educação Superior*

A proposta educativo-pastoral explicita-se e é atuada nas diversas dimensões de vida e atividades da instituição, em particular no ambiente educativo, na proposta de formação integral dos estudantes, na atenção e no cuidado pastoral dos membros da comunidade.

1 O ambiente educativo, elemento chave da pedagogia salesiana, é concebido como espaço rico de estímulos e relações de qualidade entre as pessoas, fazendo circular um conjunto de valores que tornam possível a ação educativa e pastoral. Isso comporta na práxis educativa salesiana:

- ▮ um ambiente de família, caracterizado pela acolhida e disponibilidade para o encontro pessoal;
- ▮ uma relação humana, em que são evidentes o respeito, a cordialidade e a disposição ao diálogo;
- ▮ um reflexo da prática dos valores propostos (solidariedade, justiça, liberdade, igualdade etc.) na vida das pessoas e na organização da instituição;
- ▮ um ambiente rico de propostas educativas e experiências capazes de favorecer o desenvolvimento das pessoas;
- ▮ uma promoção e o acompanhamento do associacionismo e a participação através de diversos organismos de representação;
- ▮ uma disponibilidade e distribuição de espaços e estruturas físicas que favoreçam o encontro, a comunicação e a relação entre as pessoas.

2 A proposta de formação integral é explicitada na atividade acadêmica e nas iniciativas complementares que configuram a vida universitária. Na medida em que a pesquisa, o ensino e a prática profissional são realizados concordemente, contribuem para a criação da estrutura do pensamento e o desenvolvimento de critérios, atitudes e competências que garantam nos estudantes a sua formação integral. Com sua completude e integralidade, essa proposta oferece aos estudantes o amadurecimento

pessoal e a preparação cultural, científica e profissional necessária para garantir a plenitude da pessoa e a sua inserção na sociedade.

A integralidade oferecida no Projeto Institucional exige, portanto, uma atenção particular aos seguintes componentes:

- ▮ elaboração de um modelo educativo que integre os valores e os princípios da visão humanista cristã e salesiana, as teorias e os métodos de aprendizagem, as metodologias e os recursos didáticos necessários;
- ▮ desenho de um modelo curricular que ofereça o desenvolvimento de critérios e atitudes humanas de base, conhecimentos e habilidades relacionadas com o crescimento profissional e uma série de competências que preparam a pessoa para a vida, o trabalho profissional e sua inserção na sociedade;
- ▮ forma científica e rigorosa da pesquisa, dos itinerários curriculares e dos conteúdos da docência, abertos a uma visão transcendente da pessoa humana e da vida;
- ▮ diálogo interdisciplinar entre as diversas matérias acadêmicas compreendidas as de caráter ético, religioso e teológico, para ajudar os estudantes a adquirirem uma visão orgânica da realidade;
- ▮ oferta de matérias curriculares específicas de caráter ético e religioso de nível científico e pedagógico e de valor acadêmico semelhante às das demais disciplinas do itinerário curricular.

- 3 O desenvolvimento humano integral oferecido pela proposta formativa requer **atenção pastoral e acompanhamento de cada pessoa.**



«A pastoral universitária é aquela atividade da Universidade que oferece aos membros da própria Comunidade a ocasião de coordenar o estudo acadêmico e as atividades para-acadêmicas com os princípios religiosos e morais, integrando assim a vida com a fé»

(EX CORDE ECCLESIAE 38)

A integralidade implica a integração das diversas dimensões da pessoa com a transcendente e com sua abertura a Deus. Isso supõe o desenvolvimento de um modelo de formação e de pastoral que:

- ▮ garanta a orientação e o acompanhamento da pessoa na integração das diversas dimensões do seu desenvolvimento humano, cristão, profissional e social;
- ▮ anuncie explicitamente Jesus Cristo e o seu Evangelho, acompanhando os que livremente desejam percorrer um caminho de crescimento e amadurecimento cristão, com itinerários de educação na fé, celebrações litúrgicas e sacramentais, a inserção e a experiência numa comunidade de fé;
- ▮ crie a possibilidade de diálogo e direção espiritual como meios de acompanhamento de todo membro da comunidade no seu itinerário de fé e aprofundamento da própria vocação cristã;
- ▮ proponha momentos de reflexão sobre a realidade social, intercultural e inter-religiosa e a situação dos jovens;
- ▮ ofereça propostas formativas, serviços e instrumentos de atenção aos jovens em resposta às situações e aos desafios postos pela sua condição de estudantes universitários;
- ▮ favoreça a realização de experiências de empenho cristão e solidário através do serviço social ou do voluntariado a favor dos pobres e carentes;
- ▮ coloque à disposição espaços e estruturas que favoreçam o encontro e o crescimento cristão: locais abertos a todos, acolhedores, de fraternidade, reflexão e oração.

Nas Instituições Salesianas de Educação Superior, a pastoral atravessa, orientando-os e reforçando-os, todos os processos e áreas de atividade da instituição. Sua animação requer uma adequada organização com a nomeação dos responsáveis, a elaboração dos planos de intervenção e a eficiente gestão dos serviços e das estruturas de acompanhamento pastoral às pessoas.



Estruturas de acolhida para estudantes universitários

A expansão do sistema de ensino superior nos diversos países, considerado necessário para o desenvolvimento econômico e social, como também para a consolidação da democracia, envolveu o acesso massivo dos jovens das classes médias e populares à educação superior. O que comportou um crescimento não só no número e tipo de instituição superior, mas também nas **estruturas de serviço e acolhida, indispensáveis para garantir que a ela tenham acesso os jovens residentes afastados dos centros de estudo.**

A necessidade crescente de garantir a estes jovens um serviço de hospitalidade e, sobretudo, uma experiência positiva de crescimento humano, cristão e profissional, tem encorajado as comunidades salesianas na criação de várias estruturas de acolhida para jovens estudantes universitários fora da sede. Em conformidade com os sistemas de ensino superior e as condições socioeconômicas de todo país ou região, criaram-se colégios ou residências universitárias, quer como estruturas separadas, próximas dos centros de estudos, quer como estruturas integradas no interior do campus das Instituições Salesianas de Educação Superior ou de instituições pertencentes a outros.

Os *colégios universitários*, diversamente dos internatos tradicionais com função prevalentemente de moradia, são centros externos à estrutura universitária que oferecem aos estudantes espaço de acolhida e projeto de formação. Muitos colégios são o resultado da reestruturação da obra salesiana e da abertura às novas necessidades dos jovens, particularmente nas cidades sedes de grandes e tradicionais estruturas universitárias. Nestes casos, passou-se em geral da iniciativa oferecida de alimentação e alojamento, possível pela reestruturação de edifícios preexistentes, à criação de verdadeiros ambientes com propostas de formação humana, cristã, acadêmica e profissional.



«As estruturas de acolhimento, de acompanhamento e de vida comunitária são muitas vezes defeituosas. É por isso que muitos deles, transplantados para longe da família para uma cidade que mal conhecem, sofrem a solidão. Por outro lado, em muitos casos, as relações com os professores são raras e os estudantes encontram-se desprovidos de orientação perante os problemas que os ultrapassam»

(PRESENÇA DA IGREJA NA UNIVERSIDADE E NA CULTURA UNIVERSITÁRIA, I, N. 1)

Os colégios, enquanto estruturas separadas do *campus* universitário, são geralmente associados a uma obra salesiana, na qual estão presentes outros ambientes (Oratório-Centro Juvenil, Escola, Paróquia etc.) e em cuja estrutura se inserem e integram. Nessa condição, encontram-se sob a tutela e a promoção da comunidade salesiana responsável pela obra. Sua gestão operativa é confiada geralmente a um responsável salesiano ou leigo, acompanhado por outros tutores e pelo pessoal de serviço.

As residências universitárias são estruturas pertencentes à própria instituição de educação, destinadas à acolhida dos estudantes. Encontram-se, em geral, no interior do campus e, além de oferecer espaço de alojamento e ambientes de suporte para a vida e o estudo, permitem aos estudantes fazer experiência no *campus*, desfrutando da melhor maneira da totalidade dos serviços acadêmicos (biblioteca, áreas de estudo e consulta) e formativos (atividades e programas de caráter cultural, esportivo, religioso e social) postos à disposição pela própria instituição.

Além das atividades extracurriculares, feitas no interior da estrutura universitária, as residências oferecem aos estudantes um programa próprio de formação e crescimento pessoal, espiritual, social e cultural, integrando com os serviços já oferecidos no campus o valor da experiência da vida em comum e da participação em um projeto.

A *A Comunidade Educativo-Pastoral das estruturas de acolhida de estudantes universitários*

» Importância da CEP nas estruturas de acolhida de estudantes universitários

Enquanto obras educativas salesianas, os colégios e as residências universitárias são chamados a promover comunidades nas quais se elabore um projeto de formação e se ofereça uma experiência de acompanhamento educativo e pastoral.

Nesse tipo de presença, a CEP é composta por todos os responsáveis, salesianos e leigos, encarregados da gestão da estrutura de acolhida e pelos jovens universitários que, em nível diverso, são envolvidos na animação da vida da comunidade e na realização de seus objetivos.

» *Sujeitos da CEP das estruturas de acolhida de estudantes universitários*

A organização dos diversos serviços de acolhida e a realização da sua função formativa exigem o envolvimento e a corresponsabilidade dos diversos membros:

- ▮ **o diretor e a comunidade salesiana**, responsáveis pela direção e animação de toda a obra ou da instituição universitária como também da estrutura de acolhida dos estudantes universitários;
- ▮ **o responsável direto**, salesiano ou leigo, que em nome da comunidade garante a orientação e a gestão do colégio ou residência e o desenvolvimento da proposta formativa;
- ▮ **os tutores ou educadores**, que por diversos títulos se inserem e acompanham a experiência da comunidade do colégio ou residência (orientadores, psicólogos, pessoal administrativo, capelães, etc.);
- ▮ **os estudantes**, chamados a serem verdadeiros protagonistas do próprio crescimento e formação, assumindo papéis e tarefas específicas na vida do colégio ou residência, cada um segundo a própria capacidade e possibilidade específicas;

A edificação da comunidade requer de seus membros atenção aos lugares e tempos adequados de comunicação e formação. É particularmente necessário promover o envolvimento dos estudantes na vida e na animação do colégio ou residência através de grupos, conselhos ou assembleias.

A comunidade salesiana, de modo especial, é chamada a garantir a presença constante nos ambientes e tempos da vida do colégio ou residência, oferecendo aos jovens o seu testemunho e a oportunidade de viverem o espírito de família que Dom Bosco desejava em suas casas.

B *A proposta educativo-pastoral nos colleges e nas residências universitárias*

Colégios e residências oferecem aos estudantes universitários não só o espaço de acolhida para viverem e estudarem, mas, sobretudo **a proposta formativa que lhes permita crescer como pessoas, profissionais**



«Para responder às exigências suscitadas pela cultura universitária, numerosas Igrejas locais tomaram diversas iniciativas apropriadas: busca de uma pastoral universitária que não se limite a uma pastoral de jovens, geral e indiferenciada, mas que tome como ponto de partida este fato: numerosos jovens são profundamente influenciados pelo ambiente universitário. Aí se decide em grande parte o seu encontro com Cristo e o seu testemunho de cristãos. Esta pastoral tem em vista, por conseguinte, a educação e o acompanhamento dos jovens que fortes na fé têm de enfrentar a realidade concreta dos meios e das atividades nas quais estão comprometidos»

(PRESENÇA DA IGREJA NA UNIVERSIDADE E NA CULTURA UNIVERSITÁRIA, II, N. 3)

e cidadãos. Essas estruturas têm como orientação o PEPS, no qual são definidas sua finalidade, as finalidades de referência e os conteúdos, métodos e tempos.

O PEPS é o instrumento que reúne os diversos elementos da experiência de vida, convivência e formação que os colégios e as residências universitárias salesianas oferecem aos jovens universitários. Como tal, integra numa proposta unitária, as respostas às carências dos jovens, as exigências derivadas da experiência de estudo na universidade e os valores da espiritualidade e da pedagogia salesiana.

Sua elaboração comporta um profundo conhecimento da condição dos jovens e das dinâmicas peculiares que caracterizam as experiências de estudo na universidade e de inserção na experiência de trabalho e profissional.

Entre estas, exigem atenção especial a passagem da vida familiar e escolar ao ambiente universitário, a necessidade de criar novas relações interpessoais e aprender a conviver com outras pessoas, a adaptação às exigências e ao método de estudo universitário, a necessidade de integrar a formação científica e profissional com as próprias convicções de vida e de fé.

A proposta educativo-pastoral, contida no projeto, oferece um itinerário de crescimento orientado ao pleno amadurecimento humano, a formação de uma visão cristã da vida e o profissionalismo aberto à solidariedade. Por isso, reúne diversas dimensões necessárias para garantir aos jovens uma experiência de formação integral; entre elas:

- crescimento humano orientado ao pleno amadurecimento, que implica a capacidade de gerir a própria vida com autonomia e responsabilidade

- ▮ valorização das relações interpessoais, da convivência e do serviço aos outros;
- ▮ desenvolvimento da responsabilidade no estudo e na própria formação;
- ▮ crescimento da própria capacidade de reflexão, debate e empenho na busca da verdade;
- ▮ desenvolvimento de uma concepção do profissionalismo aberta à solidariedade e ao serviço dos mais carentes;
- ▮ crescimento espiritual mediante o conhecimento progressivo e a experiência de fé vivida pessoal e comunitariamente;
- ▮ descoberta da própria vocação e construção de um projeto de vida a serviço de Deus na Igreja e no trabalho social vivido segundo os valores do Evangelho.

C *A animação pastoral orgânica nos colleges e nas residências universitárias*

A atenção a estas dimensões requer que se ofereçam aos estudantes momentos e experiências que garantam a plena realização da proposta educativo-pastoral. Entre estas têm relevância especial:

- 1 o **ambiente de vida** em clima de acolhida e família, que favoreça o empenho sério no estudo em perspectiva de formação integral da pessoa. Para isso, muitos colégios e residências oferecem, além do alojamento, diversos ambientes de apoio à experiência de estudo e crescimento pessoal: capela, salas de estudo e informática, salas de TV e recreação, salas de encontros, refeições, campos de jogos ou de prática esportiva, etc.;
- 2 **loais e tempos de encontro e convivência** com outros, nos quais aprender a viver em comum e partilhar a experiência de comunidade;
- 3 a experiência do **acompanhamento e orientação pessoal** (vocacional, profissional, de trabalho) que ajude o jovem nos anos de estudo a viver e integrar as diversas experiências formativas;

- 4 o **programa de formação compartilhada** para o ano de estudo, que favoreça o crescimento pessoal, social e cultural. Oferecem-se experiências de aprofundamento cultural e contato com a realidade social para a formação da consciência ética, responsável e solidária, sobretudo em relação aos mais carentes da sociedade. Essas experiências orientam para o voluntariado como opção de vida e crescimento humano e cristão;
- 5 o itinerário de formação na fé, segundo os valores da Espiritualidade Juvenil Salesiana, através **da direção espiritual e de momentos de oração**, de reflexão sobre a Palavra de Deus e celebração dos sacramentos.

Onde for possível, a proposta de animação educativa e pastoral do colégio ou residência universitária seja harmonizada com as iniciativas dos ofícios e organismos da pastoral universitária da Igreja local.

2 4

A PARÓQUIA E O SANTUÁRIO CONFIADOS AOS SALESIANOS

2 4 1

A originalidade da paróquia e dos santuários confiados aos salesianos

O zelo apostólico de Dom Bosco pelos jovens mais pobres de Turim levou-o a criar uma **paróquia para os jovens sem paróquia**. Ele mesmo aceitou no seu tempo sete paróquias. Em 1887, escreveu um regulamento sobre o funcionamento correto de uma paróquia. Tocou as temáticas que mais o preocupavam: atenção prioritária aos jovens, sobretudo os mais pobres, e identidade do religioso salesiano pároco que ali presta serviço em comunhão com o Bispo e o clero diocesano:

“Os doentes, os pobres e os jovens sejam objeto de solicitude especial (dos párocos)”

(DELIBERAÇÕES DO QUARTO CAPÍTULO GERAL, DE 1886)

Depois de muitos anos, o CG19 afirmou que a paróquia é lugar para «o cuidado exemplar da comunidade juvenil» (CG19, IX, n. 3), e o CG20 afirma que «nós encontramos no ministério paroquial vastas possibilidades e condições favoráveis para realizar as finalidades próprias da nossa missão e, em particular, para a educação dos jovens da classe popular ou pobre» (CG20, n. 401). O CG21 considera a

paróquia como uma obra que nos permite estar entre os jovens para evangelizá-los e nela podemos evangelizar segundo o estilo do PEPS (cf. CG21, n. 135). O Capítulo confirma a prioridade da pastoral juvenil e define as características da paróquia salesiana (cf. CG21, n. 136-141).

Em 1984, com a aprovação definitiva das renovadas *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*, a paróquia é explicitamente reconhecida como um dos ambientes nos quais realizamos a nossa missão: «Realizamos a nossa missão também nas paróquias, como resposta às necessidades pastorais das Igrejas particulares nas regiões que oferecem conveniente campo de serviço à juventude e às classes populares» (cf. *Const.* 42; *Reg.* 25).

A opção pelos jovens na paróquia confiada aos salesianos não é exclusiva ou discriminatória, mas preferencial. Essa opção preferencial é um dom precioso para a missão em toda a comunidade eclesial.



A CEP das paróquias e dos santuários confiados aos salesianos

A **A importância da CEP da paróquia e do santuário confiados aos salesianos**

A paróquia é a primeira instância comunitária em que a Igreja realiza a missão que lhe foi confiada por Jesus num contexto sociocultural bem definido. Ela é uma grande comunidade de crentes batizados, “porção” da Igreja universal, no dinamismo da pastoral diocesana. A comunidade cristã é o lugar histórico em que se vive a comunhão; nela, o crente encontra sua casa.



«A paróquia é, sem dúvida, o lugar mais significativo, no qual se forma e se manifesta a comunidade cristã. Esta é chamada a ser uma casa de família, fraterna e acolhedora, onde os cristãos tornam-se conscientes de ser Povo de Deus. A paróquia, de fato, congrega num todo as diversas diferenças humanas nela existentes, inserindo-as na universalidade da Igreja. (316) Ela é, por outro lado, o ambiente ordinário no qual se nasce e se cresce na fé. Constitui, por isso, um espaço comunitário muito adequado a fim de que o ministério da Palavra realizado nesta, seja, contemporaneamente, ensinamento, educação e experiência vital»

[DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE, 257-258]

Sendo **comunidade de comunidades**, a paróquia cria um tecido amplo de relações humanas que favorece a comunhão e a fraternidade – a «espiritualidade de comunhão» (*Novo Millennio Ineunte* 43-45).

B *Os sujeitos da CEP da paróquia e do santuário confiados aos salesianos*

A CEP da paróquia confiada aos salesianos assume uma missão comum que envolve o maior número possível de pessoas na corresponsabilidade (cf. CG24, n. 18) ao redor de um projeto pastoral. Trata-se de uma **comunidade crente** que, promovendo a *pertença a um ambiente de família*, acolhe a participação consciente, clara e corresponsável das várias vocações, dos vários carismas e ministérios, reciprocamente complementares na diversidade.

A paróquia é confiada à **comunidade religiosa salesiana**. Ela assume as orientações pastorais da diocese com a riqueza do próprio carisma pastoral; cria ao redor do pároco uma equipe de animadores para a pastoral paroquial; promove o desenvolvimento e a realização do PEPS na paróquia; é responsável,

em colaboração com o pároco e sua equipe, pela formação e animação espiritual dos fiéis; orienta os membros da Família Salesiana para serem os primeiros colaboradores na realização do projeto.

A comunidade religiosa (cf. CG21, n. 138; Reg. 26) *participa do núcleo animador da paróquia salesiana* e nela assume um papel característico (cf. CG24, n. 159); ela é testemunha do primado de Deus, manifesta visivelmente sua vida fraterna e a prática dos conselhos evangélicos com seus momentos de oração, encontro, distensão, e partilha esse testemunho com os leigos da comunidade paroquial. Manifesta concórdia no projeto que reconhece as diversas competências dos irmãos.



«Quando os salesianos são convidados pelo Bispo a tomar a responsabilidade pastoral de uma região ou de um setor do povo de Deus, assumem perante a Igreja o nobre compromisso de construir – em plena corresponsabilidade com os leigos – uma comunidade de irmãos, reunidos na caridade, para ouvir a Palavra, celebrar a Ceia do Senhor e anunciar a mensagem de salvação»

[CG20, N. 416]

«A paróquia salesiana tem a comunidade religiosa como responsável e animadora»

[CG21, N. 138]

Participa da vida da paróquia, interessando-se pela história das pessoas, principalmente dos jovens.

O **diretor da comunidade salesiana** tem responsabilidade especial na paróquia, enquanto guia espiritual da comunidade religiosa e primeiro responsável das atividades apostólicas da comunidade. Cuida da unidade e identidade salesiana de toda a obra e encoraja os irmãos na realização do projeto pastoral da paróquia (cf. Reg.29) e é membro do Conselho Pastoral.



«O Projeto Educativo-Pastoral é uma síntese rica de conteúdos e de métodos; de processos de promoção humana e ao mesmo tempo, de anúncio evangélico e de aprofundamento da vida cristã»

[CG21, N. 80]

O **pároco**, pastor da comunidade, é o responsável imediato da missão paroquial confiada pelo Bispo à Congregação Salesiana. Para a comunidade cristã, ele representa o Bispo, mas também a Congregação Salesiana. Fiel à missão educativa e pastoral, tem Dom Bosco como modelo na evangelização dos jovens e do povo de Deus.

O pároco é chamado a acolher, escutar, acompanhar e formar a comunidade paroquial. Preside-a, assumindo a responsabilidade de atuar o projeto pastoral, em comunhão com o diretor, a comunidade salesiana e o Conselho Pastoral.

A comunidade paroquial promove e acompanha a diversidade das vozes, encorajando também o **laicato para que assumam o seu papel significativo** na missão evangelizadora; também, a comunidade paroquial se reforça nas *assembleias, nos grupos, nas pequenas comunidades e nos movimentos* que vivem um maior empenho em favor de todos. A paróquia salesiana anima os grupos eclesiais, com atenção especial às propostas da Família Salesiana e do Movimento Juvenil Salesiano.

Considera **os jovens como membros de pleno direito da CEP**. Esta presença carismática garante a atenção ao mundo dos adolescentes e jovens, positiva e interessada em seu mundo, suas preocupações, experiências e expectativas. A preferência pelos jovens caracteriza a forma da pastoral paroquial, dinâmica, entusiasta e propositiva de ideais evangélicos.



A proposta educativo-pastoral da paróquia e do santuário confiados à comunidade salesiana

A paróquia vive imersa em um mundo sujeito a profundas e rápidas transformações. Sua missão é uma realidade unitária e complexa e exige um Projeto Educativo-Pastoral (CG21, n. 140).



Um centro de evangelização e educação à fé

O livro dos *Atos dos Apóstolos*, mais do que outros, ajuda-nos a entender a vida não certamente fácil das primeiras comunidades cristãs. Nelas, se enraizava e consolidava a partilha e difusão da verdade de Jesus Cristo. No capítulo 2, versículos 42-46, lê-se um trecho que pode realmente acompanhar a vida de toda comunidade paroquial:

“Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos Apóstolos,	Evangelização e catequese
viviam unidos fraternalmente	Testemunho da caridade
frequentavam diariamente o templo,	Oração
e partiam o pão pelas casas”	Liturgia

A paróquia confiada à comunidade salesiana oferece a todos *uma proposta sistemática de evangelização e educação à fé* (cf. CG23, n. 116-157). Promove o primeiro anúncio para os que estão afastados e oferece itinerários continuados e graduais de educação à fé, sobretudo às famílias. A paróquia é uma *comunidade em que se podem experimentar os valores mais característicos da espiritualidade salesiana*: alegria da vida cristã cotidiana, esperança que percebe o que há de positivo nas pessoas e nas situações e promove a comunhão.

A comunidade paroquial cultiva as relações humanas, preocupando-se para que as pessoas e os grupos se sintam *reconhecidos, aceitos, compreendidos*. Nossas comunidades eclesiais representam o lugar oportuno da experiência cristã cotidiana.

A comunidade *empenha-se*, portanto, com todos e, em particular, pelo *amadurecimento humano e religioso dos mais fracos e carentes*: não só acolhe a todos os que buscam o significado religioso da própria vida, mas oferece compaixão e acompanhamento àqueles que são tentados a afastar-se. Ciente disso, a paróquia sente-se interpelada por aqueles que se consideram indiferentes ou não crentes.

A paróquia é uma comunidade missionária e evangelizadora, que promove a comunicação da experiência cristã; a *Palavra de Deus* e a *liturgia* sustentam a vida de fé de seus membros. A comunidade paroquial coloca a Eucaristia no centro da vida comunitária e celebra de modo significativo os sacramentos da vida cristã, especialmente o sacramento da Reconciliação.

A paróquia confiada aos salesianos alimenta a *devoção a Maria Auxiliadora*. A Virgem de Dom Bosco deve ser considerada como uma presença realmente ativa que nos torna melhores no seguimento de Jesus, «façam aquilo que Ele disser»: é o convite da Mãe. Por outro lado, a devoção a Maria Auxiliadora nos une na comunidade universal da Igreja.

B

Uma presença de Igreja aberta e inserida no território

A paróquia é o rosto da Igreja. É **no território, ponto de referência, que a paróquia torna a Igreja visível e socialmente inserida na vida cotidiana**. Nela, os cristãos vivem a fé, a esperança e a caridade alimentados pela Palavra de Deus e a celebração dos sacramentos. A paróquia é «a Igreja que vive entre as casas de seus filhos e filhas» (*Christifideles Laici* 26).

A comunidade paroquial é o centro significativo das várias comunidades eclesiais e dos grupos que nela existem. É uma comunidade aberta, que *colabora com as outras paróquias e comunidades* e com as demais agências sociais e educativas presentes no território para o desenvolvimento humano e religioso dos cidadãos.

Empenhada no diálogo com os vários ambientes culturais, a paróquia ajuda



«Nas paróquias contribuimos para a difusão do Evangelho e promoção do povo, colaborando com a pastoral da Igreja particular mediante as riquezas de uma vocação específica»

[CONST. 42]

a todos no desenvolvimento dos valores, critérios de julgamento e modelos de vida segundo o Evangelho, através de uma presença fundada na confiança (dada e recebida).

A paróquia realiza a própria missão em comunhão com a Igreja local e o Bispo, com as outras paróquias e as organizações pastorais diocesanas.

C *Uma comunidade com olhar missionário*

Na fidelidade a Jesus, a paróquia crê que o Reino de Deus tem os pobres como seus destinatários e sujeitos privilegiados. Portanto, em sua pastoral, deve resplender **a opção preferencial evangélica pelos mais necessitados**, o que provoca, em primeiro lugar, a valorização da fé e da sabedoria dos pobres e o seu acompanhamento.

A paróquia confiada aos salesianos assume como critério e opção fundamental **a unidade existencial de evangelização, promoção humana e cultura cristã**. Anunciamos o Evangelho e a pessoa de Jesus em relação íntima com a história das pessoas, seus problemas e suas possibilidades. No desejo de sanar as situações menos humanas deixamos-nos guiar pelo valor de plenitude humana que a pessoa tem em Deus. A realização da evangelização paroquial comporta ao mesmo tempo a difusão do Evangelho e a promoção do povo (cf. *Const.* 42). Tal proposta não se esgota apenas na administração dos sacramentos.

A paróquia é encorajada a ser espaço de acolhida e esperança para todos, especialmente para quem está cansado, na indigência, marginalizado, doente e sofrido. Assim, em diálogo e colaboração estrita com as instituições estáveis no território, promove intensamente a tutela e a promoção dos direitos humanos; compartilha suas preocupações e aspirações.

D *Uma opção clara pelos jovens e pelas classes populares*

A pastoral juvenil deveria ser considerada na paróquia como a dimensão que caracteriza a sua vida. É essa a contribuição especial que os salesianos oferecem como enriquecimento à missão da Igreja particular (cf. *Const.* 48; *Reg.* 26). **A atenção especial aos jovens é, portanto, uma opção preferencial de dinamismo juvenil na evangelização.**

A atenção preferencial aos jovens, especialmente os mais pobres, insere na pastoral da paróquia *uma particular forma de ação e uma especial disposição educativa*. Favorecem-se experiências que tornam os jovens evangelizadores de outros jovens. A prioridade juvenil implica também o dever de *sensibilizar a comunidade diocesana* sobre os problemas e as exigências da pastoral juvenil. A paróquia confiada aos salesianos pode contribuir para oferecer propostas educativo-pastorais às relações das paróquias com o mundo dos jovens.



«A paróquia confiada aos salesianos deve atualizar hoje essa experiência carismática de Valdocco e enriquecer com ela a pastoral da Igreja local. Por isso, caracteriza-se por algumas opções carismáticas colocadas na base da própria vida e missão»

(P. ANTONIO DOMENECH, ACG 396, "ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES: A IDENTIDADE DA PARÓQUIA CONFIADA AOS SALESIANOS")

A paróquia é uma comunidade que acompanha a opção vocacional dos fiéis, especialmente dos jovens. O acompanhamento dos jovens requer esforço notável. Esse serviço ajuda a personalizar a fé; na escuta de Deus, reforça-se o sentido vocacional da vida cristã. A paróquia *orienta e acompanha as diversas vocações na Igreja*. Oferece aos jovens uma proposta vocacional específica à vida religiosa, ao sacerdócio ou ao laicato empenhado. Promove a oração constante pelas vocações na comunidade paroquial e nos vários grupos e movimentos.

A paróquia salesiana tem *caráter popular de acolhida ampla*. A evangelização da cultura popular requer atenção constante às várias formas nas quais ela se manifesta. A evangelização se contextualiza e integra na vida do povo considerando a sua história, tradição e cultura, os seus costumes e as suas raízes.



A animação pastoral orgânica da paróquia e do santuário confiado aos salesianos

A Principais intervenções da proposta

A paróquia é uma comunidade evangelizadora; ela leva o primeiro anúncio àqueles que vivem afastados e os catequiza, acolhendo-os

na situação em que se encontram. Parece oportuno recuperar **alguns princípios inspirados no catecumenato cristão** como elementos pedagógicos e base para a educação à fé. O catecumenato procura evangelizar nas quatro principais áreas de crescimento na fé, presentes na experiência da Igreja (cf. *Diretório Geral para a Catequese*, 147): a dimensão pastoral, a dimensão comunitária, a dimensão celebrativo-litúrgica e a dimensão da ação evangelizadora. As quatro dimensões podem ajudar a programação adequada das intervenções com os jovens, garantindo a completude e integralidade da experiência cristã.

- 1 A paróquia **cria e propõe itinerários graduais e diversificados de educação à fé** especialmente dos jovens e das famílias sem, contudo, reduzir a catequese apenas à preparação aos Sacramentos (cf. CG23, n. 166-157). Esses processos iniciam as famílias na educação da fé de seus filhos, instituem a catequese batismal, oferecem itinerários de educação à fé para os jovens namorados e noivos que, sucessivamente, poderiam dar vida a grupos de famílias.

A catequese deve transmitir, em todas as suas formas, *uma síntese adaptada e atualizada* da mensagem cristã e, sobretudo, integrar a experiência pessoal no processo de amadurecimento e crescimento cristãos. Procura encorajar e acompanhar o esforço progressivo pela vida cristã.

A iniciação cristã baseia-se na esperança, nas relações com a comunidade e com o testemunho de vida. Portanto, a paróquia confiada aos salesianos oferece múltiplos processos pastorais e iniciativas que, com frescor e criatividade, permitem um encontro pessoal com Jesus Cristo. É urgente iniciar nas comunidades cristãs experiências significativas que acompanhem quem, nos vários momentos, está à procura da fé: compreensão e escuta da Palavra de Deus (cursos de introdução à Sagrada Escritura, pregação, *Lectio Divina*); experiência de oração pessoal e compartilhada (escolas de oração); participação na celebração litúrgica da Eucaristia e dos sacramentos; aprofundamento da fé; valorização das riquezas da piedade popular; experiência de pastoral juvenil missionária nas zonas rurais e urbanas. Tudo deve ser acompanhado com a reflexão, a comunicação profunda, o silêncio e a contemplação.

- 2 Outra ação da paróquia é encorajar a pertença eclesial nos grupos. Com essa finalidade, ela favorece entre outros **os movimentos, as**

comunidades juvenis, os grupos da Família Salesiana. Exige-se também a coordenação desses grupos com o MJS e a proposta da Espiritualidade Juvenil Salesiana. A experiência de grupo deveria ser capaz de levar à criação de comunidades cristãs abertas e integradas.

3 A paróquia é uma comunidade que vive a liturgia e os sacramentos e, para tanto, prepara-se para celebrar com prazer e beleza.

Cuida para que a liturgia seja mais próxima à vida, procurando usar uma linguagem compreensível e acessível, expressa de modo simples através de cantos, gestos, histórias, testemunhos, símbolos. Para que a celebração seja viva, é importante reavivar a participação ativa de todos na sua preparação e atuação.

4 Ao promover o crescimento de uma fé ativa, a paróquia educa para a dimensão social da caridade a fim de construir a cultura da solidariedade. Dessa forma, reconhece e encoraja o empenho dos membros da comunidade paroquial envolvidos na ação social e na caridade, na vida civil e política. Sustenta a promoção, a formação e o acompanhamento do voluntariado solidário e missionário.

Em uma comunidade eclesial que colabora com outras forças do território a favor dos pobres, deve ser visível em gestos concretos *a conduta de vida sóbria e aberta à generosidade e à solidariedade*, em ações que manifestam os valores do Reino. Privilegiem-se os gestos de solidariedade que se traduzem em atividades duradouras.

5 A comunidade paroquial torne-se centro de formação para leigos, dinâmicos e empenhados, e, sobretudo, para os animadores pastorais dos jovens. Prioridade para o futuro da comunidade eclesial é **o desenvolvimento de itinerários adequados de formação para todos os agentes**, em particular aqueles com responsabilidades educativas: catequistas, adultos (ou jovens maduros), pessoas de fé, preparadas para animar os grupos. A metodologia criativa e dinâmica não pode ser realmente fecunda se não for praticada por catequistas preparados.

Tudo isso exige da comunidade paroquial, salesianos e leigos, *espaço e tempo de análise e reflexão* sobre a ação pastoral a favor dos jovens e adolescentes.

B *As estruturas de participação e responsabilidade*

» *Animação da comunidade paroquial local*

A assembleia paroquial e os grupos são instrumentos de comunhão e participação dos leigos na vida da comunidade e momentos de corresponsabilidade. Reforçam a sua identidade mediante a preparação e concretização do Projeto Educativo-Pastoral Salesiano da paróquia.

A pastoral paroquial configura-se também num Projeto Educativo-Pastoral *unitário e articulado*. Com ele, a paróquia propõe uma efetiva corresponsabilidade na missão pastoral de *ensinar, santificar e orientar* a todos. As estruturas da paróquia reforçam a comunhão entre todos e a convergência e complementaridade das pessoas, intervenções e estruturas ao redor do Projeto Educativo-Pastoral.

O conselho paroquial é uma equipe pastoral de caráter consultivo e operativo (cf. *Código de Direito Canônico*, can. 536); ele é representativo dos vários grupos e setores da paróquia. Em conformidade com as tarefas previstas pelo Código de Direito Canônico e as linhas-guia da Igreja local, recobre o papel que o CG24 confere ao Conselho da CEP e da obra (cf. CG24, n. 160.171). Trata-se de uma equipe necessária para a animação pastoral da paróquia. Presidida pelo pároco, animada e acompanhada por ele mesmo com os demais salesianos da comunidade, a equipe é composta pelos presbíteros indicados para a paróquia, os representantes dos vários setores da vida paroquial e demais membros que o pároco pode nomear livremente.

Suas principais funções são definidas no Estatuto: analisar a realidade da paróquia e dos destinatários para uma resposta evangélica aos desafios que provêm dela; propor à assembleia o PEPS da paróquia, atuá-lo e revisá-lo periodicamente; estudar e aprovar o balanço ordinário da paróquia; garantir a formação dos agentes pastorais paroquiais.

As comissões e os grupos de trabalho são equipes que, em conformidade com o PEPS, animam as diversas áreas de atividade. Entre estas é particularmente importante a *comissão ou equipe animadora da pastoral juvenil*, coordenada pelo vigário paroquial ou por um salesiano ou leigo responsável pelo Oratório-Centro Juvenil (cf. CG20, n. 432).

É prescrita a comissão econômica da paróquia. Sua composição responde a critérios de competência e eficiência administrativa. Seus membros devem ser especialistas no campo econômico e de conduta reta. Seu estatuto jurídico é puramente consultivo: aconselha o pároco na administração dos bens da paróquia. Presidente de direito da comissão econômica é o Pároco, enquanto «pastor próprio» (cf. *Código de Direito Canônico*, can. 515.519) de uma determinada comunidade de fiéis; o pároco é o seu responsável não só sob o perfil sacramental, litúrgico, catequético e caritativo, mas também administrativo; de fato, ele é, no ordenamento canônico, o seu representante legal (cf. *Código de Direito Canônico*, Ca. 532) e seu único administrador (cf. *Código de Direito Canônico*, can. 1279).

Seus estatutos definem-lhe a natureza, as características, os objetivos, a composição, as tarefas, as funções dos membros, os modelos de trabalho, a relação com o Conselho paroquial e a duração dos encargos.

Quando a paróquia está presente na região com outros ambientes da obra salesiana (Oratório-Centro Juvenil, Escola, Obra Social, Internato, Residência), promove com eles, em diálogo, **uma colaboração especial em vista da pastoral unitária no interior da única missão**. Em relação com o Oratório-Centro Juvenil é um apelo ao projeto pastoral convergente no território e na Igreja local, a partir das diversas responsabilidades dos dois ambientes da obra. As relações recíprocas demonstram, de fato, a unidade da ação pastoral enquanto a distinção dos projetos permite-nos responder melhor às não poucas situações particulares da Congregação: Oratório-Centro Juvenil numa paróquia salesiana; Oratório-Centro Juvenil em paróquias diocesanas; Oratório-Centro Juvenil em obras muito complexas.

O conselho do Oratório-Centro Juvenil, em sua totalidade ou através de uma representação qualificada, está presente no conselho pastoral paroquial como garantia de unidade da ação evangelizadora. Em diversas Inspetorias foi codificado que o encarregado do Oratório-Centro Juvenil seja o vigário paroquial para a pastoral juvenil.

» Animação inspetorial/nacional

O pároco é nomeado pelo Inspetor e apresentado ao Ordinário do lugar para trabalhar a serviço da Igreja local, em comunhão com o Bispo, o presbitério e as demais paróquias. Busca a coordenação com as demais paróquias da Inspetoria e a delegação inspetorial de pastoral juvenil. As orientações do

Capítulo Geral 19 e do Capítulo Geral Especial (CG20, n. 441) pedem que se promova em todas as Inspetorias **a coordenação das paróquias**.

As paróquias dependem das Dioceses nas quais estão localizadas, mas são confiadas à Congregação Salesiana para responder às exigências das Igrejas particulares (Reg. 25). Pela sua pertença à Igreja local, a paróquia salesiana incorpora no seu PEPS as orientações pastorais da diocese e as do PEPS inspetorial.

A **Comissão inspetorial**, presidida por um coordenador, garantirá a ação inspetorial de acompanhamento e apoio às comunidades paroquiais na atuação do PEPS paroquial. Tanto o coordenador quanto a própria Comissão participam dos órgãos de animação da pastoral juvenil inspetorial.

O Coordenador e os membros da Comissão têm estas funções:

- ▮ sensibilizar as comunidades salesianas para que deem maior atenção às realidades paroquiais onde elas se encontram;
- ▮ promover a reflexão e o aprofundamento da identidade salesiana da paróquia em relação à situação eclesial e social do território;
- ▮ responder aos desafios pastorais da Igreja nas igrejas públicas e nos santuários presentes nas obras da Inspetoria;
- ▮ garantir a elaboração, execução e revisão do PEPS das paróquias e dos santuários, oferecendo às comunidades paroquiais linhas e orientações que levem a viver a identidade salesiana;
- ▮ favorecer a comunicação e colaboração entre as diversas paróquias da Inspetoria;
- ▮ apoiar a formação permanente dos salesianos e leigos corresponsáveis na pastoral paroquial, com encontros e cursos programados;
- ▮ convocar periodicamente jornadas ou encontros de párocos, conselhos pastorais, catequistas, equipes de diaconia, de apostolado da saúde, de pastoral juvenil.

Requer-se **sinergia com as demais comissões inspetoriais**: Oratório-Centro Juvenil, MJS, Animação vocacional, Animação missionária, Comunicação Social. A Comissão Inspetorial de Formação garante o acompanhamento formativo dos estudantes de teologia, sobretudo dos diáconos, no exercício do seu ministério. Eles devem ser inseridos na gestão efetiva do ministério paroquial.

O dinamismo e o trabalho de coordenação inspetorial são apoiados pela ação de **animação e coordenação nacional**, segundo as circunstâncias e os contextos. Sua função primária é promover a reflexão e o aprofundamento da identidade salesiana da paróquia, através do desenvolvimento e atualização da proposta educativo-pastoral. Por isso, procurará facilitar a comunicação entre as inspetorias para tomar parte nas experiências e nos desafios. Prática comum em diversas realidades da Congregação é promover, através da organização nacional, a atualização e formação dos párocos (formação, exercícios espirituais, cursos de especialização). Além disso, nesta plataforma, é possível convocar reuniões para uma reflexão nacional, ciente da variedade dos grupos que participam das nossas paróquias (catequistas, conselhos paroquiais, animadores juvenis, comissões, grupos).

2 5

AS OBRAS E OS SERVIÇOS SOCIAIS PARA JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

2 5 1

A originalidade das obras e dos serviços para jovens em situação de risco

Dom Bosco, pelas ruas de Turim, notou as necessidades dos jovens em perigo e respondeu à sua pobreza abrindo novas frentes de serviço pastoral. Logo que entrou no Colégio Eclesiástico, o padre Cafasso lhe confiara a tarefa de visitar as prisões nas quais, pela primeira vez, constatou a condição alarmante e desafortunada de muitos jovens detidos. O impacto com os jovens na prisão comove-o e perturba-o, mas suscita também uma reflexão operativa.

Considerou-se enviado por Deus para responder ao grito dos jovens pobres e intuiu que, se era importante dar respostas imediatas ao mal-estar deles, era-o ainda mais **prevenir as suas causas com uma proposta educativa integral**. Para tanto, ele quis, em primeiro lugar, acolher junto de si os jovens, órfãos e abandonados, que chegavam à cidade de Turim à



«Com Dom Bosco reafirmamos a preferência pela “juventude pobre, abandonada, em perigo”, que tem maior necessidade de ser amada e evangelizada, e trabalhamos especialmente nos lugares de mais grave pobreza.»

[CONST. 26]

procura de trabalho, não podendo ou não querendo seus pais assumir o cuidado deles.

Com o zelo missionário de Dom Bosco, vamos ao encontro das crianças, dos adolescentes e dos jovens que vivem em condições de exclusão social. Esta expressão deve ser assumida além do mero significado econômico; a ele faz referência o conceito tradicional de pobreza, pois também implica a limitação no acesso à instru-

ção, à cultura, à moradia, ao trabalho; implica também a falta de reconhecimento e obtenção da dignidade humana além da interdição ao exercício da verdadeira cidadania. Nós acreditamos que a forma mais eficaz de responder a essa dificuldade é a ação preventiva em suas múltiplas formas.

A opção pelos jovens pobres, abandonados e em situação de risco sempre esteve presente no coração e na vida da Família Salesiana, desde Dom Bosco até hoje; de aqui **uma grande variedade de projetos, serviços e estruturas para a juventude mais pobre**, com a opção da educação, inspirada no critério preventivo salesiano.

Levados pela constatação da crescente exclusão social, reconhecemos a necessidade de garantir a prática do *sistema educativo de Dom Bosco*, para que os jovens superem o desânimo e a marginalização, assimilando as perspectivas da educação ética e da promoção da pessoa, na ação sociopolítica e na cidadania ativa, preocupem-se com a educação e a defesa dos direitos dos menores, a luta contra a injustiça e a construção da paz.

A pobreza e a exclusão crescem todos os dias até assumirem uma dimensão trágica; trata-se de uma pobreza que fere indivíduos e comunidades, especialmente os jovens, até ser uma realidade estrutural e global de vida. Nosso modelo é o Bom Samaritano, “coração que vê” e que salva.

As situações de pobreza e de exclusão têm um forte impacto social e, infelizmente, tendem a persistir. Não podemos ficar indiferentes diante disso tudo; a realidade impele-nos e empenha-nos a pôr em ação *respostas imediatas*, em breve e médio prazo (cf. CG21, n. 158; CG22, n. 6, 72; CG23, n. 203-214), tais que, vencendo

injustiças e desigualdades sociais, deem aos jovens novas oportunidades para construir a vida de modo positivo e inserir-se responsavelmente na sociedade.

Muitas dessas obras e serviços apresentam **um modelo pedagógico e salesiano novo** e exigem, por isso, competência profissional, programas especializados e colaboração com as instituições civis e religiosas. A seguir, oferece-se uma visão de conjunto dessas obras e serviços:

- ▮ obras para meninos em situação de rua: casa-escola, centros diurnos ou casa-família. Ao lado delas há também soluções residenciais para jovens sem teto: estruturas adaptadas para deslocados e refugiados, para jovens errantes, que vivem pelas ruas, à margem das cidades, para jovens “ninguém”, abandonados ou órfãos;
- ▮ serviços aos jovens com necessidades especiais: menores em medidas de proteção e responsabilidade penal; presidiários; crianças-soldado; crianças exploradas pelo turismo sexual e maltratadas; jovens com necessidades educativas especiais, físicas e mentais;
- ▮ atenção aos imigrantes: alfabetização; apoio psicopedagógico e escolar; consultoria jurídica para a regularização das situações; contribuições pelas competências sociais e profissionais; participação e integração no contexto;
- ▮ acolhida e acompanhamento para a recuperação e reabilitação de dependentes de drogas, menores com problemas comportamentais, doentes de AIDS-HIV;
- ▮ serviços educativos alternativos para enfrentar o problema da falta de sucesso escolar, com projetos socioeducativos; laboratórios profissionais e de pré-colocação; classes de apoio e reforço escolar; laboratórios socioprofissionais; cursos de formação para desempregados; programas de reforço educativo;
- ▮ presenças de inserção em ambientes populares e de atividades culturais em bairros periféricos; ações para acolher e acompanhar vítimas de violência, de guerra e de fanatismos religiosos;
- ▮ centros de atenção e apoio à família em sua função educativa; serviços dirigidos aos jovens que sofrem por provirem de famílias irregulares, famílias sem casa ou com alojamento indigno;

- serviços específicos de promoção da mulher: alfabetização, maternidade responsável, educação à saúde e higiene.

A aceitação da opção preferencial carismática em favor dos mais pobres e carentes é **transversal na animação orgânica da Família Salesiana**. No PEPS inspetorial, garantimos esse empenho em todas as nossas obras e presenças. Prevenir e enfrentar possíveis situações e necessidades dos jovens em todos os nossos ambientes, em qualquer contexto e, em particular, nas obras e nos serviços específicos de atenção à pobreza e exclusão social, é um traço típico da Pastoral Juvenil Salesiana.



A Comunidade Educativo-Pastoral da obra social



A importância da CEP da obra social

Dom Bosco, através do Oratório, ofereceu aos jovens abandonados uma verdadeira família na qual pudessem desenvolver-se e preparar-se para a vida; por isso, considerou importante a experiência comunitária.

A CEP nas obras e nos serviços que respondem à insatisfação juvenil tem características próprias de configuração e crescimento. A experiência da Congregação nos últimos anos adquiriu alguns critérios que devem ser levados em conta para a consolidação da ação institucional. O serviço educativo integral é **uma verdadeira opção missionária de acolhida e de presença familiar entre os jovens que vivem situações de risco**; atento à pessoa do jovem, acompanha-o em sua inserção comunitária como sujeito de direitos, empenhado pela justiça e a renovação da sociedade, promovendo a cultura da solidariedade, segundo valores que se inspiram no Ensino Social da Igreja (cf. *Const.* 33).



Os sujeitos da CEP da obra social

Os educadores vivem com os jovens uma relação de proximidade e amizade, na familiaridade e amabilidade da presença salesiana (bondade). Pelos jovens pobres não só se trabalha, mas se trabalha em solidariedade e comunhão com eles; trata-se de uma experiência de inter-relação estreita e flexível, baseada num pacto educativo de acordos segundo o consenso recíproco.

A equipe de educadores é a principal responsável pela elaboração, atuação e avaliação do PEPS local. A corresponsabilidade de educadores e jovens no projeto é um elemento característico da pedagogia salesiana. A experiência comunitária torna-se então uma **escola experiencial para os próprios jovens**. Eles reconhecem a si mesmos como educadores de outros companheiros, com os quais compartilham o mesmo processo de amadurecimento integral, que os prepara gradualmente para os futuros papéis de serviço educativo na própria obra, em suas famílias e na sociedade.

Para efetuar uma ação educativo-pastoral de qualidade, não são suficientes as intuições, a experiência pessoal e a boa vontade subjetiva. Exigem-se dos educadores as *seguintes condições*:

- ▮ garantir no PEPS as estratégias e intervenções que aprofundem continuamente as *motivações* e os *valores* que orientam as opções institucionais e de cada educador;
- ▮ ter a *preparação* necessária para realizar o projeto com competência profissional e qualidade diante da complexidade das situações;
- ▮ garantir o profissionalismo com fundamento vocacional, tanto mais dos educadores entregues a esse serviço na comunidade, especialistas em educação e humanidade;
- ▮ cultivar um *profundo conhecimento da realidade juvenil* e dos processos culturais gerados no mundo da exclusão e da marginalização social;
- ▮ aprofundar o *estudo do Sistema Preventivo* para atualizá-lo nas situações de vida cotidiana com uma *formação* contínua na dimensão social da caridade;
- ▮ assumir o ponto de vista do *Ensino Social da Igreja* e dos Direitos Humanos;
- ▮ gerir de modo eficaz os longos *processos educativos e de recuperação*, garantindo ao mesmo tempo a capacidade de organização e gestão, como também a busca e a gestão dos recursos.

A intervenção proativa dos educadores e jovens no cotidiano exige a cooperação de **especialistas profissionais**: sociólogos, psicólogos, médicos, advogados, pedagogos, educadores sociais. Vão-se desenvolvendo, nestas obras, as melhores formas de voluntariado. São igualmente indispensáveis a ligação e a inter-relação sistemática com os **referentes familiares e as demais instituições da região** ou **associações** que trabalham no mesmo campo.

A convivência com os jovens em situações existenciais precárias e frágeis interpela os **salesianos e os leigos** para uma *conversão pessoal e institucional*. As situações de carência e as muitas faces de sofrimento, fragilidade, insatisfação e exploração interrogam a vida do educador salesiano, as suas atividades ordinárias, o sentido profundo de gestos dados muitas vezes como garantidos. Esses aspectos e histórias exortam à concretude e ao imediatismo, à competência e paixão, ao planejamento e à gratuidade, à espiritualidade e esperança.

De sua parte, os salesianos oferecem o testemunho austero de uma presença solidária e educativa entre os jovens; acompanham-nos sustentados pela profunda fé em Deus Pai; Ele quer que todos “tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10), enquanto adquirem um conhecimento sempre mais profundo da realidade social circunstante e dos seus mecanismos. Os educadores leigos, por sua vez, representam para os jovens um modelo próximo de vida ao redor do núcleo familiar, conduzido responsavelmente, empenhados com qualidade profissional em suas intervenções educativas e testemunhas da vida inspirada no Evangelho de Cristo.



A proposta educativo-pastoral da obra social

O Projeto Educativo-Pastoral específico para estas obras e serviços sociais em favor dos jovens em situação de risco **delineia a identidade da proposta e orienta o serviço dos educadores** em função das exigências da qualidade profissional e da consciência vocacional previstas no modelo pedagógico salesiano.



A inspiração evangelizadora

Nossa ação educativa é inspirada no Evangelho e orientada a abrir os jovens a Cristo, aquele que «passou a vida fazendo o bem» (At 10, 38). Às vezes, nessas obras e serviços, as *intervenções respondem, sem demoras, a necessidades primárias* de sobrevivência (alimentação, água, cuidados

médicos, abrigo em ambiente familiar) para que os jovens possam crescer com autonomia e superem condicionamentos de dependência. Alcançado o primeiro horizonte, tende-se a garantir-lhes os demais recursos de que precisam para viver de maneira digna e segura. A fórmula de Dom Bosco, “honestos cidadãos e bons cristãos”, significa responder às necessidades dos jovens “abandonados”, em perspectiva humanizante.

O testemunho dos educadores e da CEP, o ambiente de acolhida e de família, a defesa e promoção da dignidade pessoal e de seus valores são a primeira forma de **anúncio e a primeira realização da salvação de Cristo**, que é libertação e plenitude de vida.

Trata-se de uma ação educativa que compartilha com os jovens uma proposta de crescimento interior, com atenção especial à *dimensão religiosa da pessoa, fator fundamental de humanização e prevenção*, apoio sólido de esperança para os jovens que sofrem gravemente as consequências dramáticas da pobreza e exclusão social.

A evangelização comporta, para nós, proximidade e participação, humanização e proposta. É um processo, e mesmo quando à proposta cristã não chega a todos com a mesma intensidade, é ainda a primeira autêntica forma de evangelização porque, como Jesus, se imerge na realidade para humanizá-la e chamar a todos para a sua sequela.

No PEPS, portanto, a comunidade educativa deve propor aos jovens experiências e itinerários que despertem neles a dimensão da vida espiritual e ajudem-nos a descobrir Jesus Cristo como seu Salvador (cf. CG26, n. 105-106). **A proposta de evangelização deve inserir-se plenamente no processo educativo** com itinerários pedagógicos simples, personalizados, estreitamente ligados à vida cotidiana, e graduais.

É preciso proteger e desenvolver o despertar religioso *com paciência e perseverança*, fazendo brotar o que há de positivo nos jovens, a



«Através dos caminhos misteriosos do Espírito, que age no coração de todas as pessoas, e de maneira especial dos mais pobres e necessitados, cremos que nesta relação pessoal com Deus se escondem energias insuspeitadas para a construção da personalidade e para a sua formação integral»

(P. JUAN VECCHI, ACG 359, “NOVAS POBREZAS, MISSÃO SALESIANA E SIGNIFICATIVIDADE”)

consciência da sua dignidade, a sua vontade de refazer-se. As formas específicas de apoio e ação, que realizamos com os jovens, são estas: facilitar o surgimento de questões sobre o sentido da vida (que sentido tem a minha vida? Que tipo de pessoa eu quero ser?); estar presente nas celebrações e nos eventos importantes de sua vida familiar, social e religiosa; oferecer valores que orientem a busca religiosa e favoreçam a disponibilidade à fé; apresentar o humanismo cristão do Evangelho de Jesus como Boa Nova; convidar a sentirem-se acolhidos pela comunidade cristã e seus membros; propor experiências religiosas simples e de qualidade e a aceitação de compromissos progressivos.

B *Uma proposta educativa integral e orgânica*

É importante ajudar, com processos de “identificação”, a reconstruir e unificar o mundo interior. Numa época de fragmentação como esta, só se pode chegar à unidade interior através do **contato vital com pessoas e instituições de forte identidade**, respeitadas da diversidade e libertadoras. Por isso, educamos com convicção e motivação, em relações personalizadas que expressam acolhida e diálogo, respeito e aceitação incondicionada. Todo educador é modelo positivo de identificação e ponto de referência no processo de desenvolvimento dos jovens. Ou, com outras palavras, a presença “entre” os jovens cria questionamentos e suscita atração.



«A pobreza e a marginalização não são fenômenos puramente econômicos, mas expressão de uma realidade que toca a consciência das pessoas e desafia a mentalidade da sociedade. A educação é, portanto, um elemento fundamental para a sua prevenção e superação, e é também a contribuição mais específica e original que somos capazes de dar como salesianos»

[P. JUAN VECCHI, ACG 359, “NOVAS POBREZAS, MISSÃO SALESIANA E SIGNIFICATIVIDADE”]

O ambiente precisa de animação comunitária familiar. Em seu núcleo, os salesianos e educadores leigos têm um papel irrenunciável. Os jovens em situação de risco, a maior parte deles com experiências em ambientes familiares inadequados, precisam de um ambiente familiar, no qual encontrar as condições favoráveis para reestruturar e reorientar adequadamente a própria vida. Além disso, **a oferta de um ambiente familiar**, com a possibilidade de viver relações com referentes adultos positivos, rompe a barreira da desconfiança e desperta o desejo educativo.

Elemento essencial é o desenvolvimento da **consciência crítica em relação a si mesmo e ao próprio ambiente**, com critérios renovados de análise. As competências técnico-culturais e, sobretudo, *a aquisição de hábitos de trabalho* são um caminho importante para a incorporação dos jovens na vida familiar, de trabalho e social.

A formação completa, que se estende a *todas as experiências de vida dos jovens e a todas as dimensões de sua pessoa*, valorizará os seus recursos de modo contínuo e sistemático para que se tornem sempre mais responsáveis da própria vida. Nossa proposta educativa tem como finalidade o jovem, chamado a desenvolver-se em todas as dimensões da vida: pessoal, familiar, sociocultural, ambiental, sociopolítica e ético-religiosa.

C *A escolha do critério preventivo*

A prevenção é um método educativo que tem em vista curar a insatisfação prevenindo **seus efeitos negativos**; é também **uma ação social sistemática** que não se reduz à assistência momentânea, mas remedia a marginalização em suas causas. Trata-se de uma ação não só educativa dirigida às pessoas, mas também de amadurecimento de uma nova mentalidade social em nível cultural e político, para o bem comum e os direitos humanos.



«A força educativa do Sistema Preventivo é demonstrada também na capacidade de recuperação dos jovens desviados que conservam pontos acessíveis ao bem»

[CG22, N. 72]

Nossa proposta educativa inclui, em muitas ocasiões emergenciais, assistência e proteção social. O critério preventivo garante as condições pedagógicas para a reconstrução de uma vida digna, evitando o seu agravamento. É fundamental **o acompanhamento pedagógico** oferecido aos jovens durante seu processo de crescimento, com intuito de fazer deles pessoas autônomas, capazes de gerirem responsavelmente a própria vida.

Às vezes, a condição pessoal dos jovens exige obras e serviços capacitados para *a recuperação e reeducação*. Dom Bosco apresenta um sistema

entre os mais adequados para a reeducação dos jovens que caíram na delinquência ou vivem seriamente marginalizados. A pedagogia contemporânea avalia a “resiliência” como a capacidade de uma pessoa ou de um grupo progredir mesmo a partir de eventos desestabilizadores ou condições difíceis de vida, com graves traumas.

O projeto salesiano oferece a *pedagogia do grupo* como experiência para aprender a viver em relação e diálogo espontâneo em autonomia e interdependência. Para estes jovens que tendem a ser “gregários” e a se deixarem arrastar pelo grupo e a nele encontrar refúgio, o grupo é um fator determinante para todo o processo educativo e a reconstrução da própria personalidade.

D *A perspectiva social e política*

A resposta salesiana à marginalização e exclusão juvenil também tem necessariamente uma *perspectiva social e política*. Suas obras e seus serviços promovem a cultura do outro, da sobriedade, da paz, da justiça, entendida como atenção ao direito de todos a viverem de maneira digna.



«Ajudar a criar uma nova mentalidade e uma nova cultura que suscite mudanças de critérios e visões mediante gestos e ações... Trata-se de promover a cultura do outro, da sobriedade... da disponibilidade para compartilhar gratuitamente, da justiça, entendido como atenção ao direito de todos à dignidade da vida, e mais diretamente, trata-se de envolver pessoas e instituições numa obra de ampla prevenção, de acolhida e de apoio a quem tem necessidade disso»

[P. JUAN VECCHI, ACG 359, “NOVAS POBREZAS, MISSÃO SALESIANA E SIGNIFICATIVIDADE”]

A ação educativa nessas obras e serviços prepara e ajuda os jovens a se empenharem no território. Ao mesmo tempo, promove a **transformação da mentalidade colaborando na transformação da realidade social**. É preciso enfrentar a luta contra a pobreza e exclusão social como desafio estrutural. A reflexão constante sobre a pobreza e a marginalização, sobre sua influência no mundo juvenil, especialmente na família, envolve uma colaboração sistemática entre as diversas instituições educativas presentes no território. O nosso carisma pede-nos para compreender atentamente as categorias culturais da juventude, dos pobres, das mi-

norias, a fim de reconstruir uma nova humanidade também a partir das margens da história.

Exige-se uma análise contínua no ambiente social local que indique sempre mais pontualmente os desafios ao PEPS e proponha processos consequentes pertinentes e intervenções específicas. Cresce a consciência de *colaboração em rede* com outras instituições na elaboração de políticas educativas, familiares, juvenis, urbanísticas e outras, capazes de prevenir e superar as causas estruturais do mal-estar. É preciso reforçar a presença das Inspetorias junto aos organismos civis competentes para continuar a evolução das políticas sociais juvenis e intervir na reflexão e nas decisões legislativas.

Toda CEP insere-se na Igreja e no ambiente social em que realiza o seu projeto. **Aspiramos à promoção da cultura da solidariedade segundo o Evangelho de Jesus.** O projeto de atenção pastoral à infância, adolescência e juventude em situação de risco torna concretas a participação e a ação libertadora pela justiça e a paz (cf. *Const.* 33) e, envolvendo todos os responsáveis, faz-se voz profética para a construção de uma sociedade digna do homem.



A animação pastoral orgânica na obra social

A Principais intervenções da proposta

- 1 A resposta às novas pobreza juvenis deve ser dada em todas as obras e serviços da Inspetoria. **A colaboração e complementaridade das diversas obras salesianas** presentes no território e o serviço de um projeto unitário de promoção e educação juvenil multiplicam as forças e tornam mais eficazes as ações de cada uma. Dê-se atenção, nos projetos inspetoriais e locais, às situações de crise juvenil e às diversas manifestações de pobreza e exclusão social, e definam-se os objetivos e as propostas educativas mais adequadas para sua prevenção e superação. É muito oportuna a criação de *uma rede de informação sobre projetos, presenças, programas e atividades*.
- 2 O PEPS de uma obra dedicada explicitamente ao serviço social para os jovens em situação de risco planeja políticas e estratégias em função das fases graduais de **atenção e acompanhamento**:

- *aproximar-se, interessar-se e conhecer a situação dos jovens*, compartilhando seus interesses no mundo deles e em seus espaços vitais, acolhendo-os incondicionalmente desde o início;
- fazer intervenções pertinentes para a *reestruturação/recuperação pessoal dos jovens*, ajudando-os a se reconhecerem para depois lhes oferecer a possibilidade de reparar e reconduzir de maneira positiva a própria vida (cultivando atitudes adequadas de uma sadia relação consigo mesmos e com os outros);
- conhecer seu mundo religioso, para oferecer experiências que estimulem desde o início o crescimento da sua dimensão espiritual e os ajudem a assimilar pessoalmente *valores educativos, religiosos e evangélicos*;
- ajudar a descobrir e experimentar a *presença amorável e paterna de Deus* na própria vida, criando condições para o colóquio pessoal, paciente, confiante e confidencial;
- trabalhar sobre *pequenos empenhos* para chegar às maiores responsabilidades. A própria participação dos jovens nas ações e celebrações cívicas do território, com experiências de grupo e solidárias, leva-os gradualmente a empenhos mais estáveis.

- 3 Como se viu, a prevenção não é só um método de sanar a insatisfação e prevenir seus efeitos, mas também de criar condições adequadas para que todo jovem desenvolva todas as suas potencialidades. É importante **promover ambientes abertos, que ofereçam uma ampla gama de possibilidades e iniciativas**, especialmente atividades de socialização conhecidas nas linguagens juvenis como a música, o teatro, o esporte, a arte, as excursões pela natureza, as novas TIC (tecnologias da informação e da comunicação), nas quais é valorizado em suas qualidades. São meios significativos de recuperação e ação preventiva que favorecem, no projeto global, o acompanhamento educativo pessoal de todo jovem.
- 4 **A luta contra a exclusão social deve ser programada com “estratégias sinérgicas”**, capazes de fazer convergir na mesma direção as contribuições dos diversos atores sociais: o bairro ou território circunstante, as instituições e entidades ou grupos, as inter-relações humanas nas quais acontecem os fenômenos de exclusão e as situações de crise. Trata-se de fazer amadurecer na sociedade uma nova mentalidade e a cultura da solidariedade, e de inter-

vir, em colaboração com outros agentes, nas políticas educativas, familiares, juvenis, que pesam sobre a vida e a condição dos jovens.

B *As estruturas de participação e responsabilidade*

» *Animação local*

Enfrentando a velocidade com que acontecem as mudanças fundamentais em nossas sociedades, a CEP deve empenhar-se na busca de respostas eficazes para as situações de pobreza juvenil dos nossos ambientes e do contexto territorial, com iniciativas para atuar **processos rápidos de coordenação na realização de projetos específicos**.

A atenção aos jovens em dificuldade deve ser mantida em todas as comunidades e obras da Inspeção, com a revisão da cultura e da mentalidade promovidas no projeto PEPS. A **elaboração do PEPS local deverá incluir indicadores relativos a essa sensibilidade**: abertura da obra ao ambiente e ao mundo dos jovens; reforço da mentalidade de projeto orgânico segundo os critérios e as exigências do trabalho educativo-pastoral pelos mais pobres; dinâmica e metodologia próprias da obra, que evitam a exclusão; presença, participação e envolvimento dos jovens em dificuldade nas atividades e nos grupos; qualidade dos processos educativos e dos programas, como são exigidos pelas condições dos beneficiários.

As obras específicas destinadas à atenção pastoral dos jovens em situação de risco têm adquirido grande número de critérios e intervenções que identificam a sua gestão. Como em toda obra salesiana, exige-se uma presença educativo-pastoral com a correta *gestão e administração* dos relativos recursos econômicos.

Deve-se cuidar da **sustentabilidade do próprio projeto** em termos de recursos humanos, administrativos, pedagógicos e financeiros. A consultoria jurídica é importante em todos os setores, com seus instrumentos mais adequados. Este último aspecto deve ser aprofundado em colaboração com as obras e os serviços da Inspeção e as Instituições presentes no território.

Os jovens apresentam-se nas estruturas e nos organismos de animação como sujeitos ativos da própria formação, em vista da sua inserção sociofamiliar.

» Animação inspetorial/nacional

Crescem nas Inspetorias a sensibilidade e a preocupação, a reflexão e o trabalho pelo mundo da marginalização juvenil. Essa realidade já não é uma parte isolada, identificada com alguma obra em particular, ou animada apenas por iniciativas pessoais. **A atenção aos últimos está se tornando “sensibilidade institucional” expressa no PEPS inspetorial**, com o qual a CEP dá atenção especial aos fatores de pobreza e exclusão e se orientam serviços específicos em favor dos jovens em situação de risco. O PEPS, coerente com suas opções, políticas e estratégias em favor dos mais pobres, orienta a ação de animação orgânica e em rede, em colaboração em todos os níveis, com a Família Salesiana e outros organismos eclesiais e civis.

Os principais critérios que orientam as intervenções de animação inspetorial privilegiam os aspectos da formação e animação pastoral orgânica:

- ▶ *formação social e política* dos educadores salesianos, religiosos e leigos, e da CEP, de modo que compreendam a complexa realidade da pobreza e da exclusão em que vivem os jovens, para desenhar itinerários adequados aos destinatários e aos educadores (consagradas/os e leigos, referentes afetivos/familiares);
- ▶ só com a *reflexão e a revisão sistemática* será possível consolidar o trabalho que se realiza; o planejamento dos processos, a sua avaliação e a nova programação serão sempre mais instrumentos de melhor qualidade.

O Coordenador inspetorial das obras e dos serviços para os jovens em situação de risco participa da equipe da Pastoral Juvenil Salesiana. Em algumas Inspetorias/nações há uma comissão inspetorial/nacional

que acompanha a Inspetoria na realização da ação salesiana: opção carismática preferencial por toda a missão. Em algumas realidades nacionais, a coordenação foi assumida por uma estrutura civil salesiana (associação, federação ou outra) que projeta e atua as intervenções em favor dos menores e jovens, particularmente daqueles que vivem em situação de marginalização, insatisfação e exclusão social.

O Escritório de Planejamento e Desenvolvimento é particularmente importante para a animação e coordenação deste ambiente. O escritório ajuda a Inspetoria a planejar estrategicamente as suas intervenções para o desenvolvimento e buscar fontes de financiamento para os projetos. É muito importante o trabalho conjunto dos escritórios com a Delegação Inspetorial para a Pastoral Juvenil, a fim de garantir a inserção dos projetos no PEPS inspetorial e promover, ao mesmo tempo, o planejamento sistemático e a revisão exigente dos objetivos do PEPS local.

2 6

OUTRAS OBRAS E SERVIÇOS NOS DIVERSOS AMBIENTES

Desenvolveram-se no mundo salesiano **novas realidades e associações juvenis**. São atividades *educativas, serviços ou obras* que respondem às novas urgências juvenis e oferecem respostas adequadas às demandas de educação e de educação à fé. Estão entre elas os programas de *animação vocacional* (projetos de Aspirantado, Comunidades Proposta, Centros de Acolhida Vocacional), os serviços especializados de *formação cristã* e animação espiritual (casas de espiritualidade e retiros, centros de formação pastoral e catequética), as associações e os serviços de animação no campo do *tempo livre*, como escolas de tempo livre e animação sociocultural, esporte, turismo, música e teatro, e outras formas de ação na comunicação social através das quais a proposta salesiana se faz presente no tecido social, juntamente com a animação missionária, animadas pelos respectivos Dicastérios para a Comunicação Social e para as Missões.

As novas presenças são mais projetos do que estruturas, respondem e adaptam-se às alteradas necessidades e urgências com liberdade de ação e iniciativa. Elas utilizam a comunicação, o ambiente natural dos jovens, independente da estabilidade do ambiente físico. Nelas é relativamente

mais fácil envolver os próprios jovens sabendo que o caminho a trilhar juntos está em suas próprias mãos. São, portanto, **expressões de uma forma nova de presença no mundo juvenil e instrumentos eficazes de resposta às novas urgências educativas e evangelizadoras**. Esses projetos dão a oportunidade de uma ação pastoral em sinergia com os demais grupos da Família Salesiana.

Os novos espaços e formas educativas, contudo, expõem-se a *perigos que podem reduzir sua eficácia educativa e evangelizadora*: o individualismo na gestão, a identidade frágil e pouco definida, a provisoriidade de realizações e a precariedade de projetos que tornam difícil a continuidade dos processos educativos. Convém, portanto, levar em conta algumas condições e critérios de orientação que as harmonizam com as presenças tradicionais no interior do projeto da Inspetoria. Eis algumas delas:

- abertura ao critério imprescindível de discernimento e renovação: toda atividade e obra é «*para os jovens casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida, e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria*» [Const. 40];
- clareza da *finalidade educativa e pastoral* (cf. Const. 41);
- *realização comunitária*: a CEP é sempre o sujeito da missão (cf. Const. 44);
- *integração no projeto inspetorial* com uma permanente interação e colaboração entre as diversas obras e serviços educativo-pastorais da Inspetoria (cf. Const. 58).

A *Experiências ou serviços de animação e orientação vocacional*

No esforço de buscar novos caminhos para a animação vocacional, surgiram e consolidaram-se *experiências ou serviços de animação e orientação vocacional* (**Comunidades de Acolhida, Comunidades Proposta, Centros de Orientação Vocacional**). Elas oferecem aos jovens a oportunidade de uma experiência concreta da vida e missão salesiana

e de compartilhá-la por algum tempo, aprofundando sistematicamente a vocação com o acompanhamento adequado e imediato.

É importante que essas atividades garantam:

- ▮ a *presença de uma comunidade salesiana* aberta e acolhedora, que dê testemunho vocacional significativo para os jovens;
- ▮ a *experiência de vida fraterna e de missão salesiana*;
- ▮ o *acompanhamento sistemático* do processo de amadurecimento vocacional de cada um;
- ▮ a estreita relação e *colaboração com as demais comunidades* da Inspeção na responsabilidade da animação vocacional segundo o projeto inspetorial;
- ▮ a colaboração com os centros de Pastoral Vocacional da *Igreja local* e dos demais Institutos religiosos.

B *Serviços especializados de formação cristã e animação espiritual*

Surgiram na Congregação, nos últimos decênios, diversas iniciativas e serviços de formação cristã e educação à espiritualidade: **experiências de retiro, escolas de oração, casas de espiritualidade, centros de formação pastoral e catequética**. Esses serviços são uma nova forma de presença salesiana entre os jovens, sempre mais necessária e urgente.

Convém que as casas de espiritualidade e retiros, como também os *centros de formação pastoral e catequética* sejam configurados com estas dimensões:

- ▮ garantir a *presença de uma equipe de SDB* e outros membros da Família Salesiana; organizar essas casas não simplesmente como lugar de hospitalidade, mas como comunidade ou equipe de pessoas que acolhem, acompanham e partilham com os jovens uma mesma experiência espiritual;

- ▮ com um *programa preciso* de aprofundamento e de pedagogia espiritual, com diversas propostas e níveis segundo as necessidades dos diversos grupos dos destinatários; superando a simples oferta de iniciativas isoladas, para apresentar um itinerário preciso de iniciação e aprofundamento espiritual;
- ▮ dar atenção especial à *pedagogia da oração* e da escuta da Palavra de Deus; oferecer experiências de participação nos Sacramentos segundo os valores da Espiritualidade Juvenil Salesiana; cuidar, sobretudo, do aspecto da iniciação e do acompanhamento, para ajudar os jovens a fazerem uma verdadeira experiência, vivida pessoalmente;
- ▮ oferecer aos jovens a possibilidade de um *diálogo pessoal* com algum salesiano ou animador durante o encontro, ou de acompanhamento sistemático;
- ▮ desenvolver sempre o *tema vocacional*, ajudando os jovens a situarem a própria vida diante do Senhor e do seu projeto de salvação.

Há outros *serviços pastorais* propostos fora da presença salesiana, na Igreja local (como a atuação de SDB na pastoral vocacional diocesana ou em movimentos juvenis não salesianos), e também em lugares não salesianos (como a formação de educadores do território). Esses serviços pastorais são assumidos de acordo com o Inspetor e em coerência com o PEPS inspetorial.

C *Serviços de animação do Tempo Livre*

As atividades de tempo livre – esporte, turismo, cultura, música, dança e teatro – são realidades associativas para muitos jovens que procuram satisfazer nelas os próprios interesses, e estão presentes em todas as nossas obras. Essa intervenção educativa é considerada hoje *de grande valor social e de relevância preventiva*. É um modo novo de recriar o ambiente oratoriano suscitado por Dom Bosco em Valdocco, onde o pátio foi para ele um lugar predileto da ação educativo-pastoral.

Há no mundo salesiano uma grande variedade de grupos e associações com iniciativas que realizam a proposta educativo-pastoral salesiana nes-

ses ambientes com pluralidade de modos de ação, formas organizativas e número de participantes.

Podemos individuar em todos eles alguns elementos comuns que caracterizam a sua identidade: o *grupo* e a *experiência associativa* como opção educativa privilegiada e essencial para o amadurecimento humano integral; a presença ativa no território com uma oferta educativa livre de condicionamentos consumistas; a *animação*; a *participação* e o *protagonismo* dos próprios jovens.



«A Igreja aprecia muito e procura penetrar e elevar com o seu espírito também os restantes meios, para cultivar as almas e formar os homens, como são os meios de comunicação social, as múltiplas organizações culturais e desportivas, os agrupamentos juvenis e, sobretudo, as escolas»

(GRAVISSIMUM EDUCATIONIS 4; CF. GAUDIUM ET SPES 61).)

» O esporte educativo salesiano

A promoção de *atividades esportivas nas Obras salesianas* é uma realidade viva, realizada com diversas formas de regulamentação e organização.

O esporte é reconhecido como um valor no sistema educativo salesiano, atividade para todas as idades e todos os contextos.

A leitura atenta do *esporte educativo salesiano* permite individualizar alguns de seus componentes que, em medida diversa e segundo múltiplas realizações, revelam-se constantes e caracterizadores:

- ▮ o *esporte popular*, distante do elitismo, ao qual cada um tem direito e possibilidade de acesso;
- ▮ o *esporte humanizante*, que aumenta o potencial de desenvolvimento dos jovens; que privilegia, com a promoção do “jogo limpo”, a relação interpessoal e o respeito recíproco; que favorece o encontro entre o jovem e o adulto, mais espontâneo em relação a outros momentos educativos, como a sala de aula ou a oficina;
- ▮ o *esporte preventivo*, promotor da criação de estilos saudáveis de vida e que acolhe preferivelmente as crianças e os jovens em situação de risco, pela idade, pela região onde vivem, pela situação familiar, pelo baixo rendimento escolar;

- ▮ o *esporte com dimensão lúdica*, sem desprezar a competitividade na sua justa medida, move-se com espírito desportivo nas situações de sucesso ou insucesso e acolhe e convoca para os mesmos objetivos todos os membros do grupo, também os menos capazes;
- ▮ o *esporte integrado no amplo Projeto Educativo-Pastoral*, que envolve uma equipe de pessoas com objetivos comuns; para isso ser possível, são essenciais a formação e o acompanhamento dos animadores esportivos;
- ▮ o *esporte estruturado e organizado*, considerado no Projeto Educativo-Pastoral com os membros do ambiente educativo juvenil: animadores esportivos, colaboradores, pais.

» **As múltiplas formas da arte (música, canto, dança, teatro)**

O oratório salesiano acolheu desde o início em suas finalidades e características próprias, a música e o teatro, como **valores postulados pelas exigências de manifestação dos jovens**. Como Dom Bosco, também hoje as obras salesianas mantêm essa atividade, propondo o teatro e a música como artes acessíveis aos jovens e meios de comunicação de mensagens positivas.

Reconhecendo seu grande valor educativo, as obras salesianas promovem essas atividades levando estes aspectos em consideração:

- ▮ elas têm a *possibilidade própria e única de aproximar-se* da realidade e de interpretá-la utilizando linguagens e símbolos estéticos; revelam ideias, sentimentos e emoções, e evidenciam aspectos fundamentais da experiência humana que dificilmente poderiam ser compreendidos através de outras formas;
- ▮ elas são uma contribuição única para o desenvolvimento *das habilidades intelectivas, criativas e expressivas*, habilitando os jovens à concentração, disciplina e constância;
- ▮ elas oferecem *um espaço privilegiado às relações interpessoais*: através de suas várias manifestações, geram espaços de socialização e colaboração, e são... divertidas;

- ▮ elas são *um meio privilegiado de evangelização, anúncio e comunicação da Boa Nova*; música e arte favorecem o cuidado do espaço celebrativo e sua festividade;
- ▮ elas têm um *valor estético e ético*: levam o espectador à contemplação, admiração, capacidade crítica e flexibilidade de julgamento. Por isso, a pedagogia salesiana está sempre atenta a essas iniciativas, bem ciente de que só é possível chegar em muitos ambientes através de atividades “não formais”.





ESTRUTURAS E PROCESSOS DE ANIMAÇÃO

DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

CAPÍTULO

VIII

*«No meio de vós como
aquele que serve»*

(Lc 22, 27)



O mandato apostólico que a Igreja nos confia é assumido e cumprido em primeiro lugar pelas comunidades inspetoriais e locais, cujos membros têm funções complementares, com incumbências todas elas importantes. Disso eles tomam consciência; a coesão e a corresponsabilidade fraterna permitem alcançar os objetivos pastorais. O inspetor e o diretor, como animadores do diálogo e da participação, guiam o discernimento pastoral da comunidade, para que ela caminhe unida e fiel na atuação do projeto apostólico»

[Const. 44]



Foi assaz notável a utilidade desse pequeno regulamento. Cada um sabia o que devia fazer, e como eu costumava deixar a cada um a responsabilidade do seu cargo, todos se preocupavam em conhecer e cumprir a sua parte»

[Memórias do Oratório, terceira década, n. 6]

A animação e coordenação da pastoral são organizadas em diversos níveis: local, inspetorial, interinspetorial e mundial. Para elaborar o projeto pastoral com o qual medir a sua ação, a CEP deve escolher instrumentos adequados e definir os passos concretos a fim de não caminhar sem rumo; em vista disso, propomos um roteiro concreto para a elaboração do PEPS.

1

Uma pastoral juvenil orgânica e articulada

A *ação pastoral* é eclesial e vivida e atuada em comunhão: «o mandato apostólico que a Igreja nos confia é assumido e cumprido em primeiro lugar pelas comunidades inspetoriais e locais» (Const. 44). A Inspeção é a primeira estrutura territorial em que a Congregação organiza e anima a vida de comunhão e a realização da missão num determinado território.

A comunidade inspetorial é mediadora de união das comunidades locais entre si, com as demais Inspeções, a comunidade mundial e a Igreja.

A ação pastoral de cada comunidade local começa a partir dessa mediação e articulando-se com a vida e o projeto apostólico da Inspeção (cf. Const. 157). *A ação pastoral da comunidade local encontra seus pontos de referência* numa tríplice realidade: a vida e ação da Igreja local, a situação e as opções da Inspeção e a condição dos jovens e das pessoas do território em que se encontra.

As orientações e opções pastorais que derivam da avaliação atenta das situações são instrumentos para *responder com caridade ardente e inteligência pastoral* aos desafios e expectativas dos jovens.

1 1

PROGRAMAÇÃO E ATUAÇÃO DA PASTORAL JUVENIL

A

Em nível de estruturas de governo e de animação inspetorial

Salvo o que é indicado pelas *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales* sobre as organizações das Inspeções e as funções confiadas ao Inspetor e seu Conselho (cf. Const. 161-169), **cada Inspeção é instituída de modo próprio para a missão num determinado território.**

A crescente *complexidade das situações* em que as pessoas vivem e a *pluralidade de ambientes* em que nos é pedido para intervir faz com que

fiqamos cientes da necessidade de estar atentos ao chamado específico de Deus na diversidade dos contextos. A comunidade inspetorial, com as comunidades, cada irmão e leigos, é chamada a confrontar-se com as situações dos jovens aos quais Deus nos envia. Ao acompanhá-los pastoral e educativamente, a reflexão e o discernimento levam-nos a individuar alguns desafios nodais; obrigam-nos a ter em vista algumas opções fundamentais e favorecer a programação da nossa ação pastoral.

Como veremos mais adiante, as opções e orientações relativas à situação e ao desenvolvimento da Inspetoria são definidos e indicados, primeiramente, no **Projeto Orgânico Inspetorial (POI)**, ponto de referência constante para o governo e a animação da Inspetoria. Outros instrumentos relativos, por exemplo, à vida e ação das pessoas envolvidas na ação pastoral são aqueles sobre a formação dos salesianos ou dos leigos que colaboram na missão. As comunidades locais, na organização de sua vida e realização de sua missão, devem ter presente o POI.

Para a atuação da pastoral, é fundamental a referência às opções da Inspetoria, articuladas no **Projeto Educativo-Pastoral salesiano inspetorial (PEPSI ou PEPS inspetorial)**. Ele indica as grandes opções e orientações para a realização da pastoral juvenil em todas as obras da Inspetoria, independente do tipo de ambiente e setor de animação pastoral (cf. *Glossário*).

O Inspetor com seu Conselho são o *primeiro responsável da animação e do governo pastoral da Inspetoria* (cf. *Const.* 161). Cabe-lhes a função fundamental de governar a vida e a ação pastoral da Inspetoria definida no PEPS: orientar e indicar, segundo a situação, as finalidades que desejam alcançar, as prioridades a privilegiar, as estratégias a usar e os recursos disponíveis. O Conselho inspetorial é, portanto, um *órgão de reflexão e decisão pastoral*; no seu interior é confiada uma função mais direta ao Delegado de pastoral juvenil, enquanto animador e promotor direto das decisões e orientações inspetoriais.

As opções e orientações da Inspetoria são organizadas em vista da realização e organização de uma série de estruturas de animação e serviço que sustentam e acompanham a ação das comunidades locais. Essas estruturas de animação e serviço são referência e ponto de apoio para a ação pastoral ordinária das comunidades e obras locais, assim como para sua contínua renovação. A reflexão pastoral constante é necessária em todos os ambientes e setores de animação pastoral.

B *Em nível de comunidades e obras salesianas locais*

Em nível local, as comunidades e obras devem responder a dois grandes desafios: primeiramente, a *crescente pluralidade de frentes e necessidades às quais são chamadas a atender*; depois, a complexidade dos processos que envolvem a *mais cuidadosa e necessária atenção educativa e pastoral às pessoas*. As duas situações podem provocar nas comunidades e obras uma tendência à departamentalização e falta de organicidade. Diante desses perigos, pede-se às comunidades salesianas e aos membros das CEP locais **uma mudança de mentalidade e de metodologia na ação pastoral**.

Como a comunidade inspetorial, assim também a comunidade local é chamada a viver e agir com *mentalidade clara de projeto*; mentalidade que leva a individuar os campos prioritários de atenção e fazer escolhas fundamentais que orientem a vida das pessoas e a efetivação da ação nos diversos ambientes e setores de animação da obra.

A atuação da pastoral encontra seu principal ponto de referência no **PEPS local**. O PEPS indica as *linhas para a realização da pastoral juvenil* em todos os de animação e setores da obra. O PEPS cuida da integralidade e articulação das quatro dimensões que configuram a proposta educativo-pastoral salesiana (v. *capítulo VI*). O diretor e seu Conselho são os primeiros *responsáveis do governo e da animação pastoral da obra*. Cabe-lhes a responsabilidade fundamental de coordenar e organizar a pastoral juvenil. Eles favorecem os processos de envolvimento das pessoas, individualizam as prioridades, indicam os recursos e ativam a reflexão.

É tarefa prioritária do diretor e seu conselho programarem a reflexão e a prática pastoral. A coordenação da pastoral juvenil encontra no coordenador local o primeiro e direto animador, que promove a sua organicidade e articulação com as estruturas e a organização local.

UMA MODALIDADE ESPECIAL DE REALIZAÇÃO DA AÇÃO APOSTÓLICA: A ANIMAÇÃO PASTORAL

A característica da Pastoral Juvenil Salesiana é a animação, no sentido profundo do termo: “dar alma”. A animação salesiana não é, portanto, apenas ação técnica e funcional; **é espiritual, apostólica, pedagógica**, e tem sua fonte na caridade pastoral. *Animar é muito mais do que governar, gerir e organizar obras e ambientes*. As capacidades e competências humanas necessárias para a tarefa funcional não são transcuradas, antes são pressupostas. É importante, contudo, que além da eficiência das estruturas, o primado seja da sensibilidade pastoral.

A animação é a forma de contemplar, pensar, sentir e agir que caracterizam quem assumiu uma particular responsabilidade de governo e quem, sem esse papel, se envolve na ação pastoral pelos jovens.

A *Características da animação salesiana*

Esse modo característico de atuar a pastoral foi-nos transmitido por Dom Bosco; refere-se ao *estilo especial de presença no acompanhamento dos jovens e colaboradores* praticado por ele ao viver a missão que lhe fora



confiada por Deus. Esse estilo especial se desenvolve e enriquece com sua aplicação nos diversos contextos e âmbitos.

A animação da Pastoral Juvenil Salesiana implica antes de tudo **o envolvimento das pessoas, das relações e dos processos**. Por isso, supõe:

- *envolvimento do maior número de pessoas*, salesianos em primeiro lugar, mas também de todos os que participam da ação educativa e pastoral.
- *motivação e aprofundamento* da identificação em relação a valores, critérios e objetivos da proposta pastoral salesiana;
- *acompanhamento contínuo*, para realizar ininterruptamente a unidade e organicidade do processo pastoral salesiano;
- *promoção e atualização de processos* que influenciem a vida e o crescimento dos jovens;
- *unidade e comunhão num processo compartilhado*;
- *atenção para favorecer a informação e a comunicação*, a promoção da colaboração, da criatividade e da pertença;
- *urgência da reflexão constante* sobre a situação dos jovens e a práxis pastoral, e para que corresponda às suas expectativas.

B *Princípios e critérios para a animação dos processos e das estruturas*

» Articulação com os organismos de governo e coordenação inspetoriais

Para a promoção da **estreita colaboração entre as diversas obras e serviços** em função da unidade, é preciso:

- ▮ garantir no POI a convergência e articulação das opções de animação e governo na *Inspetoria*;

- ▮ manter clara a consciência da *globalidade da ação pastoral salesiana* no PEPS, em suas quatro dimensões articuladas nos diversos ambientes da obra, reciprocamente integrados e complementares;
- ▮ *garantir a coordenação e colaboração* entre os diversos setores da animação inspetorial (Formação, Família Salesiana, Economia, ambientes da Pastoral Juvenil e Comunicação Social), para garantir a unidade da ação pastoral segundo os objetivos do PEPS;
- ▮ atuar a *reflexão* sistemática e o confronto entre a realidade e os objetivos fixados: processo contínuo de estudo, reflexão, opção, programação e revisão;
- ▮ apoiar a ação das comunidades religiosas salesianas e das CEP, mais do que organizar diretamente, para favorecer a ampla *participação e corresponsabilidade* (sentido de comunidade, trabalho em equipe, informação adequada e suficiente).

» **Envolvimento das comunidades, dos irmãos e das CEP**

Finalidade da animação é suscitar e manter a corresponsabilidade constantemente ativa. **Nas CEP, os irmãos, com os leigos, são envolvidos no estudo e na elaboração dos critérios e das decisões pastorais, como também na sua execução.** Por isso, mais do que à realização de grande número de atividades, deve-se dar prioridade às orientações, às indicações e à informação que acompanham as comunidades e cumprir com sua responsabilidade. São seus fatores estratégicos:

- ▮ garantir a consistência *quantitativa e qualitativa* das comunidades locais (cf. CG24, n. 173-174);
- ▮ *acompanhar* de perto e sistematicamente as comunidades e os responsáveis dos diversos setores pastorais, sobretudo os que se encontram em maior dificuldade em sua missão de animação;
- ▮ cuidar da *comunicação e do intercâmbio entre comunidades e agentes pastorais*;
- ▮ promover o sentido de *pertença*, a assimilação dos critérios e objetivos comuns, a colaboração e o enriquecimento mútuo;

- acompanhar com particular cuidado os *momentos de incidência especial* na animação pastoral, como o processo de elaboração e revisão dos PEPS locais, a determinação dos papéis pastorais e das responsabilidades nas equipes de animação educativa e pastoral, a programação da formação dos agentes pastorais etc.

» **Formação para a missão**

A resposta ao chamado de Deus para o serviço dos jovens comporta a adesão a processos de formação, a fim de reforçar a mentalidade e a atitude pastoral à luz do carisma salesiano. A formação pastoral requer o **acompanhamento dos salesianos e leigos para o aprofundamento de sua vocação educativa e a atualização de sua capacidade operativa**. Por isso, ao lado do estudo do modelo de Pastoral Juvenil Salesiana, apresentado no «*Quadro Referencial*» da Pastoral Juvenil Salesiana, é preciso oferecer processos de reflexão pastoral e tutoria pastoral.

A complexa história dos nossos dias empenha, **em itinerários formativos comuns, salesianos, leigos, jovens colaboradores e membros da Família Salesiana** (cf. CG24, n. 138-146). Eis alguns espaços importantes:

- a proposta formativa sistemática e consistente deve ser apoiada nas *fases iniciais da formação dos Salesianos*, mediante o estudo metódico e gradual do modelo de Pastoral Juvenil Salesiana e as práticas pastorais orientadas que ajudem os jovens irmãos a assumirem a mentalidade de pastoral unitária e o estilo de animação e metodologia de projeto. É preciso garantir a iniciação gradual para a Pastoral Juvenil Salesiana “no campo”, com boas práxis e o acompanhamento adequado. A formação deve ajudar a unir a reflexão à ação pastoral a fim de superar a improvisação, a superficialidade, a departamentalização e o genericismo;
- os professores, animadores, instrutores, assistentes sociais e catequistas recebam uma *formação específica* para sua qualificação de educadores e pastores; seja prevista a preparação específica do pessoal para os vários ambientes da Pastoral Juvenil Salesiana (projeto inspetorial de formação do pessoal previsto no POI); cuide-se especialmente da área das ciências pastorais e educativas, com especialização teórica, prática e experiencial;

- ▶ dê-se atenção ao *acompanhamento espiritual*, demanda sempre mais viva entre os jovens. Essa exigência pede-nos para garantir itinerários formativos que preparem salesianos e leigos colaboradores para serem pastores e educadores capazes de discernimento e orientadores;
- ▶ os processos de *formação permanente* sejam reforçados, potenciando a qualidade cultural e pastoral de salesianos e leigos num renovado empenho de cultura, estudo e profissionalismo; aprofundando a Espiritualidade Juvenil Salesiana para vivê-la e propô-la (CG24, n. 239-241, 257); qualificando os momentos de vida comunitária, que percorre no cotidiano o caminho ordinário da sua formação permanente.

2

A animação e coordenação local

2 1

A COMUNIDADE SALESIANA ANIMADORA DE UMA OBRA SALESIANA

O papel efetivo dos salesianos é diverso segundo o número dos irmãos e de suas funções. Cabe ao Inspetor com seu Conselho determinar os modelos concretos de atuação da CEP (cf. CG24, n. 169). Eis algumas tarefas essenciais da animação:

A A comunidade SDB

A comunidade religiosa (SDB) que vive, conserva, aprofunda e alarga constantemente o carisma de Dom Bosco, exerce uma ação animadora específica em relação à CEP. O patrimônio espiritual da comunidade

religiosa, sua prática pedagógica, suas relações de fraternidade e corresponsabilidade na missão representam em cada caso o *modelo de referência para a identidade pastoral do núcleo animador* (cf. *Const.* 47; *Reg.* 5). A comunidade salesiana é então chamada a:

- *testemunhar a vida religiosa*, manifestando o primado de Deus na vida, a entrega total à missão educativa e evangelizadora, o testemunho alegre da própria vida e o interesse pelo crescimento da vocação salesiana nos jovens e colaboradores. Os jovens salesianos, que vivem «mais perto das novas gerações são capazes de animação e entusiasmo, e disponíveis a soluções novas» (*Const.* 46), sendo essa a sua contribuição apostólica. A vida de quem chegou à velhice, pela força da fidelidade amorosa de Deus, torna-se dom e revelação dos elementos mais maduros da vocação. O salesiano idoso ou enfermo vive sempre mais ciente de continuar a ter um futuro de ação, não tendo ainda esgotado seu serviço missionário. Continua a testemunhar que fora de Cristo não há nem valor nem alegria na vida pessoal e na vida com os outros;
- *garantir a identidade carismática salesiana* com a presença próxima e significativa entre os jovens e a disponibilidade para o contato pessoal, a preocupação com a integralidade do PEPS em todas as atividades, a visão de conjunto da presença salesiana, promovendo a inter-relação e colaboração entre as diversas obras que a compõem;



«A modalidade de referência almejada, que se deve tender a realizar nos planos inspetoriais de reorganização e redimensionamento, é aquela em que a comunidade salesiana está presente em número e qualidade suficiente para animar, com alguns leigos, um projeto e uma comunidade educativa»

[P. JUAN VECCHI, ACG 363, “ESPECIALISTAS, TESTEMUNHAS E ARTÍFICES DE COMUNHÃO”]

► *ser centro de comunhão e participação*, que convoca os leigos para a participação no espírito e na missão de Dom Bosco e colabora lealmente com os diversos órgãos existentes de participação;

► *ser primeira responsável da formação espiritual*, salesiana e vocacional (cf. CG24, n. 159), participando ativamente dos processos de formação.

A aceitação da missão de animação requer que a comunidade salesiana

recompreenda a **própria realidade e a função de comunidade religiosa no interior da CEP e do processo educativo-pastoral**. No passado, a comunidade salesiana assumiu quase exclusivamente a responsabilidade do ambiente e da obra educativa, ajudada pelos leigos segundo as necessidades; hoje, ela é chamada a convocar os leigos compartilhando sua responsabilidade e assumindo sua tarefa específica no interior da CEP.

A cultura das pessoas (leigos, jovens), suas sensibilidades, seus modos de pensar e enfrentar a vida contêm potencialidades e chaves de leitura vitais para uma nova interpretação do Evangelho.

A comunidade salesiana, sempre mais ciente desse novo modelo operativo, assume a sua responsabilidade específica, como parte significativa do núcleo animador da CEP.

B *O Diretor SDB*

A animação pastoral das obras e atividades através das quais se realiza a missão salesiana num determinado lugar é responsabilidade antes de tudo da comunidade salesiana local e, primariamente, do **Diretor com o Conselho local**.

O Diretor SDB, primeiro responsável da CEP, *anima os animadores e está a serviço da unidade global da obra*:

- ▮ cuida da identidade carismática do PEPS, em diálogo com o Inspetor e sintonia com o projeto inspetorial;
- ▮ promove os processos formativos;
- ▮ cuida para que se realize em todas as atividades e obras a integralidade e unidade da Pastoral Salesiana;
- ▮ põe em ação os critérios de convocação e formação dos leigos, envolve corresponsavelmente,



«O leigo cristão é, portanto, membro da Igreja no coração do mundo e membro do mundo no coração da Igreja»

(CONFERÊNCIA DE PUEBLA 103)

sobretudo o Conselho da CEP e/ou da obra; mantém a ligação entre a comunidade salesiana e a CEP (cf. CG24, n. 172).

C *O Conselho da comunidade*

O Conselho da comunidade assiste e colabora com o Diretor SDB nas funções de primeiro responsável da CEP. Ao especificar a necessária ligação entre o Conselho da comunidade e os demais organismos de participação da CEP, convém seguir alguns determinados critérios, além dos oferecidos pelas *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*:

- ▶ participar dele na qualidade de membros do conselho da CEP, colaborando direta e ativamente dos processos de reflexão e decisão;
- ▶ assumir as decisões no que toca diretamente à identidade salesiana, à formação e à convocação dos leigos;
- ▶ favorecer sempre o adequado intercâmbio de informações entre comunidade e organismos da CEP, o diálogo e o respeito às responsabilidades dos membros.

D *O conselho da CEP e/ou da obra*

O conselho da CEP e/ou da obra é o **organismo que anima e coordena a obra salesiana** através da *reflexão, do diálogo, da programação e da revisão da ação educativo-pastoral* (cf. CG24, n. 160-161, 171). Sua função é favorecer a coordenação a serviço da unidade do projeto salesiano no território em que se localiza a obra salesiana, ou em que atuam as CEP dos diversos ambientes nas obras complexas. Se houver uma só CEP, então existirá um só conselho da CEP que coincide com o Conselho da obra. Se, porém, existirem tantas CEP quantos forem os ambientes da obra, cada um deles tem o próprio conselho além do conselho da obra constituído pelos representantes dos conselhos das CEP. O conselho da CEP não se substitui e não se sobrepõe aos diversos organismos da CEP, com decisões não competentes, mas deve ajudá-los a:

- ▮ conservar a integralidade do projeto como horizonte concreto das programações e atividades dos diversos ambientes;
- ▮ sentir-se corresponsáveis da sua elaboração, realização e revisão;
- ▮ ter vontade clara de comunhão e serviço pelas necessidades comuns;
- ▮ estar atentos às necessidades e exigências do conjunto do contexto dos jovens;
- ▮ favorecer a recíproca ligação e colaboração, sobretudo nos serviços mais gerais, como a formação dos educadores;
- ▮ manter-se em comunhão e colaboração com os diversos grupos da Família Salesiana que trabalham no território.

Cabe ao Inspetor com seu Conselho determinar os critérios de composição e estabelecer as suas competências, os níveis de responsabilidade e ligação com o Conselho local da comunidade salesiana (cf. *CG24*, n. 171).

E *O coordenador local da Pastoral Juvenil com sua equipe*

Para a animação pastoral local, ao lado de cada encarregado dos vários ambientes e setores de animação pastoral que compõem a obra, é possível, caso se constate a sua necessidade, a presença de um coordenador da Pastoral Juvenil Salesiana com uma equipe própria. Além disso, onde for exigido pela complexidade da obra, haja a possibilidade de ter um coordenador pastoral para cada ambiente e setor de animação pastoral da obra.

O coordenador local, com a equipe, programa, organiza e coordena a ação pastoral da obra, segundo os objetivos propostos no PEPS local e as orientações e os critérios do Conselho da CEP e/ou da obra, sempre em ligação estreita com o Diretor. Esse serviço exige capacidade de relacionamento e coordenação. Concretamente, ele exerce as seguintes funções:

- ▮ colabora com o conselho da CEP para tornar os *elementos fundamentais da Pastoral Juvenil Salesiana* presentes no processo de elaboração, efetivação e revisão do PEPS local;

- coordena a *atuação do PEPS local* através de programações concretas para os diversos setores da ação pastoral da obra, dos quais é responsável;
- cuida da *coordenação e integração* das diversas atividades educativo-pastorais, garantindo sua complementaridade e orientação para a educação à fé;
- promove iniciativas de *formação dos agentes* de pastoral segundo as orientações da programação inspetorial;
- garante a relação e *colaboração da obra salesiana com a pastoral da Igreja local* e as demais instituições educativas do território.

Cabe ao Inspetor ou ao Diretor, segundo a prática das Inspetorias, a nomeação do coordenador local, salesiano ou leigo e, no segundo caso, determinar as suas relações com a comunidade salesiana.

F *Outros organismos e funções de animação e governo na CEP*

Participação e corresponsabilidade exigem a articulação na CEP dos diversos organismos de animação, governo e coordenação, **equipes que se constituem oportunamente em conformidade com o PEPS e os próprios recursos**. Na definição do seu perfil, é preciso que sejam garantidos por salesianos e leigos:

- ▮ a complementaridade dos diversos papéis e das funções na CEP;
- ▮ sua referência ao PEPS, do qual devem compartilhar e assumir os horizontes antropológicos e religiosos, o horizonte educativo da realidade, o estilo de presença entre os jovens, os objetivos e o método, e as estratégias para obtê-los; as indicações para seu crescimento como educadores salesianos (maturidade humana, competência educativa, identidade salesiana, testemunho que se inspira nos valores cristãos) através do processo permanente de formação pessoal e comunitária;
- ▮ a presença ativa entre os jovens a fim de ajudá-los a ser grupo, acompanhá-los no processo de crescimento humano e cristão e favorecer a abertura no ambiente educativo, cultural e eclesial.

Em todas as obras, de acordo com o Inspetor e seu Conselho, sejam especificados os campos de responsabilidade confiados aos leigos, seu âmbito de decisão, a relação dos diversos órgãos e as formas de corresponsabilidade com a comunidade salesiana e a Inspetoria (cf. CG24, n. 125, 169).

2 2

OUTROS MODELOS DE ANIMAÇÃO DA CEP NAS OBRAS SALESIANAS

A *As obras salesianas geridas por leigos com uma presença comunitária*

Nas obras em que as principais responsabilidades são geridas por leigos, a comunidade salesiana, quando for muito reduzida, garante a sua identidade salesiana e a coordenação com a Inspetoria, com a ajuda da própria Inspetoria (cf. CG26, n. 120); envolve o salesiano em tarefas de animação pastoral, formação e acompanhamento dos educadores; cuida da convocação e formação dos leigos colaboradores segundo os critérios propostos pelo CG24, n. 164, envolvendo o mais possível os membros da Família Salesiana.

B *Obras geridas por leigos no interior do projeto inspetorial salesiano*

Para que uma atividade ou obra, gerida por leigos, possa ser considerada como pertencente ao projeto da Inspetoria, deve garantir duas condições indispensáveis: realizar os critérios de identidade, comunhão e significatividade da ação salesiana e ser acompanhada pelo Inspetor e seu Conselho (CG24, n. 180; CG26, n. 120).

A Inspetoria, em sua responsabilidade oferece, portanto, para essas obras e suas CEP, intervenções de animação e governo, em analogia com as CEP que têm a presença da comunidade salesiana:

- visita inspetorial;
- revisão do projeto local (PEPS);

- ▮ ligação do diretor leigo da obra com o Inspetor;
- ▮ participação periódica de um delegado do Inspetor no Conselho da CEP;
- ▮ criação do Conselho da CEP;
- ▮ organização, com os leigos, de um itinerário sério de formação para a identidade salesiana;
- ▮ atenção aos leigos que têm papéis de animação e responsabilidade na CEP;
- ▮ ligação estável com uma comunidade salesiana próxima ou com o centro de animação inspetorial, especialmente para o serviço carismático e pastoral (cf. CG24, n. 181).

3

A animação e coordenação inspetorial

3 1

O INSPETOR E SEU CONSELHO

São definidos três níveis de responsabilidade nos serviços inspetoriais de animação pastoral, distintos, mas inseparáveis.

- **nível de governo:** o Inspetor com seu Conselho toma as decisões fundamentais como primeiro responsável da animação e governo pastoral da Inspetoria (cf. Const. 161);

- **nível de unidade e orientação pastoral:** o Delegado inspetorial, com sua equipe, cuida da unidade orgânica da ação pastoral na Inspetoria e a sua orientação segundo o PEPS inspetorial (cf. CG23, n. 244);

- **nível de coordenação operativa:** as Comissões, os Escritórios inspetoriais e os Conselhos cuidam da coordenação das atividades pastorais nos diversos ambientes e setores de animação pastoral, segundo as diversas dimensões do PEPS (cf. CG26, n. 113).

Os três níveis interagem e completam-se reciprocamente garantindo, de modo especial no segundo nível, a identidade salesiana da ação pastoral decidida e coordenada nos outros dois.

3 2

O DELEGADO DE PASTORAL JUVENIL INSPETORIAL E SUA EQUIPE

A

O Delegado de Pastoral Juvenil

O Inspetor «nomeará o seu Delegado para a Pastoral Juvenil, que coordenará uma equipe que garanta a convergência de toda iniciativa para o objetivo da educação à fé e torne possível a comunicação operativa entre as Inspetorias» (CG23, n. 244).

O delegado do Inspetor atua de acordo com ele e com o Conselho inspetorial. Seus primeiros destinatários são os irmãos, as comunidades salesianas e a CEP. Não tem o encargo das iniciativas ou só de um setor, mas é quem garante a pastoral orgânica na Inspetoria, atento a todas as dimensões. Normalmente, ele se dedica à animação pastoral da Inspetoria em tempo integral. Convém que seja membro do Conselho inspetorial, no qual faz presente habitualmente a perspectiva e as preocupações pastorais. Suas funções preveem que:

- ▮ assista o Inspetor e seu Conselho *na elaboração do PEPS* e das diretrizes e orientações pastorais comuns;

- ▮ coordene o *funcionamento colegiado da equipe* inspetorial de Pastoral Juvenil e assista seus membros na efetivação de seu cargo;
- ▮ *acompanhe as comunidades locais* em sua programação, realização e revisão pastoral, cuidando da realização das quatro dimensões do PEPS nos diversos ambientes;
- ▮ comunique-se com os agentes para *orientar suas intervenções* segundo a unidade do PEPS;
- ▮ dirija as *iniciativas intercomunitárias* propostas no PEPS;
- ▮ cuide da realização de um *projeto orgânico de formação* educativo-pastoral para os irmãos, os colaboradores leigos e os jovens animadores;
- ▮ mantenha um assíduo *relacionamento com os membros da Família Salesiana* que trabalham na Inspetoria, com a *Igreja local* e o *Dicastério para a Pastoral Juvenil*.

B *A equipe de Pastoral Juvenil*

A equipe inspetorial de Pastoral Juvenil colabora diretamente com o Delegado no cumprimento de suas funções. **É importante na equipe a presença dos encarregados inspetoriais dos ambientes e, eventualmente, dos setores de animação pastoral da Inspetoria**, de modo a garantir a atuação harmoniosa e unitária dos diversos programas e processos pastorais animados pela Inspetoria e pelas comunidades. É importante que dela participem o encarregado da animação vocacional e os delegados para a animação missionária e a comunicação social. Tem entre suas tarefas:

- ▮ *colaborar* com o Delegado em suas funções;
- ▮ *promover* a presença e a inter-relação das dimensões do PEPS nas obras, nos ambientes e setores de animação pastoral da Inspetoria;
- ▮ *orientar* as comunidades para a visão interdisciplinar dos desafios pastorais e a ação conjunta para responder a eles.

Para tanto, requer-se dos membros da equipe: preparação específica teórica e prática; tempo de reflexão e confronto; capacidade de contato, coordenação, motivação; o programa concreto de trabalho baseado no PEPS, segundo as linhas prioritárias indicadas pelo Inspetor e seu Conselho.

C *Os encarregados inspetoriais de ambientes e setores de animação pastoral e suas equipes*

Para o acompanhamento e animação dos ambientes e setores da pastoral juvenil da Inspetoria, o Inspetor nomeia um **Encarregado ajudado normalmente por uma equipe**.

Função dos Encarregados dos ambientes e setores de animação pastoral é:

- ▶ *ajudar as CEP* desses ambientes e setores de animação pastoral a concretizarem as orientações inspetoriais da Pastoral Juvenil, segundo o PEPS e o plano de trabalho do Delegado de Pastoral Juvenil e sua equipe;
- ▶ *estudar e refletir* sobre sua finalidade educativo-pastoral, realidade, problemáticas e projeções.

É importante que os diversos encarregados dos ambientes e setores de animação pastoral da Inspetoria *sejam coordenados sistematicamente* com a animação do Delegado inspetorial para a pastoral juvenil; sejam membros da sua equipe para uma visão compartilhada e a aplicação coordenada do PEPS e da programação inspetorial; garantam a unidade orgânica da pastoral juvenil em toda a Inspetoria.



4

A animação e coordenação interinspetoriais

Para o serviço de planejamento e animação pastoral de um grupo de Inspetorias surgem alguns **organismos de inter-relação e coordenação**: equipes interinspetoriais de pastoral juvenil, Delegações nacionais ou regionais de pastoral juvenil, Centros Nacionais de Pastoral Juvenil. Esses organismos ou equipes são promovidos e orientados pelos Inspetores de um grupo de Inspetorias ou de uma Região e colaboram de perto com o Dicastério para a Pastoral Juvenil.

As realidades são diversas, mas podem-se definir critérios comuns:

- ▮ oferecer neste nível uma coordenação que responda à problemática da situação juvenil sempre mais global e complexa;
- ▮ desenvolver nas Inspetorias uma mentalidade mais aberta e universal, promovendo a solidariedade e o intercâmbio de dons no âmbito da PJ, facilitando a circulação de experiências e modelos pastorais;
- ▮ sendo serviço subsidiário de apoio, animação e coordenação, não deve assumir tarefas que os outros sujeitos de planejamento podem e devem assumir;
- ▮ a prioridade da educação à fé, afirmada pelos programas e pelas intervenções educativas, é afirmada também pela organização das estruturas de animação (cf. CG23, n. 245);
- ▮ os organismos de coordenação devem ser organizados de maneira convergente, integrada e orgânica, evitando tanto a departamentalização como a burocratização centralizada.

Os Delegados Inspetoriais de Pastoral Juvenil das diversas Inspetorias de uma região ou grupo de Inspetorias (*Delegação*)

Nacional ou Regional, equipe interinspetorial de Pastoral Juvenil) reúnem-se sistematicamente para:

- ▮ refletir sobre a realidade juvenil e os desafios que ela apresenta no âmbito das próprias Inspetorias, em vista da elaboração de *critérios e orientações* comuns para a animação pastoral na nação ou região;
- ▮ coordenar a *colaboração recíproca entre as Inspetorias* para alguns objetivos comuns, como a formação de educadores e animadores;
- ▮ *promover a partilha* de experiências, subsídios, iniciativas e propostas;
- ▮ orientar uma forma de *presença e ação convergente e unitária* na Igreja e no território nacional ou da Região.

Ao lado da Delegação Nacional ou Regional, ou das equipes interinspetoriais de Pastoral Juvenil, podem-se criar **Centros Nacionais ou Regionais de Pastoral Juvenil**, organismos de reflexão e animação criados por uma Conferência inspetorial ou grupo de Inspetorias, a serviço da pastoral juvenil da Região ou da nação para:

- ▮ promover e fazer *estudos e pesquisas* sobre os problemas atuais da Pastoral Juvenil Salesiana;
- ▮ *recolher e confrontar* as experiências salesianas e eclesiais mais significativas sobre Pastoral Juvenil Salesiana;
- ▮ *propor e divulgar* essas reflexões e experiências;
- ▮ pôr-se a *serviço das Inspetorias e Igrejas locais* para animar a ação de planejamento e programação, sobretudo na formação dos agentes de pastoral juvenil;
- ▮ agir em conformidade com *as prioridades da Congregação* e do Dicastério para a Pastoral Juvenil, da Conferência dos Inspetores e dos Delegados inspetoriais.

5

A animação e coordenação em nível mundial

Os serviços, as atividades, iniciativas e obras que têm por objetivos a educação e a evangelização dos jovens encontrarão uma referência unificadora no **Dicastério para a Pastoral Juvenil**, formado pelo Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil e sua equipe.

Sua função segundo as *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, n. 136, é animar e orientar a ação educativa e apoiar as Inspetorias. Concretamente, o Dicastério:

- oferece ajuda para progredir, motiva, torna presente a globalidade de ação, cuida do aprofundamento cultural e espiritual, promove a orientação educativa dos projetos nos objetivos e conteúdos e no acompanhamento metodológico, promove a reflexão sobre os critérios e urgências e o intercâmbio de experiências;
- favorece a inserção da Pastoral Juvenil Salesiana na Igreja com a acolhida de suas indicações e orientações e a oferta da nossa contribuição específica;
- no Conselho Geral, oferece a contribuição da ótica pastoral e juvenil na concretização das linhas programáticas gerais do Reitor-Mor e seu Conselho; mantém relações de reciprocidade e complementaridade com os demais Dicastérios como a Formação, as Missões, a Comunicação Social e a Família Salesiana;
- colabora com os Regionais para unificar e organizar as intervenções nas diversas Inspetorias segundo as situações e necessidades.

Os destinatários prioritários da sua função de animação são:

- os Inspetores e seus Conselhos;
- os Delegados inspetoriais para a Pastoral Juvenil, suas equipes e os encarregados de ambiente e setor;
- os demais organismos de animação em nível regional.



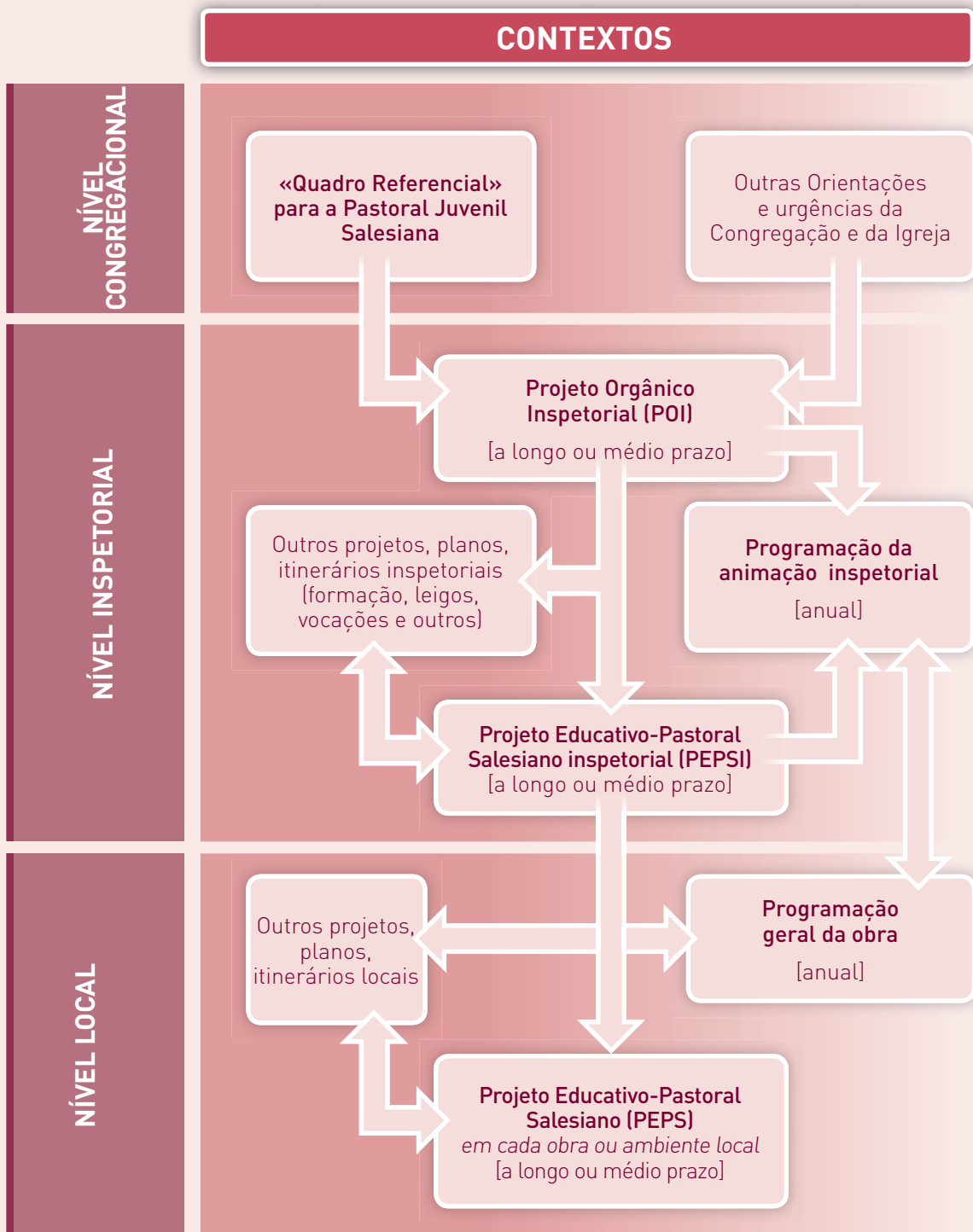
6

Planejamento pastoral

6 1

OS DIVERSOS NÍVEIS DE PLANEJAMENTO INSPETORIAL E LOCAL

O planejamento pastoral comporta diversos níveis de operacionalização, com diversos processos e documentos. A nossa quer **ser uma proposta metodológica, com a apresentação de alguns instrumentos para o planejamento da pastoral juvenil**. São mediações resultantes de opções motivadas.



Os diversos documentos apresentam **diferenças conceituais e aplicativas**, mesmo quando utilizados em sobreposição. Não se justapõe simplesmente, mas se influenciam e apoiam reciprocamente, em circularidade dinâmica.

O «Quadro Referencial» para a Pastoral Juvenil Salesiana, com outros documentos da Congregação e da Igreja, define o conjunto das diretrizes, orientações e linhas fundamentais em amplo raio segundo as quais se move a ação pastoral salesiana e eclesial.

São textos que inspiram toda a Congregação, pontos de referência propostos para um arco de intervenção pastoral mais extenso no tempo e nos contextos.

Os projetos inspetoriais, como o *Projeto Orgânico Inspetorial* e o *Projeto Educativo-Pastoral Salesiano Inspetorial*, e os projetos locais, como o *Projeto Educativo-Pastoral Salesiano Local*, têm um caráter mais operativo e contextualizado, embora se movam ainda em linhas gerais. Esses documentos especificam as orientações da Congregação e da Igreja, dando-lhes um aspecto muito concreto. A tarefa da *Programação* é elaborar a sua concretização detalhada e particularizada.

Parece oportuno chamar a atenção para a simplicidade dos projetos e das programações: textos *ágeis, claros em sua articulação e práticos na aplicação*. É desejável que sejam de poucas páginas para terem um caráter de concretude e responderem às prioridades concretas. É necessário atentar para que estes documentos não se tornem um “recipiente” no interior do qual se inserem amplas reflexões, ou, abundantes textos de referência. A clareza expositiva permite a imediata compreensão da estrutura do documento.

A programação não responde a exigências de tipo apenas organizativo e de planejamento. A **programação expressa o discernimento** e o testemunho de quem escuta, observa e perscruta os sinais dos tempos com o olhar de Deus. Estamos convencidos, de fato, de que o planejamento pastoral não é pensado à mesa de trabalho, mas se nutre de um profundo e sério discernimento no Espírito que é alma e fonte inspiradora de toda missão na Igreja. É preciso, portanto, ter presentes os dois momentos: o discernimento e o planejamento.

Existem metodologias de discernimento, pessoais e comunitárias (“ver, julgar, agir”, “apelo de Deus, situação e linhas de ação”,

“revisão de vida”), que requerem condições e atitudes muito atentas. São metodologias que ajudam a ler e interpretar a realidade pastoral à luz da Palavra de Deus. Deve-se avaliar a sua utilização segundo as circunstâncias e os contextos.

6 2

ORIENTAÇÕES PARA DEFINIR OS TIPOS DE DOCUMENTOS A GERIR

A *O «Quadro Referencial» para a Pastoral Juvenil Salesiana*

É **uma síntese orgânica da Pastoral Juvenil Salesiana**; instrumento-guia para a reflexão, o planeamento, a programação e avaliação da Pastoral Juvenil Salesiana. Apresenta o conjunto de características que identificam a ação pastoral salesiana da Congregação. Indica a direção a seguir no itinerário da realização da missão salesiana. Responde às questões: Quem somos? O que queremos? Aonde queremos chegar? O que propomos?

O «*Quadro Referencial*» **define diante da Igreja e da sociedade os elementos constitutivos da ação pastoral da Congregação.**

Conhecido e compartilhado na CEP, é a referência fundamental que estabelece a pertença, determina a ação comum, suscita os melhores recursos das pessoas com a sua adequada formação, promove um ambiente de colaboração e corresponsabilidade.

B *O Projeto Orgânico Inspetorial*

É o **projeto estratégico de animação e governo que regula a realização e a continuidade das decisões da Inspetoria** (cf. CG25, n. 82). É o instrumento prático que tem por finalidade coordenar com determinado intuito os recursos educativos e pastorais presentes na Inspetoria. Não é proposto como esquema rígido. O POI considera os aspectos fundamentais: *observação atenta* da situação aonde se é chamado a agir; *opções centrais* que orientam o desenvolvimento da Inspetoria; *campos de ação prioritários* nos próximos anos; *critérios operativos* que norteiam os vários projetos; linhas para a *preparação das pessoas e a evolução econômica e estrutural*.

O CG25 indicou o sujeito do POI: «A Comunidade Inspetorial através de seus organismos estude, elabore ou revise nos próximos três anos o Projeto Orgânico Inspetorial» (CG25, n. 82). O Inspetor, com seu Conselho, coadjuvado por uma equipe operacional (CG25, n. 84), guia e orienta o processo de estudo, elaboração e revisão do POI, envolvendo as comunidades e, de modo especial, os Diretores. À luz de *Const.* 1, 2, 171, e *Reg.* 3, 167, é conveniente que os encaminhamentos e as opções fundamentais do POI sejam estudados e aprovados pelo Capítulo Inspetorial.

Esses elementos institucionais (em longo ou médio prazo) devem concretizar-se nos diversos *planos ou projetos operacionais*, segundo os setores importantes da vida da Inspetoria: projeto de formação; projeto-leigos; orçamento e balanço anual; projetos comunitários locais. **Entre os projetos, aquele que deve ser mais efetivado do ponto de vista da missão é o PEPS em relação ao setor da ação educativo-pastoral.** Os projetos não coordenam processos acrescentados ao PEPS, mas qualificam e desenvolvem seus aspectos importantes.

As funções do POI e do PEPS inspetorial são distintas, pela sua fisionomia, de qualquer outro documento, em especial, do *Diretório Inspetorial*, texto normativo confiado ao Capítulo Inspetorial (cf. *Const.* 171). Este regulamento contém normas particulares em matérias demandadas em nível inspetorial. O POI e o PEPS inspetorial têm natureza, finalidade e conteúdos distintos do *Diretório Inspetorial*. Eles têm um caráter de projeto, são programáticos, são documentos específicos a sé e não fazem parte do *Diretório Inspetorial*.

Projeto Orgânico Inspetorial: plano estratégico de animação e governo que regula a realização e a continuidade das decisões da Inspetoria

análise da realidade

opções centrais

campos prioritários de ação

critérios operativos

linhas gerais em duas áreas distintas

tendo em conta o contexto sociocultural e educativo

para orientar o crescimento da Inspetoria

em longo ou médio prazo

para orientar os diversos planos e projetos

a preparação das pessoas e o desenvolvimento econômico e estrutural

C *O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano*

É o plano geral de intervenção que orienta a realização do itinerário educativo-pastoral num determinado contexto inspetorial e local e orienta as iniciativas e os recursos para a evangelização (cf. Reg. 4; cf. CG26, n. 39). Responde à pergunta: O que fazer e como, para chegar à meta prevista?

O PEPS, sendo mais concreto do que o «*Quadro Referencial*», tem valor para durar “em longo ou médio prazo”, em relação à situação na qual está presente a Inspetoria ou a obra salesiana. As metas ou finalidades propostas, as áreas de intervenção indicadas, as linhas operativas escolhidas indicam o processo operativo a percorrer.

As *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales* fazem referência a esse projeto apostólico em sentido global (Const. 31; 44), ao qual também correspondem diversos artigos dos Regulamentos (Reg. 4-10, 184). Há, portanto, uma correlação entre o PEPS inspetorial e o PEPS de uma obra:

- ▮ *O PEPS inspetorial* define o processo da Inspetoria, por 3-5 anos. Indica objetivos, estratégias e linhas comuns de ação educativo-pastoral que orientam a ação pastoral de todas as comunidades e obras. Serve como ponto de referência para sua programação e como revisão educativo-pastoral durante esse período. É referência para a elaboração do PEPS de cada obra ou ambiente local;
- ▮ *O PEPS de cada obra ou ambiente local* aplica à realidade local as linhas do PEPS inspetorial. É o projeto diretamente operativo de cada obra (com apenas um ambiente) e de cada ambiente (numa obra complexa). Neste último caso, o PEPS das obras salesianas que se apresentam **com dois ou mais ambientes** torna-se instrumento importante para a convergência e unidade nos objetivos e nas linhas de ação comuns da obra. Responde a dois aspectos fundamentais:
 - *coordenação de todos os ambientes e, eventualmente, setores de animação pastoral da obra*, com a série consequente de critérios, opções metodológicas, orientações organizativas e instrumentais;
 - *convocação, constituição, formação e funcionamento das CEP dos diferentes ambientes*.

Todos os elementos estruturais (espaços, propostas educativas e pastorais, tempos, horários, calendários) e pessoais (organismos pessoais e colegiados) são orientados para a realização do objetivo, no arco de três anos. A corresponsabilidade da tarefa é assumida pelos membros de cada CEP (cf. CG23, n. 243), mas é particularmente acompanhado pelo seu Conselho.

O CG23 propõe que cada Inspetoria, na revisão do PEPS inspetorial, traduza, entre outros aspectos, o itinerário de fé em **itinerários concretos e adaptados aos seus destinatários e aos contextos nos quais atua** (cf. CG23, n. 230): itinerários de fé, itinerários educativos vocacionais e iniciação cristã dos jovens. O itinerário é uma sucessão ordenada de etapas ou momentos educativos (com modos e tempos de realização, meios e protagonistas próprios) através dos quais se alcançam os objetivos estabelecidos no PEPS. O itinerário ajuda a tornar o projeto operativo, realiza-o no tempo e adapta-o aos vários destinatários; no itinerário, os objetivos tornam-se movimentos progressivos; o método se concretiza num conjunto de intervenções e experiências organizadas sucessivamente (v. *capítulo IV*, n. 3.2).

D *Os diversos níveis de concretude do PEPS*

Somos chamados a traduzir e desenvolver o PEPS em itinerários, planos e programações. Entre estes, indicamos: a *Programação de animação inspetorial* e a *Programação geral da obra*. Algumas inspetorias servem-se destes nomes ou de outros para indicar a mesma coisa.

A Programação de animação inspetorial é a aplicação anual do POI e do PEPS inspetorial, segundo o seguinte esquema (aproximadamente):

- ▮ objetivo geral do ano, como quadro referencial, horizonte no qual se realiza o programa de animação do Conselho inspetorial;
- ▮ objetivos específicos, para cada ambiente pastoral e setor de animação da Inspetoria: representam a explicitação do objetivo geral e se caracterizam como metas, horizontes a alcançar, pontos de chegada nos quais focalizar todos os esforços durante o ano;

- ▮ processos e intervenções para a animação e coordenação dos ambientes e setores de animação pastoral da Inspetoria e, com a explicitação dos sujeitos envolvidos, das tarefas específicas e dos tempos:
 - Comunidade e Formação
 - Missão Educativo-Pastoral
 - Família Salesiana
 - Comunicação Social
 - Economia
 - ...
- ▮ modalidades de avaliação para a efetiva revisão da chegada real aos resultados pré-fixados;
- ▮ organograma da Inspetoria, isto é, a representação gráfica da estrutura organizativa geral da Inspetoria;
- ▮ calendário inspetorial com todos os encontros inspetoriais do ano.

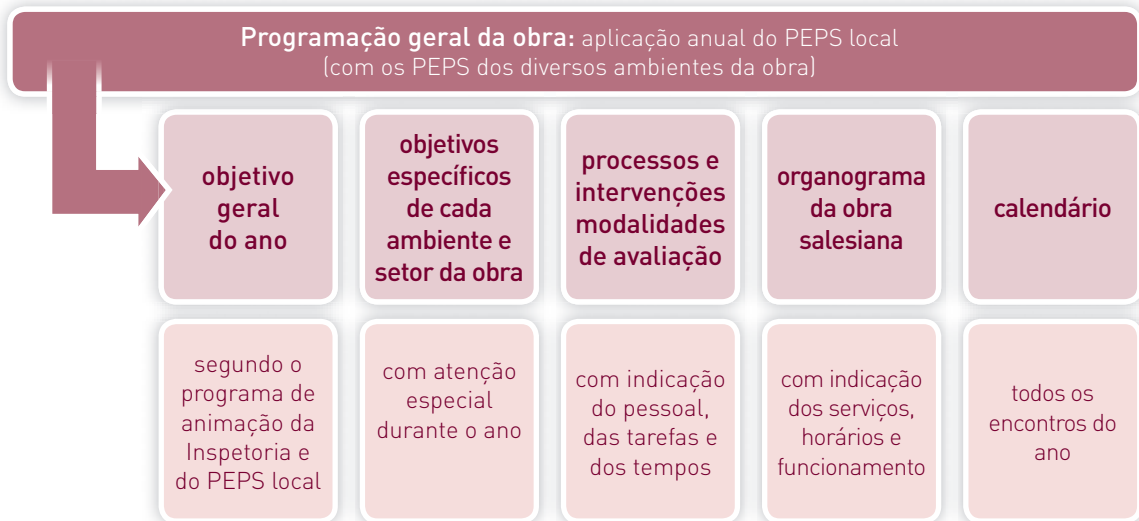
Mediante os planos anuais delineia-se um itinerário gradual que torna operativo o POI e o PEPS inspetorial, com a revisão sistemática realizada pela CEP de cada obra. A programação é feita todos os anos e utilizada em todas as obras da Inspetoria como referência para a elaboração da Programação Geral de cada obra.





A Programação geral da obra é a aplicação anual do PEPS da obra (ou eventualmente, cada PEPS dos diversos ambientes e setores de animação pastoral da obra). Esquema aproximativo:

- ▮ objetivo geral do ano, como quadro referencial, horizonte no qual se desenvolve o programa de animação da Inspetoria;
- ▮ objetivos específicos para cada ambiente e, eventualmente, setor de animação pastoral da obra; eles representam a explicitação do objetivo geral e caracterizam-se como metas, horizontes a alcançar, pontos de chegada no qual focalizar todos os esforços durante o ano;
- ▮ processos e intervenções da CEP dos diversos ambientes e, eventualmente, setores de animação pastoral, segundo as dimensões do PEPS, com a explicitação dos sujeitos envolvidos, das tarefas específicas e dos tempos;
- ▮ modalidades de avaliação para a revisão da real concretização dos resultados pré-fixados.
- ▮ organograma da obra, isto é, a representação gráfica dos órgãos de animação e governo, com indicações dos serviços, horários e funcionamento:
 - comuns a toda a obra,
 - específicos para cada ambiente e setor de animação pastoral,
- ▮ calendário com todos os encontros do ano.



6 3

LINHAS METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO E REVISÃO DO PEPS

A As fases da elaboração do PEPS: uma proposta dinâmica

Trata-se de um projeto que deseja ser realista e eficaz para um processo contínuo. A partir da situação inicial, caminha para as finalidades fixadas através de objetivos a realizar. Deve ser elaborado de modo progressivo.

O PEPS traça um itinerário em três momentos a serem retomados, desenvolvidos, aprofundados. Deixa espaço para a adequação dos projetos educativos à realidade mutável em que se trabalha.

No processo de elaboração, a CEP deve confrontar-se continuamente com o «Quadro Referencial», tanto para a análise iluminada da situação e o discernimento dos principais desafios, quanto, e sobretudo, para a individuação dos objetivos que devem orientar a ação pastoral às metas indicadas no mesmo «Quadro Referencial».

» Momento da análise da situação

- 1 *Observação atenta e conhecimento da situação do nosso território e da "tipicidade" dos jovens que o habitam: pessoas, situações, recursos, pro-*

blemas, tendências, possibilidades. Esse procedimento não é feito uma vez por todas. A operação requer a capacidade de ligar dados anteriores com novas aquisições. É preciso ativar a comunicação, as experiências de participação, as redes educativas e o senso de responsabilidade.

- 2 *Interpretação educativo-pastoral da situação*, procurando entender mais profundamente a realidade, “mover as águas”, com o desejo de renová-la, procedendo de todos os modos para melhorá-la. Deve-se acolher a realidade objetivamente, evitando formular avaliações apressadas sobre ela ou, mais frequentemente, de modo negativo. A interpretação é feita à luz dos elementos fundamentais da missão salesiana e do Sistema Preventivo.
- 3 Determinar uma visão de futuro com *opções precisas* (quatro ou cinco no máximo); no caso do *PEPS inspetorial*, as opções são para todas as presenças e para todos os seus ambientes; no caso do *PEPS local*, para os ambientes da realidade local. Em todo caso, é importante que essas opções claras brotem da análise da realidade e de suas urgências educativo-pastorais.

» **Momento da programação operativa**

- 1 Traduzir as opções claras em *objetivos gerais* que se consideram mais importantes, urgentes e possíveis. Os objetivos têm em vista propostas claras, levando em conta as pessoas da CEP e o dinamismo próprio das *quatro dimensões* da pastoral juvenil.
- 2 Propor alguns *processos* através dos quais se traduzem em prática e se tornam operativos os objetivos gerais.
- 3 Concretizar efetividades operativas, isto é, *intervenções precisas, progressivas e verificáveis*. Nessas intervenções esclarecem-se os grupos de pessoas destinatárias (*para quem?*), as responsabilidades das diversas pessoas ou equipes (*por quem?*), o uso dos recursos e a programação dos tempos (*como e quando?*).

» **Momento da revisão do projeto e replanejamento**

A revisão do projeto permite medir objetivamente o impacto do projeto na realidade. Avalia os resultados à luz dos objetivos propostos. Descobre novas possibilidades ou urgências surgidas e discerne sobre novos passos a dar.

Para a revisão global do PEPS, há alguns elementos a não serem esquecidos:

- ▮ envolver as *diversas pessoas, os diversos grupos e as equipes interessadas*. Os sujeitos da revisão do PEPS inspetorial são o Capítulo Inspetorial, o Inspetor com seu Conselho e a Equipe Inspetorial de Pastoral Juvenil;
- ▮ gerar *um verdadeiro processo* educativo-pastoral, que não deve se limitar ao exame dos produtos e resultados. É preciso reavivar, de fato, os processos de amadurecimento individuais e comunitários, encorajar ao melhoramento e motivar para resultados melhores;
- ▮ utilizar *indicadores precisos e mensuráveis*, à luz dos quais se possam verificar os resultados obtidos e saber como foram alcançados. A prova e o erro fazem parte do processo; um erro avaliado é fonte de aprendizagem; um erro não analisado leva ao desânimo e à estagnação;
- ▮ prestar atenção à *análise das causas – pessoais, estruturais, organizativas* – que favoreceram ou não o processo, e adequar os objetivos às novas situações e possibilidades.

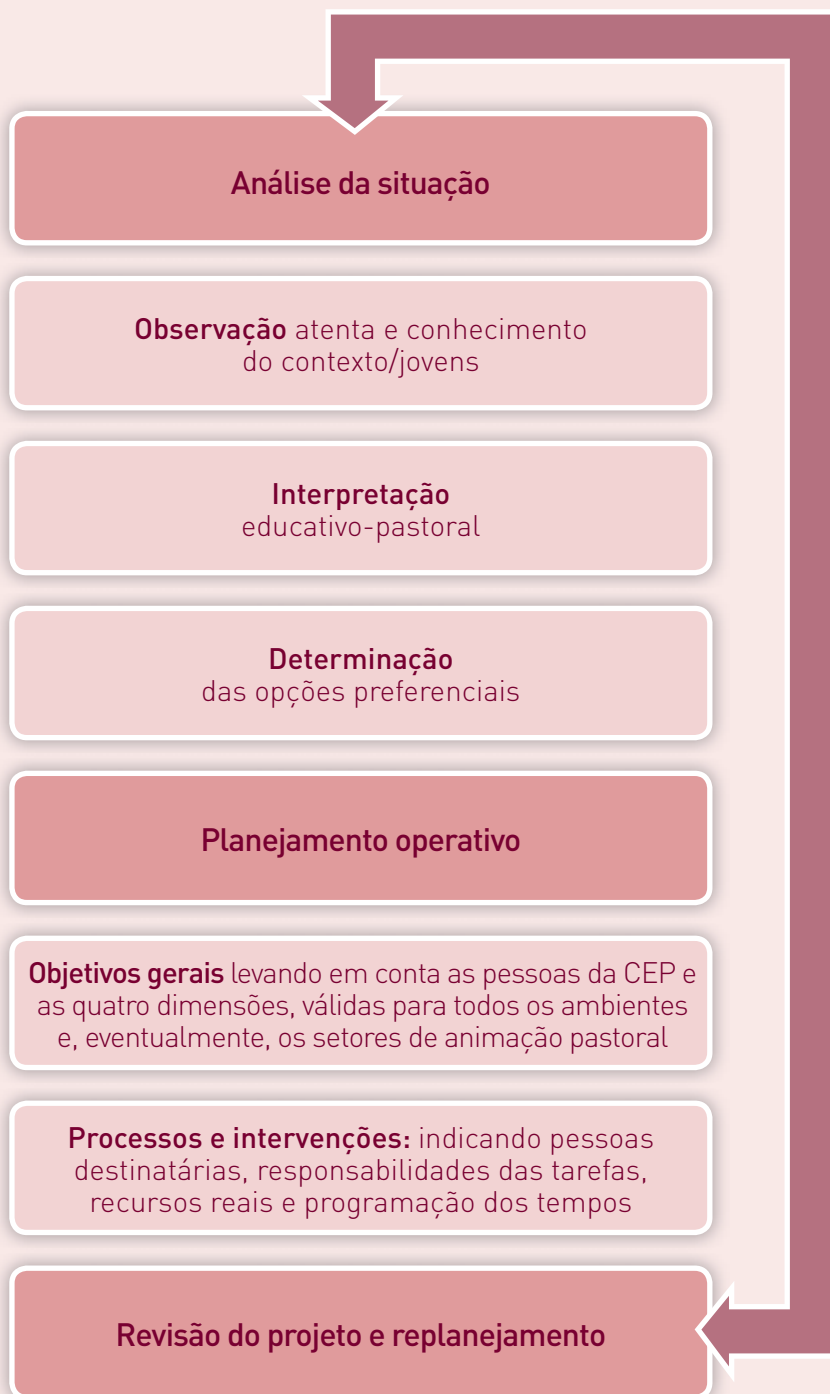
B *Crítérios fundamentais para a elaboração ou reelaboração do PEPS*

Como já indicado, a finalidade do planejamento de um PEPS não é a elaboração de um texto novo a pôr nas mãos dos agentes para que o conheçam e atuem, mas ajudar a CEP a realizar, com mentalidade compartilhada e clareza de objetivos e critérios: mentalidade de projeto de corresponsabilidade.

O PEPS, mais do que um texto, é **um processo mental e comunitário de envolvimento, esclarecimento e identificação**; ele tende a gerar na CEP a confluência operativa, prevenindo assim a dispersão da ação.

O *caminho feito em comum e a sua metodologia* são de fundamental importância. É preciso indicar três critérios:

- a) **Discernimento constante com inteligente e corajosa capacidade profética.** O planejamento pastoral não é um puro



empreendimento técnico, nem um simples ato espiritual, mas mediação. Quem elabora, realiza e avalia o PEPS deve amadurecer um contínuo discernimento na escuta do plano de Deus. É o Senhor quem indica o caminho a trilhar e oferece-nos os pontos de referência: *adesão à realidade concreta do tempo e da história* (evitando propostas abstratas e estranhas à situação); *centralidade da pessoa do jovem*; *atenção à globalidade da proposta* educativo-pastoral salesiana (entendida organicamente segundo as quatro dimensões); são elementos constantes da nossa *práxis educativo-pastoral*: o Sistema Preventivo e a Espiritualidade Juvenil Salesiana.

Por isso, diante do desafio educativo-pastoral é preciso evitar duas atitudes que criam obstáculo à missão salesiana; a primeira é fechar-se num esquema de projeto estático, rígido e anônimo; o segundo é equiparar o projeto de pastoral juvenil a outros de natureza comercial, econômica e política, traindo a alma educativo-pastoral do PEPS, a sua natureza evangélica de oferta de salvação ao jovem em Cristo.

- b) A colegialidade**, participação conjunta de todos os membros da CEP envolvidos no projeto. Apresentem-se com clareza a motivação, os objetivos e o itinerário. Promova-se o diálogo sereno e progressivo no estudo dos problemas e das situações. Sejam sempre avaliadas as contribuições de todos. Crie-se uma verdadeira equipe de trabalho, capaz de animar processos longos e complexos.

O verdadeiro Projeto Educativo-Pastoral é *obra comunitária e de colaboração*. O PEPS inspetorial envolve todas as comunidades e obras da Inspetoria, o PEPS local empenha a CEP como sujeito da sua elaboração, atuação e revisão.

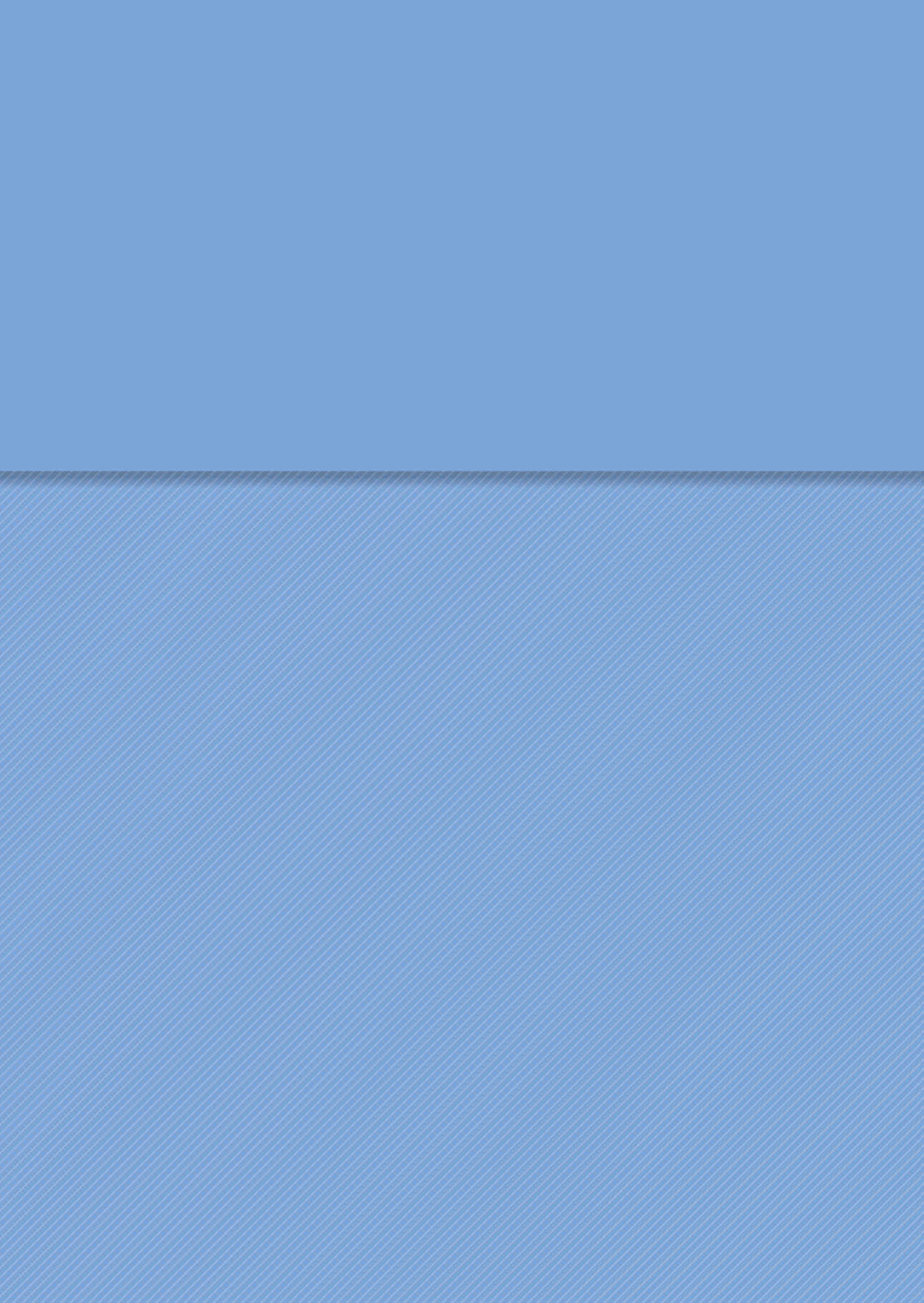
É preciso envolver de modo especial os *membros da Família Salesiana* que trabalham no mesmo território (cf. CG24, n. 125), em nível inspetorial, mediante o encontro dos organismos inspetoriais (equipe inspetorial de Pastoral Juvenil e/ou Conselho Inspetorial) com os representantes dos diversos grupos da Família Salesiana presentes na Inspetoria; em nível local, através do diálogo entre o conselho local da Família Salesiana, a comunidade salesiana e o Conselho da CEP.

A fim de interessar e empenhar toda a CEP nesse processo, é útil a criação de um *grupo animador* que provoque e motive, ajudando a superar os obstáculos; indique as linhas metodológicas que favoreçam a participação de todos os grupos e organismos da CEP segundo suas responsabilidades e possibilidades; ofereça elementos e subsídios para reflexão e estudo; resuma e formule as conclusões para propô-las de novo ao grupo. Este grupo, em nível inspetorial, pode ser a equipe inspetorial de Pastoral Juvenil alargada a outras pessoas competentes e qualificadas; em nível local, o Conselho da CEP ou a equipe de pastoral.

- c) **A comunicação**, mediante a partilha das linhas de projeto entre os que são sujeitos e agentes no projeto. Com essa atitude aberta, urge, desde o início, a clareza sobre os diversos *níveis de participação* (discussão, decisão, execução) e seus *responsáveis*. Nesse processo, salesianos e leigos fazem experiência de comunhão e participação no espírito de Dom Bosco em sua missão. Todos os componentes da CEP percorrem um itinerário de discernimento, participando ativamente da busca dos objetivos e linhas de ação do PEPS (CG24, n. 119-120).

A complexidade da organização não deve ofuscar o espírito educativo e pastoral que lhe está por trás. Toda atividade é a parte que deve tornar claro e evidente o conjunto: a educação dos jovens à vida e ao encontro com o Deus da vida.

Iniciar o planejamento, atuá-lo e ser capaz de revisão e mudança não é nem superficialidade nem complicação. É sinal de maturidade educativa, de um serviço especializado que se coloca em contínua conversão para a promoção da vida numa sociedade continuamente mutável. É capacidade de realismo, de amor e respeito pelos jovens. É coerência com as decisões educativas que eles esperam e merecem. **É a realização de uma sinfonia educativa, fruto de um itinerário pedagógico, com o tempo o mais frutuoso entre todas as obras da humanidade.**



EPÍLOGO





O espírito salesiano encontra seu modelo e fonte no próprio coração de Cristo, apóstolo do Pai. Na leitura do Evangelho somos mais sensíveis a certos traços da figura do Senhor: a gratidão ao Pai pelo dom da vocação divina a todos os homens; a predileção pelos pequenos e pelos pobres; a solicitude no pregar, curar, salvar por causa da urgência do Reino que vem; a atitude do bom Pastoral que conquista com a mansidão e o dom de si; o desejo de reunir os discípulos na unidade da comunhão fraterna»

[Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales 11]

ORAÇÃO A DOM BOSCO

São João Bosco,
Pai e Mestre da juventude.
dócil aos dons do Espírito
e aberto às realidades do teu tempo
foste para os jovens, sobretudo humildes e pobres,
um sinal do amor e da predileção de Deus.

Sê nosso guia
no caminho de amizade com o Senhor Jesus,
para podermos perceber n'Ele e no seu Evangelho
o sentido da nossa vida
e a fonte da verdadeira felicidade.

Ajuda-nos a corresponder com generosidade
à vocação que recebemos de Deus,
para sermos na vida cotidiana
construtores de comunhão,
e, em comunhão com a Igreja inteira,
colaborarmos com entusiasmo,
na edificação da civilização do amor.

Obtém-nos a graça da perseverança
na vivência da vida cristã em grau elevado,
segundo o espírito das bem-aventuranças;
e faze com que, guiados por Maria Auxiliadora,
possamos encontrar-nos um dia contigo
na grande família do céu. Amém

COMENTÁRIO DAS ILUSTRAÇÕES

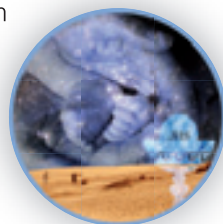
» ÍCONE 1

À cena de Jesus com os apóstolos, sobrevém a cena de Jesus com as multidões: a vida é feita de encontros. O Senhor coloca-se diante de nós como pastor. Aqui, um jovem, numa missão salesiana. Esta ovelha encontrou alguém que não a despreza. Um convite: estar com Jesus, para beber dele o amor de Deus, a sua compaixão. Bela esta palavra, como um milagre, como um fio condutor. O que Ele oferece por primeiro ao povo é a compaixão. O seu olhar colhe o cansaço, os desânimos, a fadiga dos seus (o rebanho abaixo). Sua vida entregue pelo bem do rebanho, suas palavras pronunciadas para acompanhar. Para ele, antes de tudo, há a pessoa, a saúde profunda do coração. A primeira coisa que os discípulos aprendem de Jesus é comover-se simplesmente, divinamente. A comoção profunda do coração: sentimento divino e profundamente salesiano! A comoção é a resposta certa, ela jamais passa, como as quatro estações (quatro árvores abaixo). Habitamos a vida e a cultura dos jovens para não privá-los da nossa compaixão.



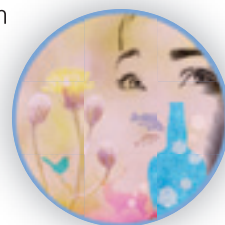
» ÍCONE 2

Jesus rezou pelos seus discípulos e por todos os que acreditariam n'Ele, em todos os tempos, em todos os lugares (céu estrelado). Ele rezou, então, também pelas pessoas do nosso tempo, também pelos nossos jovens. Gente cansada no deserto, que caminhou debaixo do sol, sem orientação, com o rosto queimado pela fadiga, pela dor, pelo cansaço... Gente que O busca porque deseja escutá-lo. Jovens em busca do verdadeiro repouso, que precisam de palavras de salvação, palavras eternas, palavras que permanecem... Caminho para o Senhor (o cálice, entre a terra e o céu). As mãos de Deus alargam-se para reunir e acariciar os filhos dispersos. Cabe a nós sustentar a esperança deles, para que possam fazer experiência da ação providencial de Deus. Ele é um vento de comunhão que nos estimula uns na direção dos outros.



» ÍCONE 3

Jesus atravessa o país dos samaritanos, forasteiro no meio de um povo de outra tradição e religião. Em seu livre caminhar, ele faz surgir a sede e oferece pessoalmente o jarro de água. Jesus chega à sede profunda daquela mulher oferecendo “algo a mais” de beleza, de bondade, de vida, de primavera: “Eu te darei uma água que se torna fonte que jorra”. Na verdade, Deus é Fonte inesgotável da vida vigorosa do início dos tempos, desde quando foram criadas as espécies terrestres (cervo), o mar (peixe) e o ar (pássaro). Jesus dá à samaritana a possibilidade de retornar à sua fonte e, por sua vez, ser ela mesma fonte. Imagem belíssima. A mulher da Samaria de olhos claros, alegres, serenos e cheios de bondade. Não saciará a sua sede bebendo à saciedade, mas acalmando a sede de outros; iluminar-se-á iluminando outros, receberá alegria dando alegria. Será fonte, projeto bellissimo de vida para todo evangelizador: fazer brotar e difundir esperança, acolhida, amor.



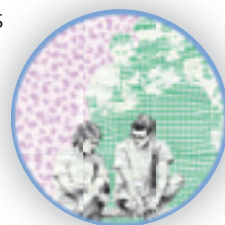
» ÍCONE 4

Nenhuma palavra como o termo “vida”, em qualquer língua, consegue resumir de maneira abrangente o que o ser humano mais aspira. “Vida” indica a soma dos bens desejados e, ao mesmo tempo, o que os torna possíveis, adquiríveis, duradouros. A história dos jovens não será, talvez, marcada pela busca de algo ou de alguém que seja capaz de garantir-lhes a vida? Mas, qual vida? A vida “em abundância”, de Deus, que ultrapassa todas as aspirações que possam nascer no coração humano, como o pôr do sol que ilumina os campos. A vida é um lugar entre as mãos de Deus, como os pássaros que têm um ninho entre os ramos floridos de uma árvore. A vida nova irradia-se em todos os âmbitos da experiência humana dos jovens: na família, na escola, no trabalho, nas atividades de cada dia e no tempo livre. Ela começa a florescer aqui, agora. A caridade pastoral é o sinal da sua presença e do seu desenvolvimento. Uma fileira numerosa de educadores salesianos, na cotidianidade da vida, se gasta com generosidade, criatividade e competência em favor da vida das novas gerações.



» ÍCONE 5

Jesus, ao longo do caminho, põe-se ao lado dos dois discípulos desanimados de Emaús. Reconhece os seus filhos em todos os cantos do mundo. Acompanha-os, “caminha ao seu lado”... O Senhor alcança-nos em nossa vida cotidiana de viajantes. E transforma o coração, os olhos e o caminho de cada um. Ao fundo, Dom Bosco: quantos experimentaram a riqueza de um encontro capaz de agitar a própria vida! Também a nós educadores salesianos, o Senhor pede a coragem de colocar-nos a caminho, sermos companheiros de viagem, não só da viagem exterior (sentado no caminho), mas também da viagem interior (escuta). Toda presença salesiana cruza a estrada dos jovens no mundo, sonha fazer da casa salesiana uma família para eles. Para tanto, é preciso uma Comunidade Educativo-Pastoral que chame a cada um pelo nome, Comunidade que se meça a partir da qualidade das relações humanas que foram instauradas.



» ÍCONE 6

Cristo vestiu as nossas roupas: a dor e a alegria do ser homem, a fome, a sede, o cansaço, as esperanças e as decepções, todas as nossas angústias até a morte. E nos deu as suas “roupas”, o dom do novo ser: “Revestir o homem novo, criado segundo Deus”. Antes de ser uma decisão, a realização do homem novo é obra de Deus. Mas é preciso um empenho de projeto para a transmissão de uma fé viva. O Projeto Educativo-Pastoral é apenas um instrumento pastoral, que responde a dois grandes objetivos – humanizar e educar os jovens na fé – mediante as quatro dimensões que integram e enriquecem toda a pessoa, que a fazem renascer a partir de dentro, como a corola que, com as pétalas, forma uma única flor. Todo jovem (de qualquer idade e condição) tem dentro de si um tesouro de luz, um sol interior, que é a nossa imagem e semelhança com Deus. A Pastoral Juvenil Salesiana não é outra coisa que a alegria (belo o sorriso dos jovens!) de libertar toda a luz do Ressuscitado.



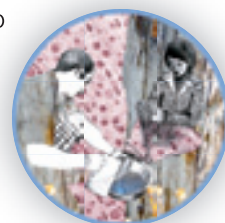
» ÍCONE 7

«Eu vos escolhi». E esse chamado é precisamente o que garante a nossa eficácia apostólica, a fecundidade do nosso serviço. Somos agricultores pacientes e confi antes mas devemos examinar onde e como produzimos fruto. Deus, como mais ninguém, cuida do campo semeado, do pequeno jardim que são as nossas obras: Ele trabalha, poda, e sentimos as suas mãos sobre nós todos os dias. O olhar é sobre a fecundidade; não dar a vida já é morrer. A árvore das nossas obras apostólicas renova-se, multiplica a vida. A semente vai para onde sopra o vento, longe do clamor e do rumor, planta-se nos sulcos da história e dos povos. Nascem novas presenças educativas e pastorais porque a missão salesiana contém muito mais energias do que aparenta, muito mais luz e germes divinos. Ela é um vulcão de vida: a gema transforma-se em flor, a flor em fruto, o fruto em semente.



» ÍCONE 8

«Como aquele que serve». Servir: verbo agradável e empenhativo ao mesmo tempo. Neste versículo encontramos a imagem autêntica, real e concreta da animação e a coordenação da ação pastoral. A corresponsabilidade dá forma concreta à comunhão, comporta treinar o discernimento espiritual, a escuta recíproca, a partilha, o testemunho recíproco até amadurecer segundo a responsabilidade de cada um, uma proposta coordenada e orgânica. A ação educativo-pastoral não é feita de intervenções desconexas, mas tudo entra num plano compartilhado, em escolhas e percursos formativos adequados. A Pastoral Juvenil Salesiana põe em campo todas as energias, acompanha com os seus dinamismos as modalidades de animação.



GLOSSÁRIO

» **AMBIENTE PASTORAL ou SETOR DE ATIVIDADE:** refere-se às estruturas educativas e pastorais em que a missão salesiana é realizada segundo uma específica proposta educativo-pastoral. Cada um desses ambientes, à própria maneira, cria uma atmosfera e atua um estilo de relações no interior da Comunidade Educativo-Pastoral. São eles: o Oratório-Centro Juvenil, a escola e o Centro de Formação Profissional (eventualmente o Centro de formação Pré-profissional e o internato), as instituições de educação superior (eventualmente os centros acadêmicos, os colleges e as residências para jovens universitários), a paróquia e o santuário confiados aos salesianos (eventualmente as igrejas públicas), as obras ou serviços sociais para jovens em situação de risco. A obra salesiana pode compreender vários ambientes que se completam reciprocamente para melhor exprimir a missão salesiana.

» **SETOR DE ANIMAÇÃO INSPETORIAL:** é o campo ou área da ação de uma inspetoria ou obra. Os campos ou áreas fundamentais nas inspetorias são: Pastoral, Formação, Família Salesiana, Economia, Comunicação Social. A estes se acrescentam as diversas áreas na quais cada um deles se exprime.

» **SETOR DE ANIMAÇÃO PASTORAL:** refere-se às múltiplas atividades ou âmbitos educativo-pastorais, presentes transversalmente nas obras e ambientes tradicionais acima indicados. Podemos em síntese assinalar: a animação das vocações apostólicas; a animação missionária e de voluntariado em suas diferentes formas; as relevantes propostas de Pastoral Juvenil relativas à Comunicação Social. A missão salesiana realiza-se, além disso, também dentro de outras realidades significativas, como o Movimento Juvenil Salesiano e os variados campos de ação especializados em nível local ou inspetorial, como se diz no Cap.6: os serviços de formação cristã e de animação espiritual, ou as associações e os serviços de animação na área do tempo livre.

» **COMUNIDADE EDUCATIVO-PASTORAL (CEP)** (cf. *Const.* 47; CG24, n. 149-179): é a forma salesiana da animação de toda a realidade educativa entendida como realização da missão de Dom Bosco. Não é uma nova estrutura acrescentada aos demais organismos de gestão e participação existentes nas diversas obras ou ambientes pastorais e nem sequer apenas uma organização de trabalho ou uma técnica de participação. É o conjunto das pessoas (jovens e adultos, pais e educadores, religiosos e leigos, representantes de outras instituições eclesiais e civis e pertencentes também a outras religiões, homens e mulheres de boa vontade) que trabalham juntos pela educação e evangelização dos jovens, especialmente dos mais pobres,

segundo o estilo de Dom Bosco. Este conjunto atua em círculos concêntricos, segundo a partilha das responsabilidades dos indivíduos na missão.

» **CONSELHO DA OBRA:** reúne a comunidade religiosa (ou ao menos a sua expressão de governo: diretor e conselho local) e os principais corresponsáveis dos ambientes ou setores de atividade. Animados pelo mesmo carisma e participantes de uma única missão encarregam-se de tornar presentes num território o dom e o serviço do carisma salesiano na sua significatividade; compartilham solidariamente as várias responsabilidades que derivam da gestão de todos os ambientes de uma obra; reúne-se não só para organizar, decidir, governar, mas também para formar-se e construir itinerários de reflexão.

» **CONSELHO DA CEP** (cf. CG24, n. 160-161; 171-172): é o organismo que anima e coordena a concretização do Projeto Educativo-Pastoral. Sua função é favorecer a coordenação e corresponsabilidade de todos a serviço da unidade do projeto pastoral da obra salesiana ou das CEP dos diversos ambientes nas obras complexas. Existindo uma única CEP, então existirá apenas um conselho da CEP, que coincide com o Conselho da obra. Se, contudo, existirem várias CEP quantos são os ambientes da obra, cada um deles tem o próprio conselho, enquanto haverá o conselho da obra formado pelos representantes dos conselhos das diferentes CEP.

» **CONSELHO DA COMUNIDADE ou CONSELHO LOCAL ou CONSELHO DA CASA** (cf. *Const.* 178): composto por irmãos da comunidade com a tarefa de colaborar na animação e no governo com o diretor que o convoca e preside. Cabe ao Inspetor com o consenso do seu Conselho, ouvido o parecer da comunidade local, determinar quais setores das atividades da comunidade deverão ser representados no Conselho.

» **DIRETÓRIO INSPETORIAL** (cf. *Const.* 171): texto normativo confiado na sua composição e revisão ao Capítulo Inspetorial. A finalidade prioritária deste regulamento, mediante suas normas particulares, é promover e garantir o carisma e a salesianidade de cada obra no interior da comunidade inspetorial.

» **DICASTÉRIO** (cf. *Const.* 133; *Reg.* 107): Os Dicastérios são concentrações de serviços de animação de cada um dos setores nos quais se subdivide a administração da Direção Geral das Obras de Dom Bosco. Cada Dicastério está sob a responsabilidade de um Conselheiro que atua como chefe do Dicastério.

» **MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO (Articulação da Juventude Salesiana) (MJS):**

é constituído por grupos e associações que se reconhecem na espiritualidade e na pedagogia salesiana, à escola de Dom Bosco e de Madre Mazzarello. Mantendo a própria organização operativa, garantem em sua pluralidade uma presença educativa de qualidade, especialmente nos novos espaços de socialização dos jovens. Movimento de “jovens para jovens”, definido pela referência à comum espiritualidade e comunicação entre os grupos garantindo a circulação de mensagens e valores, o MJS une jovens muito diferentes entre si, desde os mais distantes para os quais a espiritualidade é um apelo apenas em germe, àqueles que de modo explícito e consciente tornam própria a proposta e a ação apostólica salesiana.

» **NÚCLEO ANIMADOR:**

é um grupo de pessoas que se identifica com a missão, o sistema educativo e a espiritualidade salesiana e assume solidariamente a missão de convocar, motivar, envolver todos os que se interessam por uma obra, para formar com eles a comunidade educativa e realizar um projeto de evangelização e educação dos jovens. A comunidade religiosa, ponto de referência carismática (cf. CG25, n. 78-81), não esgota o núcleo animador, mas é de uma de suas partes integrantes; de fato, ele deve ser capaz de alargar-se para fora, envolvendo de formas e modos diversos todos os que desejam trabalhar na obra salesiana. Tal núcleo animador, não sendo uma “estrutura de governo”, é único para toda a obra, mas pode coincidir com o Conselho da Obra e/ou o Conselho da CEP, conforme a complexidade da obra e dos diversos ambientes.

» **PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL SALESIANO (PEPS)** (cf. CG24, n.

5.42): é o plano geral de intervenção que orienta a realização do itinerário educativo-pastoral em determinado contexto inspetorial e local e orienta toda iniciativa e recurso em vista da realização própria da missão salesiana. Tem uma duração “de longo ou médio prazo” (3-5 anos), em relação à situação em que está presente a Inspetoria ou a obra salesiana. O objetivo do PEPS, portanto, não é só definir os conteúdos relativos aos vários ambientes pastorais em nível inspetorial e local, mas também definir as dimensões com que são construídos os vários PEPS de ambiente. A formulação do PEPS e, consequentemente dos PEPS de ambiente, tem o primeiro objetivo de ser apoio da programação da missão de toda a CEP inspetorial e local.

» **PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL SALESIANO INSPETORIAL (PEPS Inspetorial):**

define o processo da Inspetoria e indica os objetivos, as estratégias e as linhas comuns de ação educativo-pastoral que orientam a

ação pastoral de todas as obras, ambientes e setores de animação pastoral. Serve como ponto de referência para a sua programação e revisão educativo-pastoral durante certo período.

» **PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL SALESIANO de CADA OBRA ou AMBIENTES LOCAL:**

aplica à realidade local as linhas do PEPS inspetorial. É o projeto diretamente operativo em cada obra (com um só ambiente) e de cada ambiente (numa obra complexa). Neste último caso, o PEPS das obras salesianas que se apresentam com dois ou mais ambientes torna-se um instrumento importante para a convergência e unidade nos objetivos e nas linhas comuns de ação da obra. Responde a dois aspectos fundamentais: a coordenação de todos os ambientes e setores de animação pastoral da obra, com a consequente série de critérios, opções metodológicas, orientações organizativas e estruturais; a convocação, constituição, formação e o funcionamento da CEP da obra e dos ambientes.

» **PROGRAMAÇÃO DA ANIMAÇÃO INSPETORIAL:**

é a aplicação anual do PEPS inspetorial, elaborado anualmente pelo Conselho Inspetorial, com a colaboração das obras. Serve como referência inspetorial para a elaboração da programação geral das obras.

» **PROGRAMAÇÃO GERAL DA OBRA:**

é a aplicação anual do PEPS da obra (ou eventualmente, de cada PEPS dos diversos ambientes e setores de animação pastoral da obra). Quem o elabora é o Conselho da Obra, com a colaboração dos conselhos da CEP dos vários ambientes pastorais.

» **PROJETO ORGÂNICO INSPETORIAL (POI):**

é um plano estratégico de animação e governo que regula a realização e a continuidade das decisões da Inspetoria (cf. CG25, n. 82-84). É um instrumento prático com a intenção de coordenar para uma finalidade os recursos educativos e pastorais presentes na Inspetoria. É, também, ponto de referência para todos os projetos e programações das comunidades e obras.

» **«QUADRO REFERENCIAL» PARA A PASTORAL JUVENIL:**

é um instrumento (com as inspirações de fundo e as orientações de ação) oferecido pelo Dicastério para a Pastoral Juvenil a fim de iluminar e orientar o itinerário pastoral de cada CEP inspetorial e local; guiar a ação pastoral do delegado inspetorial e local de Pastoral Juvenil e de suas equipes; contribuir para a formação de todos os que – salesianos, educadores e educadoras – corresponsáveis da missão salesiana.

ÍNDICE

Apresentação.....	8
Premissa à terceira edição.....	10
Documentação.....	13

» PARTE PRIMEIRA

Capítulo I

HABITAR A VIDA E A CULTURA DOS JOVENS DE HOJE

1. «Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar».....	24
2. Simpatia e vontade de contato com os jovens	25
3. O discernimento de educadores e de crentes.....	27
4. Comunhão no amor com os outros.....	29
5. A Pastoral Juvenil Salesiana exprime a missão salesiana	30
6. Multiplicar e qualificar os lugares de encontro com os jovens	34
7. Dupla fidelidade.....	35

Capítulo II

DO CRISTO EVANGELIZAÇÃO À IGREJA EVANGELIZADORA

1. Jesus Cristo, Bom Pastor, manifestação plena do Amor de Deus.....	42
2. Jesus revela-nos o Mistério de Deus, Comunidade de Amor.....	44
3. A Igreja, chamada a continuar a missão de Jesus.....	45
4. A missão salesiana.....	46
5. Maria, Mãe e Mestra	47

Capítulo III

EVANGELIZAR E EDUCAR: A NOSSA IDENTIDADE APOSTÓLICA

1. A vida em plenitude e a felicidade do ser humano	52
2. Orientado a Cristo, homem perfeito.....	54
2.1. Integrar o amor pela vida e o encontro com Jesus Cristo	54
2.2. A originalidade e a audácia da arte educativa de Dom Bosco ..	57
3. Evangelizar e educar segundo um projeto de promoção integral.....	57
3.1. O horizonte de compreensão da evangelização	57
3.2. A relação da ação educativa com a ação evangelizadora.....	59

- a) Os aspectos educativos da antropologia cristã
- b) O Evangelho, inspiração radical
- c) A Boa Nova na variedade das culturas e tradições religiosas

4. A opção de campo apostólica	64
4.1. Os jovens, especialmente os mais pobres, são a nossa opção determinante	64
a) Um amor constante e intenso pelos pobres	
b) A pobreza compromete as reservas educativas e o crescimento dos jovens	
4.2. A humanização e a evangelização da cultura	67
a) Fidelidade ao Evangelho e fidelidade à cultura	
b) Os desafios da cultura atravessam todas as experiências pastorais	

» PARTE SEGUNDA

Capítulo IV

O SISTEMA PREVENTIVO: UMA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL E EDUCATIVA

1. A missão salesiana é iluminada pela práxis de Dom Bosco	78
1.1. O espírito salesiano inspira-se no estilo do Bom Pastor	78
1.2. A encarnação do “espírito salesiano” é o Sistema Preventivo	79
a) A atuação (a atualidade) pastoral-espiritual-pedagógica de Dom Bosco	
b) O princípio inspirador é a caridade pastoral	
c) O Sistema Preventivo envolve o educador e a comunidade da qual participa	
2. O Sistema Preventivo como ousadia pastoral	82
2.1. Um projeto educativo integral	82
2.2. O duplo valor da educação preventiva	83
a) O Sistema Preventivo nas situações de insatisfação e recuperação	
b) A arte de educar positivamente	
3. O Sistema Preventivo como proposta de espiritualidade	89
3.1. A espiritualidade é antes de tudo vida no Espírito	91
a) O primado da gratuidade de Deus	
b) O encontro com Cristo	
c) A vida no Espírito Santo	

- 3.2. Uma proposta original de vida cristã:
- a Espiritualidade Juvenil Salesiana 92
 - a) A espiritualidade salesiana, expressão concreta da caridade pastoral
 - b) Programa e itinerário da Espiritualidade Juvenil Salesiana
 - c) Planejar itinerários de educação à fé

Capítulo V

COMUNIDADE EDUCATIVO-PASTORAL: FAZER DA CASA UMA FAMÍLIA PARA OS JOVENS

- 1. Pastoral Juvenil Salesiana: uma experiência comunitária 108
 - 1.1. A experiência comunitária no espírito salesiano e na missão 108
 - a) A comunhão a serviço da mesma missão
 - b) A forma salesiana de estar presente entre os jovens
 - c) A CEP envolve muitas pessoas ao redor do Projeto Educativo-Pastoral Salesiano
 - d) A CEP e a família
 - e) A CEP como experiência significativa de Igreja no território
 - 1.2. A animação da CEP 114
 - a) Acompanhamento do ambiente
 - b) Acompanhamento do grupo
 - c) Acompanhamento pessoal
 - 1.3. Um serviço específico de animação: o núcleo animador 117
 - a) Um grupo de pessoas em enriquecimento recíproco
 - b) Novos modelos organizativos
- 2. O coração do educador salesiano 119
 - 2.1. A indispensável “interioridade apostólica” 119
 - a) Entrar mais profundamente no Evangelho
 - b) A primeira forma de evangelização é o testemunho
 - 2.2. A identidade carismática salesiana 121
 - 2.3. Na via da educação, privilegiar o estilo da animação 122
 - a) Privilegiar nas pessoas os processos de personalização e crescimento
 - b) A presença ativa dos educadores entre os jovens

2.4. Inteligência pastoral para dinamizar o PEPS	124
a) Ler “educativamente” a atual condição juvenil	
b) O trabalho paciente de adaptação e formação	
3. O Sistema Preventivo como pedagogia prática: e estilo educativo salesiano	126
3.1. Oratório de Dom Bosco, critério das nossas atividades e obras ...	126
a) O “critério oratoriano”, inspiração e paradigma para nossas atividades e obras	
b) Indicadores gerais para o discernimento e a renovação	
3.2. Modalidades de convivência e comunhão do “estilo salesiano” .	128
a) Casa que acolhe (experiência do “espírito de família”)	
b) Paróquia que evangeliza (vivência religiosa e pedagogia de itinerários)	
c) Escola que inicia para a vida (crescimento integral mediante a educação)	
d) Pátio para encontrar-se entre amigos e viver na alegria (pedagogia da alegria e da festa)	

Capítulo VI

PROJETO EDUCATIVO-PASTORAL SALESIANO: INSTRUMENTO OPERATIVO

1. A mentalidade de projeto	136
2. O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano	137
2.1. O PEPS como projeto apostólico salesiano	137
a) O PEPS é a mediação histórica e o instrumento operativo	
b) Características fundamentais	
2.2. O PEPS como processo dinâmico e integral	140
a) A compreensão articulada da Pastoral Juvenil Salesiana	
b) O sentido das quatro dimensões	
2.3. A Especificidade de cada dimensão e as escolhas necessárias.....	142
a) Dimensão da educação à fé	
b) Dimensão educativo-cultural	
c) Dimensão da experiência associativa	
d) Dimensão vocacional	

- 2.4. Opções transversais da Pastoral Juvenil Salesiana 155
 - a) A animação das vocações apostólicas
 - b) A animação missionária e do voluntariado nas suas diversas formas
 - c) A Comunicação Social
- 2.5. O Movimento Juvenil Salesiano (Articulação da Juventude Salesiana) 165
 - a) Identidade e natureza do MJS
 - b) Campos privilegiados de ação do MJS
 - c) Funcionamento e visibilidade do MJS

» PARTE TERCEIRA

Capítulo VII

ATIVIDADES E OBRAS DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

- 1. Uma pastoral orgânica: unidade na diversidade 176
- 2. Os diversos ambientes e atividades 177
 - 2.1. O Oratório-Centro Juvenil 177
 - 2.1.1. A originalidade do Oratório salesiano
 - 2.1.2. A Comunidade Educativo-Pastoral do Oratório-Centro Juvenil
 - a) A importância da CEP do Oratório-Centro Juvenil
 - b) Os sujeitos da CEP do Oratório-Centro Juvenil
 - 2.1.3. A proposta educativo-pastoral do Oratório-Centro Juvenil
 - a) Um processo de evangelização
 - b) Uma educação em estilo salesiano
 - c) Uma educação inserida na sociedade para transformá-la
 - d) Uma experiência para o amadurecimento vocacional
 - 2.1.4. A animação pastoral orgânica do Oratório-Centro Juvenil
 - a) Principais intervenções da proposta
 - b) Estruturas de participação e responsabilidade
 - 2.2. A escola e o Centro de Formação Profissional salesiano 189
 - 2.2.1. A originalidade da escola e do Centro de Formação Profissional salesiano
 - 2.2.2. A Comunidade Educativo-Pastoral da escola /CFP salesiano
 - a) A importância da CEP da escola /CFP salesiano
 - b) Os sujeitos da CEP da escola /CFP salesiano
 - 2.2.3. A proposta educativo-pastoral da escola /CFP salesiano
 - a) A inspiração nos valores evangélicos e a proposta de fé
 - b) A educação eficiente e qualificada

c) A pedagogia salesiana	
d) A função social e a atenção aos mais carentes	
2.2.4. A animação pastoral orgânica da escola /CFP salesiano	
a) Principais intervenções da proposta	
b) As estruturas de participação e responsabilidade	
2.3. A presença Salesiana na Educação Superior	204
2.3.1. A originalidade da presença dos salesianos na Educação Superior	
2.3.2. As Instituições Salesianas da Educação Superior	
a) A Comunidade acadêmica das Instituições Salesianas de Educação Superior	
b) O Projeto Institucional	
c) A proposta educativo-pastoral	
d) A animação pastoral orgânica das Instituições Salesianas de Educação Superior	
2.3.3. Estruturas de acolhida para estudantes universitários	
a) A Comunidade Educativo-Pastoral das estruturas de acolhida de estudantes universitários	
b) A proposta educativo-pastoral nos <i>colleges</i> e nas residências universitárias	
c) A animação pastoral orgânica nos <i>colleges</i> e nas residências universitárias	
2.4. A paróquia e o santuário confiados aos salesianos	220
2.4.1. A originalidade da paróquia e santuário confiados aos salesianos	
2.4.2. A CEP da paróquia e santuário confiados aos salesianos	
a) A importância da CEP da paróquia e do santuário confiados aos salesianos	
b) Os sujeitos da CEP da paróquia e do santuário confiados aos salesianos	
2.4.3. A proposta educativo-pastoral da paróquia e santuário confiados aos salesianos	
a) Um centro de evangelização e educação à fé	
b) Uma presença de Igreja aberta e inserida no território	
c) Uma comunidade com olhar missionário	
d) Uma opção clara pelos jovens e pelas classes populares	
2.4.4. A animação pastoral orgânica da paróquia e do santuário confiados aos salesianos	

- a) Principais intervenções da proposta
 - b) As estruturas de participação e responsabilidade
- 2.5. As obras e os serviços sociais para jovens em situação de risco.... 233**
- 2.5.1. A originalidade das obras e dos serviços para jovens em situação de risco
 - 2.5.2. A Comunidade Educativo-Pastoral da obra social
 - a) A importância da CEP da obra social
 - b) Os sujeitos da CEP da obra social
 - 2.5.3. A proposta educativo-pastoral da obra social
 - a) A inspiração evangelizadora
 - b) Uma proposta educativa integral e orgânica
 - c) A escolha do critério preventivo
 - d) A perspectiva social e política
 - 2.5.4. A animação pastoral orgânica na obra social
 - a) Principais intervenções da proposta
 - b) As estruturas de participação e responsabilidade
- 2.6. Outras obras e serviços nos diversos ambientes..... 247**
- a) Experiências ou serviços de animação e orientação vocacional
 - b) Serviços especializados de formação cristã e de animação espiritual
 - c) Serviços de animação do Tempo Livre

Capítulo VIII

ESTRUTURAS E PROCESSOS DE ANIMAÇÃO DA PASTORAL JUVENIL SALESIANA

- 1. Uma pastoral juvenil orgânica e articulada..... 258**
- 1.1. Programação e atuação da pastoral juvenil..... 258**
 - a) Em nível de estruturas de governo e de animação inspetorial
 - b) Em nível de comunidades e obras salesianas locais
 - 1.2. Uma modalidade especial de realização da ação apostólica:
a animação pastoral..... 261**
 - a) Características da animação salesiana
 - b) Princípios e critérios para a animação dos processos e das estruturas
- 2. A animação e coordenação local 265**
- 2.1. A comunidade salesiana animadora de uma obra salesiana.... 265**

a) A comunidade SDB	
b) O Diretor SDB	
c) O Conselho da comunidade	
d) O conselho da CEP e/ou da obra	
e) O coordenador local da Pastoral Juvenil com sua equipe	
f) Outros organismos e funções de animação e governo na CEP	
2.2. Outros modelos de animação da CEP nas obras salesianas.....	271
a) Obras salesianas geridas por leigos com uma presença comunitária	
b) Obras geridas por leigos no interior do projeto inspetorial salesiano	
3. A animação e coordenação inspetorial	272
3.1. O Inspetor e seu Conselho	272
3.2. O Delegado de Pastoral Juvenil e sua equipe	273
a) O Delegado de Pastoral Juvenil	
b) A equipe inspetorial de Pastoral Juvenil	
c) Os encarregados inspetoriais de ambientes e os setores de animação pastoral e suas equipes	
4. A animação e coordenação interinspetoriais	276
5. A animação e coordenação em nível mundial	278
6. Planejamento pastoral	279
6.1. Os diversos níveis de planejamento inspetorial e local	279
6.2. Orientações para definir os tipos de documentos a gerir	282
a) O « <i>Quadro Referencial</i> » para a Pastoral Juvenil Salesiana	
b) O Projeto Orgânico Inspetorial	
c) O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano	
d) Os diversos níveis de concretude do PEPS	
6.3. Linhas metodológicas para a elaboração e revisão do PEPS	288
a) As fases da elaboração do PEPS: uma proposta dinâmica	
b) Critérios fundamentais para a elaboração ou reelaboração do PEPS	
Epílogo	297
Comentário das ilustrações	298
Glossário	302